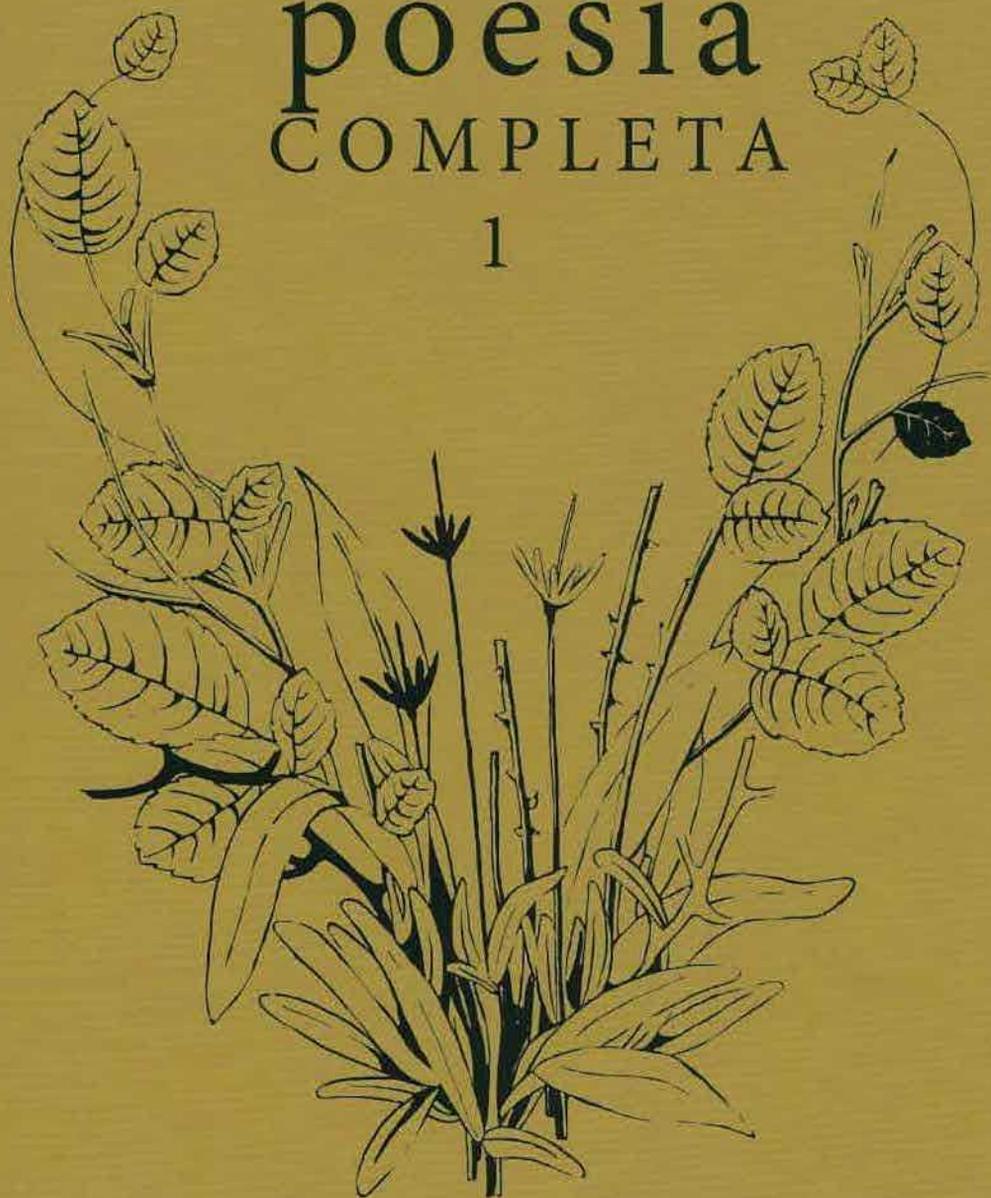


Ives Gandra da Silva Martins

poesia  
COMPLETA

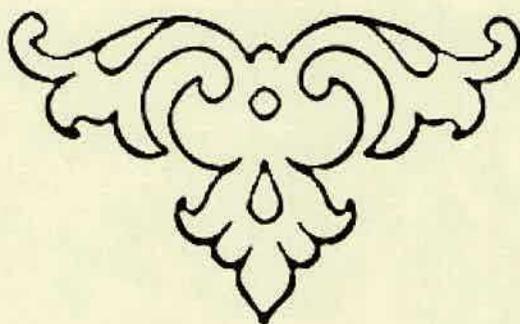
1



IVES GANDRA DA SILVA MARTINS

Professor Emérito das Universidades Mackenzie, UNIP, UNIFIEO, UNIFMU, do CIEE/O ESTADO DE SÃO PAULO, das Escolas de Comando e Estado-Maior do Exército - ECEME, Superior de Guerra - ESG e da Magistratura do Tribunal Regional Federal - 1ª Região; Professor Honorário das Universidades Austral (Argentina), San Martin de Porres (Peru) e Vasili Goldis (Romênia); Doutor Honoris Causa das Universidades de Craiova (Romênia) e das PUCs-Paraná e RS, e Catedrático da Universidade do Minho (Portugal); Presidente do Conselho Superior de Direito da FECOMERCIO - SP; ex-Presidente da Academia Paulista de Letras-APL e do Instituto dos Advogados de São Paulo-IASP.

Poesia Completa - 1





D. Afonso Henriques

## Esta edição

*Em edição privada, reedito o 1º volume de minha Poesia Completa, graças a gentileza de meus editores do Maranhão, o historiador José Lorêdo Filho e sua Editora Resistência Cultural, por Cláudio Giordano responsável pela publicação do 2º volume.*

*Desta forma, passo a ter minha poesia completa no estilo próprio da “Geração de 45”, desde o 1º volume em 1956 (Pelos Caminhos do Silêncio) até o último (A presença de Ruth ausente), ou seja, os 20 opúsculos compactados em 2 volumes para familiares e amigos apenas.*

*Neste momento, em que sinto a imensa falta da minha companheira de toda a vida, a poesia tornou-se, ao lado da família e do trabalho, o bálsamo que Deus me ofereceu até o dia que me chamará para junto dela.*

*Não posso deixar, nesta breve apresentação, de agradecer a Cláudio, uma vez mais, por ter emprestado o selo de sua editora para edição de meus versos.*

Ives Gandra da Silva Martins

Junho de 2021.



IVES GANDRA DA SILVA MARTINS

# POESIA COMPLETA - 1

**Apresentação**

João Carlos Martins

**Prefácio**

Paulo Bomfim



Copyright © 2021 de Ives Gandra da Silva Martins

**Capa, ilustrações, projeto gráfico e diagramação**

Caroline Rêgo

**Revisão**

Gustavo Nogy

Ives Gandra da Silva Martins

José Lorêdo Filho

[Claudioliber@gmail.com](mailto:Claudioliber@gmail.com)

# Sumário

**A**presentação - João Carlos Martins.....12

**P**refácio - Paulo Bomfim.....14

**B**revíssima **I**ntrodução.....16

**À** **G**uisa de **E**xpliação.....19

I – Pelos caminhos do silêncio (1956).....22

II – Tempo pretérito - sonetos (1982).....44

III – Tempo de lendas (1991/2001).....74

IV – Em tempos do Senhor (2004).....115

V – Olhar do tempo (1994).....184

VI – Intemporal espaço (1995).....251

VII – Pretérito imperfeito (1997).....289

VIII – Presente quase pretérito (2001).....314

IX – Pretérito presente (2003).....343

X – Cartas de antanho (2001).....367

XI – Meu diário em sonetos (2010).....380

XII – Cicatrizes do tempo (inéditos).....643

**B**ibliografia **P**oética do **A**utor.....751

# **Apresentação**

João Carlos Martins<sup>1</sup>

**N**ão é fácil escrever sobre o Ives, no entanto o orgulho que sinto em dizer não só em público, mas para pessoas que talvez não saibam que sou seu irmão, é indescritível. Muitas pessoas recebem por obra do destino um dom de Deus, mas algumas recebem vários dons e, sem dúvida, o Ives faz parte desse grupo.

Na sua carreira como jurista, é uma das maiores referências não só no Brasil, mas em vários cantos deste planeta. Na literatura, seus livros são exemplo não só para todos aqueles que abraçam a advocacia, como também para formadores de opinião; sua poesia mostra profundidade aliada à simplicidade, o que certamente não é fácil. Na música, era considerado por Guiomar Novaes o maior talento da família. No voluntariado, é um exemplo para qualquer brasileiro, deixando um legado que poucos conhecem. O seu amor à Ruth e à família também emociona os seus amigos.

Enfim, como irmão, posso dizer que em nossa relação a marca que ficará para sempre neste velho maestro está relacionada ao erro que cometi na vida durante dois anos, quando me afastei da música. Nunca me perdoei, mas ele, além de me aconselhar, me perdoou, numa atitude cristã, e acompanhou de perto o meu trabalho não só na Bachiana, mas também na responsabilidade social assumida por mim na música ao lado de crianças e jovens menos privilegiadas em nosso país.

Assim sendo, quando eu li, neste ano, que, ao lado do nosso pai, eu passei a ser um dos seus heróis, chorei de emoção e, mais do que nunca, me conscientizei de que ele Ives retribuiu a Deus com amor e paixão, na sua trajetória, todos os dons que Dele recebeu, com sua atitude cristã perante a vida e sempre solidária para com todos aqueles que um dia precisaram de ombro amigo. Repito: QUE ORGULHO SER IRMÃO DO IVES GANDRA.

1.  
*Pianista e maestro. Considerado um dos maiores intérpretes de Bach do século XX.*

# Prefácio

Paulo Bomfim<sup>2</sup>

**A**companho há muitas décadas a trajetória lírica de Ives Gandra da Silva Martins.

Nosso primeiro encontro foi abençoado pelas arcadas do Largo de São Francisco. Nascia aí um ritual de fraternidade que uniria nossas vidas.

Não cabe aqui falar do juriconsulto, do mestre amado pelas gerações que se sucedem, nem do jornalista e sua espada de lidador.

Falaria noutro momento do pianista, do orador, do faixa-preta de caratê e do erudito Presidente da Academia Paulista de Letras. O advogado padrão e tributarista emérito mereceriam outros tantos prefácios.

Quero assinalar agora o caminho de Compostela desse peregrino do verso. Trata-se de um dos grandes sonetistas contemporâneos.

Maneja o soneto shakespeariano com a maestria herdada de Campos de Figueiredo. De toda a extensa obra de Ives Gandra da Silva Martins fixo-me principalmente nessa forma que considero o traje a rigor do pensamento.

A obra completa de meu irmão em poesia acontece em boa hora, momento de perplexidade e desalento em que o Brasil clama por um pouco de amor.

2.  
Da Academia Paulista de Letras. Príncipe dos Poetas Brasileiros. É o 6º príncipe eleito por todos os poetas brasileiros. Os cinco anteriores foram Olavo Bilac, Olegário Mariano, Martins Fontes, Menotti Del Picchia e Guilherme de Almeida.

Brevíssima  
Introdução

**E**m 1945 era publicado (prefaciado por Mário de Andrade) o livro *Predestinação*, do poeta Geraldo de Camargo Vidigal, então pracinha da FEB na Itália, com o que se dá início ao movimento denominado Geração de 45.

Diversos poetas de expressão dele participaram, como Domingos Carvalho da Silva, Péricles Eugênio, João Cabral de Mello Neto, Cyro Pimentel, Lêdo Ivo, Geraldo Pinto Rodrigues e muitos outros.

O movimento inspirou o 1º Congresso de Poesia, em 1948, no qual nasceu o Clube da Poesia, cujo primeiro presidente foi o poeta Cassiano Ricardo. Grande parte dos primeiros sócios é da Geração de 45, que, de rigor, manterão o Clube por mais de 60 anos.

O movimento era uma reação ao que ocorrera no mundo com a Segunda Guerra Mundial que, ao contrário da Primeira, mera realocação dos poderes e da geografia europeia, fora um conflito de oposição entre a liberdade democrática e a ditadura política representada por fascismo e nazismo.

A vitória em 1945 dos ideais democráticos gerou, no mundo inteiro, movimentos culturais pela liberdade, sendo aquele, da Geração de 45, a expressão dessa quebra de amarras que empolgou a humanidade.

Três são, pois, as características da Geração de 45. Ao contrário da revolta cultural de 22, a qual procurou dar raízes brasileiras a novas formas de expressão, é um movimento que se alicerça: 1) na liberdade de expressão; 2) no modernismo das ideias e 3) na valorização do estilo clássico.

Quando o Movimento comemorou 50 anos, presidia eu o Clube da Poesia e, com o apoio da Fecomercio de São Paulo, realizei uma exposição sobre toda sua repercussão na literatura brasileira, exposição esta organizada pelos saudosos amigos Emilie e Mário Chamie, e da qual

resultou um fantástico livro denominado *50 anos da Geração de 45 e os primórdios do Clube da Poesia*.

No mesmo ano foi publicada uma antologia comemorativa do jubileu da Geração e dos alicerces do Clube, com 50 poemas de 50 poetas que tinham pertencido ou pertenciam ao Clube, a começar de Cassiano Ricardo.

Por ter assistido ao primeiro Congresso, sendo então um menino de 13 anos de idade, mas já começando a compor versos e a acompanhar a obra dos poetas da época – como mostro no estudo publicado na Revista da Academia Paulista de Letras, nº 107, de abril de 1992, p. 81/93 –, considero-me modesto seguidor das linhas mestras dos fundadores do Movimento, nada obstante Carlos Nejar, em sua monumental *História da literatura brasileira*, colocar-me, em imerecida menção, como um dos expoentes da Geração.

Os leitores que tiverem paciência de ler alguns dos versos deste livro, perceberão o porquê de considerar-me ainda um velho poeta da Geração de 45.

*Ives Gandra da Silva Martins*

À Guisa de  
Explicação

**P**or sugestão de meu amigo e editor José Lorêdo Filho, veiculo, por sua editora, minha obra poética completa.

Neste volume estão todos os meus livros de poesia publicados, assim como uma relação de poemas inéditos, deixando de lado os inéditos compostos em brincadeiras com amigos ou para festividades, a fim de alegrar o ambiente.

Incluí, no livro inaugural, *Pelos caminhos do silêncio*, meu primeiro soneto escrito aos 13 anos, como apêndice. Excluí desta *Poesia completa* o denominado *Dois poemas*, pois introduzi *O livro de Ruth* na obra *Em tempos do Senhor*, no qual também incluí o “Quarteto de ladainhas”, “Santo Rosário” e “Via Sacra”. O outro poema chamado “O menino e a descoberta” e onze dos sonetos não constantes dos livros anteriores e publicados na coletânea *Cem sonetos*, eu os agreguei ao livro *Presente quase pretérito*. Ao livro *Duas lendas* foram adicionadas três lendas – a de Antar, Orpheu e Dido –, passando a chamar-se *Tempo de lendas*. Do livro *Pretérito presente* retirei os cinco sonetos dedicados aos Mistérios Gloriosos, que os realoquei no *Em tempos do Senhor*. Por fim, dei aos poemas inéditos o título de *Cicatrizes do tempo*, dividindo-o em 4 partes. A primeira intitulada “Poemas do Eu menino”, escritos na juventude. A segunda, “Nos tempos da mocidade”, correspondendo ao período pré-matrimonial e aos primeiros anos de casado. O terceiro, chamei-o simplesmente de “Madureza”, correspondente ao outono da vida e aos poemas à época escritos. E, finalmente, ao último de “Tatuagens da vida”, ou seja, a época em que vivemos, usando da metáfora de Fúlvia de Carvalho, que denominava as rugas da pele de “tatuagens da idade”.

São mais de mil poemas escritos nestes 65 anos, em que a poesia sempre representou o porto seguro de meus ideais e da minha luta para levar

adiante a família, a profissão, as relações de amizade e convívio social, assim como a defesa e a busca, em escritos e palestras, de um país melhor e mais justo.

Sempre me refiz do cansaço desta luta, com tinta e papel, nos versos que ora apresento, em que Deus, minha esposa, a família e a pátria conformam os sonhos que sempre vivi e dos quais não pretendo afastar-me até a morte.

*Ives Gandra da Silva Martins*



**Pelos Caminhos  
do Silêncio**

(1956)

*Espera. O tempo passa.  
E, um dia, o tempo fica.<sup>3</sup>*

A meus pais

## Soneto de Abertura

Eu faço versos, eu não sei por quê.  
Meu verso inculto é veio d'água suja,  
em vez de rio cristalino, cuja  
nascente o gênio, apenas, é quem vê.

Se eu faço versos, são para você?  
Talvez o canto de seus olhos ruja,  
querendo o mar, num veio d'água suja,  
e eu faço versos, eu nem sei por quê.

3.  
Estes dois versos  
foram escolhidos  
por Manuel  
Bandeira para  
abrir o  
primeiro livro de  
poemas de Ives  
Gandra da Silva  
Marrins.

Quem há, porém, que ao corriqueiro fuja  
e, por um verso, a vida inteira dê?  
Um verso rude, um verso tal, quem lê?

Que uma boiada, nestas poças, muja!  
Meu verso inculto é veio d'água suja  
e eu faço versos, eu nem sei por quê.

## A Encruzilhada do Silêncio

*Reflexo Primeiro*

Pelas quedas, que levantam,  
pelos sonhos, que sustentam,  
pelos cantos, que descobrem,  
e como as aves, que, eternamente, mostram  
o caminho de todos os mistérios,  
hei de buscar-te, sempre,  
CAUSA – SANGUE,  
desvirginando o espaço de meu tempo.

*Reflexo Segundo*

Eu sou o poeta que correu o mundo,  
que sentiu tristezas  
e calou misérias.

Eu sou o poeta que viveu o mundo,  
que buscou respostas  
e encontrou silêncios.

Eu sou o poeta que esqueceu o mundo,  
que sorriu à vida  
e caminhou sozinho.

No deserto de ilusões,  
os amigos desprezaram meu falar  
e eu pouco me importei,  
porque algum dia  
os amigos serão simples,  
serão bons  
e eu perdoo os de hoje, por aqueles.

No mercado de ilusões,  
as mulheres gargalharam meu olhar  
e eu pouco me importei,  
porque algum dia  
as mulheres serão puras,  
serão nobres  
e eu perdoo as de hoje, por aquelas.

No templo de ilusões,  
os sacerdotes romperam meu rezar  
e eu pouco me importei,  
porque algum dia  
os sacerdotes serão sábios,

serão crentes  
e eu perdoo os de hoje, por aqueles.

O poeta é o mensageiro da esperança,  
o poeta deve crer  
e eu creio,

porque

eu sou aquele  
que ainda sonha flores  
e descobre estrelas,

eu sou aquele  
que ainda busca anjos,  
onde existem feras,

eu sou aquele  
que ainda prega aos fortes  
e defende os fracos...

*Reflexo Terceiro*

Eternidade.

O canto é indefinido,  
a noite triste.

O luar tem rabugens de rancor  
e brilha  
e foge  
e para  
e olha  
o vate só.

O canto é indefinido,  
o vate escuta.

As árvores são espectros  
de inverno,  
assombrações  
do quadro estranho.

O vate pensa,  
a noite é triste.

Ninguém lamenta  
e nenhum grito  
de boca fria  
acorda a vida,  
que dorme, calma,  
virgem entre loucos.  
E o canto é indefinido

e a noite é triste

e o vate escuta.

*Reflexo Quarto*

Promessa  
de esquecimento,  
na memória eterna  
do inesquecível.

*Reflexo Quinto*

Noite,  
caminho do dia.

Dia,  
caminho da noite.

Calma,  
derrota do dia.

Luta,  
derrota da noite.

Bardo,  
noite sem caminho,  
calma sem derrota.

*Reflexo Sexto*

O manto do cansaço  
há de cobrir a carne-lodo,  
no dia da Noite-Sempre,  
quando os pássaros de sangue  
buscarem a lira do silêncio.

Rios hão de correr  
e hão de cair no mar.  
E a voz da eternidade,  
plasma do barro-vida,  
há de soar, calada,  
descomunal.

Ó canto-causa-ignota,  
tu és o fruto amargado  
da cepa-busca-primeira!...

*Reflexo Sétimo*

E, um dia, a Imagem Derradeira  
há de chegar, calada,  
e há de estender-me os braços,  
calma e fria.

Nervoso, eu hei de olhá-la,  
na esperança do abandono  
e no temor da trajetória,  
mas hei de estender-lhe os braços,  
segurar-lhe as mãos geladas,  
que hão de gelar as minhas.  
E, assim, nós havemos juntos  
de percorrer o caminho,  
eu tremente,  
ela tristonha.

Depois... o dia é tão curto  
e a noite parece eterna...

**Pelo Caminho da Manhã**

**Instantes Líricos**

*Instante Lírico nº 1*

Santos.

Serenidade  
à beira mar.  
Anoitecia.

Um toque furtivo de lábios,  
sobre um muro  
indiferente.

Risos, mal disfarçados,  
à distância.

Eu e ela.  
Ela, rubra,  
e eu vaidoso.  
Uma imagem confundida  
suavemente no tempo.

Sete anos.

Nada mais.

*Instante Lírico nº 2*

Marília

São Paulo.

De mãos dadas, eu só, ela sozinha,  
num banco para encosto.  
A calma de senti-la sempre minha  
unindo o duplo rosto.

Dois olhares calados pelo pejo,  
sentindo o doce fado.  
Um virginal e silencioso beijo  
e um pranto derramado.

*Instante Lírico nº 3*

Denise

Cannes.

“Se estou feliz, por que choro?”

Teu corpo junto ao meu corpo  
e o silêncio do noturno.  
Tua carne rescendendo  
o cheiro do meu prazer  
e a lua olhando distante.

Teus olhos tristes, calados,  
e as árvores recurvadas  
sonhando velhas lembranças.

“Se estou feliz, por que choro?”

repeti quase te amando.

Última vez que te vi.

*Instante Lírico nº 4*

May

Grasse.

Linda mulher abraçada,  
de pé, sobre uma sacada  
muitas vezes secular.

As sombras pela avenida  
refletindo, enternecida,  
a soledade lunar.  
Um rapaz acariciando  
seu rosto de quando em quando,  
e o mar dormindo distante.  
Um passado que se esquece  
no silêncio desta prece.  
Serenidade do instante.

*Instante Lírico n.º 5*

Simone

Paris.

Dois rostos sempre mais juntos  
quanto mais lento se dança.

Cadeiras mal distanciadas  
na penumbra do salão.

Dois rostos quase colados  
e já não se dança mais.

Paris. Montmartre. Madruga.  
Escadas do Sacré-Coeur.  
Dois rostos calmos se unindo  
num beijo de despedida.

*Instante Lírico nº 6*

Pussie

Normandia.

Eu olhava o rosto dela,  
embriagado de olhar.

Ela me olhava, singela,  
tristemente, sem cautela,  
com seus olhos cor do mar...

Esqueci-me de a beijar.

*Instante Lírico nº 7*

Lausana

O lago  
de superfície calma,  
de fundo desconhecido.

O bardo,  
à beira do lago,  
sonhando.

## Pelo Caminho da Tarde

Ruth

### *Pelo Caminho da Tarde – 01*

O canto do silêncio, no deserto,  
e aquela, que eu almejo... nada mais.

Ginetes brancos pelos areais  
e os olhos dela dos meus olhos perto.

Olhos formosos, cor de lodaçais,  
parados, firmes e o caminho incerto,  
seu rosto calmo, campo indescoberto,  
e os cascos a soar dos animais.

A sombra das palmeiras, a água fria  
e a sede dos cavalos... fim do dia.  
Apenas, meu amor, inda, desperto.

Gelada e linda boca, clara fonte.  
Desejos de corcéis pelo horizonte  
e o canto do silêncio, no deserto.

### *Pelo Caminho da Tarde – 02*

Teu olhar é o fruto desejado  
do silêncio primeiro,  
é o canto inesperado de um noturno  
sobre o negrume do mar.

Teu olhar é a sombra procurada  
da palmeira arábica pendida,  
nas desertas solidões.  
Teu olhar é o rio inavergável  
por onde as ilusões de um outro olhar  
soçobram destroçadas.

Teu olhar é meu.

Teu olhar tem o calor enfeitado  
dos mistérios insolúveis,  
a languidez felina e deliciosa  
do contorno indefinido.

Teu olhar tem o brilho amortecido,  
o merencório lume infinital  
das eternas buscas.  
Teu olhar tem a palidez ebúrnea  
dos crepúsculos cinzentos,  
das noites desvanecidas.

Teu olhar me tem.

*Pelo Caminho da Tarde – 03*

Eu fui para você a estrada certa,  
a qual se encontra em meio à encruzilhada,  
estrada estreita que a atenção desperta  
àquele apenas que já viu o Nada.

Eu fui para você a estrela clara,  
que reconsola o lavrador sozinho,

descendo sobre os restos da seara,  
plantada e morta, à beira do caminho.

Eu fui para você a fonte amiga,  
que salva, no deserto, o peregrino  
e que o salvado a vida inteira abriga,  
por capricho calado do destino.  
Você foi para mim o calmo dia,  
que sucedeu à noite mais vazia.

*Pelo Caminho da Tarde – 04*

Tua beleza é calma,  
como o noturno que acaba,  
descortinando planícies sem sol,  
repletas pelo silêncio.

Tua beleza é gélida,  
como as estepes polares,  
espalhando desertos de neve,  
repletos pelo silêncio.

Tua beleza é distante,  
como os espaços sidéreos,  
desvendando intocáveis segredos,  
repletos pelo silêncio.

Tua beleza é bela,  
como o Nirvana hibernal,  
repousando mistérios,  
repletos pelo silêncio.

*Pelo Caminho da Tarde – 05*

Eu te amarei hoje e sempre,  
padecendo o teu silêncio  
e a minha serenidade.

A tormenta vence o barco,  
mas, se o barco não soçobra,  
volta a buscar a tormenta.

Eu te amarei hoje e sempre.

*Pelo Caminho da Tarde – 06*

Chega perto, minha irmã,  
perto de mim.  
Quero o poço de minh'alma desvendar.  
Quero, sim,  
que, quando olhá-lo,  
o teu olhar  
seja espelho deste mal  
que não tem fim.

Chega perto de minh'alma,  
minha irmã,  
que o segredo que ela tem  
não tem segredo;  
olha o fundo de meu poço,  
olha sem medo,  
olha o fundo,  
o fundo negro, minha irmã.

Nasce lodo no meu poço  
negro, em cuja  
profundeza já brotaram claras fontes,  
fontes claras,  
como as garças de horizontes,  
fontes claras,  
fontes hoje de água suja.

Nasce lodo, minha irmã,  
mas quanto lodo!  
E o lodo nasce sem parar  
e o lodo nasce,  
que eu não sei, ó minha irmã.  
Se eu te contasse,  
se a verdade eu contaria  
em todo o todo.

O meu poço de água clara,  
de água calma,  
espelhava outrora o céu,  
o céu de estrelas,  
e eu julgava, minha irmã,  
n'água retê-las,  
tendo o céu  
dentro do poço de minh'alma.

Chega perto, minha irmã,  
que a desventura  
não permite  
que a minha alma seja vã...  
mas os astros de teus olhos,  
minha irmã,  
já não podem refletir-se n'água escura...

Ontem  
eu te encontrei à beira do caminho  
chorando,  
e eu te olhei. E tu me olhaste.

O caminho era longo,  
o tempo era curto  
e eu bem quis continuar,  
deixando-te à beira do caminho,  
mas tu me olhaste... e eu te olhei.

A tristeza de teu rosto era tão bela,  
que eu esqueci  
que o caminho era longo,  
que o tempo era curto  
e me achei à beira do caminho  
e bem te olhei e bem me olhaste.  
Assim foi.

Hoje,  
o caminho ainda é longo,  
o tempo é tão mais curto  
e eu fui deixado à beira do caminho,  
calado,  
e não me olhaste quando eu te olhei...

## Pelo Caminho da Noite

### Prelúdios

#### *Prelúdio I*

Partirei a buscar a lua cheia,  
moldado no sentir da carne-barro,  
pois que o brilho da lua, sobre a areia,  
alveja a negridão da causa-escarro.

Partirei a buscar a lua clara,  
chova dias de sangue pelas trevas,  
e o frio que estragou loira seara  
acabará junto ao calor das levas.

Partirei a buscar a lua par,  
calado de esperar. Seca-me um rio,  
o mar, porém é sempre o mesmo mar,  
e a noite preludia o sol do estio.

Partirei a buscar... está bem perto,  
o caminho contudo é tão incerto...

#### *Prelúdio II*

Cercada pela própria eurritmia,  
surge a estrada de todos os mistérios  
na sonolência sálmica e vazia  
dos campos virginais d'entes sidéreos.  
Sendo o meio sonhado nas Escritas,

é o fim dos seres surtos das areias  
e o começo das coisas infinitas,  
única origem mística das Veias.  
A imensidão do plasma não plasmado,  
Imerso, no silêncio mais profundo,  
nela se identifica. Morre o Fado  
num mundo que se esconde a todo o mundo.  
Imagem não espelha que o cansaço,  
ideia que a conquista ao tempo-espaço.

*Prelúdio III*

Eu sei que aquela luz imaculada  
há de romper a noite de meu dia,  
aquela luz que é fim na minha estrada,  
e cujo começo, eu sinto, inda alumia.  
Eu sei... porém as trevas são tão fortes  
e tão esparsa, ao longe, vejo a luz,  
que morro a todo instante muitas mortes  
a caminho da Morte, que reduz.  
Há noite tenebrosa em todo o dia,  
e dia de repouso, em toda a noite,  
e o dia faz a noite tão vazia  
e a noite faz do dia um rude açoite.  
Eu busco aquela luz imaculada,  
aquela luz que é fim da minha estrada...

*Prelúdio IV*

E o caos, por estender-se eternamente,  
faz dispersiva a trilha em que me vejo...  
    escuro labirinto, areia quente,  
    e o silêncio em redor de meu desejo...  
De que me vale a luz que, em sonho, almejo  
se a imensa escuridão sempre a desmente  
    e se, quando as estrelas doido beijo,  
    eu olho e sinto lama em minha frente?  
    Solução por estradas, quão inútil!  
Estradas que se perdem no deserto,  
    no quente labirinto que seduz...  
e após... a solução que existe é fútil,  
    o caminho trilhado é tão incerto  
    e como, ao longe, falta aquela luz!

*Prelúdio V*

A imensidão vazia em minha frente,  
e a busca sem sentido atrás de mim,  
    silêncio a que se chega de repente  
    e nada mais... e a vida inteira assim.  
Morta a esperança jovem com que vim,  
    a calma da tristeza que se sente,  
    rosas caladas dentro do jardim,  
    que existe em cada ser indiferente.  
    O desespero inútil. Desespero.  
Encontro, enfim, o símbolo do dia  
    e vejo a minha vida sem um fim.

O tempo, porém, passa. Mas que espero?  
Em minha frente, a imensidão vazia  
e a busca sem sentido atrás de mim.

*Prelúdio VI*

Por que, se a noite descortina a paz,  
eu hei de procurar um novo dia,  
sem ver o que se esconde por detrás  
da própria origem sálmica e vazia?  
O desprezo faria a noite linda,  
fosse liberto o mundo para mim.  
O medo, em não o sendo, faz infinda  
a busca inebuscável de meu fim.  
A noite e o meu desprezo, força fraca,  
o dia e o medo meu, fraqueza forte,  
Espírito-Matéria, luz opaca,  
que leva minha vida à minha morte.  
Por que, se o dia sempre foi prelúdio,  
não recebeu jamais o meu repúdio?

*Prelúdio VII*

Partirei solitário pela senda  
que, um dia, Teu Silêncio há de mostrar,  
como o rio que, por mais que se estenda,  
há de sentir, enfim, o sal do mar.  
Partirei, esquecido à lua cheia,  
curvado ao fardo já do calmo estio,  
os passos norteando pela areia,

calado o coração, que há de estar frio.

Partirei, esperando aquela noite,  
que sempre os sonhadores nivelou,  
como espera o cativo o duro açoite,  
que o há de libertar do que pecou.

Partirei... Que senil serenidade  
vejo atrás do porvir de minha idade!

### Camões

Camões, foste da terra portuguesa  
o gênio mais fecundo, na verdade,  
quando pagaste o preço à liberdade  
com a paixão, que mantiveste acesa.

A tua vida, cheia de aspereza,  
consagraste-a, repleto de ansiedade,  
ao serviço da pátria, que a saudade

A fronte recobriu-te de tristeza.

E foste imenso nos bravios mares,  
já náufrago, salvando dos pesares  
da tempestade o eterno canto teu,  
em que cantaste, com fervor sagrado,  
as glórias do país que, tão amado,  
somente ingratidão te ofereceu.

SP, 1948

(1º poema escrito)



**Tempo Pretérito**  
**Sonetos**

(1982)

Para Ruth

## Prefácio

Geraldo Vidigal<sup>4</sup>

Ives Gandra Martins é um nome nacional. Advogado, jornalista, comunicador, senhor da arena da polêmica – e, acima de tudo, poeta –, sabe que todo o Brasil o admira.

Por isso mesmo, indagam todos:

*Que sentimento de modéstia é esse, em Ives, que reclama, em cada novo livro, um prefaciador – como se fosse desconhecido de alguém?*

Ives escreve versos como um cavaleiro medieval adolescente que atase, à ponta da caneta, um laço com as cores da amada e a cruz de Cristo: e fizesse do poema a arena de sua liça lírica.

José Veríssimo, o notável crítico literário paraense, escreveu, certa vez, que o amor conjugal não é estético.

Mais tarde, creio que não arrependido, mas pelo menos embaraçado, tentou explicar-se, em ensaio que incluiu em *Letras e literatos*:

*Queria dizer que não é um bom motivo de inspiração estética.*

Foi pior a emenda.

Ives desafia os tabus e as apóstrofes do ensaísta nordestino e canta:

*Quero-te muito, mãe de meus seis filhos.*

*Mulher de meu amor.*

O *Tempo pretérito*, de Ives, celebra sua amada através de décadas de matrimônio cristão, filhos, batizados, confissões de fé. Só um poeta

4.  
Geraldo Vidigal (1921 – 2010) foi jurista e poeta. Membro da Academia Paulista de Letras.

fundamentalmente seguro de seu amor e de seu Deus, como Ives, poderia escrevê-los.

Afasta-se Ives dos seus temas absorventes quando, colocado entre seu pai e seus filhos, reconhece sua condição de elo e a dramatiza. Acentua-se nos poemas o desafio ao se impor o poeta a forma do soneto, algumas vezes descompassados nos seus metros, mesclando a redondilha maior e o alexandrino.

Ao longo das estrofes, como um dado estrutural, insinua-se sempre o tempo, ora forjado no espaço, ora envolvido no que é eterno.

Acima dos temporais, Ives aciona os mecanismos da máquina do Tempo, monótonos, silentes; e, como um pastor de espaços, neles situa Deus, Ruth, seus pais, seus filhos – os entes e as crenças amados.

## Soneto das Doze e das Dez Sílabas

Descompassado, cruzo o espaço de teu tempo.  
Destemperado, forjo o tempo em teu espaço.  
A noite cria formas ao relento,  
descortinando anseios que refaço.

A madureza desce e ao fruto tendo  
em tudo o que passei a cada passo,  
desenterrando a messe no seu tempo,  
num tempo que se mede sem espaço.

Mormaço. Feito d' aço. Sempre escasso.  
Não descobri, não desvendei e nem desvendo.  
Silêncio de ti mesmo em toque lasso.

Aquele mesmo toque, cor do vento,  
que não venta e colora todo o espaço  
quando a verdade eterna faz o tempo.

## O Temporal do Tempo

O temporal do tempo temperado,  
descortinando sonho e maresia,  
faz-se espaço do espaço despassado,  
que a tela do horizonte mal desfia.

O olhar que não penetro desafia  
meu soneto de amor descompassado.  
Certeza tão incerta cada dia  
no mundo que descubro de meu lado.

Não sei do que saber e para quê,  
nem sei se você sabe o que já sei.  
Eu sei o que se sabe e o que se vê

pelo caminho simples de tal lei.  
E não me importa, pois quero você,  
vocaçãõ de palhaço e não de rei.

### **Vinte e Quatro Anos de Casado**

Aos versos retornando, recomeço  
a mesma estranha história d'outras eras,  
num amor que nasceu sem ter recesso,  
forjando sonhos, sombras e quimeras.

Caminhou pelo mundo das esferas,  
sem pedras, sem soluços, sem tropeços,  
descortinando pombas e panteras,  
nas armadilhas feitas por apreço.

São vinte e quatro vezes – quatro e vinte –  
que o mesmo intenso gesto principio,  
com vida, com ardor e com requinte,

desejando o mistério penetrar,  
findo o tempo, desfeito como um rio,  
pelos prados sutis de teu olhar.

## Soneto para teu Aniversário

Quanto mais amor te quero,  
mais amor sinto no tempo,  
num tempo de passo eterno,  
nem depressa e nunca lento.

Teu amor que sempre espero  
nunca navega a destempo,  
vive o mesmo toque interno  
que não desfaz-se ao relento.

Nosso amor a descoberto  
ganha muito quando sente  
o fruto que se desfruta.

Que este dia faz bem certo,  
pois que Deus nele presente  
justifica a vida e a luta.

## A Verdade do Jardim

A verdade de tudo silencia.  
Nem antes. Nem depois. Apenasmente.  
Há traços escondidos pelo dia,  
iluminando a noite em tom crescente.

O cansaço do tempo preludia  
o repouso de todos. Todamente.

Nem sempre no prelúdio, todavia,  
a pura imagem resta diferente.

O que vale, porém, a descoberta?  
A justiça bem manda que no fim  
não se cubra este bem que não desperta...

A verdade de tudo é sempre assim,  
estrada escura, incômoda e deserta...  
Por isto creio mesmo no jardim.

### Soneto de Vida Interior

Senhor, põe-me outra vez à Tua frente  
e faze-me encontrar o Teu caminho.  
Perdido fui e sou se, de repente,  
somente a mim me entregas e sozinho.

Quantas vezes me sinto diferente  
e volto a ser, no tempo, descaminho!  
Quantas vezes Te fito e sou descrente  
e, no espaço, me faço agreste espinho!

Senhor, mostra-me sempre o Teu amor,  
qual tesouro enterrado num terreno,  
valendo mais que todos, pois que é vida.

E faze-me Teu filho no que for  
a vivência daquele tom sereno,  
que me leva à chegada da partida.

## Soneto para Ângela

O quadro há de restar no meu sossego.  
Chorou a mãe, singela e mansamente,  
no batismo da filha. O seu apego  
foi, nos meus anos, o melhor presente.

Nem o silêncio vale este amor cego.  
Ter uma filha assim tão docemente  
é mistério profundo que não chego  
a compreender. Mas sinto o que se sente.

Aos vinte e seis, na vida, sou esposo  
e pai, em duas vezes, de um casal.  
Renovo de meus pais os mesmos gestos,

como renovarei o seu repouso.  
Eis porque silêncio o carnaval  
que se escoia nas ruas e nos restos.

## Soneto para José Kliass

Meu último soneto para o amigo.  
Descompassado, como a própria morte.  
O silêncio tem cores de castigo,  
quando a fera verdade faz o corte.

A imensidão da vida chega ao fim,  
condenados que somos todos nós,

passagem necessária e sempre assim,  
tal grande rio, morto pela foz.

A dor não nos permite a descoberta  
e o mistério não vive na mensagem,  
impenetrável, mesmo sendo certa

a derradeira e nítida abordagem.  
Meu amigo, porém, num claro passo,  
cruzou descortinando o sem espaço.

### **A Máquina do Tempo**

A máquina do tempo continua,  
monótono e silente mecanismo.

A solidão reflete pela lua,  
no passado, um estranho cataclismo.

É, porém, no porém, a realidade.  
Não conhece nem “mas” nem “todavia”.  
Viver sempre a passar faz a verdade,  
que passa num só passo, a mesma via.

Revolta-me por vezes seu caminho,  
que mostra, desde o eterno, o eterno fim.  
A vida é um interstício tão mesquinho,

que poucos reconhecem ser assim.  
Mas o escravo não pensa como o dono,  
nem todos como o tempo antes do sono.

## Soneto para Ruth

Quinze anos completei no mesmo passo,  
descortinando auroras e lembranças,  
num caminho que o tempo sem espaço  
jamais desfez os sonhos e esperanças.

Somente o olhar agora está mais lasso,  
mas nele quantas vezes tu descansas?  
O amor, porém, renasce, nunca escasso,  
qual nos idos das múltiplas andanças.

Quinze anos completaste, sempre igual,  
tão mulher, tão silente, tão amiga,  
sem súplicas, sem crises, sem rival,

que eu não sei que dizer, por mais que diga,  
quanto amor eu te tenho e quanto o mal  
se desfaz quando eu faço esta cantiga.

## O Naufrágio

O naufrágio roubou-me o barco triste,  
silentemente, como rouba a vida.  
O meu naufrágio é um mal, que mal existe,  
pois que, no fim, começa outra partida.

Anteriormente vira esta ferida –  
ferida, meu amor, que nunca viste.

Continuei capitão que inda resiste,  
porém sem ter sentido tal descida.

O naufrágio, portanto, foi normal.  
O barco triste soçobrou por frágil,  
nas águas calmas, desfazendo em sal.

Depois, o mar voltou a ser caminho  
de um outro menos triste e bem mais ágil  
e o barco triste o mar deixou sozinho.

### **Sonnet**

*Si je chantais une chanson, faisant la cour  
à douce jeune fille et bien de moi chérie,  
si je disais à tous le mal de cette vie,  
peut-être vous, vous me verriez comme toujours.*

*Si je chantais une chanson, remplie d'amour,  
à peine à vous, jolie suplice et tendre amie,  
et si j'étais une personne de génie,  
peut-être vous de moi ririez bien sans détour.*

*Si je chantais une chanson, la plus fidèle,  
sur ma douleur sincère et par vous éternelle,  
peut-être ainsi, vous vous tairiez uniquement.*

*Mais, si ne chantant plus, déjà sans tous mes charmes  
je vous pouvais montrer si seul de tristes larmes,  
peut-être vous m'embrasseriez, tout simplement.*

## Meu Cansaço

Neste tempo de naves pelo espaço  
e de espaços no tempo descobertos,  
eu vivo navegando por desertos  
que se escondem detrás de meu cansaço.

O meu cansaço sempre foi vanguarda  
da cidade que albergo junto a mim,  
cuja ponte atravesso de cor parda  
por causa d'água vinda do jardim.

Nesta cidade mora tua imagem  
despida do que trouxe d'outro centro,  
colorida por nítida paisagem

do universo que tenho cá por dentro.  
Neste tempo de naves pelo espaço,  
eu inda vivo atrás de meu cansaço.

## A Busca do Caminho

A confusão, Senhor, de mim afasta  
para que eu veja claro o que era escuro  
e, qual papel inútil d'uma pasta,  
retira para unir-me ao meu futuro.

A pergunta que eu fiz já tem resposta.  
Vale o encontro da própria vocação.

“Vem e segue-me” e segue-Te quem gosta  
da Verdade e da Luz por dimensão.

A busca do caminho, quando existe,  
é mansa, se ela é grande, se ela é forte,  
e rica, quando pobre e nunca triste,  
fazendo eterna vida mesmo a morte.

Que eu seja, como fruto, uma semente  
a gerar o Teu mundo diferente.

### O Soneto mais Estranho

Silencio o soneto mais estranho.  
Nem meu. Nem de ninguém. Por quê? Não sei.  
O olhar foi talvez verde ou foi castanho,  
bem antes do silêncio em que parei.

Há reinos esperando por seu rei  
e banhistas que buscam no seu banho  
equacionar o tempo com a lei.  
No silêncio do espaço, que eu arranho,

onde arranho, onde luto e silencio,  
vive o soneto mais estranho assim.  
O sol onde ele nasce é sol de estio,

que não conhece o aroma do jardim.  
E desta história lá eu perco o fio,  
pois lá começa a história de meu fim.

## Soneto do Após Igual

O soneto do meu descumprimento,  
mais antigo que a própria natureza.  
Os versos, descumprindo o seu intento,  
são a força que limpa sem pureza.

As cores coloridas do passado  
descolorem os dias, já sem cor.  
O presente desfaz-se, colorado,  
colorando recores numa flor.

O meu soneto assim é sempre o mesmo.  
Diferente. Diferente. Diferente.  
Nunca eu o entendo. Nunca. Nunca mesmo.  
Nem aquele que o lê e é toda a gente.

Nos tempos em que eu firmo o firmamento,  
a idade só se faz renascimento.

## Espaço Azul

Teu derradeiro olhar foi desencanto.  
Há muito que eu não sofro, calmamente,  
o momento final tão sem espanto.  
O meu hábito de última semente.

Quantas messes perdi na minha frente?  
Não sei. Nem sei quem sabe este meu canto.

Corre o tempo num tempo diferente  
e o fim sempre me resta em acalanto.

Teu derradeiro olhar, nem tu soubeste  
quão derradeiro foi! Fim de Istambul  
e fim que leva o fim como um *Far West*.

Eu deixo, uma vez mais, o Norte e o Sul.  
Minha roupagem, hoje, se reveste  
de novo encanto, por espaço azul.

### Teu Silêncio

O Teu silêncio busco desvendar,  
nas névoas de uma estrada que não trilho,  
sendo aquele que tem cansado o olhar  
e que luta por ser chamado filho.

O Teu silêncio é forte e muito fraca  
a força que projeto na procura,  
alicerce desfeito sem estaca,  
luz apagada em plena noite escura.

O Teu silêncio vive em minha vida,  
cujo curso reduz o seu caminho,  
mas ando sempre e sinto esta ferida  
que a rosa nunca faz, mas faz o espinho.

O Teu silêncio eu sei, porém, um dia.  
Será descortinado e a minha via.

## **Cromo**

Estilhaços do meu canto  
ferindo o pastor do espaço.  
Granadas por acalanto  
na palavra do teu passo.

O teu amor em mormaço.  
O meu amor sem espanto.  
No azul o silêncio caço,  
metralhando o desencanto.

Abatido, cai no sal.  
A paz retorna, no céu,  
à calma do após a guerra.

Volta o tempo a ser igual  
e o amor por sidéreo véu  
é coberto sobre a terra.

## **Olhar de Infância**

Penetrei pela enorme profundidade  
deste mar colorido de teus olhos,  
triste azul, melancólica tristeza,  
Penedo transformado sem escolhos.

Penetrei, nadador por ter nadado,  
suicida solitário. O mar azul

logo cobriu-me num estranho fado  
que, em vez do Norte, descobriu o Sul.

Azul dentro do azul. A maresia  
marítima escombros desvendava  
e os sonhos que eu fazia, desfazia,  
desfazendo um abismo à ideia escrava.

Afoguei-me no fundo da distância  
de um olhar que busquei por minha infância.

### Querer-te

Não consigo este vício abandonar  
que me faz, pelo tempo, sempre igual,  
como igual corre a noite sobre o mar  
e deixa o mar na praia seu sinal.

O vício me ensinou a naufragar  
num naufrágio romântico e informal,  
que não traz o sossego por seu par  
e não chega, no todo, a ser um mal.

É, contudo, perpétuo como o sal,  
silente como o puro comungar  
e triste como o amor sem ter aval.

É o vício de querer-te devagar,  
de mansinho, de fato e de enxoval,  
de minha prole mãe, em santo altar.

## Pelo Caminho de teus Olhos

O recesso intocável de tua alma  
invadi, repentina e mudamente,  
através de momento cuja palma  
cruzou pelos teus olhos, diferente.

A profundez longínqua foi semente  
do sucesso que trouxe após a calma,  
e a conquista desfeita docemente  
conquistou o senhor, que hoje te ensalma.

Do assalto não mais resta que o caminho,  
onde, silente, entrei despercebido,  
cuidando retirar-me por inteiro.

Perdi-me, todavia, e não sozinho  
retornei muito estranho e sem sentido,  
de teu recesso eterno prisioneiro.

## Navegar

Naveguei pelo toque de teus lábios  
nos meus dedos de porto solitário,  
esquecido que o mapa dos mais sábios  
desconhecia o mar imaginário.

Naveguei, dirigido pelos astros  
de teus dentes abertos para o espaço,

enfunadas as velas destes mastros  
pela força de teu sorriso lasso.

Naveguei, despejando as velhas sondas  
que a terra medem pelo som da sorte,  
indo o barco que eu tinha sobre as ondas  
buscando o cais meridional do Norte.

Naufraguei, todavia, em dois escolhos,  
encontrados no golfo de teus olhos.

### Claras Águas

Pelo silêncio de teus olhos mortos,  
vivos no espaço apenas das ideias,  
surge uma ponte com aranha e teias,  
unindo as pedras dos caminhos tortos.

Trilhei a ponte. De madeira velha,  
encobre anseios que correm debaixo,  
e o escuro líquido, em que assim se espelha,  
a forma tem de retilíneo facho.

Da margem sempre ríspidos escolhos  
tombam turvando a fonte já turvada,  
as lágrimas talvez que de teus olhos  
vêm de uma estrada em busca d'outra estrada.

Dizer que, um dia, aquelas claras águas  
limparam de nós dois todas as mágoas...

## O Encanto da Presença

O soneto do amor que não tem fim,  
eu o refaço, silente, uma vez mais.  
Há cores florestais no meu jardim,  
no meu jardim... sem cores florestais.

A imensidão das sombras nos varais  
de novo ganham vida atrás de mim,  
navio que navega junto ao cais  
ou corcel livre e preso no selim.

O soneto do amor, de um grande amor,  
que a própria vastidão não é tamanha,  
infinita a visão de sua crença.

Continue assim sendo o seu calor  
e traga, dessa forma sempre estranha,  
à minha vida o encanto da presença.

## Soneto para Ives Filho

O soneto do meu desfazimento.  
O mesmo que já fez meu pai um dia,  
renovo-o, num só gesto, sem momento.  
O soneto da luz que a vida cria.

Sou eu e mais um eu de igual argila,  
que a origem trouxe ao mundo por meu pai

e o tempo, que por gotas se destila,  
no espaço se eterniza e não decai.

Eu sinto que já fui, sou e serei.  
Desde as sombras ancestras da partida.  
E eu sinto que esta forma forma a lei,  
quanto mais renovada volta à vida.

O soneto da estrada que hoje trilho,  
que é minha, de meu pai e de meu filho.

### **O Velho Bardo**

Um soneto aos sonetos que já fiz.  
Mais simples, tão vazio, menos belo.  
Um soneto que busca ser feliz  
na medida em que aos outros o nivelo.

O bardo, com os anos, faz-se velho  
mais rápido que alguém que não é bardo.  
Assim me sinto agora, quando espelho  
o passado de vate em negro fardo.

Um consolo me resta, todavia.  
O Senhor, pelo estio já cansado,  
faz-Se presente sempre, todo o dia,  
e caminha comigo, lado a lado.

Que esta presença santa do Senhor  
eu a transmita em cânticos de amor.

## É Noite

É noite. À minha amada este soneto  
componho sem momentos de cansaço,  
quando o tempo dos versos faz-se escasso  
como bandas de música em coreto.

O costume da frase teve danos,  
igual folha varrida em tempestade.  
Restou-me apenas, nua, esta verdade  
que me segue, silente, pelos anos.

Quero-te muito, mãe de meus seis filhos,  
mulher de meu amor, sem convenção.  
Conduze-me assim sempre o coração  
como um trem conduzido por seus trilhos...

É noite. À minha amada, em próprio punho,  
componho este soneto, sem rascunho.

## Esboço

Feneceram as rosas pelo azul.  
O verde naufragou em plena ideia  
e perdeu o comando para o Sul.  
Soçobraram lembranças de odisséias.

A bordo do naufrágio estava o mar.  
Debalde. A sonda cinza não mais era.

Restava o simbolismo cor de âmbar  
de um Outono medido em primavera.

Mimosas... depois foram sobre o espaço  
colorações de seda em sombra rubra.  
Da funda emanção ficava um passo,  
que o negro faz que o branco sempre cubra.

Eis o esboço de um simples quadro estranho,  
onde passem meus versos sem rebanho.

### Orfeu

Nenhuma estrela havia em seu olhar.  
Um silêncio noturno mal rondava  
o muro esmuguecido do pomar,  
cujo fruto sua alma alimentava.

À noite era, porém, linda e presente,  
coberta a lua por escura fronha.  
Era a noite do tempo inexistente,  
a noite que consola o mal, que sonha.

Mesmo assim, colorava-se de morte.  
Um olhar negro é duplo e, se empoçado  
em funda sensação, encerra a sorte  
de um outro olhar no olhar do próprio fado.

Nenhuma estrela havia. Havia Orfeu,  
lembrando-se da amada que morreu.

## **Ano Novo**

A chuva que tombou hoje de tarde,  
com tristeza, saudou este ano novo,  
que, tímido bem mais do que covarde,  
inicia o caminho junto ao povo.

Há fome provocada no país  
e a corja, que o governa, é satisfeita.  
Faz muitos anos que a Nação feliz  
deixou de ser. O tempo é de colheita.

A messe traz o sal do desespero  
e a gente vive agora a tempestade,  
sorvendo o fel da taça por inteiro.  
A dor, na terra, perde a própria idade.

Que este ano novo, assim, não se acovarde  
tal como fez a chuva de hoje à tarde.

## **Soneto de Jade**

Mansamente, um soneto eu te componho,  
lembrando-te, na bruma do passado,  
inda sentindo, assim desconsolado,  
o teu constante olhar, doce e tristonho.

Há muito tempo que não tinha um sonho  
e, mesmo quando o tinha deformado,

eu o vivia e não como a teu lado,  
com quem, pela memória, eu o deponho.

Tal teu símbolo anel, feito de jade,  
que as almas entrelaça na afeição  
para depois guardá-las por saudade.

Assim, com meu soneto, esta ilusão  
unida se transforma em suavidade,  
consumindo, no meu, teu coração.

### **Lança Cravada**

Lança cravada pelo peito aberto  
no silêncio da noite desmedida,  
e o cavaleiro lancetado incerto  
cavalga a morte, cavalgando a vida.

Eu, procurando o meu próprio deserto,  
encontro o panorama da partida  
e firo-me buscando o que anda perto  
do que anda atrás da senda conhecida.

Lança cravada pela carne nua  
em pleno profundor da alma silente,  
ferida nova, informe e diferente.

E eu desvendando o som que continua  
na chaga insone da distância interna,  
em busca de mim mesmo... em busca eterna.

## Cavaleiro do Rio

Cavaleiro dos tempos passados  
que outros tempos tu trazes p'ra nós.

Dorme o rio vestido de foz  
no carinho de seus ambos lados.

Cavaleiro da idade retrós,  
nunca mais vi teus ombros cansados.

Lá se vai na distância dos fados  
a tu'alma de bravo e de atroz.

Foi no rio, que agora é senil,  
que te vi pela vez derradeira.

Foi no rio que a vida partiu

e afundaste longínquo da beira,  
onde olhava o teu gesto viril  
e afundaste, a ilusão tendo inteira.

## O Sentido da Vida

O sentido da vida por inteiro,  
só desvendo no seu Sonho de vida,  
que transforma a semente no celeiro,  
alimento da terra mal ferida.

A santidade é o toque derradeiro  
descortinando o ponto de partida,  
cujo encontro se faz quando o sendeiro,  
na chegada, descobre o fim da lida.

Quão difícil, porém, se sou quem trilho  
esta estrada de Deus feita p'ra mim,  
pois qu'outras menos belas já trilhei.

Quão difícil! Contudo, sou Seu filho,  
e tê-la quero dentro do jardim,  
onde O encontro, paterno, como Rei.

### **Para um Livro de J.G. de Araújo Jorge**

Na festa das imagens coloridas  
que encontrei neste livro, à noite e meia,  
corre o sangue dos mares sobre a areia  
e o silêncio deserto de mil vidas.

Corre o sonho dos sonhos de uma veia  
e a lembrança das lendas esquecidas,  
neste gesto de imagens desprovidas  
das aranhas que tecem sua teia.

Nestes versos do Jorge apenas resta  
o farol de luz negra, que ilumina  
o noturno de nítidas paisagens,

eis que a dona dos versos, nesta festa,  
é escaldante de vida, em cada esquina,  
como a imagem do Jorge das imagens.

## Adolescência

Depois de tanto tempo escravizado,  
libertei-me, Senhora, de teu mando,  
talvez bem mais servil que libertado  
e não tão libertado que chorando.

Hoje sinto o prazer de todo o lado,  
em vez do mal que, muito devastando,  
andou-me e que me fez desenganado  
desde a idade que vem não sei de quando.

Hoje, data de teu aniversário,  
perdeste de minha alma o bom rosário  
das promessas que sempre te fazia,

em mim de ti, senão teu calmo olhar,  
profundo e triste, como a dor do mar,  
restando mais de noite que de dia.

## Única Verdade

### Ruth

Coloriu-se de verde o que era azul  
e o sorriso da noite fez estrelas.  
Caminhamos do Norte para o Sul  
na certeza de não poder retê-las.

Eu e tu desvendando luas novas,  
tu e eu descobrindo novos astros,  
desventura do imenso tu renovas,  
caravela à deriva sem seus mastros.

Há quanto tempo eu vivo em teu espaço,  
há quanto tempo não te vejo só,  
o destino traçado, passo a passo –  
ao pó retornará o que era pó.

Além de Deus, em única verdade,  
o nosso amor supera a própria idade.

### **Areia do Deserto**

Era vermelha a areia do deserto  
e assim mesmo buscou-a a carne-lodo,  
o caminho em seguida fez-se incerto  
e o horizonte sumiu-se então de todo.

Cobriram-se os espaços siderais,  
choveram tempestades de caprichos  
e o frio dos sentires hibernais  
despertou do letargo internos bichos.

A vida-barro, pútrida, parada,  
perdeu a luz primeira das ideias.  
Escondido o binômio tudo-nada,  
semente solitária de odisséias.

Carne-lodo, partida a causa-sangue,  
restou desvirginada, mas exangue.

## Última Semente

Eu a tive por última semente,  
no silêncio do fim, que desencanta.  
Como renasce a vida fragilmente,  
a terra renasceria em muita planta.

A pálida semente, porém, fria,  
eu conheci, na terra, mal lançada,  
simbolismo patético do dia,  
perto da noite e não da madrugada.

Eu conheci, no solo, ressequida,  
tão morta, logo após o seu carinho,  
como a vida ressurgiu, parte a vida  
e a terra tem, calada, igual caminho.

Eu a tive por última semente,  
sem forças, trespassado, mudamente.



# Tempo de Lendas

(1991 / 2001)

**C**aro Ives:

A lenda de Marabá adquire dimensão nova em suas mãos. Reencontro amadurecido o jovem poeta que tive a alegria de prefaciar há muitas luas.

Você dá ao indianismo sentido de contemporaneidade, descobrindo na floresta dos mitos a trilha que nos conduz a um vero-romantismo.

Tudo sonhado e escrito numa linguagem que renova e encanta. O poema está pedindo um grande compositor que o musicue.

Vejo com alegria que o ilustre jurista mantém vivas as raízes líricas, e que essas raízes se voltam agora para o solo do encantamento da Amazônia.

Prossiga nessa demanda do Eldorado e receba o abraço muito amigo de seu irmão em Poesia.

*Paulo Bomfim*

São Paulo, 12 de fevereiro de 1990

## Apresentação de Marabá e Circe

**O**s dois poemas que publiquei pela CEJUP, em edição do Clube de Poesia, foram escritos há algum tempo.

Com “Marabá”, concorri aos 1<sup>os</sup> Jogos Florais Luso-Brasileiros, tendo dividido o primeiro prêmio com Domingos Carvalho da Silva.

“Circe” é uma sequencia de sete sonetos ingleses, em que o poeta se imagina perante aquela deusa que transformava seus amantes em animais. Ele a vê linda e pura no início, ama-a até ser alertado pelos fantasmas dos que por ela morreram, e se afasta como chegou. A alegria da surpresa, porém, é substituída pela melancolia da verdade.

Em época e país em que os valores culturais são substituídos pelo despotismo dos governantes, pela massificação dos meios de comunicação e pela falta de patriotismo das elites, volto ao porto seguro da poesia para respirar o ar não poluído dos campos permanentes da esperança e da ilusão. E recuperando as forças necessárias, retorno à luta contra aqueles que teimam em não respeitar a nossa pátria e a nossa gente.

*Ives Gandra Martins*

## Nota

**A** lenda de Marabá é um misto de poesia e heroísmo, com que os que a criaram ou a colheram da cultura autóctone procuraram dar ideia das primeiras dificuldades originadas do encontro de dois povos diferentes, no Brasil, a saber: o português e o indígena.

Marabá é filha do amor de um conquistador português e da descendente de um nobre guerreiro índio que vive só, desde seu nascimento. Herdou do pai a cor dos cabelos e a coragem, e da mãe a beleza e o devotamento a um amor. Apaixonando-se por um cacique de sua tribo, já comprometido, foge com este para se encontrar com os portugueses. Perseguidos pela tribo, vê o seu prometido ser ferido mortalmente em batalha e encontra, também, a morte, nos braços de seu pai, pelas mãos de seu amado, que não compreendendo o gesto do reencontro, pensando fosse Marabá cair em mãos de outro, mata-a, em seu último gesto.

O poema é dividido em sete partes. Na primeira, Marabá conhece Ipojuca, quando este a salva de ser morta por uma onça. Na segunda, Marabá conta sua história a Ipojuca. Na terceira, Ipojuca e Marabá se amam. O amor é descoberto pela noiva de Ipojuca, na quarta parte, prometendo esta vingança. Na quinta parte, a noiva incita a tribo a perseguir o casal, que foge para se encontrar com os portugueses, na sexta parte. Na última, Marabá é descoberta pelo pai e morre atingida por Ipojuca.

## Marabá

### *Canto I*

I

A lua dentro do lago,  
no silêncio do noturno.

A bela junto às estrelas,  
na relva grande sumida.

O fundo negro do lago  
e dentro do lago a lua.

A terra de relva escura  
e a bela despercebida.

A negridão do noturno,  
cintilações das estrelas.

Os sonhos, recordações,  
distância da virgem-só.

Caminho da incertitude,  
anseios desconhecidos.

Estrelas da negridão.  
E dentro do lago a lua.

Noturno da solidão,  
desejo da virgem nua.

A bela, corpo de anseios,  
anseios desconhecidos.

O fundo negro do lago  
e a terra de relva escura.

## II

E, de repente, um bramido  
pelo silêncio, em pedaços.

A bela pula desperta,  
a fera pula depois.

O espelho negro do lago,  
estilhaçado no choque.

Na escuridão do noturno,  
a lua fora do lago.

## III

A bela, cabeça apenas.  
Dois astros de fria espera.

A fera, músculos, margem.  
Dois vulcões incandescentes.

A lua dentro do lago.  
No silêncio do noturno.

#### IV

O silvo, a flecha e o rugido  
rasgando os ares de um golpe.

Um corpo dentro do lago  
e fora do lago um corpo.

#### V

- “Quem és, Guerreiro da noite?”

- “Sou a Noite do guerreiro”.

- “És a Noite do guerreiro!...

Acaso as sombras te irmanam  
das sombras Sombra primeira?”

- “Sombra primeira das sombras,  
irmanadas pelas trevas.  
O Dia busco sem Noite”.

- “O Dia buscas sem noite!  
O Dia, que Dia grande  
para buscares na Noite?”

- “Nas noites, a Busca é certa  
e os dias certos, incertos.  
A Noite sou eu nas noites  
e o Dia alguém há de ser”.

- “E o dia alguém há de ser!

Ó Noite, acaso o teu Dia  
há de haver nos dias-noites.  
Ou a busca que assim buscas  
não será Noite sem Dia”?

- “Sem Dia a Noite seria  
se a Noite-Dia não fosse”.

- “Sem Dia a Noite seria  
se a Noite-Dia não fosse...  
O Dia devo-te, Noite”.

- “A Noite deves-me, Dia...”

## *Canto II*

“Era um belo guerreiro cor do sol.  
Fora à caça talvez. A caça foi.  
Um bravo desbravado pela selva.  
Esquecido dos seus, dos nossos visto.

A batalha mais breve que calada.  
Dois fortes da floresta com Tupã.  
Com os nossos o forte de além-mar.

Quando a Lua, no etéreo, fez-se inteira,  
mil índias desejando a Noite-Sempre.  
Anhembira era o chefe, a filha Iná  
e o sorteio da filha deu a mãe.

Iná, morena Virgem da Alvorada,  
pelo pai destinada a algum cacique,  
da rede em que dormia o prisioneiro,  
aproximou-se, muda e sem amor.  
A noite era mais fria que esta noite...  
O prisioneiro olhou-a, indiferente,  
e disse: – “A que destino feio e triste  
esta bárbara gente te mandou!

Sem me amares teus sonhos corrompidos  
pelo esposo, da morte condenado,  
serão nas poucas horas que me restam.  
E, após, o desencanto, a eternidade  
e os desejos inúteis para sempre.  
Seja-te leve o fardo e a terra a mim”.  
E apenas se calou nos braços brancos,  
tomou o corpo quente da gentia.  
E o tempo se passou. É curto o tempo.  
A Virgem da Alvorada, de repente  
enternecida, viu-se transformada  
e docemente forte... e calma e linda  
ao guerreiro cabelos cor de milho  
assim falou: “Senhor, sou tua esposa,  
Prometida em sorteio, sem amor,  
e já de amor tomada. És meu. Sou tua.  
Tupã é grande e sábio seu pensar,  
a lua está dormindo nas alturas  
e dorme a tribo toda de cansaço.  
Hei de salvar-te a vida. Vem comigo.

O rio fica perto. A selva sonha  
e o canto do silêncio há de guiar-me”.

Duas sombras cobertas pela lua,  
durante a noite, inteira. Despedida.

Um anel com Iná, na areia olhando  
um barco no horizonte, o sol nascendo,  
Anhembira chorando a filha longe  
e a tribo revoltada. Nada mais.

Duzentas e setenta e quatro luas  
passadas tinham sido quando o brilho  
da noite, em vez primeira apercebi.

Algumas mil após, Iná contou-me  
aquilo que te conto. Era eu menina,  
menina, mas sozinha já vivendo.

Deu-me, então, este anel e só partiu,  
chamando-me à distância, “Marabá”...

### *Canto III*

#### I

“Teus olhares verdes são as tochas tristes  
da festa agonizante,  
teus olhares verdes são os cantos ternos  
Do sonho de um instante.

Teus cabelos milhos são os sóis esguios  
em mares que desejo,  
teus cabelos milhos são as áureas nuvens  
nos cânticos de um beijo.

Tuas faces alvas são as praias frias  
da fonte de água clara,  
tuas faces alvas são os frutos novos  
da virginal seara.

Teus lábios cerejas são os favos-mel  
em árvores perdidas,  
teus lábios cerejas são os fogos rubros  
das noites desmedidas”.

## II

Marchou a terra pelo Eterno  
e a lua centro fez-se triste  
e por um arco se mudou.

## III

- “Pelo tempo sem espaço  
eu te adorei desde sempre.

E te adoro desde agora  
por um espaço sem tempo.

Agora e sempre  
sempre e agora.  
Marabá”,

IV

- “Eu fui só.  
A vida é doce ao lado teu.  
Eu te adoro para sempre, desde agora,  
noite do guerreiro”.

V

Um arco refletido, indiferente,  
nas águas da lagoa.  
Dois corpos pela relva.

*Canto IV*

- “Ipojuca!... Teu nome há de ser vil,  
teu nome tantas vezes celebrado,  
Ipojuca!... Teu corpo há de tombar,  
teu corpo tantas vezes elevado.

Serpentes nascerão de tua carne,  
asquerosas, rasteiras, com feridas,  
e a terra será seca onde jazeres,  
sem plantas, sem pegadas, sem presentes.

Ipojuca!... Teu nome há de ser vil,  
teu nome tantas vezes celebrado.  
Ipojuca!... Teu corpo há de tombar,  
teu corpo tantas vezes elevado.

Os anos tornarão o tempo Eterno  
e o Tempo-Eterno chamar-te-á maldito,  
os homens morrerão no Eterno-Espaço,  
maldito inda, na morte, te chamando.

Ipojuca!... Teu nome há de ser vil,  
teu nome tantas vezes celebrado,  
Ipojuca!... Teu corpo há de tombar,  
teu corpo tantas vezes elevado...”

“Moema, basta, que as palavras cansam!..  
Tanto falaste e não falaste nada.  
Marabá... Sou a Noite do guerreiro,  
a Noite de Ipojuca, o bravo forte,  
cacique de uma tribo de valentes,  
heroica sempre e sempre vitoriosa.

Prometido em infante a quem me fala,  
deixei a minha glória e o seu amor  
pela busca do Dia que me deste...

Amei falar de símbolos, os símbolos  
que tu tão bem sentiste, mas que escárnea  
Moema amaldiçoa agora mesmo...  
A vida do tapir é dentro d'água  
e nunca num deserto... Assim sou eu...”

- Ó sórdido guerreiro... Como és vil,  
mas ouve-me Ipojuca... e Marabá.  
Amei, outrora e sempre, o bravo chefe  
de um povo de valentes, que é meu povo.  
O chefe, que foi bravo, o abandonou.  
Contudo, o povo... o povo é de valentes  
e um chefe novo há de ser novo chefe.

Que os deuses compadeçam-se, bondosos,  
do vosso amor mesquinho e tão pequeno,  
vivendo de escondido e pela sombra,  
que a cólera da tribo há de ser grande”,

- “Dizes, Moema, outrora ter amado  
a quem agora eu amo. Não o creio.  
Qualquer amor é filho da renúncia  
e tu não sabes, louca, renunciar.  
O nosso amor é forte como o Eterno  
e a compaixão dos deuses dispensamos.  
A cólera de um povo, por mais forte,  
há de ser fraca junto ao nosso amor.  
Teus bravos, como os chamas, todos, todos  
que venham contra nós, armas nas mãos,  
que havemos de chamá-los, desarmados,  
sozinhos, entre tantos, de covardes.  
Hoje mesmo partimos desta terra  
em busca de meu pai, que mora longe,  
e o temor que vos temos é tão pouco  
que não te escondo nada... Corre... Corre...  
A tribo inteira chama... persegui-nos...  
que todos vós, sozinhos, não tememos”.

*Canto V*

- “Ó guerreiros da tribo dos fortes,  
esta história de fracos ouvi,  
que eu não minto e Tupã, meu Senhor,  
as palavras que eu digo j’ouviu.

Ipojuca, que é bravo e que é forte,  
que seu povo na guerra comanda,  
que as vitórias que tem lhe são tantas,

como os astros nascidos do céu;

Ipojuca, que é belo e que é nobre,  
que as mulheres da tribo desdenha,  
que do amor busca fuga nas noites

como as feras banidas do campo;

Ipojuca, que é justo e que é sábio,  
que os enfermos socorre bondoso,  
que, sozinho, afugenta a maldade  
como o sol nas manhãs as estrelas;

Ipojuca fugiu de seu povo,

Ipojuca chorou por estranha,

Ipojuca esqueceu da justiça.

Uma estranha formosa os seus olhos,  
sem ardor e sem brilho, tornou.

Uma estranha formosa, por trêmula,  
sua voz de valente mudou.

Uma estranha formosa aos seus músculos  
toda a força de bravo tirou  
e Ipojuca levado lá vai  
pela estranha formosa, que o tem.

Por acaso Tupã é mais fraco  
do que quanto esta tribo nasceu?

Por acaso este povo gigante  
se olvidou de Tupã, meu Senhor?

Por acaso Tupã e meu povo  
pelos anos as forças gastaram,  
que uma estranha formosa e um guerreiro,

humilhando guerreiros de outrora,  
orgulhosos nos deixem sorrindo,  
agredidos os nossos rincões?

Se a vingança da tribo dos fortes  
esperar um momento, não mais.  
Que meus filhos Tupã os sufoque  
quando forem, no ventre, gerados,  
porque é triste viver entre fracos  
para afronta tamanha lavar.  
Só a morte dos dois é tamanha,  
que me sigam os fortes apenas,  
que dos fracos Tupã se apiada”.

*Canto VI*

A campina,  
um lago cor do sol.  
A floresta, uma margem;  
o forte, outra.

A horda da floresta  
deixa a sua.  
O lago em tempestade.  
Vagalhões.

O batalhão do forte  
a sua deixa.  
Uma pedra estilhaçando  
a superfície do lago.  
Espraiamento.

No centro,  
a Noite e o Dia,  
pinheiros emergindo  
de uma ilhota,  
em face da tormenta.

*Canto VII*

I

- “Noite, procura do Dia,  
dia prelúdio da Noite”.
  
- “Teu povo foge, Ipojuca,  
ao fogo do povo meu.  
Ipojuca, estamos salvos”,
  
- “O brilho da lua é forte,  
mas vejo as sombras tão perto”.
  
- “Meu povo chega, Ipojuca...  
Tuas chagas sararão”.
  
- “Os raios rubros do sol  
emanam do corpo meu  
e deixam chegar, calados,  
os brancos raios da lua”.

II

Marabá de joelhos tendo  
Ipojuca pelos braços.  
O grupo do forte junto.

III

- “Meu Deus, este anel foi meu!  
Minha filha... és minha filha!”

IV

O velho capitão loiro,  
tomando a bela nos braços,  
dizendo quase a chorar,  
“Minha filha, minha filha”,

Um silvo agudo de flecha,  
um grito de Marabá  
e as palavras de Ipojuca:  
“Ou só minha ou de ninguém”.

V

A lua sobre a campina  
e duas cruzeiras no meio.

## Circe

*Para Paulo Bonfim*

*O Poeta*

I

Rosto sereno, como a lua cheia,  
atrás de um véu nublado... O meu, sozinho.  
Olhos cansados presos pela areia,  
perdidos na planície sem caminho,  
rosto sereno como o céu de estrelas,  
atrás de um véu nublado... O meu, tristonho.  
Olhos cerrados sem, porém, retê-las,  
perdidos no silêncio pelo sonho.  
Rosto sereno, como a noite clara,  
atrás de um véu nublado... O meu, vazio,  
Olhos calados, longe da seara,  
perdidos no deserto sem estio.  
Eu e Circe... Surpresa da esperança,  
da solidão que, em vida, não descansa.

*Circe*

II

Do caos surgiu meu reino, eternamente.  
Cresceu a Noite depois dele, calma,  
e o Dia a conheceu inda inocente.  
Sou filha deste amor, Deusa sem alma.

A solidão levou-a. Não senti.  
Perdeu-se a mansa origem na tormenta  
e a mansa origem logo eu esqueci,  
sonhando amores que a distância aumenta.  
Amei muitos valentes que, entretanto,  
paixões tiveram próprias de animais.  
Mudei-os no que foram. Meu encanto  
temido foi, então, pelos mortais...  
Eu sou a deusa eterna sem antiste,  
que vive o lado triste de ser triste.

*O Canto de Circe*

III

E o teu silêncio um dia, à minha fonte,  
contou a tua busca. Busca vã.  
E eu quis ouvir o canto do horizonte  
e ser chamada, uma vez mais, irmã.  
Cruzei a eternidade novamente.  
E o sonho novamente me embalou.  
Não é difícil ver a alma que sente,  
e eu vi que o tempo o tempo não mudou.  
Achei-te desejando-me, serena;  
serena, apareci-te e cá me vês;  
Teu canto é sombra que deseja e pena,  
capricho sem futuro e sem talvez...  
Eu sou aquela que te quer amante,  
dos deuses e dos homens tão distante..."

*O Canto do Poeta*

IV

- “Meu canto é nuvem... Solidão do eterno,  
espelho d’alma sempre, como o olhar.  
Tem a frieza trêmula do inverno  
e o desejo senil da lua par.  
Meu canto é nuvem... sensação de vida.  
Cofre dos sonhos como o coração.  
Tem o calor da terra prometida  
e o descortínio imenso da amplidão.  
Meu canto é nuvem... Tentação da origem,  
luz diferente da distância escura.  
Tem o brilho escondido da vertigem  
e as trevas solitárias que procura.  
Meu canto é nuvem... pálido acalanto  
que ao mundo nada causa, e a mim espanto”.

*Romance*

V

- “O dia desfalece uma vez mais,  
enquanto o olhar repousa no horizonte,  
ouve-se ao longe cascos de animais  
e alguns correm beber em tua fonte.  
Amo-te, Circe...” - “A noite principia

meu leito, como se só nosso fosse,  
compartilha comigo inda este dia.  
A eternidade, enfim, se me fez doce...”  
- “O rio dos teus lábios, minha irmã,  
a sede despertou-me de repente”.  
- “A imagem do recato faz-se vã,  
mitiga a tua sede mansamente.  
Eu sou a deusa que se faz anseio,  
sonhemos nosso sonho sem receio...”

*O Canto do Passado*

VI

- “Tombou, um dia, a noite por Sarmate  
e seu rei pela esposa assassinado  
encontrou. Foge dela, calmo vate,  
se o destino temeres ou tal fado...”  
- “Eu sou o eterno Glauco. Scilla, a bela,  
amei outrora, em monstro transformada  
Por Circe, a feiticeira. Foge dela  
se a morte não quiseres malfadada...”  
- A sombra sou do amante de Canente,  
com lágrimas desfeita pelos ares.  
Em ave fui mudado. Lentamente,  
foge dela se a vida inda prezares...”  
- “Não vale o amor de um coração ferido,  
senão pelo prazer de ter vivido...”

*Noturno de um Prelúdio*

VII

Rosto sereno, como a lua cheia  
atrás de um véu nublado... O meu, sozinho.

Olhos cansados presos pela areia,  
perdidos na planície sem caminho.

Rosto sereno, como o céu de estrelas  
atrás de um véu nublado... O meu, tristonho.

Olhos cerrados sem, porém, retê-las,  
perdidos no silêncio pelo sonho.

Rosto sereno, como a noite clara  
atrás de um véu nublado... O meu vazio.

Olhos calados, longe da seara,  
perdidos no deserto sem estio.

Eu e Circe... Tristeza da esperança,  
da solidão que, em vida, não descansa.

## Apresentação de Antar

**A**s três lendas que, na minha meninice, coloquei em versos, como homenagem a Ruth, minha companheira permanente nesta viagem pela vida, faço vir à luz, revalorizando a forma, em tempos de descompasso.

São três lendas de amor: sublime, na história de Gul-nazar e Antar; trágica, na saga de Dido e Enéias; e triste, no canto de Eurídice e Orfeu.

Quando menino, as três lendas impressionaram-me vivamente, e continuam a impressionar-me agora, em que meu tempo vai se esgotando.

Ofereço esta lembrança a Ruth, a quem, desde 24 de dezembro de 1953, amo com a mesma intensidade e deslumbramento dos primeiros tempos, agradecendo a Deus tal presente imerecido.

*Ives Gandra Martins*

São Paulo, Setembro de 2002

## Nota

A lenda de Antar e Gul-nazar foi imortalizada por Rimsky-Korsakof em seu poema sinfônico *Antar*, caçador que salvou uma corça de ser dilacerada por animal selvagem, matando-o. A corça era a deusa Gul-nazar, que, transfigurando-se em linda mulher, num gesto de agradecimento, ofereceu-lhe as alegrias da vida, inclusive da vingança e do poder, mas não a da paixão, pois, se um ser imortal amasse um ser mortal, este, após o ato de entrega e de amor, encontraria a morte, e o imortal passaria a ser mortal.

O diálogo final entre Gul-nazar e Antar é aquele que, em versos alexandrinos, procurei retratar em meu poema de 1952.

## Antar

*Gul-nazar*

Antar, formoso Antar, por que me olhas tão vago?

Por que, no teu sofrer, não queres que te adores?

O espelho de tua alma é duplamente triste,  
tocando duplicado o duplo espelho meu.

Teu ser inteiro arqueja em tal melancolia  
e, em tal melancolia, arquejo assim te vendo,  
sem que saibas, poeta, a dor que me avassala  
de ver-te padecer, em nada te ajudando.

Pareces navegar no mar inavegável  
das loucas ilusões perdidas pelos jovens.

Pareces tão distante e tão distante estás,  
distante do que é teu, porém de mim distante,  
sem lema a conduzir-te e sem mesmo uma ideia,  
que eu não sei se em pensar teu pensamento é claro.

Teu coração, bastardo, é livre como é livre,  
na divindade, meu augusto coração.

A indiferença os fez senhor de outros senhores.  
Porém, pouco te importa, Antar, minha palavra.

És triste e triste sou, amiga sem amigo,  
enquanto vives só, já morto em plena vida.

*Antar*

Quão diferente sou daquilo que tu julgas,  
minha deusa imortal, ardente Gul-nazar.

Cansaço já senti, porém não mais o sinto,

e o tédio desta vida existe porque queres.  
Se vago sou no olhar, é que meu coração  
vazio está também. Acaso não o sentes?

*Gul-nazar*

Quão diferente estás, porém não do que eu julgo,  
mas do primeiro dia em que te vi caçando,  
tão forte, tão robusto e tão gentil tu eras,  
que mais me parecia um deus do que um mortal.

*Antar*

De enganos e ilusões a vida inteira é feita.

*Gul-nazar*

O teu olhar tristonho, então, era brilhante  
e tinha tal fulgor e tal fogo por certo,  
que, se o tivera um deus, assim não o tivera.

*Antar*

O mais rápido incêndio é sempre o mais potente.

*Gul-nazar*

A formosura eterna em teu formoso rosto,  
mais formosa talvez o fora em sendo rubra,  
que em pálida te sendo e em sendo-te tão branca.

*Antar*

A formosura passa e passa o que é formoso.

*Gul-nazar*

Teu ser puro vibrava e nobre tu cantavas,  
altivo caçador, desafrontando a morte,  
desconhecendo o Amor, buscando o tema novo,  
correndo atrás da caça e atrás de mim correndo,  
sem ver na corça arisca e leve, que fugia,  
se não mais um prazer, se não mais um sentir,  
uma nova emoção, mas um velho costume...  
E diferente estás, assim tristonho e débil.

*Antar*

O mais forte castelo é bem castelo fraco,  
se à antiga gente forte a fraca mal sucede.

*Gul-naẓar*

Corria, bem me lembro e lembro-me, corrias  
atrás de mim, sem ver que a corça perseguida  
em graça, encanto altivo e gentileza, Antar.  
Às outras, que caçaste, às outras bem vencia,  
sem ver nesta corrida o meu disfarce augusto  
e sem ver que Palmyra, antiga potestade,  
o fundo nos fazia e nos fazia a frente...  
Tivesses tu, então, a tua flecha aguda,  
lançado contra mim antes que contra o monstro,  
que morta me quisera aos seus pés possuir,  
e, por certo, bastardo, em seu lugar serias.

*Antar*

Antes morto estivera, então, que agora vivo.

*Gul-naẓar*

Que dizes, bardo meu! Tu dizes não palavras.  
Tu dizes, isto sim, tu dizes desvarios.  
Não, não... não posso crer, deliras ou talvez...  
Talvez, ingrato sendo, almejas meu perder  
que é te perder, Antar, na vida e no talento.  
Acaso foste tu alguma vez tão rude?  
Cruel desesperança em triste conhecer.  
Quantas vezes temi um tão duro momento  
e, portanto, lutava em te buscando o Belo.

Tiveste da vingança a vingativa força,  
que vate algum a teve, Antar, com tal prazer.  
E, quando saciaste a sede em rubra taça,  
à fome na abundância, ó louco, saciaste,  
ao ter todo o poder, que nunca outro mortal  
teve, tem ou terá da deusa Gul-nazar.

*Antar*

Nem sempre pela vida é tudo tudo ter,  
em nada tendo só, porque o que tenho o mundo  
não tem, eu bem que sei, mas tem o que não tenho.  
Sou poeta, Senhora, e aquilo que me agrada  
não é a bruta força ou o viver mais bruto.  
Ter tudo é nada ter, formosa Gul-nazar,  
se o tudo é rude e cru, e brando e doce o nada.  
O mistério, o poder, a vingança e a SAUDADE,  
eu conheci por ti, talvez não o devesse.  
Tu fazes para mim a vida ser serena,  
tu olhas curiosa o meu mínimo gesto,  
tu lutas para ser feliz o meu destino,  
dizendo devotar-me a mais pura amizade.  
Não o creio, Senhora, e jamais o crerei.  
Amiga tu não foste, amigo nunca fui.

*Gul-nazar*

Enlouqueceste, Antar... jamais eu julgaria  
que tanto semeasse e tanto padecesse  
para uns frutos colher, sonhando colher outros.

Estás livre, Senhor, desta prisão doirada,  
que nunca desejaste e que eu desejei sempre.  
Estás livre, Senhor, de mim, cruel Senhora,  
que tua escrava fui, mas que tirana viste.  
Estás livre, Senhor, às lágrimas me lanço  
desde que ingrato fado ao meu fado se uniu.

Parte...

*Antar*

Senhora!

*Gul-nazar*

Parte...

*Antar*

Assim bem o farei...  
Antes, porém, que parta e nunca mais te veja,  
direi, porque de tédio a vida me foi plena.  
Amigo nunca fui, não sou e nem serei.  
Desde o primeiro dia o que fui para ti  
não o sabes talvez, talvez não imagines.  
Amei-te como um louco, em vendo-te formosa,  
a mais bela mulher das quantas já cantei.  
Sonhei com teu amor, com teu amor sofri  
e, em meu sofrer de vate, a vida se desfez.

E, taciturno e mudo, a vi de mim partir.  
Sou hoje um fraco espelho, uma recordação  
do que eu outrora fui, daquilo que era dantes.

Como a lagoa fresca aos raios do sol quente,  
perdendo vai, sedenta, as águas cristalinas,  
se o sol numa estação maldoso se apresenta,  
ela que, quando o sol mais fraco se fazia,  
em viço e formosura ao mundo se mostrava,  
assim também, senhora, eu sou, meu ser ardendo  
pelo fogo do olhar, que nele tu deixaste  
e que perdendo vai, sedento deste amor,  
o cristalino *élan* da vida, outrora fácil.  
Bem sei que, se um mortal um deus amar deseja,  
e se este deus deseja amar um ser mortal,  
neste amor o mortal a morte encontrará  
e encontrará tal deus a morte dos amores.

Morrer pouco me importa, a morte será doce  
se neste amor tiver o meu maior prazer.

A ti, porém, mais rude o rude padecer  
será depois que morto eu for na eternidade.

Mas eu, como não creio e como não senti  
jamais amor algum no teu bom proceder,  
sozinho partirei, bem certo que dirás:

“Antar não foi ingrato, agora é que percebo.”

Adeus!

*Gul-nazar*

Eu te suplico, Antar...

*Antar*

Que queres mais?

*Gul-nazar*

Apenas teu amor, Antar, nada mais quero...

## **Dido**

*Ana*

Já de Enéias a frota no horizonte,  
Cartago não mais vendo, como vira,  
encontra-se, Senhora, e o povo dorme  
não sabendo partida ser do porto  
a esquadra, que a maré mais distancia  
da terra que a salvou da morte crua.

As velas distendidas pelo vento  
nos mastros arredondam-se serenas  
e, nos seus postos, os dardanos bravos  
obedecem as ordens de seus chefes.

*Dido*

Mas, Ana, ainda não creio no que dizes.

Verdade isto não é; dize, Senhora,  
estares a brincar com tua irmã.

Enéias não partiu, tenho certeza,  
ele disse me amar. As nossas bodas  
serão quando de novo na amplidão  
surgir pálida Febe inteiramente.

Somente sete dias faltam, pois,  
para que Enéias seja de Cartago  
o novo heroico e ingente soberano.

*Ana*

Os barcos lá se vão e, s'inda queres  
dos troianos guardar recordação,  
da sacada aproxima-te, Senhora,  
que assim verás o brilho destes vasos.

*Dido*

Não, não... não quero não, não quero vê-los...

Ou talvez... talvez não... não queira assim  
desiludir-me já do meu sonhar.

Como fora formosa a vida, enquanto  
o filho de Afrodite com Anquises  
murmurava ao meu lado seu amor...

Não, não. Isto é mentira, minha irmã.

Tu mentes na ilusão de um desengano,  
tu mentes por amá-lo como nunca  
herói amaste algum mais forte e grande,  
tu mentes porque queres arrancar  
das minhas mãos um tão sublime chefe,  
tu mentes, sim, irmã, e como mentes!

*Ana*

Ó desvairada estás, filha de Belo!  
A luz da razão toda te partiu.  
Vem tu, com calma, para ver daqui  
as velas encrespadas das galeras  
sumindo no horizonte ao despertar  
da cândida manhã, filha da Aurora.  
Já Febo, pelo céu, seu carro augusto  
dirige indiferente, mas divino.  
Vem tu, irmã, sou eu quem te suplico.

*Dido*

Sim, é verdade, sim, já lá vai longe  
a frota dos dardanos prepotentes,  
e eu fico cá sofrendo minhas mágoas,  
não sabendo se os choro ou se os maldigo.

*Ana*

Que resta executar, rainha altiva,  
para o povo acalmar, quando acordado.

*Dido*

Manda tu preparar os funerais,  
os mais ricos e os mais cerimoniais  
que até hoje Cartago j'assistiu.

*Ana*

E para que, Senhora, os funerais?  
Será que morrerás de amor por ele?

*Dido*

Não, não, querida irmã, é que matá-lo  
eu em símbolo irei a Byrsa toda.

*Ana*

Vou buscar cumprimento às suas ordens.

*(e sai)*

*Dido*

Como fora possível, como fora  
que tanto amor nascesse no meu peito?  
Não vira Zeus potente meus trabalhos  
e puniu-me sem ter tal merecido.  
De Tróia o incêndio rude não mais era  
tão rude como o amor que me incendeia,  
mas Tróia ardeu sublime sem defesas,  
e defendida eu ardo, não sublime.

Senhor, maldigo a sorte impenitente,  
que gerada me fez no Tyro ser,  
filha adorada do adorado Belo.  
Maldito seja o instante em que Sicheu  
por meu irmão foi morto num altar  
e que, deixando o amor que eu lhe tivera,  
partiu para tombar no reino d'Hades.  
E desgraçado seja eternamente  
o dia em que a Mãe-Pátria abandonei,  
repleta de riquezas e de glórias.

Se eu em Chypre restasse, lá chegada  
pungente não seria minha vida.  
Amaldiçoado seja, pois, também  
quando de Chypre, plenos de donzelas,  
os vasos trouxe às terras africanas.  
Fui infeliz, fazendo que Cartago  
fruto fosse de um boi de couro tenro.

Os muros rebatidos e invencíveis,  
que os flancos desta costa, altivos, cobrem

e que guardam o povo, o mais valente,  
das guerras e das pazes sorrateiras,  
não defenderam nunca a pobre Dido,  
que de amor desvairada retombou  
no falar enganoso de um herói,  
se nobre frente à luta de gigantes,  
covarde frente a mim, que sou mulher,  
que frágil sou, que sou pálida e, enfim,  
que sou apenas uma pobre amante.

Por ti ardeu meu seio indiferente  
a nobres, a formosos, a valentes,  
e tanto ardeu, Senhor, que seus escombros  
são mais monumentais que os de Ilion.  
Heitor, que mais que tu fora guerreiro,  
jamais trouxe Andromaca na ilusão,  
e a linda feliz foi nos braços seus,  
chorando mágoas mil quando de Tétis  
o filho seu marido esquartejou,  
na defesa divina da nação,  
da família, porém mais de Andrômaca.

Que diferente sou, contudo, dela.  
Foste quem me iludiste o tempo todo,  
és tu quem me abandonas calmamente,  
e sou quem por ti vou morrer sofrendo  
e quem me chorará serás talvez...  
Ó... mas que estou dizendo? Já deliro.  
Jamais tiveste, Enéias, sentimento.  
Ó tu que de ilusões meu coração  
transbordaste, por que tu me abandonas,

fugindo ao meu carinho verdadeiro?  
Por acaso não sou rica e formosa?

Por acaso Cartago fulgurante  
não será no futuro mais potente  
que as colônias que restam pelas costas?  
Por que tu me abandonas, meu cruel!  
Herói divino, mas sórdido herói?  
Por ti a espada fria da bainha,  
que esqueceste na ceia de outro dia,  
saindo mais gelada do que fora,  
muda trespassará meu corpo ardente,  
que, belo, como a flor da primavera,  
fenece quando parte esta estação.

Os fogos ardem já pelos altares  
e tu dos barcos teus pode' avistar  
os funerais da bela e pura Elisa,  
que, ao ser mulher de ação, Dido chamada,  
foi por Cartago inteira, em regozijo.  
Maldito seja o dia em que, sonhando,  
pensei ter encontrado o casto amor  
que desejei, por ti mudado em ódio,  
o mais ferino, o mais cruel e rude.

Coragem não me falta, foi chegado  
o momento da vida abandonar.  
Ó sombra de Sicarbas, vem mostrar-me,  
como outrora mostraste-me o perigo,  
o caminho de trevas do Aqueronte.

*(e mata-se)*

## Orfeu

Tange, Orfeu, sozinho, tange a lira agreste  
para afugentar a dor que te devora  
na floresta calma, embaixo de um cipreste.

Dorme para sempre Eurídice e singela,  
como se dormisse em teus braços outrora.

Tange, Orfeu, a lira, tange e lembra dela.

Ao tanger pungente, entoa um triste canto,  
ó poeta amante, sem o amor da amada.

Canta, Orfeu, sozinho, canta que teu pranto  
enche a selva toda de melancolia.

Canta, Orfeu, e lembra da formosa fada,  
que morreu por ti e muito te queria.

Olha os animais, Orfeu, que o teu penar  
recobriu de dor, de dor por tuas mágoas.

Tanto sofrimento fez que novo mar  
filho seu nascesse, em lágrimas brotado  
pelo transformar dos corações, em fráguas,  
dos nobres amigos, olha todo o lado.

Tanto amor tiveste, Orfeu, e tão ardente,  
que perdeste Eurídice, por tanto amor.

Tu, que até Plutão, supremo e indiferente,  
recobriste em pranto, faze ao que te resta  
dos amigos nobres, que choram de dor,  
a felicidade canta na floresta.

Nunca mais mulher alguma, grande Orfeu,  
teu amor terá ou tua inspiração,  
A paixão da morta é grande e não morreu,  
como não morreu a dor que te entristece.  
Canta, Orfeu, o canto que no coração  
é mais lindo e puro que uma santa prece.

Tange, Orfeu, sozinho, tange a lira agreste  
para afugentar a dor que te devora  
na floresta antiga, embaixo de um cipreste.  
Dorme para sempre a amada e tão singela,  
como se dormisse ao lado teu outrora.  
Tange, Orfeu, a lira... tange e lembra dela.



# Em Tempo do Senhor

(2004)

Para Monsenhor  
Primo Vieira

## Apresentação

**P**ela Saraiva Editora e pela Green Forest, editei a 1º e a 2º edição do *Livro de Ruth*, versão do texto bíblico em versos alexandrinos. Pela CEJUP, Ave Maria, Pax et Spes, Green Forest e Imago, veio a lume o meu livro *Quartetos de ladainha*.

O *Meu rosário*, editei-o pela Pax et Spes, assim como os *Mistérios luminosos*, inserto no livro *Pretérito presente*, o mesmo ocorrendo com o *Via Sacra*. Os três em primeira edição.

Decidi agora, já que as edições se esgotaram, reeditar em conjunto os cinco poemas, pela Editora Letras e Artes, mantendo, para *O livro de Ruth*, o prefácio do acadêmico Oscar Dias Corrêa, escrito não só para esse livro, mas para um dos poemas que o compõem: “O menino e a descoberta”.

Desta forma, o livro que leva o nome daquela ancestral de Davi, de cuja linha sairia a família do Senhor, os poemas dedicados à Mãe de Deus e aqueles dedicados ao momento da redenção do mundo, que é a morte no Calvário, compõem esta obra, a qual intitulei de *Em tempos do Senhor*.

Que siga esta nova – e definitiva – edição o caminho das pretéritas.

*O Autor*

São Paulo, 2004

## Prefácio

Oscar Dias Corrêa<sup>5</sup>

**H**á cinco anos, prefaciando outro livro de Ives Gandra Martins – *Advocacia empresarial* –, referia-me à “capacidade ímpar com que ele se entrega, a um só tempo, a tantos misteres, e com que os executa. Na cátedra, na advocacia, em livros, pareceres, artigos, seminários, debates e inacreditável presença epistolar, cumpre atividades que ocupariam grupos inteiros de especialistas de várias especialidades. E de todas cuida como se fosse uma única, exclusiva, cada uma a seu tempo.”

Lembrava, então, a definição do “economista completo”, de G. L. S. Shackle, professor da Universidade de Liverpool, que, praticamente, requeria um sábio, quando menos...

Pois bem: isso não era nada diante do que vim a confirmar depois: que Ives, com aptidões artísticas inatas e cultivadas, era exímio pianista, além de prosador de fôlego, poeta inspirado, fora o que, provavelmente, ainda não descobri!

Veio-me, então, à ideia o dito clássico que resume a vocação para o conhecimento de *oninium rerum magnarum atque artium scientiam* – todas as grandes coisas, e as artes e as ciências.

Foi assim que passei a compreendê-lo, e é o que penso agora lendo-lhe os versos para Ruth.

Encanta, edifica, que tenha tido a ventura de escrevê-los, buscando, no Livro Sagrado, a inspiração da homenagem, a que o verso dá vida esplêndida e sonora; como surpreende que, vencendo os preconceitos atuais, os publique, e apregoe, para que o mundo compartilhe seu amor à amada!

Não é Beatriz, nem Laura, sublimadas por Dante e Petrarca, mas é a divina lição de vida, contada (talvez) por Samuel, que, vencendo séculos e

5.  
Oscar Dias  
Corrêa (1921  
– 2005) foi  
deputado federal,  
vice-presidente  
do STF e membro  
da Academia  
Brasileira de  
Letras.

cataclismas, chega até nós; e a que Ives dá a versão dos olhos do amor encarnado; amor que se eterniza no coração e canta nos versos, para que o “tempo pretérito, como ele diz, se faça sempre o tempo presente, graças à poesia da vida, que o poema do sonho nunca consegue alcançar”, intemporal, vivo, eterno.

Tenho pelos poetas um respeito hierático: ainda quando os não entenda, admirando a forma, extasiando-me em como compõem a frase e lhe dão música, ritmo, som, cor, vida, não sei senão admirá-los, a única atitude que compatibiliza o contraste de quem sente e não sabe.

De mim, versos fiz, versos faço, versos farei ainda por certo: há momentos em que, estranhamente, por mais que a prosa nos venha límpida e precisa, e pareça a linguagem natural, sentimos o ímpeto irreprimível de dar-lhe a forma do verso, o tom do verso, o ritmo do verso e, até mesmo, a rima do verso, para que melhor se case ao sentimento que vivemos e pretendemos exprimir.

Ives faz isso naturalmente, ainda quando parece que torce a frase e lhe transmuda os vocábulos, como se nota no *Livro de Ruth*, talvez mesmo para lhe guardar o vetusto sabor de outros tempos, bons tempos em que Deus se entendia diretamente com os homens, e falava com os fiéis, cobrando-lhes a fé e premiando-lhes a virtude.

Já em “O menino e a descoberta”, a viagem da descoberta coincide com a vida, e o símbolo enche a poesia de mistério, que esconde e sonda:

*Quanto símbolo não diz o poema.*

Como

*A árvore dos séculos,  
No instante em que viu a eternidade,  
Transformou-se em momento,  
Apenasmente.*

No mistério, que vive com o poeta:

*Jardineiro do tempo, que se perde,  
No silêncio da tumba, que se encontra.*

É, então, a busca da descoberta, até que

*Depois...  
A vontade de corpos mais que de olhos.  
Depois...  
A vontade dos corpos e dos olhos.  
Depois...  
A vontade dos olhos e dos corpos...*

E tinha de acontecer, que assim se pôs para os homens:

*Aconteceu, um dia,  
Que o menino,  
Na menina,  
O reino desvendou.  
Príncipe e princesa  
A verdade da história  
Descobriram.*

Para o coroamento

*Com o tempo,  
Na lagoa da vida  
Seis pontes  
Construíram dos tempos do presente  
Aos tempos do futuro.*

Tem o poeta seus símbolos e seus mistérios, que não se dizem, mas se expressam, que não falam, mas se entendem.

Poesia não é de se explicar, é de sentir, sem que necessário que os gramáticos gramatiquem e os críticos critiquem, que ela existe, vive e domina, com ou sem eles, e até melhor às vezes, apesar deles.

Menos ainda carece que os outros nos queiram apontar o que sentiram, se o que sentimos, ou sentiremos, está em nós, ao contato dela, e não neles, e não sentiremos (graças a Deus!) como eles sentem (ou não sentem).

Ives descansa da labuta do Direito e da Economia (no mais amplo) *poesiando*. E faz bem, não só a ele, à Ruth obviamente, e a nós, que colhemos o resultado da obra. Que o lemos, cá e lá, nas ciências e nas artes, sobre todas as grandes coisas, com a admiração de quem faz, sabe fazer e nos permite apreciar e valorar o fruto de sua inspiração, na fluência do verso, que encarna a beleza do Amor:

*l'Amor che move il sole e l'altre stelle.*

## O Livro de Ruth

### *Capítulo I*

#### Elimelech Em Moab

##### I

Outrora, quando um juiz – e o tempo era de juízes –,  
governo ministrava, o mundo viu-se em fome  
e um homem de Belém, da tribo de Judá,  
saiu peregrinando em terras de Moab  
com sua bem-amada e os dois filhos dos dois.

##### II

Por nome, possuía o nome Elimelech  
e aquele da mulher, por nome Noemi,  
e os dois filhos dos dois, os filhos se chamavam,  
Mahalon o primeiro e o outro Quelion,  
e, sendo por Efrata e sendo de Belém,  
os dois eram também da tribo de Judá.  
E, entrados no país, moraram por ali.

##### III

Elimelech um dia, esposo a Noemi,  
morreu e ficou ela e os dois filhos dos dois

IV

que casaram, após, com mulheres de lá,  
Orfa de nome a prima e a próxima de Ruth,  
e todos lustros dois viveram por ali.

V

Mas ambos, a saber, morreram por ali,  
Mahalon o primeiro e o outro Quelion,  
e sem filhos ficou a mulher sem esposo.

VI

E resolveu tornar à antiga pátria sua,  
levando do país as suas duas noras,  
porque ouvira falar que seu povo o Senhor  
olhado tinha e dado em que se sustentar.

Noemi Fala às suas Noras

VII

Saiu, pois, do lugar da peregrinação,  
levando do país as suas duas noras,  
e, estando no caminho à terra de Judá,

## VIII

destarte lhes falou: “À casa ide de volta  
e para vossas mães; convosco use o Senhor  
misericórdia bem, já como, outrora, usastes  
com os que mortos são e com a que vos fala,

## IX

e faça Ele encontrar a vós vosso descanso,  
na posse dos varões com quem vós vos casardes”.  
Depois as osculou, mas elas, em voz alta,  
começaram ali seu pranto a derramar,

## X

e a dizer: “Nós, contigo, o teu povo honraremos”.

## XI

E assim lhes respondeu: “Voltai, filhas queridas.  
Por que buscais vós vir com quem assim vos fala?  
Eu tenho, porventura, alguns filhos no ventre  
a fim de que de mim maridos espereis?

## XII

Filhas minhas, voltai, que curvo de velhice,  
acabada e incapaz de tornar-me a casar.  
E se inda concebesse, em esta mesma noite,  
e filhos para o mundo eu, inda sãos, parisse,

## XIII

em querendo esperar que meus filhos crescessem  
e chegassem, viris, à própria puberdade,  
primeiro vos faríeis velhas que casásseis.  
Queridas filhas, não, jamais quereis tal coisa,  
porque vossa aflição a minha se acrescenta  
e a mão de Meu Senhor em mim descarregou”.

## XIV

Elas de novo, levantando a voz tristonha,  
começaram ali seu pranto a derramar.  
A sogra Orfa beijou e foi-se, porém Ruth  
a sogra acompanhou de volta à pátria antiga.

## XV

E disse Noemi: “Para seu povo e deuses,  
eis que se foi tua cunhada. Vai com ela”.

## XVI

A qual lhe respondeu: “Não sejas contra mim,  
fazendo-me deixar-te e só de cá partir.  
Pois onde quer que fores eu te seguirei,  
pois onde tu ficares eu lá ficarei.  
O teu povo será para sempre o meu povo.

## XVII

E o teu Deus o meu Deus. A terra em que morreres,  
eu nessa morrerrei, e lá terei meu túmulo.  
Tal me faça o Senhor, e faça-me inda mais  
se outra coisa que a morte a mim de ti separe.”

## XVIII

Vendo, pois, Noemi que Ruth inda insistia,  
e, assim tão firmemente, em querer ir com ela,  
não quis contradizê-la e nem lhe persuadir  
para que aos seus voltasse.

## XIX

E juntas caminharam  
até verem Belém. Na qual cidade tanto  
que lá chegaram logo a nova percorreu  
e em toda a vizinhança as mulheres diziam:  
“É esta aquela Noemi.”

## XX

As quais a vinda  
destarte respondeu: “Não me chameis, mulheres,  
de Noemi, isto é, formosa, mas chamai-me  
de Mara, ou amargosa, após que Meu Senhor  
encheu-me de amargura extrema.

## XXI

Eu saí cheia  
e o Todo-Poderoso a mim me fez vazia,  
porque me chamais logo assim de Noemi,  
a quem Nosso Senhor, na vida, rebaixou  
e o Todo-Poderoso afligiu para sempre?”

## XXII

Veio, pois, Noemi com Ruth moabita,  
sua nora da terra em que peregrinou,  
e assim para Belém, tristonha, retornou,  
quando as cevadas começaram a segar.

*Capítulo II*

Ruth no Campo de Booz

I

Ora, por este tempo, um homem poderoso  
havia e muito rico, a quem Elimelech  
foi, vivo, consanguíneo e nomeado Booz.

II

E Ruth moabita à sua sogra disse:  
“Se mandas, eu irei ao campo procurar  
as espigas que às mãos, por vezes, escaparem  
dos segadores, onde quer que eu ache alguém,  
algum pai de família, o qual seja clemente  
comigo.” E a sogra respondeu: “Vai, minha filha”.

III

Foi Ruth, pois, dos segadores por detrás  
as espigas tomando. Aconteceu, porém,  
que aquele campo tinha um dono da família  
de Elimelech, o qual por Booz era chamado.

#### IV

Eis que, chegado de Belém, aos segadores  
ele falou: “Seja o Bom Deus convosco e sempre”.  
Responderam-lhe assim: “Que o Senhor te abençoe”.

#### V

E disse Booz para o mancebo, que tomava  
nos mancebos sentido: “A quem serve esta moça?”

#### VI

Assim lhe respondeu: “É esta a moabita  
vinda com Noemi das terras de Moab”.

#### VII

“E pediu-me deixasse apanhar as espigas  
que ficassem detrás dos segadores teus.  
E marcha, pelo campo, assim desde a manhã,  
sem ter voltado à casa em um momento apenas”.

#### VIII

E disse Booz a Ruth: “Ouve, filha, não vás  
em outro campo respigar e de meu campo  
não te apartes jamais, porém junta-te às moças,

## IX

e segue-as onde já segado os meus tiverem,  
desde que eu ordenei àqueles que me servem,  
que nenhum te moleste e, quando a sede vier,  
achega-te aos barris e bebe da água mesma,  
que, por fresca, também os meus criados bebem”.

## X

Ela, prostrando o rosto em terra e lhe fazendo  
profunda reverência, estas palavras disse:  
“De onde a dita me vem de ter achado graça  
diante de ti, Senhor, e que te dignasses  
fazer caso de mim, que sou mulher estranha”.

## XI

Ao que Booz respondeu: “A mim foi bem contado  
tudo o que feito tens por quem é tua sogra,  
depois que teu marido a vida abandonou  
que como tu deixaste aqueles teus parentes  
e a terra, onde nasceste, em vindo para um povo,  
que nunca dantes tu jamais o conhecias.

## XII

Que o galardão do bem te dê quem manda em tudo,  
por tudo o que fizeste e plena recompensa  
recebas do Senhor, Senhor Deus de Israel,  
para quem te achegaste e, lassa, te acolheste”.

## XIII

Mas ela respondeu: “Eu tenho achado graça  
em frente ao teu olhar, Senhor que me falaste  
e que reconsoleste o peito desta escrava,  
que em nada se assemelha às moças que te servem”.

## XIV

E assim Booz lhe falou: “Quando chegar a hora,  
na qual deves comer, vem tu aqui e come  
o pão e o seu bocado embebe de vinagre.”  
Ela, pois, se assentou ao lado de quem sega,  
preparou para si as papas de farinha  
e comeu e ficou satisfeita e os sobejos  
protegeu.

## XV

E depois levantou-se dali,  
buscando prosseguir a coleta de espigas.  
Esta ordem deu, porém, aos seus moços o dono,  
dizendo: “Se segar inda convosco queira,  
que não a embaraceis.

## XVI

E deixai de propósito  
as espigas tombar, por vezes, das gazelas  
e que fiquem ali para que ela as apanhe  
sem ter algum rubor e sem ser repreendida”.

## XVII

Esteve Ruth, pois, pelo campo apanhando  
até já muito tarde e tendo rebatido  
e sacudido bem com uma grande vara  
as espigas que só num dia recolhera  
por medida encontrou um efi de cevada,  
ou seja, quase três alqueires de alimento.

## XVIII

E com eles voltou, carregada, à cidade  
e os à sogra mostrou e, além disso, tirou  
para fora e lhe deu sobejos de comida  
de que ela se fartara.

XIX

E a sogra perguntou-lhe:  
“Por onde respigaste e trabalhaste tu?  
Bendito seja quem de ti compadeceu-se”.  
E a nora respondeu por onde trabalhara,  
nos campos de um senhor que o nome tinha Booz.

XX

E Noemi falou: “Bendito seja Booz,  
pois a boa vontade, a qual mostrava aos vivos,  
aos mortos demonstrou.” E prosseguiu dizendo:  
“Aquele que serviste é teu parente próximo”.

XXI

E Ruth disse assim: “Deu-me ele também ordem  
que me ajuntasse aos seus até findada a ceifa”.

XXII

E a sogra respondeu: “Melhor é, minha filha,  
que fiques a segar com moças de tal homem,  
que em outro campo alguém talvez vá molestar-te”.

E Ruth incorporou-se às moças do senhor  
e prosseguiu a andar, segando junto delas,  
até todos, cevada e trigo, serem postos  
nos celeiros de Booz, terminada a estação.

*Capítulo III*

Noemi Aconselha Ruth

I

Voltado tendo Ruth à sogra, esta lhe disse:  
“Minha filha, em te pôr em descanso seguro  
há muito ando cuidando e de tal modo o faço,  
que creio serás tu, em breve, muito bem.

II

Este Booz, que serviste, andando pelo campo,  
d’outras moças unida, é teu parente próximo  
e à noite há de limpar sua cevada na eira.

III

Lava-te, pois, ungando-te e tomando aquele  
teu vestido melhor e chega dele à eira.  
Que não te veja Booz, menos tendo acabado  
de comer e beber.

#### IV

E quando for deitar-se,  
nota bem o lugar, em que dorme, onde irás  
e levantar-lhe-ás a capa em que se cobre.  
Da parte de seus pés e ali te deitarás  
e assim te deixarás ficar serenamente  
e o que deves fazer, após ele dirá”.

#### V

Ela lhe respondeu: “Farei o que me ordenas”.

#### VI

E para lá partiu e fez o combinado.

Booz fala a Ruth

#### VII

E quando Booz, depois de ter demais comido  
e bebido também, estava mais alegre  
e lá se foi deitar para dormir ao pé  
de um arbusto. Ela veio muito de mansinho  
e, a capa pelos pés erguendo, ali deitou-se.

## VIII

Eis despertou à meia noite, estarrecido  
e, perturbado, Booz viu uma mulher  
aos seus pés estendida.

## IX

E disse-lhe: “Quem és?”  
Ela lhe respondeu: “Sou Ruth, tua escrava.  
A tua capa sobre a tua serva estende,  
parente que és chegado”.

## X

E assim disse-lhe Booz:  
“Bendita sejas do Senhor, filha extremosa,  
que a bondade primeira excedeste com esta,  
pois que não procuraste um jovem, pobre ou rico.

## XI

Não temas, pois eu não farei que me disseres,  
desde que todo o povo, aqui de minhas urbes,  
das portas para dentro, eu sei, não desconhece  
seres uma mulher de virtude,

XII

nem nego  
que teu parente sou, mas há outro mais próximo.

XIII

Descansa, inda esta noite. Quando for manhã,  
se quiser receber a ti pelo direito  
de parentesco, muito embora, mas se o não,  
viva o Senhor, pois eu a ti receberei.  
Até pela manhã, serenamente, dorme”.

XIV

Dormiu, pois, a seus pés até passar a noite.  
E levantou-se antes que os homens se entrevissem,  
e Booz lhe disse: “Vê, que nunca ninguém saiba  
que a noite aqui passaste”.

XV

E prosseguiu dizendo:  
“Estende a capa, a qual te cobre e a bem segura  
e com ambas as mãos”. Tendo-a Ruth estendido  
e segurando-a, Booz mediu-lhe seis alqueires  
de cevada e os lhe pôs em cima. E, carregada,  
voltou Ruth à cidade

## XVI

e para a sua sogra.  
Esta lhe perguntou: “Ó filha, que fizeste?”  
E Ruth contou tudo o que Booz lhe fizera.

## XVII

E acrescentou: “Eis seis alqueires de cevada,  
que ele me deu dizendo: ‘Eu não quero que tornes  
vazia à tua sogra’.

## XVIII

E Noemi lhe disse:  
“Espera, filha, até que nos vejamos bem  
onde para este caso e porque Booz não há  
de descansar enquanto o dito não cumprir”.

### *Capítulo IV*

#### Booz no Conselho dos Mais Velhos

##### I

Foi pôr-se à porta Booz e, pois, sentou-se ali,  
porém, vendo passar aquele seu parente,  
chamou-o pelo nome e disse-lhe: “Vem cá,  
por um pouco te assenta aqui”. Veio e sentou-se.

## II

Então, tomando à porta dez dos homens velhos das urbes, lhes falou: “Sentai-vos vós aqui”.

## III

Sentados todos, Booz falou ao seu parente:  
“Noemi, que voltou das terras de Moab,  
está para vender uma parte do campo,  
que Elimelech teve, o qual foi nosso irmão.

## IV

E que soubesse quis, em frente dos sentados,  
aquilo que é sabido em todo povo meu.  
Se o queres conseguir, pelo direito antigo.  
De parentesco, compra e fica-te com ele.  
E se te desagrada a mim m’o dize claro,  
que eu saiba o que fazer, pois parentes não são  
senão tu que és primeiro e o segundo que sou”.  
E assim lhe respondeu: “Eu comprarei o campo”.

## V

E, após, disse-lhe Booz: “E como o campo compras de Noemi, também: se faz mister que cases com Ruth moabita, a qual do falecido

fora mulher, a fim que o nome da família  
na sua herança o teu parente ressuscites”.

VI

E assim lhe respondeu: “Eu cedo do direito  
de parentesco, pois não devo terminar  
pela minha família o dom posteridade”.

VII

Era já, pois, costume antigo em Israel  
que quando um seu direito, entre parentes, um  
ao outro concedia, o que cedia dava,  
tirado o seu sapato, o mesmo a seu parente,  
para que fosse validada e concessão.  
Tal testemunho de cessão é de Israel.

VIII

A seu parente Booz, pois, disse: “O teu sapato  
tira do pé”. Ele do pé logo o tirou.

IX

E aos velhos homens Booz e a todo povo disse:  
“Testemunhas vós sois de que entro no poder  
do que era a Elimelech e a Quelion, agora,  
e a Mahalon também, me dando Noemi.

X

E de que por mulher a Ruth moabita,  
dantes com Mahalon casada, eu a recebo,  
para que o nome faça eu reviver do morto  
na sua herança e o nome assim nunca se extinga,  
pela família e irmãos e pelo povo seu.  
Eu vos torno a dizer: Testemunhas vós sois”.

XI

E o povo respondeu: “Nós somos testemunhas.  
que Deus a esta mulher, que em tua casa tomas,  
faça como a Raquel e Lia, que fundaram  
a casa d’Israel para que de virtude  
Efrata exemplo tenha e um nome por Belém.

XII

E a casa tua seja a casa de Farés,  
que de Judá Thamar pariu e para sempre.  
Que o mesmo faça Deus com esta mulher moça”.

XIII

Tomou, pois, Booz a Ruth e casou-se com ela  
e tendo-a conhecido o Senhor fez-lhe a graça  
de conceber um filho e pari-lo depois.

XIV

E a Noemi contente as mulheres disseram:  
“Bendito seja Deus, que não te permitiu  
faltasse sucessor a tua descendência  
e que por Israel seu nome conservasse.

XV

E que quem reconsole os teus penares tenhas  
e te sustente na velhice, desde que  
um menino nasceu da nora que te quer.  
E é para ti melhor do que se sete filhos”.

XVI

E o menino tomando o pôs no seu regaço  
e embalou lhe fazia, o tendo pelos braços.

XVII

E todas parabéns lhe deram e lhe diziam:  
“Um filho a Noemi nasceu”. E lhe chamaram  
“Obed” pai de Isai, que foi pai de David.

XVIII

Estas são de Farés as gerações primeiras:  
Farés gerou Eron.

XIX

Eron gerou Aram,  
Aram gerou Aminadab

XX

E Aminadab  
gerou a Nahasson e Nahasson Salmon;

XXI

Salmon gerou a Booz e Booz gerou Obed

XXII

Obed Isai gerou e Isai gerou David.

## Meu Rosário

### *Mistérios Gozozos*

#### I

#### Anunciação

Maria a Deus contemplava  
e o arcanjo Deus lhe mandou,  
fazendo dela uma escrava  
do Senhor que sempre amou.

Bastou um “sim” para o mundo  
seu perfil todo mudar,  
um “sim” que veio do fundo  
de um coração exemplar.

E Cristo tornou-Se humano  
no seio da Santa Virgem.  
E, neste Seu gesto insano,  
só de pensar dá vertigem.

Eu contemplo a Mãe de Deus,  
que é minha Mãe e dos meus.

Natal, 19/07/2001

## II

### Visitação

Santa Isabel concebeu  
em bem avançada idade,  
e Maria o povo seu  
deixou por outra cidade.

Foi ajudar sua prima,  
que conheceu o mistério  
e pôs a Virgem acima  
de todos daquele império

E de todos os reinados  
e de todas gerações  
e, nos dois ventres amados,  
bateram dois corações,

de Batista, o precursor,  
e de Cristo, Deus de Amor.

Natal, 20/07/2001

## III

### Nascimento

Em área bem diminuta,  
nasceu o Deus do Universo  
e aquela pequena gruta  
tornou o mundo diverso.

José e a Virgem Maria  
viram nascer Deus Jesus  
e os anjos, com euforia,  
cantaram cantos de luz.

Nenhuma das religiões  
tem o Deus humanizado,  
vibram nossos corações,  
de tê-Lo sempre do lado.

Nasceu Jesus de Maria,  
anunciando um novo dia.

Natal, 22/07/2001

#### IV

##### Apresentação no Templo

A mais pura das mulheres  
cumpriu o rito judaico.  
Feneceu a deusa Ceres  
neste formoso mosaico.

A velha sacerdotisa  
reconheceu o bom Deus,  
já não tendo a pele lisa  
como vê-se em camafeus.

E a quem prometera o Pai  
ver seu Deus antes da morte,

sem ares de Samurai,  
na velhice fez-se forte.

Minha Mãe e São José,  
ajudai-me a ter mais fé.

SP, 23/07/2001

## V

### Jesus Encontrado no Templo

Jesus ao Senhor servia  
aos anos doze de idade,  
mas nem José nem Maria  
perceberam a verdade.

Por isto sofreram tanto  
em três dias de procura  
e qual não foi seu espanto  
ao vê-Lo, em plena leitura,

explicando aos exegetas  
os trechos do Verbo antigo,  
mostrando de Deus as metas  
e combatendo o inimigo.

Crescia aos pais na obediência  
e na mais divina Ciência.

SP, 25/07/2001

*Mistérios Luminosos*

I

O Batismo do Senhor

Por ser humilde, o Senhor  
de João Batista o batismo  
recebeu para compor  
o futuro catecismo.

De Deus Pai a voz potente  
ouviu-se vinda do Céu  
e foi lançada a semente  
desta união após Babel.

O batismo foi o marco  
de uma nova pregação.  
Curvou-se o povo num arco  
para fazer oração.

O Senhor foi batizado  
tendo o mundo de seu lado.

Aroeira, 25/02/2003

II

As Bodas de Caná

Em Caná, no casamento,  
viu-se o milagre primeiro  
e Cristo, num só momento,

mudou tudo por inteiro.  
Puro vinho vindo d'água  
afastou o descompasso  
e desfez-se o que era mágoa  
da imprevisão sem espaço.

Mas foi a Virgem Maria,  
a Virgem Compadecida,  
quem salvou aquele dia  
dando à festa nova vida.

Que todas bodas do mundo  
vivam este amor profundo.

Aroeira, 26/02/2003

III

### A Preparação do Reino de Deus

Sua missão principal:  
pregar o Reino de Deus  
e Seu maior ideal:  
gerar apóstolos Seus.

Por três anos, por estradas  
de Seu Pai, falou somente  
e, nas longas caminhadas,  
fez o mundo diferente.  
Uma enorme multidão  
seguiu-O sempre de perto.

Tocava-lhe o coração,  
mostrando o caminho certo.

No Tempo, os mais soberanos  
foram aqueles três anos.

Aroeira, 27/02/2003

#### IV

#### Transfiguração

Moisés, Elias, Jesus  
aos apóstolos no monte  
mostraram-se em plena luz,  
tendo o mundo como fonte.

Os discípulos, pasmados,  
não souberam que dizer.  
Ao verem transfigurados  
os três, num só bem querer.

Pedro pensou em três tendas,  
mas tudo, em poucos instantes,  
passou. Dos olhos as vendas  
voltaram a ser como dantes.

Que esta transfiguração  
para nós não seja em vão.

V

Eucaristia

O dom em Última Ceia.  
O Senhor se deu inteiro.  
formou-se uma eterna teia,  
tornando o mundo um celeiro

De amor e de salvação,  
com a presença divina  
penetrando o coração  
dos que seguem sua sina.

O mistério da humildade,  
que anima o povo descrente,  
descobrir jamais quem há de  
num Cristo sempre presente.  
Que na minha Eucaristia  
sempre O tenha com Maria.

Aroeira, 28/02/2003

*Mistérios Dolorosos*

I

Agonia do Senhor

Para ter-se a mente sã,  
mesmo quem vive da fé,  
o sofrimento amanhã

nunca se sabe qual é.  
Cristo, não. Cristo sabia  
– não havendo outra esperança –  
tudo o que Ele sofreria,  
desde a Sua prima infância.

Por isto, naquela noite,  
rezou de joelhos, exangue,  
vislumbrando o duro açoite  
e até transpirando sangue.

Curvou-se, porém, à sorte,  
bebendo a taça da morte.

SP, 26/7/2001

II

### Flagelação

Nenhuma carne é tão pura,  
nenhuma tão mal tratada,  
sua antiga formosura  
fica de vez afastada.

O Deus de todos os entes  
e dos corpos siderais –  
ouvindo o ranger dos dentes  
dos algozes – se desfaz.

O flagelo traz a dor  
e a dor sofrimento atroz,  
mas resta a Deus, meu Senhor,  
pensar três dias após.

A chibatada em Jesus  
foi o prenúncio da cruz.

SP, 26/7/2001

III

Coroação de Espinhos

Uma coroa ao Senhor  
de espinhos, em plena testa,  
foi posta. Sentiu a dor.  
A força pouco lhe resta.

Tornou-se rei sem reinado,  
mas Seu reinado é que vence.  
Ninguém ficou de Seu lado,  
somente a turba castrense.

A soldadesca sem rosto,  
sem alma, sem coração,  
gargalhava de mau gosto,  
a honra tendo no chão.

Foram, porém, os espinhos  
a luz de nossos caminhos.

SP, 26/7/2001

IV

Marcha para o Calvário

A caminho do calvário,  
Cristo viveu toda a dor,  
nona estação do rosário,  
mistério pleno de amor.

A multidão que O acusara  
segue do lado, espantada.  
Num lenço quem O ajudara  
vê Sua face estampada.

Três vezes derruba a cruz,  
mas continua o caminho,  
as trevas vencem a luz  
e Cristo sofre sozinho.

Nem mesmo o forte Simão  
aquece-Lhe o coração.

Jaguariúna, 28/7/2001

V

Crucificação

Morreu o Deus do Universo  
e o mundo se fez escuro,  
restou na tristeza imerso  
sem perceber o futuro.

Um malfeitor fez-se santo,  
um outro perdeu a chance,  
rompeu o véu sem encanto  
do antigo templo, num lance.

O jovem João e Maria  
receberam a missão  
que o tempo continuaria  
a desvendar em lição.

Morreu o Deus da Verdade,  
dando vida à humanidade.

Jaguariúna, 28/7/2001

### *Mistérios Gloriosos*

#### I

#### Ressurreição

Voltou da terra dos mortos  
naquele dia terceiro,  
tornando retos os tortos  
caminhos do mundo inteiro.

Na alvorada, só Maria,  
chamada de Madalena,  
o Mestre descobriria,  
na mais emotiva cena.

Ressuscitou, o Senhor!  
Mais que a morte vale a vida

e o dia uma nova cor  
ganhou, na imagem querida.

A grande Páscoa Cristã  
começou pela manhã.

SP, 29/7/2001

## II

### Ascensão

Depois de quarenta dias,  
junto às mulheres com véus  
e aos homens por pedrarias,  
subiu o Senhor aos céus.

Do monte de rocha dura  
partiram Seus seguidores  
para tornar mais madura  
a mensagem dos amores.

E Deus, que se fez ausente,  
na Eucaristia a presença  
manteve, mas diferente,  
na forma que gera a crença.

A lembrança da Ascensão  
alegra meu coração.

SP, 29/7/2001

### III

Vinda do Espírito Santo

Desceu o Espírito Santo  
sobre todos os fiéis  
e as línguas, por todo o canto,  
desataram seus cordéis.

Um tom de gozo profundo  
trouxe o fogo e a conversão,  
enchendo de todo o mundo,  
na alegria, o coração.

Depois do Pai e do Filho,  
o Santo se descobriu  
e a estrada, que agora trilho,  
trilharam gerações mil.

Pentecostes faz seu passo,  
vencendo o tempo no espaço.

SP, 29/7/2001

### IV

Assunção

Não morreu Nossa Senhora,  
a minha Mãe não morreu,

apenas levada embora  
foi do mundo em que viveu.

A Virgem da Dormição  
acordou junto dos anjos  
e seu grande coração  
viu dos céus os seus arranjos.

Viu seu Filho e viu a Deus  
e viu o Espírito Santo,  
e lembrou-se que eram seus  
os filhos, sob seu manto.

Conheceu toda a verdade,  
mas pensou na humanidade.

SP, 29/7/2001

V

### Coroação

A coroa que é a mais linda  
recebeu, na eterna vida,  
a Virgem de graça infinda,  
a Virgem compadecida.  
Da Santíssima Trindade  
viu o louvor comovente,  
louvor que igual jamais há de  
haver no céu permanente.

Somos todos filhos seus.  
Seu manto a todos encerra.  
Com razão o próprio Deus,  
por seu ventre, veio à terra.

És Senhora do Universo,  
a quem sirvo com meu verso.

SP, 29/7/2001

### Quartetos de Ladainha

SENHOR, TENDE PIEDADE

Para os filhos compaixão  
todos pedimos, Senhor.  
Que seja Vosso perdão  
redescoberta do Amor.

CRISTO, TENDE PIEDADE

A Cristo, filho de Deus,  
nosso Irmão e nossa Ponte  
entre a terra e o azul dos céus,  
sede sempre nossa Fonte.

SENHOR, TENDE PIEDADE

Perdão, perdão, Filho humano  
e divino Redentor,

neste mundo tão insano  
ofertai-nos Vosso amor.

JESUS CRISTO, OUVI-NOS  
Ouvi-nos, ó Jesus Cristo,  
a todos os que Vos querem,  
jamais por alguém foi visto  
ferires os que Vos ferem.

JESUS CRISTO, ATENDEI-NOS  
Nosso pedido, atendei,  
Jesus de nossos quererem,  
do Universo Vós sois Rei,  
senhor de todos os seres.

DEUS PAI DOS CÉUS, TENDE PIEDADE  
Ó Pai dos Céus e de tudo,  
tendo piedade, piedade,  
sede sempre nosso escudo,  
protetor da humanidade.

DEUS FILHO, REDENTOR DO MUNDO, TENDE PIEDADE  
Nosso Redentor do Mundo,  
Vosso perdão espalhai  
E, neste amor tão profundo,  
Trazei junto o amor do Pai.

DEUS ESPÍRITO SANTO, TENDE PIEDADE

Ó Deus Espírito Santo,  
também a Vossa piedade  
nós pedimos neste canto,  
como pedir ninguém há de.

SANTÍSSIMA TRINDADE, QUE SOIS UM SÓ DEUS, TENDE PIEDADE

Um Só Deus, nesta Trindade,  
como um só nosso pedido,  
tende piedade, piedade,  
e dai à vida sentido.

SP, 3/8/2001

SANTA MARIA

Santa Maria, o Universo  
é teu, desde o Santo Lenho.  
Não cabendo neste verso  
o querer que por ti tenho.

SANTA MÃE DE DEUS

Minha Santa Mãe de Deus,  
d'Ele Mãe, mas também minha.  
No calor dos olhos teus  
ganha força quem caminha.

SANTA VIRGEM DAS VIRGENS

Neste mundo de vertigens  
que se revolve no mal,  
tu, Santa Virgem das Virgens,  
revelas rumo ancestral.

MÃE DE CRISTO

Discreta, tu te fizeste  
nossa Mãe, por Mãe de Cristo.  
Oeste, Norte, Sul e Leste  
são sempre teus... Teus, insisto.

MÃE DA IGREJA

Tornaste-te, Mãe da Igreja,  
sinaleira intemporal  
da mensagem benfazeja,  
que semeia a terra em sal.

MÃE DA DIVINA GRAÇA

És Mãe da Divina Graça.  
Tiveste Deus em teu Seio.  
Gloria-te a humana raça  
sem tréguas e sem receio.

MÃE PURÍSSIMA

A pureza é teu adorno,  
teu encanto divinal,  
que os Santos traça o contorno,  
transformado em memorial.

MÃE CASTÍSSIMA

No tempo dos desatinos,  
a casta Mãe nos consola.  
São meninas, são meninos  
que o dom te pedem de esmola.

MÃE IMACULADA

Sonhei, Mãe Imaculada,  
sonhos de encanto e ternura,  
subindo na estranha escada,  
lançada a quem te procura.

MÃE INTACTA

És toda Mãe por inteiro,  
intocável, tão perfeita.  
Navego, qual marinheiro,  
buscando tua receita.

MÃE AMÁVEL

Amável Mãe, o teu Povo  
espera conselhos teus,  
pois sabe que tens de novo  
conselhos vindos de Deus.

MÃE ADMIRÁVEL

Mirável no Eterno Espaço,  
teu encanto sem contorno  
devolve ao cristão mais lasso  
a vontade de retorno.

MÃE DO BOM CONSELHO

Tu és Mãe do Bom Conselho,  
da verdade és tu vestida,  
que eu bem seja o teu espelho,  
Senhora da minha vida.

MÃE DO CRIADOR

Nascestes Mãe do Senhor  
antes de nasceres mesmo,  
que não sei o que mais pôr  
neste versejar a esmo.

MÃE DO SALVADOR

Salvou o mundo, salvou  
teu Filho, Rei do Universo,  
ao teu lado nada sou  
que não pecador disperso.

VIRGEM PRUDENTÍSSIMA

A Virgem se fez prudente.  
Prudente no tempo-espaço,  
e a virtude toda a gente  
percebeu ser dom escasso.

VIRGEM VENERÁVEL

Apesar da juventude,  
tu és venerável Virgem  
e teu canto de alaúde  
o peito leva à vertigem.

VIRGEM LOUVÁVEL

Não sei mais como louvar-te,  
minha Mãe e Mãe do Rei,  
faltando-me engenho e arte  
sinto o que dizer não sei.

VIRGEM PODEROSA

Teu poder é meu poder,  
pois sou também um teu filho.

Eu quero sempre te ver  
pra não sair de meu trilho.

VIRGEM CLEMENTE

Ser Virgem e ser Clemente  
é transpor mares e terra,  
gerando um tom diferente  
nas almas em que se encerra.

VIRGEM FIEL

Fidelidade ao Senhor  
é ganhar Onipotência,  
sentir de Deus o calor,  
vivendo a mesma frequência.

ESPELHO DA JUSTIÇA

És espelho da justiça.  
Em justo caminho reto  
tua luta, em outra liça,  
traz à Terra mais afeto.

SEDE DE SABEDORIA

Nem no tempo nem no espaço  
nem na praia em maresia  
tu restas no mesmo passo,  
sede de sabedoria.

CAUSA DE NOSSA ALEGRIA

Causa de nossa alegria,  
transpondo montes e sendas,  
tu és a Virgem Maria,  
maior que todas as lendas.

VASO ESPIRITUAL

Do Espírito és Vaso Santo,  
das Verdades Taça augusta,  
de quem sofre bom Recanto  
que ao pecador não assusta.

VASO HONORÍFICO

Depósito das mil graças,  
honrada Mãe do Universo,  
querem-te todas as raças  
e o povo nelas disperso.

VASO INSIGNE DA DEVOÇÃO

És vaso da devoção  
pelos séculos afora,  
o nosso amor nunca é vão  
nem no tempo se descora.

ROSA MÍSTICA

No dia da Rosa Mística  
faço versos para ti.  
Não há qualquer estatística  
de quantos fiz por aí.

TORRE DA DAVI

Da linhagem de Davi  
Teu Santo Esposo nasceu.  
A teu Filho e para ti  
toda a vida ofereceu.

TORRE DE MARFIM

De um Reino que não tem fim.  
Cruzando a ponte do Eterno.  
Restas, Torre de Marfim,  
contra as porteiros do inferno.

CASA DE OURO

Tiveste, da mirra além,  
ouro, incenso e devoção,  
na cidade de Belém,  
logo após a Encarnação.

ARCA DA ALIANÇA

Teu povo fez um tratado  
com o Deus que tu geraste,  
o porvir vem do passado  
como a flor que surge em haste.

PORTA DO CÉU

A imensidão celestial  
tem um portão bem preciso,  
o mar é feito de sal  
e o mundo de teu sorriso.

ESTRELA DA MANHÃ

A “grande explosão” é nada  
e a tese dos sábios vã,  
tu és pela madrugada  
nossa Estrela da Manhã.

SAÚDE DOS ENFERMOS

São os enfermos teu louro,  
Tua pá de reconquista,  
a Virgem – que se faz ouro –  
por nomes tem uma lista.

REFÚGIO DOS PECADORES

Meu refúgio e do Universo  
é o da gente pecadora,  
que não sei cantar em verso,  
mesmo que bom vate fora.

CONSOLADORA DOS AFLITOS

Todos nós somos um dia  
da aflição um prisioneiro,  
mas és tu, Virgem Maria,  
o consolo por inteiro.

AUXÍLIO DOS CRISTÃOS

Somos um povo cristão,  
cujo auxílio és tu, Maria,  
entre o bem e o mal um vão  
tu alargas cada dia.

RAINHA DOS ANJOS  
Minha Mãe Angelical,  
senhora de meus Senhores  
pelos mares de coral –  
no céu, coloras as cores.

RAINHA DOS PATRIARCAS  
No dia dos ancestrais,  
és Rainha das Rainhas,  
Senhora dos senhorais,  
por onde sempre caminhas.

RAINHA DOS PROFETAS  
Comandas os teus Profetas,  
homens de Deus e da Luz,  
comandas as tuas setas  
que previram Tua Cruz.

RAINHA DOS APÓSTOLOS  
Os profetas no passado,  
Apóstolos no futuro,  
tens os dois de cada lado,  
marchando em passo seguro.

RAINHA DOS MÁRTIRES  
Quanto sangue derramado,  
Senhora dos Santos Mortos,  
no teu caminho asfaltado  
ressuscitaram-se os corpos.

RAINHA DOS CONFESSORES  
A confissão Sacramento  
tem a Senhora por perto,  
Tu crias um firmamento  
de pretérito deserto.

RAINHA DAS VIRGENS  
Nenhuma virgem é tão Virgem  
quanto a Rainha das Virgens,  
o teu encanto é vertigem,  
vertigem das mil vertigens.

RAINHA DE TODOS OS SANTOS  
És Mãe de todos os Santos,  
Senhora da profundeza,  
espalhas mares de encantos  
pela eterna natureza.

RAINHA COROADA SEM MÁCULA DO PECADO ORIGINAL

Nasceste sem mancha alguma,  
viveste pura e serena,  
és lindo Vaso de espuma,  
Senhora de toda a Cena.

RAINHA ELEVADA AO CÉU EM CORPO E ALMA

Elevada foste ao Céu,  
com teu corpo imaculado,  
e o murmúrio de Babel  
restou por ti olvidado.

RAINHA DO SANTÍSSIMO ROSÁRIO

Mestra do Santo Rosário,  
todo o dia eu te ofereço  
este augusto relicário,  
que no mundo não tem preço.

RAINHA DA FAMÍLIA

A família é o grande foco  
do amor cristão e da vida.  
Na minha sempre A coloco  
como Rainha querida.

RAINHA DA PAZ  
A tua imagem, Senhora,  
alegre minha alma faz.  
Eu sou teu, hora por hora,  
Nossa Senhora da Paz.

## Via Sacra

I

### *Jesus é Condenado à Morte*

Deus Senhor e Senhor meu, no Universo,  
Teu julgamento fere, há dois mil anos,  
um Judiciário cego e então imerso  
na discórdia por ódios desumanos.

Pilatos, mais político que justo,  
soltou um criminoso e O condenou,  
embora procurasse a todo custo  
afastá-LO da corja que O acusou.

Jesus, pleno de amor, restou silente  
e a turba ensandecida de Seu sangue  
um cálice de raiva diferente  
bebeu, malgrado vendo Cristo exangue.

Soltaram Barrabás e a Sua sorte  
desventrou-se na pena, que é de morte.

## II

### *Jesus Carrega a Cruz*

A cruz da iniquidade Ele carrega,  
sem ódios, sem rancores, porém triste.

A canalha que faz justiça cega  
mantém as vestes próprias de um antiste.

Para o Calvário marcha, passo a passo,  
ouvindo muito choro e muito grito,  
o mundo inteiro fica em descompasso  
que sobe pelas raias do infinito.

Já coroado foi com tanto espinho,  
já maltratado foi pela centúria,  
o peso do madeiro, no caminho,  
a pena que sofreu faz mais espúria.

A dor que Ele suporta em Sua cruz  
um dia para o mundo será luz.

## III

### *Jesus Cai pela Primeira Vez*

O peso é muito grande para Cristo  
e não resiste muito. Cai por terra.  
Eu creio que no mundo jamais visto  
foi este quadro que a memória encerra.

A soldadesca agride com chibata  
a pura carne de meu Deus Senhor,  
mas a verdade, que tudo desata,  
mostra bondade no pesar da dor.

O povo segue agora sem seu Mestre  
e todos se arrependem do passado.  
O caminho se torna mais agreste  
e há choro que se escuta em todo lado.

Caiu Jesus pela primeira vez  
e seu amor mais fort' inda se fez.

#### IV

#### *Jesus Encontra Maria, Sua Mãe Santíssima*

A Sua Mãe, a Mãe de todos nós,  
Jesus rumo ao calvário encontra, Santa,  
a Mater Dolorosa vai após  
o cortejo que a todos nós espanta.

Que disse o Senhor Deus assim sangrento  
a Sua Mãe Santíssima e amorosa?  
Os olhos se cruzaram num momento,  
mas ninguém sabe o dito à Dolorosa.

A profecia da apresentação  
ao templo se tornou rude verdade,

enquanto segue a pobre multidão  
a rota que jamais viver quem há de.

Àquela que restou, no tempo, calma  
a espada trespassou o fundo d'alma.

V

*Simão Ajuda Jesus a Carregar a Cruz*

À vinda do trabalho foi chamado,  
por forte ser, Simão à cruz de Cristo  
e não pode negar-se de seu lado  
nem fazer do protesto seu registro.

O certo é que Simão, ao carregar  
a cruz de Deus, ganhou a vida eterna.  
De Cristo recebeu o santo olhar  
e da Senhora gratidão materna.

À história de Simão segue a dos filhos,  
que se tornam cristãos em poucos anos.  
De apóstolos caminha pelos trilhos,  
apesar dos trabalhos mais insanos.

A cruz de Cristo carregou Simão  
e descobriu do Mestre o coração.

## VI

### *Uma Piedosa Mulher Enxuga o Rosto de Jesus*

O gesto de Verônica na história  
permanece p'ra sempre bem gravado.  
Um simples gesto gera esta memória,  
que faz presente tudo o que é passado.

Desfigurado em sangue resta o rosto  
do Senhor que por nós a Sua vida  
ofereceu na dor e no desgosto,  
que não pode evitar à Mãe Querida.

O cálice bem quis que se afastasse,  
mas cumpriu Seu destino até o fim  
e no lenço piedoso a Sua face  
deixou, Santo, p'ro mundo e para mim.

Que eu nunca esqueça a face de Jesus  
quando carrego eu próprio a minha cruz.

## VII

### *Jesus Cai pela Segunda Vez*

Pela segunda vez o meu Senhor  
não resiste da cruz o peso imenso.  
As chibatadas de novo causam dor  
e o cinzento do céu faz-se mais denso.

Cada queda oferece pelo povo  
aquele povo Seu e o do futuro.

Sua cruz descortina um mundo novo,  
que abrandará o espírito mais duro.

Que a lição de meu Deus tão humilhado,  
atirado no chão pelos algozes  
limpe meu coração ensoberbado,  
enchendo-o de humildade em suas vozes.

Que a Sua queda pela vez segunda  
a minha entrega torne mais fecunda.

## VIII

### *Jesus Consola as Filhas de Jerusalém*

Jesus as filhas de Jerusalém  
consola, mas prediz seu sofrimento,  
que ficará, no tempo, muito além  
do que pensam sentir neste momento.

O lenho verde a turba desconhece  
e fere a própria carne de Deus homem  
e, quando eu me debruço nesta prece,  
todos os meus pecados se consomem.

Nós somos, na verdade, o seco lenho  
de que falou na rota do calvário.  
Somente aquele amor que por Ti tenho  
me salva como à Virgem do Rosário.

Ó mulheres de todas as idades,  
abandonai o mundo das vaidades.

IX

*Jesus Cai pela Terceira Vez*

Pela terceira vez o meu Jesus  
não resistiu à rude caminhada  
e desmaiou, tombando sob a cruz,  
desfeita a carne de tão mal tratada.

Não deixa, todavia, o mal que abraça,  
pois sabe que do Pai est' é a vontade,  
que beba por inteiro a amarga taça  
que igual beber alguém nunca mais há de.

O tempo bem parece ter parado.  
O sofrimento atroz não se descreve.  
Na estrada a multidão de cada lado  
não torna nem um pouco a cruz mais leve.

Vislumbro quanto sofre o Senhor Deus  
pelo mundo, por mim e pelos meus.

X

*Jesus é Despojado de suas Vestes*

Tiram da carne pura de Jesus  
as Suas vestes e Seu caro manto.  
Esperam-nO, desnudo, o prego e a cruz,  
que dilacerarão o corpo santo.

Rasgam-se em partes quatro as Suas vestes.  
O manto ganha o ganhador dos dados.  
A tristeza, à distância, dos ciprestes  
não comove a dureza dos soldados.

Ao Senhor nada resta junto à cruz,  
nem restou sofrimento a ser sofrido.  
Só restou, solitário, meu Jesus,  
ó meu Jesus de todos tão querido.

Nos lances dos soldados às braçadas  
as Escrituras foram confirmadas.

## XI

### *Jesus é Pregado na Cruz*

Os cravos dilaceram pés e mãos,  
desfazem-se ao martelo os santos ossos,  
os Seus membros deixaram de ser sãos,  
desconformados pelos erros nossos.

A dor que a Virgem sente é sem fronteira,  
a dor que o próprio Deus sofre por nós,  
mas foi por ela que a mais doce esteira  
seguimos ao comando dessa voz.

Dois criminosos são também pregados  
às cruzes que levaram ao calvário.

Pelos seus atos pagam, malfadados,  
o destino que é próprio de sicário.

A Cristo, que se faz Supremo Antiste,  
a cruz no mundo santo deixa triste.

XII

*Jesus Morre na Cruz*

Um dos ladrões a Cristo Seu perdão,  
humilde, suplicou, e a recompensa  
teve de pronto e teve o coração  
repleto da alegria mais intensa.

A João a Sua Mãe ofereceu  
e Sua Mãe o teve como filho  
a humanidade inteira viu o céu,  
redescoberto ao tom de novo trilho.

Ao Pai lançou Seu último suspiro,  
perguntando por que O abandonara  
e da vida partiu a seu retiro,  
deixando nesta terra a Mãe tão cara.

Na cruz, perdeu a vida meu Senhor,  
o mundo redimindo pela dor.

### XIII

#### *Jesus é Despregado da Cruz e Entregue a Sua Mãe*

Jesus de Sua cruz é despregado  
e à Sua Mãe, sem vida, oferecido,  
a lança atravessou-lhe o esquerdo lado  
e o corpo despencou já sem sentido.

Os pregos retirados do Seu pé  
e d'outro que sobr'ele se pusera  
são postos junto ao Senador José,  
por quem Sua amizade era sincera.

As mulheres, o Deus delas amado,  
carregam recoberto em seu lençol,  
e levam-nO ao Sepulcro preparado,  
já finda no horizonte a luz do sol.

Desceu o corpo frio de Jesus,  
após pregado ter sido na cruz.

### XIV

#### *O Corpo de Jesus é Sepultado*

O corpo de Jesus é sepultado  
coberto por perfumes e por águas,  
a Mater Dolorosa sente o fado,  
o coração desfeito em tristes mágoas.

José tinha o sepulcro para os seus,  
mas quis que lá ficasse o Bom Senhor,  
Aquele que nasceu humano Deus,  
pelo mundo morrendo em plena dor.

Nicodemos pranteia a triste morte  
do Mestre que salvou a humanidade,  
O mundo de tão fraco faz-se forte  
ao descobrir o encanto da verdade.

Foi sepultado ao choro das Marias,  
mas felizmente apenas por três dias.

Aroeira, tarde de 28/09/2002



# **Olhar do Tempo**

(1994)

## Tributo À Poesia

Arnaldo Niskier<sup>6</sup>

**C**ada um de nós tem a sua musa inspiradora, a quem dedicamos os nossos melhores sentimentos. Como são limitados os meus pensamentos poéticos, recorri à Bíblia para homenagear a minha Ruth, que tem o nome heroico da moabita de tanta coragem:

*Onde quer que fores, irei eu;  
Onde pousares, ali pousarei;  
O teu Deus é o meu Deus;  
Só a morte separar-me-á de ti.*

6.  
Educação  
e escritor.  
Ex-presidente  
da Academia  
Brasileira de  
Letras.

Agora, vejo-me compelido a dividir com o amigo Ives Gandra Martins esta confiança que sempre guardei em meu coração. Pois ele também tem a sua Ruth e a ela destina boa parte de sua sólida e sensível produção poética. O maior tributarista brasileiro, acostumado aos números da matemática e aos mistérios da ciência do direito, surpreende os seus amigos com uma bonita coletânea de versos inspirados, costurando um estilo que é muito pessoal.

Cita a Ruth da sua aurora, para depois entregar-se a uma confissão sem receios:

*Eu vivo há tanto tempo, amando tanto,  
Que teu amor me causa sempre espanto.*

Com e sem métrica, mas sempre caracterizado pelo ritmo indispensável, o verso de Ives Gandra tem um certo hálito de religiosidade, que faz *pendant* com a sua personalidade. É mesmo um artista da palavra, tecendo

seus poemas em torno de expressões constantes do seu universo, como o mar, a lua, o amor, o sonho, a princesa, o rio, as estrelas e... Ruth, sempre Ruth, sua fonte permanente e inestancável: "Amo-te muito, forte e tenazmente."

A obra é diversificada no tempo e no espaço. Nela, Ives Gandra homenageia também as mulheres simples, feias, o cão, para depois falar do sossego da flor, do barulho do mar, no encanto e desencanto, no sorriso, no último beijo:

*Último beijo, último instante, calmo como a lua, triste como a  
noite.*

E aqui me veio à mente a poesia de Pablo Neruda:

*Posso escrever os versos mais tristes esta noite.*

A poesia de Ives Gandra não é triste, nela se derrama a sua alma, às vezes nostálgica, outras vezes lúdica, numa ciranda de símbolos e alegorias. Assim, ele cumpre o seu destino maior que é o de comunicar-se. Por intermédio de palavras, sempre ricas e bem escolhidas, o poeta transcende o idioma e, pela emoção transformada em versos, sensibiliza os que têm o privilégio da leitura. Essa é a forma encontrada pelo poeta e escritor Ives Gandra Martins de estar-no-mundo, produzindo este bem elaborado *Olhar do Tempo*, que não apenas honra o ilustre membro da Academia Paulista de Letras, mas encantarà a sua merecida legião de admiradores, em que me incluo com entusiasmo.

## Olhar do Tempo

Olhar do tempo. Como eu sinto a messe,  
safra da terra, sem semente fora!  
Ceifem a messe, que a safra apodrece,  
tempo de sempre, que se faz de agora.  
Olhar do tempo. Como eu sinto o rio,  
estrada líquida, sem outra estrada!  
Bebam a estrada, que desponta o estio,  
tempo de todos, que se faz de cada.  
Olhar do tempo. Como eu sinto o espaço,  
tapete imenso, sem limite ao norte!  
Durmam o norte, nordeando o passo,  
tempo de vida que se faz de morte.  
Olhar do tempo, como eu sinto a cruz!  
Tempo de sombra, que se faz de luz.

7.

Este poema  
foi dedicado  
à saudosa  
amiga e  
poeti-sa  
Waldisa Russo.  
Procurei retra-  
tar seu amor  
à fantasia.

## Poema Sobre um Poema<sup>7</sup>

*Sou filha do mar,  
Tenho o corpo de espumas,  
E no olhar de sargaços,  
Busco sem cessar,  
Envolvida em brumas,  
A praia dos teus braços.*

Waldisa Russo

*I – Sou Filha do Mar*

O mar se reclina  
no ventre da noite  
e o canto de açoite  
do vento na crina

das ondas silentes  
ao mar beija os dentes.  
E os dentes do mar,  
surgindo nas vagas  
que vão a vagar,  
se perdem, aziagas,  
das praias nas camas,  
repletas de escamas,  
à luz do luar.  
Sou filha do mar...

Planície plantada,  
na voz de quem sonha,  
às vezes parada,  
às vezes medonha,  
quem colhe teu fruto  
que não foi enxuto?

Planície do mar,  
nasci nos teus braços,  
sonhando vagar,  
ao som dos sargaços,  
ficando sozinha  
do mar a rainha.

Talvez fui princesa  
no tempo escondido,  
a chama era acesa.

Remorsos de Dido,  
talvez fui princesa,  
sem nunca reinar.

Sou filha do mar.  
Sou filha nascida  
no leito da morte.  
O amor mal revida  
mil golpes de açoite,  
porém foi nos braços  
que eu vim a vagar  
ao som dos sargaços  
de meu pai, o mar.

Sou filha e rainha,  
sou filha sozinha,  
sou filha do mar.

*II – Tenho Corpo de Espumas*

Tenho o corpo de espumas.  
A espuma desvendou a minha origem,  
descortinando auroras noturnais.  
Auroras noturnais!  
Quanta verdade  
na nua realeza de teus cantos!

A espuma fez meu corpo desejável.  
Desejável e falaz.  
Porém o meu jardim amarejado,  
com algas e marítimos suspiros,  
nunca a espuma conheceu.  
E tenho o corpo de espumas.

(Elegia do corpo refflorante,  
na sensação remota e tão presente  
do reflexo intocável.

Elegia do corpo adistanciado  
que, prelúdio,  
ignora o preludiado  
e vive a eterna espera).

Sonhei, na minha infância, as minhas águas.  
As minhas águas, há quanto não vivi!  
O mar aconchegado à madrugada,  
asseverando sons intemporais,  
sempre foi, no silêncio, o meu aguardo.

E o tempo, pelo tempo, eu aguardei.  
Mas são diferentes o tempo e o desejado.  
E o desejado logo se mudou,  
como as ondas e as marés, no enorme seio,  
assegurando o ocúlido do mar  
e, então, na minha sombra inexplicável,  
interlúdio renasci.

Eu tenho o corpo de espumas.

### *III – E no Olhar de Sargaços*

E, no olhar de sargaços, fui espelho.  
Sargaços deram cor ao meu olhar.  
O sangue, quando corre pelo mar,  
é verde amarelado e não vermelho.

Por que não despertei sem te acordar?  
Estrelas despencaram do céu velho,  
refletindo nas águas, que eu espelho,  
a distância viril de teu olhar.

Por que foi que perdi-me no interlúdio?  
Ultrapassei o encanto dos teus braços  
sem nunca receber qualquer repúdio.

Não foi, por certo, a névoa nos espaços?  
Mas se o foi, por que causa meu prelúdio  
meus olhos coloriu cor de sargaços?

#### *IV – Busco sem Cessar*

Busco sem cessar  
toda a imensidade  
que no teu olhar  
encontrar não há de  
quem a procurar.

Busco sem cessar.  
Quanto te desejo  
nunca te encontrar,  
pois teu doce beijo  
leva sal ao mar!

De tanto chorar  
lágrimas de sal,  
é salgado o mar  
e meu pai teu mal  
busca sem cessar.

De tanto chorar,  
é salgado o mar.  
Busco sem cessar  
nunca te encontrar.

Busco sem cessar  
não te conhecer.  
Antes que te amar  
prefiro morrer  
nos braços do mar.

Busco sem cessar,  
mas sem conseguir,  
nunca te buscar.  
De ti bem fugir  
e de teu olhar.

Mas o teu olhar  
quanto me domina!  
Mesmo que do mar  
ser filha e menina  
busque sem cessar.  
Por nunca te olhar,  
sou filha do mar.  
Busco sem cessar  
nunca te buscar...

V – *Envolvida em Brumas*

Envolvida em brumas,  
sempre as fontes dos teus olhos procurei,  
porque  
as brumas são jardins acidentais  
de todos os amantes qu'indecidem.  
As brumas fazem tristes meus amores,  
plantados na planície do irreal.

A planície do irreal tem sonhos sempre,  
que fogem, pelo eterno, do real.

A planície do irreal, por ser constante,  
efêmera nasceu, sem ser real.

A planície do irreal... quão diferente  
sois planície do real...

Envolvida em brumas,  
a fonte dos teus olhos procurei!  
As brumas, como choram desespero,  
na gota de cristal brotada em nós!  
A fonte de teus olhos não são brumas,  
que as brumas conheci só nos meus olhos  
quando pedras roladas despencaram,  
uma por uma,  
do rio que nasceu de minha fonte.

Envolvida em brumas,  
não chorei.  
As brumas sim, elas choraram,  
mas que choro torturado,  
se as brumas dos meus olhos são eu mesma.  
E se, envolvida em brumas,  
procurei-te.

Ó melancólica planície do irreal...  
do impreciso sois o símbolo perene.

*VI – A Praia dos teus Braços*

A praia dos teus braços é uma cruz,  
que a morte mais que a vida tem de irmã.

Nela tracei a linha que conduz  
a noite sem luar para a manhã.

A praia dos teus braços não tem lei.

Escuna lá tombada é escuna morta  
para sempre do mar... e eu aportei.

Na praia e não no porto em que se aporta!

A praia de teus braços fez-me presa  
e solta logo após, maré do amor,  
a mim que fui do mar filha e princesa,  
sem ter no meu olhar do musgo a cor.

A praia de teus braços... quanta idade  
hei de sentir em tua imensidade!

*VII – Epílogo*

*Filha do mar não mais,  
filha da lua.*

Ives Gandra Martins

Pelo eterno tua imagem  
há de restar toda nua,  
viajando, na viagem,  
que faz viajada a lua.

**Trovas da Mesma Rima**

*Para Ruth*

I

Como escrever um poema,  
sem ser para teu encanto,  
poema sem teu encanto  
não será nunca um poema.

II

Se eu tivesse o mundo inteiro,  
e não o teu cálido olhar,  
para ter o teu olhar  
perderia o mundo inteiro.

III

A lua no olhar da noite  
e a noite no teu olhar,  
que eu não sei por eu te olhar  
se a lua quero, se a noite.

IV

A lua chinesa é calma,  
como a tua inspiração,  
mas a tua inspiração  
quero mais que a lua calma.

V

Não desejo, nos meus versos,  
que teu amor infinito,  
mas teu amor infinito  
eu só tenho nos meus versos.

VI

Versejar a lua morta  
é renascer toda a lua,  
mas eu renasço na lua  
para ver a lua morta.

## VII

A noite mareja só  
pelo mar da escuridão,  
mas eu pela escuridão  
marejo na noite, só.

## VIII

Se fosse rei no passado,  
eu teria uma princesa  
e seria esta princesa  
teu retrato, no passado.

## IX

Eu sonho a mulher do sonho,  
que só no sonho é mulher,  
eis porque, linda mulher,  
ao ver-te, eu me julgo em sonho.

## X

Cortei como um quebra-gelo  
teu coração de iceberg,  
mas o meu, que é de iceberg,  
cortaste qual quebra-gelo.

XI

Teu olhar ganhei de noite,  
porque da noite é sinal.  
É pena não ser sinal  
do dia vindo da noite.

XII

Um sonho valeu-me a vida  
e a tua vida meu sonho,  
que eu não sei quanto mais sonho  
que sonho sonho na vida.

XIII

A lua de novo busco  
para findar meu poema,  
pois não conheço um poema  
sem luar. A lua eu busco.

XIV

Houve, no mar, uma filha,  
que quis ser filha da lua  
e foi, no mundo da lua,  
morrer do mar não mais filha.

## Dois Prelúdios

*Para Ruth*

### I

Por que chegaste rio no deserto,  
se eu já tinha água  
para a longa caminhada?  
Rio nascido pelo espaço,  
como surgiu a cor de seu reflexo?  
Por que partiste rio indefinido,  
se eu lancei a água  
para a longa caminhada?  
Rio perdido no segredo,  
como beber a sede do meu peito?

### II

O mistério do amanhã,  
quem o desvendará?  
Condenados à morte, todos nós.  
É flor  
a flor nascida flor  
pela manhã  
e murcha no amanhã?  
Condenados à morte, todos nós.  
O segredo da flor,  
quem o revelará?

.

## Trovas

*Para Ruth*

### I

A formosura silente  
de teus olhos encantados  
é uma história portuguesa  
dedilhada aos sons de fados.

### II

Hoje vi as duas cores  
desses teus olhos castanhos.  
Eram os dois dois pastores  
conduzindo seus rebanhos.

### III

O dia finda depressa.  
É quase noite. No mar,  
um banhista fica apenas  
solitário a se banhar.

### IV

O marrom, brilho do sol,  
enverniza o verde mar,  
como o fez na minha vida  
o teu colorido olhar.

## V

Os nervos crepusculares  
do dia chegam ao fim.  
E o mar, em verde ou marrom,  
tem as cores de um jardim.

## VI

Enquanto sonhas tranquila,  
na brancura do teu sono,  
o vento traz a mensagem  
que estamos perto do outono.

## VII

No leito da minha esposa,  
encontrei supremo amor,  
pureza da fronha branca  
na pele de branca cor.

## VIII

O corpo de minha amada  
é parte do corpo meu,  
onde aporto sem mais nada,  
como efigie em camafeu.

IX

A cachoeira tem formas  
que a vista não desconhece,  
sementes brancas no lago –  
no lago que faz a messe.

X

De preto vestiste o branco  
do teu corpo nunca triste,  
de branco minh'alma preta  
depois disto tu vestiste.

**Elegia do Tempo e da Saudade**

*Os espinhos da roseira contavam  
histórias medievais  
e não faltava ao menino  
a nítida imagem do que é uma princesa.*

Alexandre Gravinás

*Ele sabe que rondas indiferente  
O muro do seu jardim  
...  
Ele está preso no jardim. Crê no jardim.*

Mário Chamie

## I

Ah! Não poder antecipar manhãs,  
 circundado pelas noites do impossível...  
 Erguer as mãos inúteis para o céu,  
     em súplica sincera,  
 e os olhos, para o inferno dirigidos,  
     em lagoas de azul desesperado,  
     no silêncio, navegar...  
     Ó dunas transatlânticas,  
     desérticas,  
 que o calor de teu contacto perdoe-me!  
 Destino sem destino. Meu destino.

## II

Mistério do anterior. Pouco mais e nada.  
     O passado inexistia.  
     Futuro manchado de desejos,  
     colorido de cores irreais.  
 Presente suspeitante foi a véspera,  
 presente suspeitante mas contente.  
 Era o sonho do calmo da existência,  
 concretizado na falta de tormenta.  
     (Vivência da vida!)  
 Quanta angústia refletida nas lembranças!  
     Ó arrependimento, que não cria  
     o quando inatural das coisas nuas,  
     povoadas de mundos diferentes!)

E a marcha, não sentida, desvendava  
jardins adormecidos sem princesa,  
na fragrância envitativa do repouso  
para os que tinham sonhos a sonhar.

Era tudo irreal como o futuro,  
que o cerco do deserto circundante  
nunca veio a penetrar.

E, assim, embriagado,  
o menino fez-se, ao toque da ambiência,  
poeta e descoberta,  
até que certa vez,  
sorridente, com a lira,  
partiu para o deserto conhecer.

### III

Nasceu quando o tempo era da lua  
e foi aurora sempre.

Imagem feita coração cansado  
na invasão da filha do deserto.  
(Pobre jardim intemporal da ingenuidade,  
fenecido, à distância,  
por onde o teu espectro silente!)

E o menino espantado percebeu  
a sensação agonizante do infindável  
prender-lhe a alma sem resguardo

e levarem-lhe do peito a própria imagem.  
Era o tempo da lua. A lua grande, entretanto,  
trazia a lividez materna indissolúvel  
dos momentos da perda irreparável.

Ah! Morte do jardim.

Aurora de fogo surgida em tempo novo.

Dois mares de azul desesperado.

Montanhas sanguíneas entreabertas  
a pedirem o sangue das irmãs.

Por que teus vultos pela areia quente?

Tudo longínquo e tudo perto do menino  
e o menino sentindo, então,  
a sede da ilusão insaciável.

Ilusão, não mais que isto.

Todo o mal foi o excesso de ilusão  
e a pouca realidade das areias quentes.

Areias quentes onde o menino  
veio a esquecer-se

que foi poeta no jardim.

E o jardim dos tempos idos  
era mais descoberta que aventura!

Para que a nova descoberta?

Marinheiro sem viagem,  
tragado na viagem da tortura...

Foi aurora quando o tempo era da lua  
e o brilho de seu rapto fugaz  
fez o ódio do menino no deserto,  
esquecido o jardim.

## IV

Ah! Não pode antecipar manhãs,  
circundado pelas noites do impossível...

Ó dádivas perdidas no deserto,  
antes mesmo da nascente origem,  
por quê?

Desespero do menino sem destino.  
Haverá desespero no fulgor da aurora?  
E se houver,  
quem o compreenderá?

### Mulheres Simples

Um poema para as mulheres simples.

Nem grande  
nem pequeno,  
apenas simples.

Um poema de amor que nunca sinto  
se não pelas mulheres sem poema,  
poema das mulheres cuja vida  
nem a Vida conhece exatamente.

Um poema para as mulheres simples.

## Poeme

*Si tu pensais comme je pense,  
je n'aurais pas de ces remords,  
je serais maitre de mon corps,  
si tu pensais comme je pense.  
Si tu pensais comme je pense,  
tu chanterais à pleins poumons,  
et j'entendrais de tes chansons  
si tu pensais comme je pense.  
Si tu pensais comme je pense,  
on connaîtrait la paix toujours,  
mais il n'y aurait jamais l'amour,  
si tu pensais comme je pense.*

## Poema do Sorriso Inevitável

*Para Ruth*

Vestiu-se o olhar de azul entardecido,  
e um sorriso sem explicação  
aflorou-lhe a ponta das retinas.

(Eu nunca soube compreender  
o segredo da coisa inevitável,  
mas senti que este sorriso  
era inevitável como a própria vida).

Colorava-se a verdade em cor azul.

O seu olhar deserto  
repousava à distância da conversa

de meu olhar com sua formosura  
e, mesmo assim, sorria  
inevitavelmente

Era o tempo da vazante.

Nem a maré baixa descortinaria  
repuxos d'água,  
ainda impressentidos,  
dentro dos olhos claros da menina.

A vazante trouxe a calma descansada  
e a pouquidão das águas,  
antigamente tão fertilizantes,  
provocava o sorriso inevitável.  
Perdida era a estação  
das enchentes, marés altas, poças d'água.

Perdida era a estação.  
E lá sorria o seu olhar,  
colorido de tarde pastoreira,  
que algumas nuvens pasce, descuidada.

Mas não tão descuidado.  
Apenas  
inevitavelmente.

**Prece** (Tradução)

Se tu soubesses como eu choro  
de só viver todos os dias.  
talvez, por vezes, onde eu moro  
tu passarias.

Se tu soubesses que degrado  
faz n' alma triste um puro olhar,  
talvez me olhasses em segredo  
como a brincar.

Se tu soubesses que conforta  
ter junto a si uma alma sã,  
talvez parasses nesta porta,  
como uma irmã.

Se tu soubesses que eu te adoro  
e como o faço ardentemente,  
talvez entrasses onde eu moro,  
só, simplesmente.

*Sully Prudhomme*

### Poema para as Mulheres Feias

Eu faço este poema para as mulheres feias.

São elas  
que sabem amar,  
verdadeiramente,  
porque aprenderam a sofrer  
a dor de serem feias.

Amor  
sem sofrimento  
é contemplação,  
e contemplação  
é sossego extasial,  
tão diferente da vida,

agitação cruel  
em busca de significação.  
Eu faço este poema para as mulheres feias,  
que passam as noites desejando,  
ternurosas,  
não um príncipe encantado,  
(elas nunca acreditaram em príncipes encantados),  
mas um homem simples,  
que seu fruto humano  
queira colher  
à beira do caminho.

Eu faço este poema para as mulheres feias,  
pois seu amor  
é um poema da realidade existencial,  
realidade nua das coisas,  
que as mulheres bonitas  
nunca hão de compreender,  
se não no dia em que ficarem feias.

Eu faço este poema para as mulheres feias.

### **Elegia de Volta do Veiante**

O sorriso desfez-se em sua face  
e uma angústia incontida  
pincelou rugas novas pela fronte.

Veza segunda da mesma e surda dor.  
O veiante, que seu veio abandonara,

agora, à sua volta,  
em liquido imatério assentado,  
encontrou a nascente sem nascer.  
E na sede bebeu a própria areia,  
onde, outrora, brotara a água da fonte.

Teve depois vontade de chorar,  
mas as lágrimas de cactos formadas  
dos olhos não desceram e sim ficaram  
na garganta, sufoques e vazias,  
e as lágrimas choraram internamente  
pelo desértico e incorpóreo corpo d'alma.

Faltava o cristalino em sua carne.  
Esta carne de céu, que, só, nos vates,  
tem o verde azulado do ignoto.  
Faltava o cristalino, e o pobre vate  
as lágrimas de cactos chorava.

Talvez o cristalino lhe trouxesse  
um sorriso, malgrado as rugas novas,  
mas pintor imaturo do existente  
perdeu-se no incontido,  
perdido o cristalino  
e, por isso, chorou esqualitante.

A descoberta assim é sempre espelho,  
cofre da vida, sem segredo dentro,  
e o pranto lhe acompanha eternamente –  
eternamente a vida é descoberta.  
O veiante compreendeu, portanto,

com rugas pela frente desenhadas,  
que a mesma e surda dor era vivência,  
e chorou intensamente,  
apenas que, entretanto,  
já morrera o consolo de seu veio.

Eis porque o sorriso desfez-se de seu rosto  
e uma angústia nasceu, mal pressentida.

### **Poema para o meu Cão**

O meu cão está tão triste.

Tem esta tristeza calada,  
que só os cães podem ver.

Não chora, porque quem chora  
não vive a própria tristeza  
e nem, de fato, está triste.

O meu fiel está triste  
e não deplora a tristeza.

Sofrer d'alma bem que sente,  
mas sabe que pela vida  
é necessário sofrer.  
Por isto não late o cão.

Os olhos parados fitam  
o infinito que se esconde  
de trás de um muro caído.  
Olha o muro sem paisagem

e vê no muro de cal  
refletida a sem paisagem  
de sua alma diferente.

Por isto está triste o cão.

Não sei se por algo mais.  
Sei apenas que está triste  
e sua tristeza muda.  
Sinto tristeza, de fato.

E sinto,  
esquisitamente,  
que triste  
só mesmo um cão pode ser.

O meu cão está tão triste.

### **Poema do Tempo Passado**

Há quanto tempo que eu não sou menino,  
colhendo ideias dentro do jardim!

Há quanto tempo que eu não sou aquele,  
que acreditava mesmo nos soldados,  
descortinando fogo na floresta!

Há quanto tempo!  
Correram rios.

Tantos pelo mar,  
que os leitos secos, como a areia quente,  
quase não guardam sua história antiga.

Mas os caminhos brancos  
permanecem  
na sua esteira, embora hoje esquecidos.

Há quanto tempo!

Naquele tempo a Bíblica Caldeia  
inda era a seta das estradas santas,  
não obstante a falta que os jardins  
fizeram sempre aos vates e às crianças.

Há quanto tempo!

Os pássaros.

Os pássaros mostravam  
a amplidão do eterno indescoberto,  
e os pássaros viviam mais ideias  
que seres vivos volteando os voos.

Há quanto tempo não existem pássaros!  
Há quanto tempo não existem rios  
nos leitos secos.

Há quanto tempo que o jardim não cria  
ideias simples mesmo para os simples.

Há quanto tempo que eu não sou menino!  
Há quanto tempo! Há quanto tempo! Há quanto tempo!

## Poema do Lirismo Honestidade

*Para Ruth*

Poucos versos ao lirismo honestidade.

O lirismo que nasce manso.  
Após a luta da carne  
e que me ofertaste,  
tranquilamente,  
como a terra oferta messes.

Poucos versos ao lirismo honestidade.

### O Carlos

*Maneco não era o tipo  
Que se pode imaginar,  
Pintou a lua de verde,  
Depois não sabia amar.*

Dalmo Florence.

*O Poeta*

O Carlos foi um dos tipos  
que o Maneco conheceu.  
Vivia a vida sonhando,  
num sonho que não viveu.  
A buscar nasceu, na vida,  
o que nasceu p'ra buscar

e, por mais que ele buscasse,  
não soube a busca encontrar.  
Quando menino fizeram  
esquecer seus ideais,  
porém, apesar de dócil,  
esquecer era demais.  
O Carlos teve ideais  
que nunca soube esconder.  
Passou a vida sonhando,  
na vida, p'ra não morrer.  
O Carlos quis ser poeta,  
pois poeta houve nascido.  
Tinha a cabeça inocente  
e esperança com sentido.  
Fez mil poemas sinceros –  
e riram do que escreveu,  
e, de tristeza por causa,  
o Carlos quase morreu.  
O Carlos foi só poeta  
quando os poemas viveu.  
Cantou na vida a pureza  
do que nunca aconteceu.  
Quando o tempo era da lua,  
o Carlos beijava o céu,  
cobria após o seu beijo  
na cor de nublado véu.  
Quando o tempo era da lua,  
vivia o Carlos sonhando  
e o tempo da lua grande

era aurora deslumbrando.  
No tempo da lua grande,  
    como poeta era tido  
    e o Carlos fazia versos,  
pois poeta houve nascido.  
O Carlos foi um dos tipos  
que o Maneco conheceu.  
    Vivia a vida sonhando,  
num sonho que não viveu.

*O Viajante*

O Carlos quis ser, um dia,  
feliz como os mais felizes  
e resolveu, como os outros,  
conhecer outros países.  
    Decidiu ser viajante,  
correr mundo e imaginar,  
por isso o Carlos, sozinho,  
cruzou uma vez o mar.  
D'outro lado do oceano,  
o Carlos viu tudo igual  
e sentiu-se solitário,  
e a saudade fez-lhe mal.  
D'outro lado do oceano,  
o Carlos quis retornar –  
    era poeta demais  
    e estava para chorar.  
Mas ficou, pois qu'era homem,

e cria poder lutar.  
O Carlos lutou na vida,  
como não soube contar.  
Quis ser honesto e leal  
no trabalho que buscou.  
Houve-lhe tanta tristeza,  
que de vergonha calou.  
O Carlos quis ser bondoso  
no mundo que conhecia.  
Foi enganado e tristonho,  
não fez bem o que queria.  
Quis ser sincero e bondoso,  
e algumas vezes fez mal,  
e o Carlos era sincero  
com o mundo por igual.  
Chorou do mal que fizera,  
mas não o soube curar.  
Decidiu então, vencido,  
à sua terra voltar.  
O Carlos, que quis um dia  
ser feliz como os felizes  
e resolveu, como os outros,  
conhecer outros países.

### *A Busca*

O Carlos não soube amar,  
como o Maneco fizera,  
mas sonhou, mesmo no inverno,  
amores de primavera.  
Das mulheres conheceu

mil renascentes desejos,  
e perdeu-se alguma vez  
na ilusão de muitos beijos.

Por ser tímido e poeta,  
nunca soube o que dizer  
quando a ilusão renascia  
e vinha, depois, morrer.

Por ser tímido e poeta,  
pensou amar muita vez  
e sofreu, no fim de cada,  
a dor do mal que não fez.

Por ser tímido e poeta,  
quanto sonho foi talvez!

A vida passou amando  
e nunca amou uma vez.

Até um dia quis ser,  
qual todos, conquistador,  
porém, tímido e poeta,  
não soube escolher amor.

Depois, acanhado, foi  
apenas acolhedor.

O Carlos não soube amar,  
e amar transformou-se em dor.

Então, no tempo da lua,  
o Carlos beijava o céu,  
buscando esconder a vida  
no amor de nublado véu.

Um dia, porém, o Carlos  
sentiu amor de verdade  
e entregou-se mas, ingênuo,  
perdeu-se na própria idade.

O Carlos chorou perdido  
e não chorou por chorar,  
pois, poeta e sonhador,  
tinha vergonha de amar.  
Tinha vergonha de tudo,  
por isto pôs-se a chorar  
como a lua chora estrelas  
quando é noite de luar.  
E não teve nunca mais  
coragem de conquistar.  
Sonhava a mulher perfeita,  
mas nunca a sabia achar,  
fosse na terra, que tinha,  
fosse mesmo além do mar.  
E foi vivendo mil sonhos,  
mil sonhos por desvendar  
e foi buscando, na vida,  
o que nasceu p'ra buscar  
e, por mais que ele buscasse,  
não soube a busca encontrar.  
O Carlos foi um dos tipos  
que o Maneco conheceu.  
Viveu a vida sonhando,  
num sonho que não viveu.  
O Carlos não soube amar,  
como o Maneco fizera,  
mas sonhou, mesmo no inverno,  
amores de primavera.

## Meu Verso

*Para Geraldo Vidigal,  
autor de "Meu verso é  
a voz que me resta"*

Teu sonho, uma vez mais, desfaz-se ao vento,  
à luz do som profundo em puro olfato,  
nas cores sem sentido e ao passo lento  
que esculpem, pela vida, um insensato.

De gritar quero o verso que me prende  
ao passado e ao presente sem futuro,  
mas a garganta esquelética se rende  
à voz que se contorce em mal sussurro.

O tom, quanto busquei o tempo inteiro!  
E quanto a busca inútil foi cruel!  
Sem trilha, sem sextante e sem roteiro,  
o peito fraco ardeu em fogaréu.

Procuro sem cessar meu pobre verso,  
que vale para mim mais que o Universo.

## Sonhei Ter Sonhado

*Para o amigo e poeta  
Mário Romano.*

Eu sonho ser aquele que sonhei,  
aquele que sonhei já ter sonhado,  
porém se o sonho, sonho despertado,  
não sei se, despertado, despertei.

O sonho, que sonhei já ter sonhado,  
não sei se, por sonhado, já sonhei  
e se, por despertado, despertei.  
Não sei se sou, desperto, despertado.

Se o sonho despertado, que sonhei,  
não despertou o sonho, já sonhado,  
sonhando despertado, despertei.

E despertei em vão, pois, despertado,  
eu sonho ser aquele que sonhei,  
aquele que sonhei já ter sonhado...

## O Instante Recíproco

*Para Ruth*

Na rota das almas mútuas,  
há um momento perfeito.

O manso instante recíproco.

## A História de um Soldado

*Para a música de  
Igor Stravinsky*

### I

A história de um soldado que retorna.  
A história de um soldado sem história.  
A história de um soldado, cuja história  
descortinou a história de milhões.

### II

Na volta, o que deixara já partira  
e não sabe encontrar o que ficou.  
O que ficou bem lembra, todavia,  
palidamente aquilo que deixara.

### III

Sobreviver. Que mal! Todo soldado  
sempre reveste o mal, porém de bem,  
e fica descoberto à descoberta  
da história do soldado que retorna.

### IV

A história do soldado é recompensa  
daquilo que não fez ou do que fez.  
O signo é que importa. Vida ou morte,  
a história do soldado é recompensa.

V

Só foge à recompensa o não soldado,  
que encontra, todavia, o que deixara,  
sem temer, tudo tendo, a retirada.  
São os outros, porém, quem não o têm.

VI

Assim, eis a razão da eterna história.  
A história de um soldado que retorna.  
A história de um soldado sem história,  
descortinando a história de milhões.

## A Troca das Quatro Rosas

*Para Ruth*

Eu recebi quatro rosas  
como um presente da lua.

Era um *bouquet* perfumado  
com quatro rosas estrelas.

Eu recebi quatro rosas  
no dia da própria lua.

Mas, no caminho dos astros,  
eu troquei as quatro rosas  
por uma filha do espaço.  
A Ruth da minha aurora.

## Poema e Rosa Maria

I

E foi um mal que, contido,  
o mundo desconhecia.  
Nasceu no tempo da Rosa,  
da Rosa que não havia.  
Houve apenas muitas Rosas,  
menos a Rosa do Dia.  
Houve muitas... muitas Rosas,  
mas só uma se escondia,  
aquela Rosa do Espaço,  
chamada Rosa Maria.

II

Quantas Rosas renasceram?  
Não sei... confesso... sabia.  
Renasceram tantas rosas,  
menos a Rosa Maria.

III

O céu esparsu nas asas  
ganhou nuvens por estria.  
Descobriu rosas de azul  
e uma de branco que havia.

## IV

Mas o céu do meu espaço,  
no meu tempo que morria,  
de tantas Rosas sem venda,  
logo aquela que eu queria,  
o céu esparso nas asas  
nunca mais descobriria.  
Faltou no concerto róseo  
a minha Rosa do Dia,  
a mais formosa das Rosas  
que o mundo desconhecia,  
chamada, no Eterno Sempre,  
poema e Rosa Maria.

### Um Soneto de Repente

*Para Ruth*

Teus olhos cor de musgo e de ferrugem,  
banhados pelos mares siderais,  
desventram brados, gritos, sons que rugem,  
descortinando anseios canibais.

Dilacerado o peito, que te encerra,  
ancestralmente sinto amor selvagem  
em outras dimensões, em outra terra,  
sem mitos, sem fantasmas, sem forragem.

Teus olhos são espadas toledanas  
nos rasgos que defloram dor e sangue.  
Meu canto perde as nuvens soberanas,  
afundado no pântano e no mangue.

Amo-te muito, forte e tenazmente,  
agora, para sempre... e de repente.

### **Elegia após Drumond**

*Deus me deu um amor  
no tempo da madureza.*

Carlos Drummond de Andrade

*Para Ruth*

#### I

Recebi um amor de aniversário  
quando o inverno começava,  
e, apesar da estação,  
renasceram impressões primaveris.

#### II

Recebi um amor  
quando pensava  
outro amor eu sentisse,  
mas os anos se ressurgem com os anos  
e amores por amores são criados.

### III

Recebi um amor,  
prêmio arrasado  
de quem prêmio não buscou  
e, mau aluno da vida como sou,  
das lições aprendidas me esqueci,  
e me esqueci  
alegre uma vez mais.

### IV

E agora, ingenuamente,  
recebido este amor,  
o passado debruçado no presente  
e as velhas sensações fazendo novas,  
sou grato a tudo.

### V

Sou grato ao mundo,  
que nele permitiu  
outro amor eu vivesse.  
Sou grato àquela  
que, no tempo, conseguiu  
que o tempo com o tempo eu retomasse,  
e a Deus, de Quem, por fim,  
recebi um amor de aniversário  
quando o inverno começava.

## O Prelúdio de Tudo

*Para Ruth*

Nem teu amor nem o meu  
conseguirão ser prelúdio.

O prelúdio preludia sempre a fuga,  
e eu não sei nem sei se sabes  
tocar fuga  
e nem sei se esta fuga  
vale o preço  
do prelúdio de tudo.

## O Poema de Sempre

*Para Ruth*

O meu poema de sempre,  
imaturo e romântico.  
Limitado no tempo, busco o espaço  
a cada passo,  
A cada instante, a cada instante.

O vento e a chuva pelo asfalto  
dão um salto  
muito alto,  
no meu poema de sempre.

Intimidado,  
vivo à procura do estrado  
do meu canto sem suporte,  
amuletado,  
embalsamado  
e desvairado.

O meu poema de sempre,  
muito antes de ser sempre,  
o meu poema de sempre  
nada encontra pela frente.

Tudo corre, tudo passa,  
a lente embaça, descrente,  
o retrato de teu ventre,  
desde o tempo, desde a raça  
do meu poema de sempre.

Contornas as formas rudes  
do nada,  
dos cavaleiros,  
cavalgando a cavalgada,  
a cavalgada sem normas.

O meu poema de sempre,  
sem começo,  
sem tropeço,  
sem seu preço.  
Sem imposto,  
livre e posto  
no teu rosto,  
o meu poema de sempre.

O teu rosto,  
há quantos anos teu rosto,  
há quantos anos te busco,  
pálida, trêmula, em susto,  
no susto dos interiores.  
Calmo, sereno e tranquilo,  
ao teu lado sempre, sempre,  
tal meu poema de sempre,  
na festa dos exteriores.

Eu te amo,  
desde sempre,  
para sempre,  
agora e sempre.

O meu poema de sempre.

## **Crepúsculo de Agosto**

*Para Ruth*

No teu sorriso indeciso,  
no teu olhar devagar,  
no teu gesto, meu de resto,  
no teu sossego tão cego,  
nos teus beijos sem desejos,  
no teu amor incolor,  
nos teus sonhos tão tristonhos,  
no teu rosto com desgosto,  
no teu canto em desencanto,  
encontrei o meu encanto  
num crepúsculo de agosto.

## Poema do Eu Incerto

*Para Ruth*

Depois de tantos anos de incerteza  
pelas planícies mudas de teus olhos,  
descortinei canhestra natureza  
repleta de verdades e d'antolhos.

Explicar meu amor eu nunca sei,  
nem sei se teu amor por mim existe.  
A insegurança gera estranha lei  
que à lógica da vida não resiste.

Gostaria de cavaleiro ser  
de um reinado esculpido para ti,  
cavaleiro sincero até morrer  
num amor que tamanho nunca vi.

Eu vivo há tanto tempo, amando tanto,  
que teu amor me causa sempre espanto.

## Difícil Procura

O encanto, que reveste a singeleza,  
aos puros se reserva apenasmente,  
como ao sol a translúcida represa,  
bem longe – e natural – de toda gente.

Quando se busca a opaca Mãe Ciência,  
que do que é simples faz-se tão deserta,  
é porque a vida perde em transparência  
o que ganha de falso a rota incerta.

Buscar o que anda perto, mas distante,  
rasgando a escuridão, que sempre é triste,  
mesmo se alegre a volta em ser infante,  
eis o caminho só que a nós existe.

Por isto é que retorno neste encanto  
à difícil procura do seu canto.

## Redondilhas Camonianas

*Para Ruth*

### I – *Descalça*

*Descalça vai pela neve;  
assim faz quem Amor serve,*

Camões

O calor do peito amante  
faz do corpo uma só brasa,  
que não há quem o levante  
se não for reposto em asa.  
O calor aos pés gelados

dá mais força que outra força,  
tornando a linda dos prados  
mais veloz que a veloz corça,  
mesmo se vai pela neve,  
descalça, ao senhor que serve.

II – *Minh' Alma*

*A dor que a minh'alma sente  
não na saiba toda a gente.*

Camões

Quis guardá-la no meu peito,  
a dor que minh'alma sente,  
mas não houve um outro jeito  
de fazê-lo a toda a gente.  
Esta dor, por tanto amar-te,  
não sabendo se era amado,  
mudou o sorriso em arte  
de fazer-me ignorado.  
E fiquei com toda a gente,  
só de ti fiquei ausente.  
Esta dor que n'alma sinto  
nunca, amada, entenderás.  
Minto a todos e a ti minto  
se de amor me digo em paz.  
Não sei como é que resisto  
nem sei por onde vou pô-lo,  
quando de um suspiro visto  
meu tamanho desconsolo.

A dor que minh' alma sente  
não a saiba toda a gente.

Nem a saiba quem presente  
deste amor se diz ausente...

*III – Olhos Tristes*

*Criança dos olhos tristes,  
vi os teus... os meus não viste.*

Camões

As meninas sossegadas  
dos teus olhos estão tristes.  
Não são mais as mesmas fadas  
sorridentes e achegadas  
aos sonhos que tu sentiste.  
São, agora, entristecidas  
como a tristeza das mãos,  
que nos encontros das vidas  
ficaram desaquecidas  
ao som dos desejos vãos.

E estão tristonhas agora  
qual tão tristonhas não viste.  
Mas os meus olhos, senhora,  
que os teus veem a toda hora,  
são menos teus que são tristes.  
E são teus sem que pressintas  
quão teus são os olhos meus.

Têm a cor das tuas tintas,  
com as quais teus olhos pintas  
em chorosos camafeus.  
Mas tu tens os olhos tristes,  
como vês que os teus eu vi,  
os meus que nunca tu viste,  
veem mais que não sentistes  
em outros olhos por ti.  
Eis porque viram meninas,  
criança dos olhos tristes,  
nos teus rondando as esquinas  
dos sonhos e das boninas...  
Bem que os vi... que os meus não vistes...

### **Soneto da Madureza**

É tempo de que o tempo se refaça.  
No silêncio abismal deste meu ego,  
eu bebo a minha idade em plena taça.  
Ao descortino amplo, já sossego.

Formou-se o panorama por completo  
nas viagens botânicas que tive.  
Pelas campinas do caminho reto,  
deixei muita montanha e algum declive.

Profundezas marítimas revejo,  
sem temer o naufrágio como outrora.

As praias são o fim do meu desejo  
e o princípio do passo que me escora.

O tempo hoje é retempo na certeza  
do soneto que faço à madureza.

## Meia Noite e Meia Lua

*Para Ruth*

Meia noite e meia lua.

No teu rosto a meia lua,  
ao lado da noite meia.  
Longe estava a lua cheia.  
Nenhuma sombra, na rua.

Bem te via,  
como viste.

Dois amantes contemplavam  
o mesmo noturno triste.

Teu rosto, em parte, nas trevas;  
em parte na luz, teu rosto.  
Sidério toque interposto,  
momento da imagem nua.

Meia noite e meia lua.

## Soneto do Tempo Inútil

Meu tempo corrigido faz-me mudo,  
serenamente inútil, finda a festa.  
Caminho sem espada, sem escudo,  
tragando velozmente o que me resta.

Meu tempo distendido descortina  
meu fracasso regado em fantasia.  
Quantos anos perdidos na neblina  
de um passado que a vida não recria!

Meu tempo – já tão longo – desmerece  
os desvios de rota e de roteiro,  
muito embora despenque numa prece  
o sonho que reponho por inteiro.

Meu tempo nasce agora sem espaço,  
enquanto me descubro a cada passo.

## Albatrozar

Todos nós albatrozamos.  
Todos. Sem exceção. Todos.  
À falta de uma praia muito longa,  
todos nós não voamos,  
nós que fomos feitos para os voos,  
para os voos altos,  
para os voos serenos,  
para os voos descortinantes.  
O mais alto deles atinge a Deus,  
mas, à falta de uma praia grande,

este voo não alçamos,  
porque  
todos nós nascemos albatrozes.  
Por esta razão,  
todos nós,  
desajeitados,  
vivemos o nosso próprio desajeito.  
Albatrozes existem que nunca voaram,  
nem sabem que suas asas  
foram feitas para voar.  
Todos nós albatrozamos.  
Mas alguns conhecem o poder das asas,  
pois as asas são a alma  
do albatroz.  
Por isto, quando no andar da vida,  
um albatroz encontra a praia longa  
parte  
para um voo alto,  
para um voo sereno,  
para um voo descortinante  
e, no mais alto deles,  
descobre Deus.

## Retrato

Encontro pelo tempo o meu retrato  
que busquei desde os anos de criança,  
nem grande nem pequeno, mas exato  
e certo, sem ser cedo e sem tardança.

O retrato do tempo, meu retrato.  
Por incrível que pareça, esta criança  
fez-se assim sem saber, pr'a ser exato,  
como a vida que marcha sem tardança.

Ninguém acreditou neste relato,  
nem mesmo Quem no tempo não descansa.  
A verdade, porém, é que o retrato

encontrei que buscava de criança,  
nem grande nem pequeno, mas exato  
e certo, sem ser cedo e sem tardança.

## **Duas Elegias**

### *Elegia da Ponte Descoberta*

I

Sobre a ponte do meu ao teu retrato  
o silêncio cantava silencioso.

Ponte nascida, de repente,  
descortinando espantos e desejos.

Eram duas montanhas existentes,  
sem saberem das fontes.  
E as fontes eram lá.  
As fontes gêmeas sombras, entretanto,  
não compreendiam

os reflexos celestes das irmãs.  
Mas as fontes já se amavam.

Ó desconhecimento gerador,  
quanta vaga descoberta na suspeita  
da tua própria origem!

A criação instântica vivida  
mostra, sempre, mais vivência rediviva  
que uma existência inteira de miragens.

As fontes brotaram para o amor  
e as fontes amam fontes desiguais.

Eis por que  
as fontes eram lá,  
sem saberem das fontes.  
E as fontes já se amavam.

## II

Para que este canto alumbramento,  
frágil, que era a ponte,  
onde se cruzavam, impetuosas,  
as águas refletoras do sem nuvem  
com as folhas criadas pela noite?

Para quê?

O inesperado foi o quase nada  
e o quase nada fez a ponte.  
Como manter, porém, a suspensão  
se as águas celestiais de uma montanha

eram o oásis no deserto de outras águas  
e se as águas enturvadas renasciam,  
mais escuras, em águas cor de musgos?

Ponte lançada do meu ao teu retrato,  
onde o silêncio cantava o seu espanto  
afforando anseios e desejos.

Sonho em outro mundo,  
mesmo que este mundo reflorante,  
efêmero, no êxtase,  
ao mundo primitivo retornasse.

E as fontes, por se amarem,  
esqueceram-se  
que as fontes são prelúdios.

### III

Novamente paisagens conhecidas  
estenderam-se ao largo do noturno,  
partida a ponte.

As lendas dos momentos descobertas  
buscaram, após, refúgio  
no fundo das retinas silenciosas  
e o silêncio deixou de ser canção.

Novamente florestas desvendadas  
cercaram, em seu negror, fontes de anseio  
e imensos lodaçais trouxeram águas.

Mas os contos das crianças, que acreditam  
apesar de antigas terras,  
não morreram no seu recanto longe,  
para sempre,  
desfeita a ponte surto que os fizera.

*Elegia do Veiante*

E o silêncio nasceu nas suas veias.  
Um silêncio espectral,  
que a própria vida transcendia  
dentro da própria vida.  
As veias foram feitas para um borbulhar contínuo  
e o silêncio lhes faz mal,  
mas o silêncio nascera e quanto almejo  
não se paralisou à sua descoberta.

Florestas, nada mais.  
Florestas sempre iguais,  
desvendadas, inertes e sarcásticas.  
As florestas foram lá desde a nascente origem  
e, estáticas, sorriram,  
num sorriso amargo e indiferente  
da ilusão de serem conquistadas.  
Como sorriem punhalativamente mil silêncios!  
Silêncios de florestas...

Mas o silêncio brotara em suas veias,  
imitando estrelas, pontos pela Noite.  
E o veiante, ingênuo, se dizia:

“É dia suspeitante e o amor noturna.  
Imagens esboroaram-se, inda turvas,  
num ritmo sentido em notas curvas,  
qu’indolencia o canto e a alma soturna”.

Pobre veiante.

De jardins pretéritos chineses,  
com lagos e com árvores chorantes!

Pobre veiante,

que não viu

as florestas do tempo semelhantes

surtirem beijo infernal

e, mesmo assim, avaro beijo.

Quão diferente daquele que sonhou!

Beijo lunar de branca sonolência.

Pobre veiante...

O silêncio, todavia,

descobrira sangue em suas veias

e corria, agora,

senhor de escravos rios.

E o silêncio refletiu-lhe, então,

florestas silenciosas, por outros descobertas,

e os seus beijos de fogo adistanciados,

distante o amor enoturnado, que almejava,

na serenidade miragiosa desvendante

de mundos com jardins e rosas calmas.

E o veiante não soube compreender,

pasmadamente imóvel, sem canto a respirar,

o espelho à sua frente.

E chorou,

mas chorou inutilmente,

pois que o silêncio nascera em suas veias.

## Para teu Aniversário

*Para Ruth*

O tempo que circula no universo  
desfaz-se face o amor que te dedico,  
que, apesar das palavras e do verso,  
descortina teu sonho muito rico.

São trinta e nove voltas calendário,  
que o coração debruça-se no encanto,  
pois se aproxima o teu aniversário  
que me desperta a lira deste canto.

Não sei quanto eu te quero, amor sem fim,  
mas sei que ninguém sabe como meço  
o querer que te tenho e tens por mim,  
que a Deus para que dure sempre peço.

E para que este teu olhar desfrute  
eu paro por aqui, querida Ruth.

## Eram Três Marias-Luas

*Em memória de  
Dalmo Florence*

Conheci de tantas luas  
apenas luas-Marias,  
Não eram duas Marias –  
eram três Marias-Luas.

Conheci de tantas luas  
três luas e três Marias.  
Nasceram luas-Marias,  
nasceram Marias-Luas.

Conheci de tantas luas  
uma lua e três Marias,  
e a primeira das Marias  
era da cor de três luas.

Conheci de tantas luas  
três luas, duas Marias –  
e a segunda das Marias  
tinha, no mundo, três Luas.

Conheci de tantas luas  
duas luas sem Marias,  
e a última das Marias  
era a Maria Três-Luas.

Maria das nove luas.  
Cor da lua era a primeira,  
a terceira a lua inteira,  
mas aquela das três luas  
era a Maria da Lua  
que, segundo por segundo,  
vivia o mundo da lua  
e se dava a todo mundo  
que, no mundo, era da lua.

Conheci de tantas luas  
apenas luas Marias.  
Não eram duas Marias –  
eram três Marias Luas.

## Eu te amo

*Para Ruth*

Eu te amo, eu te amo, eu te amo, amada minha,  
mulher dos meus desejos e meus sonhos,  
que descortina a aurora onde caminha  
e faz sorrirem meus olhos tristonhos.

Teu nome descompassa a minha vida,  
que segue a melodia de teu canto,  
afugentando mágoas e a ferida,  
que despontara a margem de meu pranto.

Tu rompes as fronteiras que, no espaço,  
abriste como abri, sem muita calma,  
e marchas em silêncio a cada passo  
no tapete estendido por minh'alma.

Não sei por que te digo o que te digo,  
se continuas sempre aqui comigo.

## Poemas do Descompasso

*Para Ruth*

*I – O Sossego da Flor*

O sossego da flor.  
O pássaro desconhece  
o sossego da flor.

Muita gente desconhece o sossego da flor,  
eu não.  
Eu amo a flor  
porque conheço  
o sossego da flor.

*II – O Barulho do Mar*

O barulho do mar  
cria mensagens.

A noite despencada sobre a terra  
as mensagens desvenda  
a cada instante.

E o vento, pela noite, se despenca  
entendendo as mensagens.

Mensageiro do tempo sem espaço.

*III – Encanto e Desencanto*

Teu encanto, cor da lua,  
cor das noites sem estrelas,  
cor das estrelas nas noites,  
cor dos astros, cor do mar,  
cor da montanha e do campo.  
Teu encanto, cor de sempre,  
cor do justo, cor de tudo,  
encontrei ao som estranho  
do meu próprio desencanto.

*IV – O teu Sorriso*

O teu sorriso tem cores  
dos raios da lua cheia  
que envolvem prados e mares  
nas fibras de sua teia.  
O meu sorriso incolor,  
envolvido nesta teia,  
se ilumina por encanto  
aos raios da lua cheia.

*V – Plágio bem Intencionado*

Alguém já disse, esperando  
certa noite em boemia,  
nem sei bem e nem sei quando,  
mas quase alvorava o dia,  
“Talvez eu seja poeta,  
se te vir de novo à rua.  
Anda a noite tão quieta,  
que embarcou toda na lua”.

Hoje digo, envergonhado,  
roubando-lhe a linda imagem  
que, curvada ao próprio fado,  
partiu a minha, em viagem:

“Talvez eu seja poeta,  
se um dia a tiver só minha.  
Anda a noite tão quieta,  
qu'esqueceu qu'inda caminha”...

VI – *Último Beijo Último Instante*

Último beijo... Último instante,  
calmo como a lua,  
triste como a noite.  
Duas palavras trocadas  
e um chofer indiferente  
à sensação repartida.

Doce peso insuportável  
de um adeus indefinido  
pelo seu definitismo.

Último beijo... último instante,  
calmo como a lua,  
triste como a noite...



**Intemporal  
Espaço**

(1995)

Para Ruth

# O Intemporal Espaço da Poesia

Carlos Nejar<sup>8</sup>

**C**ada poeta é uma pulsação no rio da tradição, um momento da linguagem. Às vezes os poetas negam sua tradição, mas para inventar outra – escreveu com justeza Octavio Paz. E é a tradição a sabedoria rítmica que os poetas rebrilham sob o toque solar da linguagem. Mas é a linguagem a sua própria tradição, porque na jusante do rio é onde as águas mais profundas resvalariam.

Ives Gandra Martins não é apenas o jurista de renome nacional. É o homem da palavra, cuja pátria subjaz no coração do homem. E a palavra toma cor, sonho, amor fiel, as feições do tempo e o velho recurso da esperança neste seu admirável *Intemporal espaço*. Pois de amor e esperança essa poesia se alimenta.

Um livro de poemas tem muito dos livros de imagens da infância. Como se fora “um desenho animado” (Cassiano Ricardo). E Ives – o poeta – transporta no verso a carga fluente da metáfora, com preciosos achados:

*Por teus olhos, cor de musgos (...)*

*Onde adormecidas boiam*

*As ferrugens dos portões.*

Ou vejam os leitores como as imagens se entrelaçam e completam, em nodosa maranha:

*O velho mais não sabe o que apascenta.*

*Nem nuvens, nem cordeiros, cada passo*

*E como um nó que grita e que arrebenta*

*Um outro nó que faço e que desfaço.*

8.  
Poeta,  
romancista e  
ensaísta.  
Membro da  
Academia  
Brasileira de  
Letras.

Ou, então, verifiquem o alucinado e inventivo ritmo de versos, como estes:

*Por mais veloz que seja, é sempre lasso  
O movimento etéreo deste mito  
Expandi-se no cosmos, sem inchaço,  
O limite do tempo não descrito.*

Também outro aspecto inebriante do texto gandriano é a sua musicalidade. Ezra Pound observou, em *A arte da poesia*, sobre o lamento de Francesca, de Dante, asseverando que suas palavras choram como galhos batidos pelo vento: *Nessun maggior dolore, / che ricordarsi del tempo felice / nella miséria...* Verlaine admitia que *De la musique avant toute chose*. A poesia de Ives é sonora, cantante:

*Outrora o mundo do eu pequeno.  
O velho é velho. Ou quase velho.  
Assim espelho o velho velho.*

A repetição obsessiva dos “v” e o encontro entre espelho e velho, com o dobrar redobrado desse ato de encanecer – o poema dói e bate como um sino. Cantar é ver. Mas ver para dentro das coisas.

Ruth, tão presente no texto, é musa, mulher, amada, símbolo, luz, sombra – inicial e termo do percurso. Como um círculo. E o poeta não esmorece diante do futuro, nem das lutas e agruras. Pode dizer:

*Vejo um porvir no qual amor não falta.*

E esse tom oral de seu processo criador faz retornar à *origem da poesia: a palavra falada* (Octavio Paz). E não é sem razão que certos poemas de Ives são para serem lidos em voz alta. Como se a repetição, a sonoridade ou a fala trouxessem aquele mágico escondido atrás da porta dos símbolos. Lembro, de passagem, os poemas “À falta de sino”, “O trinar das

rimas”, “São Paulo sob chuva”, “Cavalos”, o antológico soneto “Nem sempre”, ou o breve, cortante “Sempre”.

Deve o criador, necessariamente, determinar-se em torno de problemas de construção? Cabe-lhe fazer o seu poema, mesmo com certos elementos da arte poética tradicional. Todavia, o poema não será tradicional – mas um ser vivo, com identidade, nome, silêncios.

E se a poesia é a revelação da beleza, essa beleza há de ser também a revelação do que a exprimiu, a biografia com que ele reflete o universo. Pois a história da poesia é sempre uma história do universo.

Ives Gandra Martins configura essa regra. E como não se Shelley, na *Defesa da poesia*, suscita ser o poeta o verdadeiro legislador do universo? A fonte do Direito e a da Poesia brotam da mesma raiz de água da Palavra. A ciência da Poesia trabalha com vigor mágico e a do Direito com a relação entre os homens, ocupando ambos o território mítico, em que a linguagem estabelece suas leis.

E ser poeta é inventar as leis do próprio verso, ouvindo a voz do poema dentro de si. Como um tambor, o dos primitivos povos e sonhos.

E não buscamos a poesia. Ela nos encontra, nos desafia e, com um rosto que nunca deixará de ser coletivo, tece, como o texto de Ives Gandra Martins nos mostra, o fio do intemporal espaço.

Paiol da Aurora, 29 de setembro de 1995.

## Teus Olhos

Teus olhos são imensos lodaçais  
no fundo dos grandes lagos,  
são os musgos seculares  
nos troncos parasitados.

E o canto enferrujado  
nas ferrugens de portões,  
no silêncio dos jardins,  
boia, mudo, por teus olhos.

Imensos lodaçais estagnados,  
passados, repassados, trespassados.  
Os séculos dos lagos,  
lagos grandes,  
ouvindo a eternidade,  
estagnados.

Os musgos seculares remontando  
enormes árvores, que o tempo encurva.  
Os musgos se infiltrando,  
varando e revarando  
os troncos engrossados  
pelas árvores.

E os teus olhos,  
cor de musgos,  
cor de imensos lodaçais,  
estagnando o lago dos meus olhos,  
parasitando o tronco de meu corpo,

cantam o canto enferrujado  
das ferrugens dos portões.

Eis minha canção de sempre,  
a canção verde marrom  
da conquista e da indolência,  
cujo som soa silente  
por teus olhos, cor de musgos,  
cor de imensos lodaçais,

onde, adormecidas, boiam  
as ferrugens dos portões.

27/07/55

### Um Velho Soneto

O velho dimensiona um novo tempo,  
sem espaço, sem vida, sem mais nada.  
Quem pensa nele ver sombra e relento  
encontra uma saudade desfraldada.

O velho mais não sabe o que apascenta,  
nem nuvens nem cordeiros. Cada passo  
é como um nó que grita e que arrebenta  
um outro nó que faço e que desfaço.

O velho sou eu mesmo. Ou não serei?  
Fundamento de sempre. Sempre e sempre.

Quem ama só descobre amor de rei,  
por estepes de lua e de serpente.

O velho dimensiona um novo tempo.  
Um tempo temperado no destempo.

01/01/60

### **Tu**

Tu és aquela que não fica triste,  
a sinaleira dos caminhos retos,  
de olhos serenos, como os astros quietos,  
no claro rumo que, sonhando, abriste.

Tu és aquela que, em silêncio, viste  
os bons costumes serem, por discretos,  
em fel tismados – males indiretos –  
de alma tranquila como não existe.

Tu és aquela que jamais se importa  
quando enganada, a luz de Deus te assiste.  
Teu coração, meigo jardim de afetos,

sendo da vida uma risonha porta,  
te faz aquela que não fica triste,  
a sinaleira dos caminhos retos.

01/07/68

## Poema Louco

*Para Mário Chamie*

O tempo se desfaz,  
serena lesma  
em paz.  
A vida mesma  
corre em gás e torna esma  
a incapaz,  
num ás de mas.

Sou eu que me descubro,  
rubro e louco,  
como há pouco inteiro cubro,  
distante e rouco,  
o mês de outubro.

Um gás sem mas,  
a paz sem ás,  
um cubro rubro –  
descubro outubro  
em louco pouco.

A paz de lesma,  
a vida mesma,  
outubro pouco  
e um rubro louco.

01/01/94

## Teu Olhar

Teu olhar perfurou o meu sorriso,  
esfrangalhando o canto apocalíptico  
com a força forjada em outro piso,  
em pintura isolada ou vista em tríptico.

Dilacerado o cerne de minha alma,  
teu olhar se espalhou na carne nua,  
sanguinolenta e estanque, em muita calma,  
como a passada vida pela lua.

Teu olhar toledano, feito espada,  
não permitiu suspiros e nem mágoa.  
Derrubou meu aprumo pela escada,  
que afundava num triste mar sem água.

Teu olhar decompôs o tempo espaço,  
que eu construía há muito, passo a passo.

## Caminhada Incerta

O sentido da luz descobre o espaço,  
e a solidão do céu fere o infinito.  
Há sombras pelo eterno em cada passo  
que cria no Universo o próprio rito.

Por mais veloz que seja, é sempre lasso  
o movimento etéreo deste mito.  
Expandem-se no cosmos, sem inchaço,  
o limite do tempo não descrito.

A terra mal desvenda a própria idade,  
e a vida que, hospedada na distância,  
se perde pelas brumas recoberta.

O mistério solver não há quem há de.  
Só Deus, a quem pertence, última instância,  
julgar a caminhada mais que incerta.

10/01/94

### O Velho

O velho encontra a forma.  
A reforma informa o velho.  
Espelho este retrato num só ato.  
Mal sensato  
o próprio fato  
que ora espelho.  
O Eu do Espaço. Sempre lasso. Mal  
escasso.

Desfeito o passo  
que repasso no mormaço  
feito d' aço.  
O Eu pequeno.  
Destempo ameno. Sem sereno a noite.  
Não descobre o Reino-reno,  
outrora mundo do eu pequeno.  
O velho é velho. Ou quase velho.  
Assim espelho o velho velho.

13/01/94

## Ato Recíproco

O amor não é um ato recíproco.  
É apenas um ato altruísta,  
isolado em sua essência,  
e quase sempre ignorado.

Se, algumas vezes, é recíproco,  
na coincidência tem raiz.  
Querer o bem do outro é pouco humano,  
por isto o amor não é tão simples  
e fere de tanto em tanto  
a natureza das coisas.

O egoísmo da posse desejada  
traz, no máximo,  
a imagem do amor desfigurado,  
em que o “ter” vale bem mais do que o  
“ser”  
e o “ser”  
se desfaz  
sem ter nascido.

O amor, quando ele é puro,  
encanta sempre  
e entristece  
se, na impureza do outro,  
não descobre o porto amigo.

Nem por isto desfalece,  
porque o amor  
jamais é um ato recíproco.

15/01/94

## **Caminho Estranho**

O coração para, às vezes,  
e não distingue  
seu horizonte.  
Perde-se nas dúvidas do passado,  
desconhece o fluxo presente  
sem vislumbrar as névoas do futuro.

Somente o nada sou.  
Restabelece  
a harmonia interior  
e sinaliza  
um caminho que nunca dominei,  
mas do qual nunca desisti.

18/01/94

## **A Tarde**

A tarde chuvosa  
relembra o passado.  
O dia retém  
a vida presente.  
O susto do vento  
descobre a incerteza  
do tempo futuro.  
Assim resto pasmo,  
com olhos abertos  
buscando o cenário

de um outro cenário  
atrás colocado  
de meu panorama.  
A tarde chuvosa  
relembra o passado,  
e o dia retém  
a vida presente.

20/01/94

### **Nada Sou**

Mistério da noite triste,  
não sei como desvendar.  
Meu coração nunca viste,  
mesmo em noites de luar.

A verdade não resiste  
ao torpor do relembrar.  
Na planície o tempo insiste  
em procurar sempre o mar.

Sinto, agora, mais cansaço.  
A incerteza de meu passo  
não repara o teu momento.

Teu silêncio no deserto  
faz-me assim tão descoberto.  
Nada sou, nem represento.

05/02/94

## Destino

Vou correr pelo infinito,  
sem estrelas no meu canto.  
Meu coração tem seu rito  
que me causa sempre espanto.

O verão por acalanto  
traz um tom bem esquisito,  
mas não chega no recanto  
que formatei neste mito.

Sou eu que assim me desfaço  
recolhendo a cada passo  
o tempo desde menino.

Nada sobra nesta tarde.  
Soluço um sol que não arde  
esculpindo meu destino.

10/02/94

## O Trinar das Rimas

Teu encanto faz meu canto  
no recanto, que acalanto,  
sem espanto e sem ser santo,  
que, no entanto, tem seu tanto.

Teu olhar de Trafalgar,  
no piscar para afagar  
e afogar a lua par,  
gera o lar do mar âmbar.

Teu antiste muito triste,  
mal resistes o que me assiste,  
dedo em riste, que não viste.  
Repetiste o som de Liszt.

Teu amor nasceu com dor  
e incolor no seu ardor.

01/03/94

### Meu Silêncio

O meu silêncio é a voz da madureza  
que cobre a densidade de meu verso.

O tempo neste tempo é só presteza  
no passo calmo e lento do Universo.

O meu silêncio é a voz que me conduz  
nos caminhos despertos para o Eterno.

Tem agora o contorno de uma cruz  
que torna primavera mesmo o inverno.

O meu silêncio é a voz do meu descanso  
repleto de trabalho e muita luta.

Alguém que sempre foi fez meu avanço  
e continua assim na minha escuta.

O meu silêncio é a voz de meu futuro  
que torna muito claro o que era escuro.

14/02/94

## À Falta de Sino

Nesta Sexta-feira Santa,  
meu coração vive a cruz,  
coberto na triste manta  
que de propósito pus.

A verdade não espanta.  
O sonho que me conduz  
canta a vida, canta, canta,  
numa explosão só de luz.

Nesta Santa Sexta-feira,  
descubro mais uma vez  
o Senhor de meu destino

e minh'alma sempre à beira  
faz o mesmo que já fez,  
e reza à falta de sino.

01/04/94

## O Desenho do Tempo e do meu Verso

O desenho do tempo faz-se escasso.  
O sonho atemporal morre no asfalto,  
e a vida nunca encontra seu espaço  
ferindo duramente o ser incauto.

A eternidade foge a sobressalto  
do triste fenecer a cada passo.  
O sacrifício que se põe tão alto  
torna o fim menos fero e sempre lasso.

O começo descobre o indescoberto,  
e o véu de tudo muda-se em mistério,  
neste mundo desfeito sem império.

O tempo pelo espaço faz deserto,  
mas pode ajardinar todo o universo  
no destilar de meu modesto verso.

01/01/95

### **Pássaros da Noite**

Pássaros da noite.

Nada mais.

Os sonhos morrem sempre de manhã.

Descortiná-los

quem há de?

Se os sonhos foram feitos para a noite,

descortiná-los quem há de?

Saudade.

Nada mais.

Nada. O cais de tudo faz-se

força do universo

da minha pequenez.

Por isto amo  
os pássaros da noite,  
que voam no meu cérebro  
sem asas temporais.

08/01/95

## Versos

*Para Ruth*

Os troncos parasitados  
revelam rugas do tempo  
num espaço sem respaldo  
coberto de calma e vento.

Meu corpo, refeito o espanto,  
foge às cores do anterior,  
ganha vida em novo canto,  
tisonado em tom incolor.

Os musgos descobrem nódoas  
nas veias do som silente  
que desvendi no teu sonho.

Os ramos que agora podas  
formam *bouquet* diferente  
dos versos que te componho.

15/01/95

## Domingo

Fim de domingo.  
A noite espanca o calor  
e sobrevive  
até o dia seguinte.  
O silêncio desfaz buzinas  
e barulhos da cidade,  
mas não o ruído interno  
que corrói  
os peitos dilacerados  
dos que vagueiam na noite.  
Tudo insone,  
o telefone  
queda silente  
– há muito tempo que eu o quero inútil.

Quero sonhar  
quando dormir,  
e repousar a noite inteira  
para o amanhã,  
pois na segunda  
recomeço  
a eterna luta.

22/01/95

## São Paulo sob Chuva

O panorama cinza da janela  
ostenta gotas límpidas de chuva,  
em face à luz translúcida, amarela,  
que calça minha sala como luva.

Um bíblico dilúvio, todo o mês,  
alaga esta cidade de Babel.  
O Sol, intimidado, vez por vez,  
projeta seu calor atrás do céu.

Protejo-me na música e leitura  
da fera natureza em minha casa.  
A lira corre sempre mais escura  
e a inspiração se perde, sem ter asa.

Há quanto tempo não vislumbro clara  
a tarde, imersa em líquida seara.

19/02/95

## Mistério

O mistério da vida.  
A projeção do Universo  
faz  
do tempo e do espaço  
um sonho indescoberto.

A origem de tudo,  
quem há de descobrir?

Deus  
está na origem de tudo,  
mas o homem  
nem percebe  
a conformação desta vontade  
que fez o mistério da vida  
e a origem de tudo.

Sei  
firmemente  
quem fez,  
porque noto a presença,  
e neste ponto  
finda o meu conhecimento.  
Quem há de descobrir  
as explicações elementares  
de tudo o que conhecemos  
que é quase nada,  
pois a nossa razão  
não atinge  
nem o começo nem o fim  
de qualquer indagação.  
Só a fé.  
Mas a fé não é virtude de muitos,  
por isto  
descompassado.  
Fico estupefato  
perante o mistério da vida,  
a origem de tudo  
e a projeção do Universo,  
porque sei  
que o que não sei  
Deus sabe por mim.

18/02/95

## O Futuro Silêncio

A aventura do livro.  
Renasce  
a vontade de ler  
e fenece  
a saudade do ser.

A tempestade interior  
descortina  
o futuro silêncio,  
que descerá  
sobre mim e o Universo.

Os espaços galácticos  
um dia acabarão,  
e o tempo decomposto  
morrerá na eternidade.

O que restará  
do que foi e não será?

A aventura do livro  
também acabará.

E o presente no futuro  
ao passado igualará.  
O reflexo transcende  
a ponte de meu mundo  
e a penumbra de teus olhos.  
Única luz

que me guia nesta estrada  
surpreendente do Senhor.

A volta ao verso senil  
não descobre a poesia,  
mas abre campo de sonho  
para mim  
e para os meus.

A aventura do livro  
cria horizontes,  
mas perco-me de novo.

Nesta busca,  
que é minha e que é de todos,  
a busca da final explicação  
que faz da morte nova vida,  
sem lamentos, sem tristezas, sem remorsos.

25/02/95

## Noite

No silêncio da noite e da distância  
revejo, lasso, as cenas do passado,  
que recomponho, instância por instância,  
até formar o círculo quadrado.

O contraste que o tempo redescobre  
desfaz o sonho cálido d'antanho,  
desenhando em seu perfil mais nobre,  
destaque entre as ovelhas do rebanho.

Repensar de que vale? Nada valho,  
nada sou, nada quero, nada posso.  
O próprio verso que, no tempo, espalho  
não sei se continua sempre nosso.

O começo do fim que principia  
na busca de um eterno novo dia.

07/03/95

### **Tão Somente**

O frio já penetra a eterna curva  
do descendente tempo dos sessenta.  
A imagem do passado, já mais turva,  
o sonho do presente não esquenta.

Os passos mais tranquilos e cansados  
retraçam cada dia seu caminho,  
como os gregos vivendo parques fados,  
sem consolo sequer do franco vinho.

Os frutos não são todos tão maduros,  
alguns sendo mais verdes que a estação.  
A voz acompanhante por sussurros  
as queixas esparrama sempre em vão.

Manter no caminhar serena a mente  
é o rumo que me resta tão somente.

21/04/95

## O Teu Sorriso

O teu sorriso.  
Há quantos anos procuro desvendar  
o teu sorriso!

É bem mais fácil,  
fantasticamente mais fácil  
descobrir  
o que se esconde atrás  
da bela de Da Vinci.

O teu sorriso  
está sempre de meu lado,  
e não penetro  
no imenso divagar  
de teu sorriso.

Teus olhos, muitas vezes, eu desvendo.  
O teu sorriso, nunca.

Há quanto tempo estás tu do meu lado!  
Há quanto tempo vejo o teu sorriso!  
Por quanto tempo não desvendarei  
este mistério  
profundo, límpido e sereno  
de teu sorriso.

29/04/95

## O Cansaço do Tempo

O cansaço do tempo já desfeito,  
transparece nas páginas d'antanho,  
um cansaço explosivo no seu leito,  
que do tempo distende seu tamanho.

A pétrea descoberta nada acresce,  
imutável caminho pelo espaço,  
girando sementeiras sem ter messe,  
num cântico atonal, embora escasso.

A estrada sempre morre na estalagem,  
serena, mesmo intensa a tempestade,  
há muito que não sopra mais aragem  
que o verso descobrir não sei quem há de.

O cansaço do tempo faz-se imenso  
que não sei mais pensar no que já penso.

07/05/95

## Cavalos

*Cavalos já foram pombos*

Domingos Carvalho da Silva

Cavalos cavalgam nuvens,  
cavalgam nuvens d'antanho,  
nuvens d'antanho despertam  
cavalgadas sem tamanho.

Cavalos cavalgam sombras,  
cavalgam sombras sem fim,  
sombras sem fim descortinam  
cavaleiros no jardim.

Cavalos cavalgam mares,  
cavalgam mares redondos,  
mares redondos desvendam  
cavalos que foram pombos.

Cavalos cavalgam campos.  
Cavalgam campos e montes.  
Campos e montes despencam,  
cavalos cavalgam fontes.

Cavalos cavalgam tempos,  
cavalgam tempos de fada,  
tempos de fada descobrem  
cavalos na madrugada.

Cavalos cavalgam noites,  
cavalgam noites de espaço,  
noites de espaço despontam  
cavalos mordendo o passo.

Cavalos cavalgam sempre,  
cavalgam sempre sem rito,  
gerando seus cavaleiros  
cavalgadas no infinito.

04/06/95

## **Eu**

Eu sou aquele que te quer, na vida,  
com um querer sereno e sem limite,  
que permanece, mesmo se a descida  
os anos mostre para quem os fite.

Eu sou aquele que nasceu p'ra ti,  
sem perquirir a tua concordância,  
correndo o risco que sempre corri,  
nas minhas lutas desde a prisca infância.

Eu sou aquele que descobre estrelas  
no teu olhar que o mundo não descora,  
acalentando sonhos, por retê-las,  
passado tempo, que se faz de agora.

Eu sou aquele que, no eterno espaço,  
junto de ti caminha, passo a passo.

05/07/95

## **Meu Nada**

Permanece o conflito da vontade  
que ao coração se opõe sem evidência,  
descortinando o som da eternidade  
na cor desta silente reticência.

Macula o coração rude dilema,  
por vontade afastado toda a vez,  
e se reveste este confronto em tema,  
ferindo meu repouso cada mês.

Vontade e coração, d'alma o perfil  
retraçam na pequena solidão,  
a luta faz-se grande, faz-se vil,  
pois que a vontade opõe-se ao coração.

Subo na vida em temporal escada  
que mal esconde a sombra de meu nada.

06/08/95

## Rei

Nasci rei de um reinado sem rei,  
num castelo sem cor e sem ponte,  
meus comandos nos quadros da lei  
mergulharam na cálida fonte.

Meus soldados de escudo no braço,  
nunca espada tiveram na mão,  
os tambores batidos no espaço  
percutiram lembranças em vão.

A princesa do rei tão silente  
no castelo vivia sem dor,  
mas o reino do rei diferente  
Tinha a cor do castelo sem cor.

Nasci rei de um reinado sem rei,  
sem comando, sem povo e sem lei.

14/03/95

## Tatuagem do Tempo

*Para Fúlvia de Carvalho,*  
*autora do livro Tatuagem*

A chuva atomiza o céu  
que, chumbado,  
despenca baixo  
sobre uma terra alagada.

A seca foi tão severa,  
mas tisonou apenas  
o pretérito do tempo.

Hoje, o torrencial das nuvens  
encharcou o solo  
anteriormente dilacerado  
por um sol calmo e cruel.

Assim, na vida,  
muitas vezes a aridez  
cede à força da paixão,  
deixando marcas  
do tempo  
na carne e no coração.

Apenas o homem sábio  
sabe aproveitar  
as agruras da estiagem  
ou a força da inundação,  
não se deixando marcar  
pela tatuagem do tempo.

05/02/95

### O Universo

Um soneto desfeito por inteiro,  
na penumbra do tempo sideral,  
a transformar o cosmos num vespeiro  
de corpos do Universo cor de sal.

A noite em pontos brancos ganha espaço,  
o silêncio expandindo-se na luz,  
que o infinito descobre a cada passo  
e o cristão no mistério de uma cruz.

As novas, na explosão, geram o pulso  
que mede a dimensão do campo astral.  
Assim eu resto, pasmo sem impulso,  
medindo pelo bem o fim do mal.

O Universo na origem sem limite  
espanto causa a mim, por mais que o fite.

07/01/95

## Falácia

A falácia imaterial.  
No sucesso ou no fracasso,  
a falácia por igual.

O sal,  
cardeal do mal,  
pode gerar no quintal  
o passo que repasso,  
buscando o bem que não faço  
num arsenal que não peço  
e nem meço.

A falácia intertemporal.  
Faço e refaço no escasso  
a falácia espacial.

Nada obstante o fracasso  
nesta luta desigual,  
laço, bem lasso, o regaço  
num avental cor de sal.

A falácia.  
Quanta falácia! Quanta falácia!  
Ó falácia imaterial!

18/03/95

## Às Vezes

Às vezes nem tempo tenho  
para escrever uma linha,  
e o peso de estranho lenho  
traz a lembrança que tinha.

Às vezes curvo-me, lasso,  
sem esperança e sem nada,  
procurando um novo espaço  
para uma nova balada.

Às vezes nem sei se, às vezes,  
vale a pena meu trabalho,  
mas continuo nos meses  
fazendo versos que espalho.

Às vezes paro espantado,  
sem ter você de meu lado.

19/01/94

## Sempre

Todos os tempos,  
todos os ritmos.  
Nunca a destempo,  
cantos marítimos  
Ode da tarde,  
salmo da noite  
Ventos que ardem  
como um açoite.

Não sei que faço.  
Não sei se vale.  
Cubro um espaço.  
Descubro o vale.  
O rio corta  
o morro agreste.  
A mente entorta  
a rota Leste.  
É tudo o mesmo,  
e tudo é nada.  
Versejo a esmo  
sem capa-espada.  
Sou sempre assim,  
pobre e macabro,  
mas do jardim  
a porta eu abro.

28/01/95

## Nem Sempre

Nem sempre o dia que corre,  
corre como desejamos.  
Como ele nasce, ele morre  
deixando flores sem ramos.

Nem sempre o dia descobre  
a verdade procurada,  
mas tem um toque de nobre  
sem futuro e sem mais nada.

Nem sempre a noite me encontra  
após um dia, cansado,  
esguia como uma lontra,  
não tendo forma nem lado.

Nem sempre sou o que quero,  
nem por isto desespero.

21/01/94

### Reflexo

“Eu te amarei hoje e sempre”,  
escrevi quando menino.  
Hoje, já velho e cansado,  
repito o canto pretérito:  
“Eu te amarei hoje e sempre”.

O tempo desfaz as forças,  
mas não desfaz o que é forte.  
O tempo se torna breve,  
porém o querer eterno  
refaz as forças que restam.

“Eu te amarei hoje e sempre”.

Jaguariúna, 14/01/94

## Nosso Amor

O descompasso fere o pastoreio.  
O pastoreio pasce o verso inculto.  
O verso inculto gera o teu receio,  
e o teu receio torna-se meu vulto.

E meu amor explode a cada passo.  
A cada passo busco-te desperta.  
Desperta em ti a síndrome do espaço,  
do espaço aberto em tua vida certa.

O tempo cria formas ao relento  
e, ao relento, descubro teu encanto.  
O teu encanto eu sempre reinvento,  
e reinvento o timbre de meu canto.

Não há quem, no silêncio, não escute  
o nosso amor sem fim, querida Ruth.

29/01/95

## Leito

A prece desce,  
não intumesce,  
o espaço d'aço.  
Mal desconhece,  
no solo, a messe  
num passo lasso.  
Sou sempre o mesmo.

Pão e torresmo  
pelo caminho.  
Caminho a esmo,  
num passo lesmo,  
sem pão e vinho.

Teu sonho intenso  
deixa-me tenso,  
e faço o verso.  
Descubro incenso  
no toque imenso  
deste universo.

Paro, desfeito.  
A dor no peito  
não gera dor.  
Transponho o leito,  
onde me deito  
com meu amor.

02/04/94

## À Noite

Quando te fito pela noite adentro,  
neste sossego que tua alma exalta,  
vejo um passado que não foi cruento,  
vejo um porvir no qual amor não falta.

Resta o presente fruto do noturno,  
que salmodia a noite para ti,  
pescando estrelas por um mar soturno,  
cheio de sons que nunca iguais ouvi.

A juventude faz-se mais distante,  
mas tu revelas sempre o mesmo encanto,  
Como a balada nobre de um infante,  
descubro-te Senhora de meu canto.

Quando te fito à noite adormecida,  
percebo que tu és a minha vida.

18/09/95



**Pretérito  
Imperfeito**

(1997)

## A Lenda do Começo Após

### I

Eu sou aquele que nasceu do sempre,  
correndo terras e rasgando ventres,  
descortinando auroras cor de sangue.  
Eu sou aquele que buscou o eterno,  
furtando sonhos e beirando o inferno,  
tombado, pálido e restando exangue.

Meu nome foi coberto de impropérios,  
minh'alma d'illusão fez-se em mistérios,  
e tudo descobriu de uma só vez.  
Cenários se alongaram pela estrada  
que cobri, arrastando a dura espada,  
de têmpera qu'igual ninguém já fez.

Eu sou aquele que enfrentou o mundo,  
que desventrou o abismo mais profundo,  
em silêncio translúcido de espaço.  
Eu sou aquele que feriu a lenda,  
olhos cobertos sem nenhuma venda,  
que a vida corrigiu no próprio passo.

Assim descobri todos os meus versos,  
no cinza das tormentas sempre imersos  
entre as sombras do tempo em vendavais,  
e nisto se resume a história inteira  
daquele que seguiu a louca esteira  
pelos mares dos campos siderais.

## II

Até que um dia,  
o começo após  
chegou.  
Abstração absoluta,  
sem reino e sem jardim.

Penetrou as sangrias desoladas,  
vestidas no azul  
dos despenhadeiros,  
e recobriu de sol e de sereno  
as soluções marítimas  
do céu,  
nos espaços das naves peregrinas.  
O silêncio sepulcrico e sidéreo  
hospedou a essência do Infinito,  
despencado da imensidão do sempre  
para a franquia aberta do Universo.

O Infinito mostrou-se final,  
cristalizado átomo instantâneo,  
para em seguida crescer,  
descomunal,  
abrindo pelo cosmos sem fronteiras  
a estrada do começo após.

## III

O jardim dos impossíveis  
foi descoberto sem véu,  
e o cavaleiro por níveis  
cavalgou o seu corcel.

Entrou com asas na espada  
e com luares no escudo,  
sonhava ver sua fada  
vestida em puro veludo.

Era um valente menino,  
por seu saber já maduro,  
afastando o desatino  
como o claro afasta o escuro.

Cavalgava o seu cavalo  
por alamedas cobertas  
e, ao vê-lo, meu verso calou,  
sendo as areias desertas.

Cavalgava o mundo inteiro,  
menor que a própria ambição,  
e descobria o roteiro  
que não procurara em vão.

Cavalgava o cavaleiro,  
tendo a cabeça no espaço,  
peregrino e não romeiro,  
nos caminhos de seu passo.

Cavalgava o etéreo abismo  
por sobre sombras e sonhos,  
a mente envolta em lirismo,  
o corpo em choques medonhos.

Cavalgava em seu jardim.  
Nascido dos impossíveis,  
na busca do próprio fim,  
cavaleiro dos desníveis.

E cavalgando a aventura,  
criou o próprio Universo,  
esfacelando a amargura  
na cavalgada do verso.

E fez a lenda do tempo  
por ter caminhado a sós,  
rompendo a linha do vento,  
gerando o começo após.

Santo Ives, julho de 1986

### **Soneto de Meu Retorno**

Depois de tanto tempo desligado  
das torturas silentes de meu verso,  
ao torno volto, o coração disperso,  
rubro, ofegante e semi encabulado.

As saudades dos tempos de eu menino  
dilaceram-me o peito já maduro,  
que dantes albergara de inquieto  
meu estro, maltrapilho, rude e puro.

Desconcertado, volto como outrora,  
amando quem amara e a consequência,  
a esperança senil de nova aurora,  
apesar do talento ser falência.

O meu verso, porém, corre feliz  
no desfeito jardim que sempre quis.

São Paulo, 2 de Março de 1986

### **Fernanda e Regina**

Louvo a menina dos cabelos dourado,  
de olhar profundo como não existe.  
Da Espanha traz o seu encanto mouro  
e o tom, às vezes, ledado e, às vezes, triste.

De Tio me chama se de bom humor,  
se não se cala, mas, calada, fala.  
O seu sorriso tem variada cor,  
que das tintas percorre toda a escala.

De minha filha é carinhosa amiga,  
a minha filha a quem adoro tanto.  
Às duas ofereço esta cantiga  
plena de amor e pálida de espanto.

Regina, cujo embalo é de ciranda,  
o mesmo embalo próprio de Fernanda.

(Avaré) São Paulo, 2 de Maio de 1986

1996

Um ano a mais tributa meu cansaço,  
tributo que mais quero que a anistia.  
É que conheço um pouco deste espaço  
e desconheço aquele d'outra via.

A luta que travei só valeria  
num panorama posto noutro passo,  
capaz de vislumbrar no fim do dia  
um novo dia, intemporal e escasso.

A certeza, desfeita a dimensão,  
na incerteza de tê-la conquistado,  
faz-me aceitar a estranha imposição

e a esperança de vê-la do meu lado,  
retirando da lide o esforço vão  
no cumprimento eterno deste fado.

### Férias

Muitos pensam que o descanso  
é buscar outros países,  
pensando assim demonstrar  
importância e bom saber.

Pensar no que os outros pensam  
é meta de muita gente.  
Bem julgam viver, na vida,

a vida que os outros julgam  
de longe a melhor das vidas.  
Viver a vida que é própria  
sem busca de glória vã,  
ou do poder inconstante,  
e o que ser certo parece  
fazer no tempo que é certo,

isto sim é que distingue  
quem nasceu a ser alguém  
daquele pobre ninguém,  
por mais alguém que pareça.

Trabalhar o bom trabalho  
para servir,  
e descansar se o descanso  
é retempero,  
mas nunca pensar sequer  
que algum valor  
decorra desse viver,  
eis o saber,  
pois o valor é de Deus  
e de quem n'Ele  
sua fé depositar.

09/01/96

## Pontos Temporais

O vespeiro de estrelas descortina  
a imensidão do espaço sideral,  
cujo segredo em pontas de platina  
resta silente, frio e natural.

O firmamento busco desde a infância,  
imaginando sonhos e quimeras,  
que deixam na memória sem vacância  
pelo tempo que forma todas eras.

O que sou no universo sem limite?  
Limitado ao extremo, quedo pasmo.  
Não me irrita, mas há quem não se irrite  
perante o negro e celestial marasmo?

Uns pontos temporais na imensidão  
é o que os seres humanos sempre são.

26/01/96

## Cavaleiro

*Para Ruth*

Cavaleiro do tempo desfeito,  
meu cavalo cavalga no espaço,  
tendo a sela enterrada no peito  
e eu a amada levando no braço.

Cavaleiro de um reino sem rei,  
nunca sei o que valho no reino;  
sei apenas que é reino sem lei  
onde a glória se faz no destreino.

Cavaleiro da aurora perdida,  
a princesa que eu amo desperta  
muitas vezes seu sonho de vida,  
num reinado de areia deserta.

Cavaleiro da história passada,  
levo a espada no peito cravada.

04/02/96

## Domingo à Noite

*Para Ruth*

Do meu escritório à noite,  
vislumbro  
prédios apenas.  
Luzes parcas nas janelas  
não desfazem a  
escuridão.

Quantas vezes me pergunto  
qual o drama  
que se esconde  
por trás da noite e do escuro.

Todos sabem  
que ele existe,  
mas defini-lo não há  
quem consiga.  
Não consigo.

Olho o negro das janelas.  
Uma pintura doente  
de Klee desfeito na vida  
pela morte,  
Antes da morte.  
Muito negror.  
Tudo denso.  
Meu consolo neste quadro  
é que a luz  
de meu recanto  
tem o calor que puseste  
no teu amor sem descanso.

SP, 11/02/96

### **Piscina**

Da varanda sem chuva,  
desvendo a chuva de fora,  
impertinente,  
ora forte,  
ora frágil,  
mas sempre chuva da tarde.

A piscina iluminada  
recebe as gotas, tremendo,  
numa pele  
arrepida  
dos enredos feitos d'água.

É tarde-noite  
de um verão intimidado.

Apesar da tempestade,  
irei sozinho à piscina,  
pois o tempo de verão,  
por ser tecido de vida,  
é curto.

Jaguariúna, 17/02/96

## **Meu Laço**

*Para Ruth*

O punhal trespassou o som da morte  
e o sangue azul venceu o intemporal,  
não há quem nesta vida a vida corte  
após a solução de um mar sem sal.

Abismei-me na escada sem ter fundo,  
e a descida infinita criou rios  
que escorreram do tempo pelo mundo  
desfazendo no espaço seus desvios.

Cavaleguei pelos montes da planície  
descortinando sombras no deserto.  
Descobri as palavras que não disse  
no sidéreo distante de mim perto.

O soneto que faço e que refaço  
não deslaça, nem laça este meu laço.

17/02/96

### Sem Escolta

Volto sempre à mesma volta,  
à mesma volta de sempre,  
que gera pouca revolta  
quando o mundo se põe entre.

Não sei, no tempo que escoo,  
quanto tempo ainda eu tenho.  
A cor da idade destoa  
o tom do lugar que venho.

No meu restrito infinito,  
vejo o Universo apertado.  
Transcendo a noite do mito  
e fico, calmo, a seu lado.

Volto sempre à mesma volta,  
sem talento e sem escolta.

17/03/96

## Serenamente

O momento contínuo faz-se agora,  
intempestivamente. Sobra pouco.  
Debruça-se no mar a voz de outrora,  
cerúleo encontro, vagamente louco.

Não sei a quem na vida a vida escora,  
nem sei por que meu grito é sempre rouco.  
Só sei que deixo tudo e vou-me embora  
ao mundo retornando, ouvido mouco.

A saudade pretérita desfaz-se.  
A verdade presente dilacera.  
Por mais que meu outono eu o trespasse,

já não enxergo mais a primavera.  
A vida se transforma em claro impasse  
neste encurtar do tempo sem espera.

Jaguariúna, 09/06/96

## Domingo pela Manhã

O vento acaricia as árvores do jardim  
neste domingo no campo.  
Às vezes sua carícia é mais forte  
e faz nascer  
a dúvida,

se deseja punir a não resposta  
das árvores plantadas  
harmonicamente  
na minha casa de campo.

Até mesmo o vento leve  
traz alguma inquietude,  
pois que a paisagem é mais bela  
se, parada no Universo,  
restar sem vento e sem brisa.

Muitas vezes descortino  
ventanias, ventos, brisas  
em minha alma interdita.  
E passam por cima dela  
sem penetrar no segredo  
que a sustenta  
há tanto tempo.

Só Deus conhece a razão,  
só Deus aponta nos céus  
com seu cortejo de santos  
para apoiar meu desgaste.

Sabe Deus que as ventanias –  
eu as posso suportar,  
mas, vendo o castelo fraco,  
não me manda temporais.

Jaguariúna, 09/06/96

## Devagar

Às vezes, eu me pergunto  
por que quero versejar,  
se nem sempre tenho assunto  
na inspiração devagar.

Muitos julgam o meu verso  
mais triste do que aparento.  
Eu sinto a dor do Universo  
quando meu canto eu invento.

Sobre meu estro passado  
às vezes eu me questiono.  
Vejo sombras de meu lado  
até que pendo de sono.

Eu ouço um grito no escuro,  
sem presente e sem futuro.

São Paulo, 16/6/96

## Ruth

Noite externa no espaço, negra e fria;  
motores da aeronave roncam fortes.  
A tua imagem vaga em sesmaria  
desfaz meus parques versos mal de cortes.

O silêncio de fora sem barulho.  
O silêncio de dentro barulhento.  
No coração, eu sinto este murmúrio  
de um vendaval terrível, mas sem vento.

Na vida, vou trilhando tal rotina,  
contigo sempre ao lado, sempre minha.  
Nem mesmo o tempo atinge o ar de menina  
que te faz fruto eterno em minha vinha.

Há quantos anos eu te quero tanto,  
prisioneiro de teu sereno encanto.

Rio-Sul (céus de Brasília) 20/06/96

### **Ruth**

O teu encanto sereno,  
a tua vida fiel,  
o teu sorriso moreno  
em teus lábios cor de mel.

O teu olhar costumeiro,  
o teu jeito tão distante,  
o teu suspiro fagueiro  
que me torna mais amante.

O teu destino refeito,  
o teu silêncio de sempre  
que me dilacera o peito  
neste toque diferente.

Permitem-me que desfrute  
o teu amor, doce Ruth.

01/07/96

## Velhos

Nos tempos modernos,  
o velho perece.  
Não há reconhecimento possível,  
num mundo sem sonho,  
pelos feitos pretéritos.

Todos lutam na busca de um espaço,  
um espaço apertado,  
sem horizontes,  
Muitas vezes fétido  
e desconfortável.

O velho, porém,  
nesta luta é afastado  
e fica sem espaço.

Espaço é feito para jovens  
que se tornarão,  
um dia,  
velhos sem espaço.

Nos tempos modernos,  
o velho perece,  
sem família, sem apoio, sem ninguém.

E há cada vez mais velhos  
e os velhos são cada vez mais velhos.

28/07/96

## Verso

Infecundo sabor da madureza.  
São passos retornados no caminho.  
A distância desfaz-se sem beleza  
quando eu a vejo, pálido e sozinho.

A finitude sempre teve início,  
início que não sente o fim de tudo.  
O tempo faz, porém, o precipício  
perante o qual não há seguro escudo.

A revolta silente gera o resto.  
O passado que foi desaparece,  
e o futuro não cria um novo gesto  
capaz de germinar florida messe.

O toque decomposto fica imerso  
no pobre desconsolo de meu verso.

29/07/96

## Mito Desfeito

Mundo distante,  
vida presente.  
Um passo avante,  
um passo a frente.  
Duro momento  
que não desminto.  
Tempo sem vento,  
tempo distinto.

Sou quem eu sou.  
És quem tu és.  
Mal aflorou –  
ponta dos pés.  
Há quem desate  
tanta tormenta.  
Triste acicate  
na rima lenta.  
Fim do poema,  
fim infinito.  
Resta a verbena,  
desfeito o mito.

### **Busca de Sentido**

A insensatez da névoa tem recanto.  
O descanso do ser faz-se infinito.  
O panorama novo causa espanto  
e gera no retorno estranho rito.

Os passos descortinam sempre o mesmo.  
As críticas mantêm a luz acesa,  
embora perambule em sonho esmo,  
na batalha que travo por defesa.

Quem disse ser os bardos fingidores  
os versos bem conhece, não os bardos.  
As mudas correm soltas, mas sem cores,  
e os brancos-negros tornam-se mais pardos.

O que fazer da busca de sentido  
bradando, todo o dia, em meu ouvido?

### **Inspiração**

Fim do domingo.  
Começo da noite.  
Nada me vem à cabeça  
para um poema.  
A disciplina multiplica  
os versos toda a semana,  
mas não  
multiplica  
a inspiração.  
Fim do domingo,  
começo da noite –  
onde está a inspiração?

11/08/96

### **Minha Mãe de Deus**

*Sobre uma imagem de  
Nossa Senhora ofertada por  
Adriano Fidalgo dos Reis.*

Há muito tempo que eu não te componho  
uns versos, Mãe de Deus e também minha.  
Desfazem-se as névoas pelo sonho  
e descubro a verdade que não tinha.

Desvendo em teu silêncio encantador  
a palavra que busco de menino.  
Tiveste em teu regaço o meu Senhor  
e do mundo fizeste o bom destino.

Em tuas mãos coloco minha vida,  
meu trabalho, a mulher, todos meus filhos,  
tranquilo, pois tu és, desde a partida,  
a guia que me leva pelos trilhos.

Amo-te, minha Mãe do Amor Eterno,  
quando vejo chegar o meu inverno.

Aroeira, 16/8/96

## **Meu Verso**

*Para Ruth*

Meu verso é o pobre sopro derradeiro  
do que resta de minha fantasia.  
Foi, no espaço, colheita e foi celeiro  
da verdade que nunca me fugia.

Inspirado na sombra de meu dia,  
tornava-se, na noite, canto inteiro,  
um tempo que parava e não corria,  
astro estancado em sideral vespeiro.

Meu verso inda sussurra o som primeiro,  
que mal desvenda a permanente via,  
fazendo-se, na estrada, o caminheiro,

roto, desfeito, trêmulo e sem guia,  
que procura seu sopro derradeiro  
no que resta de minha fantasia.

SP, 06/01/97

## Meu Canto

*Para Ruth*

Meu canto te enaltece, doce amor,  
amor que Deus me deu na eternidade,  
que ao frio mais intenso dá calor  
e que não diminui, malgrado a idade.

Meu canto canta a prole que me deste,  
como a razão de ser do meu trabalho.  
Levaste-me a chegar perto do Mestre  
e perceber o quanto agora eu valho.

Meu canto tem a forma de teus olhos,  
o sorriso que alegra minha vida,  
ultrapassando os naturais escolhos  
que a todos acompanham pela lida.

Meu canto, para ti e para mim,  
é o sonho que plantaste em meu jardim.

Jaguariúna, 6/1/97

## Sono

O sono desdobrou-se por inteiro,  
o navegante etéreo desvendando  
um caminho composto em travesseiro  
para um futuro aberto e sem comando.

O sonho fez-se mudo de repente  
e o presente, que é fruto do passado,  
desnudou-se num toque diferente  
sobre o tempo no espaço debruçado.

Argonautas das sombras tinham vida,  
amazonas das cores viam fontes  
correndo pelas margens da descida,  
na descida que sobe pelos montes.

O sonho nunca dura uma existência,  
por mais que o sono faça resistência.

Jaguariúna, 16 de Janeiro de 1997

## Retorno

Retorno ao verso.  
Há muito que não versejo.  
Cansado, sem vigor,  
meu estro naufraga  
no absolutismo do nada.  
As pontes despencaram na amplidão,  
solitárias.

Nada fiz para ampará-las.  
O caminho viu-se curto,  
sem horizontes d'outro lado.  
Quanta paisagem busquei sem ter sossego.  
Quanta? Não sei.  
O cenário desfaz-se por inteiro  
no noturno do tempo.  
O noturno conhece a paisagem?  
Quem sabe?  
Se conhece, seu destino é encobri-la  
aos olhos do poeta,  
que imagina a sua paisagem,  
diversa, bem diversa  
daquela que nasceu para ficar.  
As naves pelo espaço mal desvendam  
o inóspito.  
A rudeza dos minérios valem gritos  
dos que descobrem  
que o Universo é frio e oco.  
Nem mesmo a poesia  
pode aquecê-lo,  
até porque  
nasceu antes que os poetas,  
e continuará depois da poesia.  
O retorno ao verso é complicado,  
mas retorno,  
esquálido e teimoso,  
O futuro passando a ser passado.

Jaguariúna, 6/7/1997



**Presente Quase  
Pretérito**

(2001)

# Um Sentimento Único

Cláudio Lembro<sup>9</sup>

Ela e ele cruzavam os arcos e avançavam pelos pátios. Subiam as velhas escadas e ingressavam nas vetustas salas de aulas da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco.

Eram estudantes – bons estudantes – e transformaram-se em enamorados, de acordo com os costumes da época. Formaram-se e casaram-se.

União perene, por toda a vida. Eram outros tempos. Tempos de romances de Madame Delly, leituras românticas indispensáveis das adolescentes daquela época.

Os dois jovens acadêmicos tornaram-se pais, avós e personalidades do cotidiano paulistano e brasileiro. Ele advogado e mestre dedicado e presente, ela figura singular, onde a personalidade reta é símbolo da mulher mãe e dedicada ao estudo do Direito.

9.  
Advogado,  
professor e  
ex-governador  
de São Paulo.

Passaram-se algumas dezenas de anos. Não perdeu o jovem casal acadêmico o essencial para suportar os embates da vida. Permaneceu envolto pela poesia.

Neste século e no anterior, quando ocorreu a troca do romantismo pelo tosco materialismo, eles se mantiveram íntegros em seus objetivos e no seu amor.

Ele, Ives Gandra da Silva Martins, ao oferecer a ela, Ruth, belas poesias, indica que os sentimentos nobres permanecem, apesar do entorno que nos envolve com traços marcantes de um utilitarismo que não é de nossa essência e, por isto, faz sofrer a todos.

Ruth e Ives, meus colegas da turma de 1958 da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, apontam para um horizonte único e consequente. O horizonte que permite às pessoas caminharem de mãos dadas em busca do infinito e imorredouro sentimento de pura solidariedade gerado pelo amor enquanto espiritualidade.

Fevereiro de 2006

## O Menino e a Descoberta

*Para Ruth*

### I

O menino descobriu anteriormente  
a descoberta infantil,  
Com sorrisos de flores e de espaços  
e silêncios de sapos noturnais.  
Mas guardou para si a descoberta...

### II

O jardim –  
quanto símbolo não diz o seu poema!  
Anteriormente meu destino foi jardim.  
Até que, um dia,  
descobri a descoberta.

### III

Não mais quero ver o mar.  
Maresiei-me posto antes do sol,  
contemplando silente a paisagem,  
que se punha detrás da paisagem.  
Desvendei a primeira que, escondida,  
os outros não supunham na segunda.  
Assim,  
não preciso mais do mar.

IV

Na sequência do sonho e da lagoa,  
existe um panorama indescoberto,  
que naufraguei sozinho...  
O peixe pescareado é alimento  
apenas da sequência...  
Eis porque quero o sonho na lagoa.

V

Não sei, retaguarda da floresta,  
desgalhada nas sombras das ideias,  
que silêncio persiste no teu canto...

VI

E um dia, após o dia,  
o menino reviu-se em plena infância.  
O deserto inexistia,  
mas havia o jardim.  
E o menino tomou-se de alegria...

VII

Descoberta.  
Nem a noite e nem o dia,  
nem mesmo o tempo estancado  
podem bem te conhecer.  
Apenas o menino.

VIII

A lua tem o salmo de David.  
Salmódia. Salmódia ou Salmo e dia.  
Pouco importa ao menino  
já que a lua  
tem o salmo de David.

IX

Pela ponte que une a sua infância  
desvendou o menino o mar debaixo.  
As pontes só costumam unir os rios,  
mas a ponte do menino  
cobre mares.  
Pela ponte que une a sua infância  
Desvendou o menino o mar debaixo.

X

A árvore dos séculos,  
no instante em que viu a eternidade,  
transformou-se em momento –  
apenasmente.

XI

Nos mistérios góticos da noite,  
partiu a nave espacial

que o menino, em seu leito, construía.  
Atingiu na distância o ponto-meta,  
mas, no tempo,  
esqueceu-se do tempo de voltar.  
E ficou o menino no seu leito,  
interpretando  
os mistérios góticos da noite.

## XII

Tudo antes foi prelúdio  
da lenda do menino,  
que foi príncipe  
da lenda descoberta.  
O menino sonhara ser menino,  
mas, príncipe, esqueceu-se de seu sonho  
e esquecido ficou  
Apenas príncipe.

## XIII

Um dia o menino entrou no Reino,  
sem desejos de reinado.  
O Rei, acostumado a muitos reinos,  
nem notou que o menino lá chegado  
estava destinado a ser seu príncipe.  
E deixou que o menino lá chegado  
súdito fosse e plebeu fosse –  
e tão somente.

XIV

O menino buscou, na vez primeira,  
alguém que fosse igual a seu jardim.

Não viu,  
pois que jardins pelas cidades  
inexistem de sempre para sempre.  
Ficou atabernado e sem jardim  
o menino que entrara na cidade.

XV

O tempo do menino na cidade  
correu celeremente.  
O menino não chegara a compreender  
o mistério da cidade,  
e não chegava a esquecer  
o mistério desvendado do jardim.  
O Rei e seu reinado  
eram mistérios maiores  
que a cidade.

XVI

Os dois olhos cansados o fitaram  
naquela noite marcada.  
Os olhos repetiam o que sabiam,  
monótonos, monótonos, monótonos.  
O menino, todavia, nunca vira  
estes dois olhos cansados  
e julgou ser inédita a mensagem.

Um corpo branco e seios bem vividos  
foram sequência e iniciação  
naquela noite marcada.

XVII

Depois...  
a vontade de corpos mais que de olhos.  
Depois...  
a vontade dos corpos e dos olhos.  
Depois...  
a vontade dos olhos e dos corpos.

XVIII

E o menino fazia a iniciação  
nos mistérios citadinos  
e esquecia, ao som da descoberta,  
que um dia fora seu  
o mistério ajardinado,  
jardineiro do tempo que se perde,  
no silêncio da tumba que se encontra.

XIX

Desde os olhos passados  
que os corpos monótonos seguiram  
a história da exaustão.  
O menino plebeu  
descortinava alcovas e segredos,

mas não via  
os mistérios do Rei e de seu Reino,  
esquecido o jardim.

XX

Eram dois olhos de musgo,  
absorventes como os pantanais  
e calmos como os lagos no verão.

No dia em que o olharam,  
o menino sentiu que um dia  
príncipe,  
no Reino de seu Rei,  
viria a ser.

XXI

Buscou nos estertores pantanosos  
dos olhos o menino a solução.  
Buscou formosos olhos,  
muitos olhos,  
coloridos das cores que colorem.  
Olhos azuis,  
olhos verdes,  
verdes-azuis, castanhos, violetas,  
mas os olhos dos musgos lá ficaram  
fitando-o calmamente e o prendendo  
para o Reino e seu reinado.

## XXII

Eis que, um dia, o menino decidiu  
lutar para ser príncipe,  
pois que os olhos  
à princesa da vida pertenciam.  
E amou sua princesa  
ardentemente,  
como outrora amara o seu jardim.

## XXIII

E aconteceu um dia  
que o menino,  
na menina,  
o reino desvendou.  
Príncipe e princesa,  
a verdade da história  
descobriram.

## XXIV

O príncipe e a princesa,  
com o tempo,  
na lagoa da vida  
seis pontes  
construíram dos tempos do presente  
aos tempos do futuro.

XXV

Compreendeu o menino,  
agora príncipe,  
que a esperança dos sonhos e lagoas,  
dos sapos noturnais, pontes e mares  
que cabem nos limites do jardim,  
não entram na cidade.  
E o príncipe, se é príncipe,  
menino  
no tempo há de deixar de ser  
a tempo.

XXVI

E os poemas do fim  
são descoberta  
daquilo que a verdade não descobre  
porque tem...

XXVII

Os poemas do fim,  
últimas fontes,  
nas planícies arábicas, desertas,  
que o sol consome  
nas imagens do menino moribundo.

XXVIII

O tempo fica mudo.  
O noturno  
é a *polonaise* da alvorada  
e a alvorada,  
o espaço feito eterno.

XXIX

Caminhei pela ponte desta lenda,  
encontrando debaixo a descoberta.  
Caminhei felizmente,  
e a caminhada  
mostrou-me que esta ponte  
é fim de ponte.

XXX

Eis porque não desvendo o panorama  
que fica atrás deste outro panorama.  
Compreendo a descoberta do passado,  
descubro a descoberta do presente,  
mas resto imóvel,  
imaginando a futura descoberta.

XXXI

Na janela do tempo,  
sem cortina,  
chega perto  
o crepúsculo da lenda.

XXXII

O  
prelúdio foi lenda  
e  
fez-se fuga.

**Navegantes do Espaço**

Navegantes do espaço cruzam mares,  
marinheiros do tempo sonham luas,  
saltimbancos das vidas estelares  
descortinam sidéreas sombras nuas.

Cavaleiro e cavalo em descompasso  
formatam nuvens pálidas no azul,  
cavalgando sem nunca deixar traço,  
como os corcéis alados d'Istambul.

Bandeirantes de estepes infinitas,  
cossacos galopando pelos astros,

cabelos de asteroides e sem fitas  
na imensidão galáctica dos rastros.

Meu universo heroico é sempre assim,  
cabendo por inteiro em meu jardim.

### **Retrato Falado**

*Poema para ilustração de  
Valdir de Oliveira Rocha*

Nunca fiz um retrato falado.  
Nem falar, pois falar eu não sei.  
Já pintei um retrato calado,  
quando eu era do tempo seu rei.  
O castelo que eu tinha em pequeno  
era azul como o azul do retrato.  
O retrato, porém, mais sereno  
no reinado reinava de fato.  
O retrato que eu vejo, entretanto,  
tem a dor que no reino nasceu  
quando o som desventrou o meu canto,  
e o meu canto no espaço morreu.  
Nunca fiz um retrato falado,  
mas cantei um retrato calado.

## Memória Atada

*Poema para ilustração de  
Valdir de Oliveira Rocha*

O tempo gera o espaço da memória,  
atando-se ao concerto sideral.

Os corpos celestiais tornam-se escória  
despedaçada e transformada em sal.

O imaginário rompe a sonolência  
dos astros que se perdem na distância,  
acobertando sombras sem essência,  
essência que remonta à prima infância.

O sol iluminando o rosto triste  
relembra o imperador Aquenaton,  
que o conformara em Deus e a seu antiste,  
no silêncio do som que não tem som.  
Memória atada. Assim descubro o espaço  
que descortina o rumo de meu passo.

## Poema sem Horizonte

Não sei por que meu descanso  
não vem como gostaria,  
mas sei que sempre eu avanço,  
seja de noite ou de dia.

Os anos passaram logo.  
Os que sobram, sendo poucos,  
meus devaneios afogo  
no borbulhar de sons roucos.

O passado não importa,  
o futuro não existe,  
o presente é aquela ponte  
que atravesso, mesmo triste.

Pensei já ter sido rei  
mas não sei o que serei.

1º/05/1999

### **Eternamente Ruth**

Há muito tempo que não resto assim,  
perto de tudo e longe de mim mesmo.

Caminho meu caminho sem ter fim,  
e eu ando certo de que eu ando a esmo.

As sombras da paixão são sempre iguais,  
o amor que eu te devoto sempre infundo.  
Sinto em minha alma ardor de samurais  
quando contemplo o teu sorriso lindo.

Descubro, no horizonte, meu deserto.

Desvendo, no cenário, teu encanto.

Revejo em minha estrada o tom desperto  
que cobre meu destino com seu manto.

Há muito tempo que te quero e cismo  
quando passeio no meu próprio abismo.

## Ano 2000

Qual a diferença entre ontem e hoje?

Ontem,  
mil novecentos e noventa e nove.

Hoje,  
dois mil.

As ruas mais sujas do que nunca  
pelas festas da passagem.

O silêncio seguiu ao mau ruído  
dos que gritaram e  
cantaram, noite a dentro,  
para esquecer problemas  
em divertimentos insensatos.

A falta de barulho  
deslumbrou-me.  
Nem mesmo  
nas manhãs de domingo,  
ao ir à missa cedo,  
ouvi tanto o silêncio  
como hoje.

A humanidade em ressaca  
olvidou-se de que  
continua sem saber,  
porque existe, de onde veio,  
para onde irá.

A não ser aqueles que  
acreditam em Deus e  
sabem  
que a vida é passageira,  
mas com significação,  
se dedicada ao Criador,  
apesar das  
insuficiências  
e fracassos.

Ontem, como hoje,  
a vida é igual e logo  
o burburinho da agitação humana  
voltará.

Apenas hoje o ano é  
dois mil e não mais  
mil novecentos e noventa e nove.

São Paulo, 1/01/2000

### **Tempo Escasso**

Quebrei do tempo o ritmo insensato,  
o “t” mudo valendo um “t” completo.  
Pintei de novo o pobre autorretrato,  
afastando do espelho o forte veto.

O som da noite fez-se mais intenso,  
o passado desfez-se no que fiz.  
Socorro no que faço, no que penso,  
em busca do caminho mais feliz.

A verdade do eterno é sempre estrada  
de todos que procuram ver estrelas,  
enquanto a lua sente-se embarcada  
em sonhos incapazes de retê-las.

Eu bem sei quanto o tempo faz-se escasso,  
o tempo que formata meu espaço.

### **Férias**

*Tarde de férias.*

Jaguariúna.

Piscina pela frente e brinquedos dos netos espalhados  
pelo jardim e também pela varanda.

A chuva temperou a quente tarde  
e as nuvens  
sinalizam  
que pode retornar.

O silêncio tranquiliza  
e conforta  
meu descanso.

Jaguariúna, 12/01/2000

## Ruth

Se teu amor não existisse,  
a vida pouco valeria.  
Seria igual a noite e o dia,  
se teu amor não existisse.

Se teu amor não existisse,  
meu coração não viveria,  
indiferente quedaria  
se teu amor não existisse.

Se teu amor não existisse,  
eu também não existiria.  
Nada na vida restaria,  
se teu amor não existisse.

Eu morreria, como disse,  
se teu amor não existisse.

30/04/2000

## Em Natal

A timidez do sol, na tarde escura,  
com prenúncios de chuva mais adiante,  
desvenda pelo mar a compostura  
de quem navega sonhos de um infante.

O verde é colorido em forma estranha,  
ora triste, ora alegre, ora sem vida.  
Marulha no momento em que a façanha  
é recobrir a areia dividida.

O canto é aquele som próprio do mar,  
monótono e de pouca encenação,  
como os versos que escrevo a teu olhar,  
nada obstante pleno o coração.

Natal, por onde corre o Potengi,  
como, no peito, corre o amor por ti.

Natal (RN), 11/01/2001

### **Teu Amor Infinito**

O teu amor infinito,  
na jardinagem do espaço,  
transforma-se em lenda e mito,  
seguindo-me, passo a passo.  
O meu amor, sem contorno,  
navega com vela e mastros.  
Tem, no leme, por adorno  
teus olhos da cor dos astros.  
O nosso amor é vertigem,  
é sonho descomunal.  
Tem, ancorado, na Virgem  
Sua benção divinal.  
Só é menor nosso amor  
que o que temos ao Senhor.

## 52 Anos

*Para Ruth*  
*(Dia dos Namorados)*

São doze mais quarent'anos passados,  
são doze mais quarent'anos de amor,  
sem perder o sentir de namorados,  
que põe em nossa lida mais calor.  
As diferenças muitas superamos,  
bem respeitando a nossa intimidade.  
Servir e ajudar são nossos amos,  
que descobrir iguais não há quem há de.  
O tempo deixa marca em nossa vida,  
apenas no exterior da própria pele.  
A noss'alma, porém, qualquer ferida  
não tem, pois Alguém há que sempre a zele.  
O tempo passa. A juventude, não.  
A longa juventude da paixão.

SP, 12/06/2005

## Ao Som de "Unchaine D Melody"

*Música de nossos primeiros*  
*tempos de namoro*

Renascem sensações primaveris,  
descortinando o encanto de teus olhos,  
e os versos que desfaço e que desfiz  
despencam como as ondas nos escolhos.

O canto dilacera o coração  
e transborda no passo de meu paço.  
Lindo sonho que nunca foi em vão,  
preenche sempre mais o teu espaço.

Querida, o teu amor é meu amor  
e o muito te querer me faz igual  
à beleza que tem o sol a pôr  
ou à busca do eterno Santo Graal.

É na luta que eu luto nesta lida,  
que eu sinto que tu és a minha vida.

Harmonia, 22/01/05

## De Meu Lado

Quantos anos lutei a minha luta,  
com derrotas, vitórias, mas sem brilho.  
Quantos anos fiquei na tua escuta,  
na busca do caminho que hoje trilho.

A juventude foi-se, resta o encanto  
de ter-te de meu lado, sempre quieta,  
descortinando a luz deste meu canto,  
serenamente bela e tão discreta.

Combativo e sem forças, vivo assim,  
cumprindo meu destino em protestar,  
sentindo, pouco a pouco, perto o fim,  
como o rio que chega junto ao mar.

Mas não perdi, malgrado minha idade,  
os sonhos que forjei na mocidade.

SP, 19/12/2004

### **Cavaleiro e Senhora do Reino**

Cavaleiro dos tempos passados,  
tenho a lança repleta das cores  
da Senhora de muitos reinados,  
onde impera o domínio das flores.

Aos seus pés deposito meus fados,  
meu cavalo, meus sonhos e ardores.  
Sou guerreiro de quatro costados,  
neste reino de nossos amores.

Tantos anos, a mesma procura,  
tanto encanto no estar por servi-la,  
pelo espaço do som mais profundo.

Cavaleiro que sou nesta altura,  
por seu gesto tirado da fila  
dos que bem não quiseram no mundo.

SP, 04/11/04

## Ibiúna à Noite

As tímidas estrelas nesta noite  
esconderam-se atrás da cerração.

O vento serenou o seu açoite,  
que brandiu todo o dia, embora em vão.

Meu sonho foi além de meu sonhar,  
atravessou os rios e as montanhas,  
descortinou o céu dentro do mar,  
na terra desventrou suas entranhas.

O coração rebate o descompasso,  
que sinto na distância do passado,  
afastando o receio sem espaço,  
que me perturba e está sempre do lado.

Apenas a certeza deste amor  
refaz, no coração, a eterna cor.

22/11/03

## Sempre o Mesmo

O tema de meu verso é sempre o mesmo –  
espaço, tempo, amor e nostalgia.  
Caminho por minh'alma, louco e esmo,  
mal desventrando a noite, à luz do dia.

Não canso de dizer as mesmas frases,  
mas canso-me de olhar-me como sou.  
São meu consolo nuvens que desfazes,  
desde o tempo em que tudo começou.

O coração explode muitas vezes,  
na busca permanente de teu sonho.  
Correm os anos com seus doze meses,  
e o muito te querer sempre reponho.

Tenho sessenta e oito e quanta vida  
ainda descortino em ti, querida.

25/03/2003

## **O Tempo Eterno**

O tempo mais veloz, veloz se escoá.  
E sinto cada vez mais perto o eterno.  
A vida, quando a vejo, má ou boa,  
a viro como as folhas de um caderno.

Por ideal, lutei sem resultados,  
com erros, com acertos, todo o dia.  
Não me esquivei na busca de culpados,  
nem me protegi em vã filosofia.

Certeza uma só tive, felizmente –  
que Deus não desampara quem procura

desvendar o mistério que se sente,  
quando a noite se faz de toda escura.

Caminho pela estrada do infinito,  
ao compasso que segue o próprio rito.

Jaguariúna, 12/01/2003

## A Distensão do Tempo

*Para as médicas  
Waldenise Cossermelli  
e Leontina Margarido*

Nesta prisão do corpo envelhecido,  
caminho, passo a passo, para o fim,  
descortinando sombras sem sentido  
que nunca povoaram meu jardim.

Eu toco sem saber a eternidade,  
num tempo que se esgota pelo espaço.  
Eu vivo intensamente a própria idade,  
nos limites senis de meu cansaço.

As flores, eu as sinto na minh'alma,  
como astronauta de um planeta escuro.  
Dos sonhos do passado sobra a calma,  
que me mostra o caminho mais seguro.

A voz que, no meu verso, inda me resta  
é a luz que a medicina, hoje, me empresta.

## Um Tanto Estranho

*Durante aula de Geraldo Ataliba, em Salvador,  
estando eu à mesa e Ruth à minha frente em 18/12/82  
Universidade Federal da Bahia*

O teu soneto eu faço como forma  
de vencer a manhã plena de tédio,  
ouvindo o que sabemos sobre a norma,  
que, no Geraldo, é mal já sem remédio.

O tempo não se perde se a teu lado.  
Ganha-se desde o instante em que te vejo.  
Eu vivo o instante eterno apaixonado,  
sem medo, sem receio e sem ter pejo.

O tempo vai passando, enquanto aguardo  
o momento supremo em te falar,  
um momento de sonhos e de nardo,  
nafragando no som de teu olhar.

Às vezes, eu me sinto um tanto estranho  
neste amor que por ti não tem tamanho.

## Junto a Deus

Nos dias de retiro junto a Deus,  
nas conversas mantidas sempre a sós,  
falei-Lhe de você, além dos meus,  
no Universo formado, em nosso após.

Os filhos, netos, genro, nora e amigos,  
de todos me lembrei na intimidade.  
Lembrei dos dias bons e os de perigos,  
por Ele, vislumbrando a Eternidade.

Mas, Ruth, foi você que, certo dia,  
traçou-me este caminho que hoje trilho,  
com todo seu carinho e o de Maria,  
de quem tu és a filha e sou seu filho.

Quero-te assim, mulher de mim querida,  
que, no amor, transformou a minha vida.

13/03/2004



# **Pretérito Presente**

(2003)

## Apresentação

**N**este pequeno livro, reúno versos antigos (dois livretos escritos em 1961, em uma hora cada um) e alguns novos, de 2003. Aos 68 anos, continuo sentindo, na poesia, o porto seguro para aplacar o cansaço próprio da atividade profissional, exercida em país que amo, mas que vai cedendo, cada vez mais, a interesses corporativos e pouco confessáveis, em detrimento dos ideais para a construção de uma pátria maiúscula.

Deus, a quem invoco desajeitadamente; Ruth, dádiva imerecida da minha passagem pela terra; a família, que amo; todos os amigos e amigas que fiz; e a Pátria, ideal de dedicação desde os tempos de Ives menino, são os valores que me inspiram nesta luta modesta, em que a poesia é o bálsamo aos desencantos.

Mais um pequeno livro. E nada mais.

*O Autor*

## Livreto I

### *Versos Por Uma Hora*

Sem prefácio,  
o livro em branco,  
eu começo,  
inocentado  
e inocentando toda a  
IDEIA  
que há de vir.

Houve o mundo  
e houve a tristeza.  
Mas ninguém descortinou  
a origem germinada.  
E hoje o mundo e a tristeza  
são irmãos desajustados  
sem conceito de irmandade.

Que lirismo é mais chocante,  
o do amado vendo o parto  
ou do amado sem amada?

E quem disse que este livro  
não valia o seu papel  
desconhecia que a tinta  
vale às vezes um pincel.

E dizer que tanto pássaro  
os teus dedos conheceram!

Serenata de calor,  
sua branca a luz do amor.  
A mulata sem valor  
desconhece o teu palor.  
O meu canto é sem amor,  
o teu canto sem calor.  
E dizer que trovador  
fui um dia sem valor,  
serenata de calor  
numa noite sem amor.

Sinto as gotas de teus olhos –  
duas gotas pantanosas,  
cujo musgo nos escolhos  
deu langor a estas glosas.

Nem o velho  
e  
nem a velha.

Nem o tempo e nem a vida.  
Só você, Ruth querida,  
na su'alma a minha espelha.

O  
meu  
filho.

Um convite  
e  
um casamento.

Dois amigos que se unem.  
Meu presente apenas crio,  
no refúgio de meu ego.

Sejam como a Ruth e eu.

E dizer que todo o dito  
é pior do que o não dito!

Minha amada  
é  
minha amada.

Redigi minha existência  
nos que são de minha  
lavra.

E lerei cada volume  
cada vez com mais amor.

Sobre o canto da açucena  
só uma flor escreveu.

A mensagem.

Quem, na vida, a compreendeu?

O prelúdio é noite inteira.  
Desde os tempos da alvorada,  
é o começo de uma esteira  
de quem caminha p'ro nada.

Até Orfeu versejou...

Quem nasceu co'a noite n'alma  
que na noite encontre a  
calma!

Os meus versos já os fiz.  
Quando menino estudava!  
Hoje, versos já não faço.  
O menino está feliz!

Vinte.  
Uma lira foi dos vinte.  
De quando será a outra?

Você já viu que a mulher,  
quando bonita e fagueira,  
traz no rosto a humana história,  
narrada em pregão de feira.

E  
agora  
o  
meu silêncio.

Passo  
à história  
de  
outra  
história.

Houve outrora uma princesa  
que não cria no jardim.

O jardim de sua infância  
inexistia no  
céu  
de seu sonho de princesa.

Mas na história da princesa,  
como as histórias que são,  
um príncipe jardineiro

ressuscitou o jardim.  
E o jardim de sua infância  
foi, no céu,  
a lua cheia.

Quem não viu, pelo céu, a lua cheia?

A princesa e o seu  
jardim  
com o tempo renasceram.

E o jardineiro do céu,  
que outros jardins estrelados  
descobriria,  
renasceu em cada noite  
com o jardim da princesa.

Outra história  
e outro tema.

Esta é do mar.  
Houve outrora um pescador  
que pescava pensamentos.

Sempre buscou,  
pescareando,

Descobrir um pensamento  
que o alimentasse p'ra sempre.

Descobriu, um dia, o mesmo.  
Pescou o peixe do fim,  
cujo nome todos sabem,  
mas ninguém bem o conhece.

E vai chegando  
a chegada destas folhas.  
Nesta corrida olímpica  
de palavras mal dispostas  
não ultrapasso  
uma hora.  
Bato o recorde do antes.

Anteriormente foi  
sempre.  
Mas nem sempre a mesma coisa  
anteriormente.

O pensamento vazio  
vale mais que o seu oposto.

Não faz mal, nem cria estio.

E das nove sinfonias  
do meu ego  
só na última queria  
meu amor desajustado,  
com timidez,  
declarar...

## Livreto II

### *A Capa de Espaço em Branco*

A capa é a força  
do tempo,

atravessando por eras  
com limites de presente.

A chaminé defumada  
é a escada de conquista  
momentânea  
em pose para um poema.

Quantas escadas!  
Eu busco  
encontrar-te em minha vida.

Passo o tempo por escadas  
e não vejo a  
verdadeira.

O silêncio sem neblina  
da chaminé em silêncio  
cobre o verso nesta esquina  
de metalúrgico incenso.

Aclareia-se o horizonte  
no céu da pintura em branco;  
encontro o metro no veio  
e o veio do metro espanco.

A tua boca carnuda,  
nos momentos hesitantes,  
são fileiras de rubi  
incrustado em diamante.

E o teu seio aprisionado  
em blusas feitas de lã  
é como se a noite azul  
aprisionasse a manhã.

Mas de que vale a manhã  
nascer na escada da lua,  
se quanto mais me aproximo  
mais de mim ela recua.

Eis porque pelas escadas  
pisa a escada chaminé,  
escada da profissão,  
onde apenas pus o pé.

Alambique,  
forno em brasa,  
forno goza não fundido,  
forjaria  
d' água rasa  
o meu verso redimido.

Os teus olhos são forjados  
como o forno no martelo,  
mas na forja dos meus olhos  
com os meus teus olhos selo.

No meu leito forjaria  
o colorido da capa.  
A semente preludia  
o mistério, que me escapa.

Bem parece para-raio.  
Outros dizem ser radar.  
Mas fico olhando na capa,  
não sabendo mais que olhar.

Meu amor foi como a espera.  
Agravam o teu encanto  
e redimiste, apenada,  
o silêncio em meu espanto.

E dizer que no passado,  
quando fora cavaleiro,  
desconhecia o trabalho  
forjado num fogareiro.

Aprisionado no verso,  
a capa desfaz-se aqui.  
Cansado, passo a outro metro,  
que outro metro descobri.

Vera Marta chama a mãe,<sup>10</sup>  
a minha filha primeira,  
que virá pelo futuro  
suportar minha canseira.

10.

*Quando foi  
escrito este  
poema, o  
casal Ives e  
Ruth espe-  
rava uma  
filha, à qual  
tinha dado o  
nome de  
Vera Marta.  
Quando nas-  
ceu, decidiu  
mudar o  
nome para  
Ângela.*

O meu filho tem meu nome  
mas o nome soa mais  
nesta criança celeste  
que à minha alma traz a paz.

Quando vislumbro o sorriso  
De meu filho a todo instante,  
Descubro um raio de luz  
brilhando num diamante

Se, nos tempos das Cruzadas,  
crianças fossem assim,  
talvez o Grall desfizesse  
nos mistérios do jardim.

Este mundo d'Ives Filho,  
nos limites do jardim,  
é maior que todos mundos,  
pois é um mundo sem fim.

E pensar que tantas vezes  
deixo este mundo encantado  
para voltar, pela vida,  
àquele desgovernado.

Mamãe Ruth e o seu papai  
são as estrelas do filho.  
Seguem os pais sua senda  
e os filhos vêm no rastilho.

Quantas coisas são pintadas  
nas ideias infantis.  
São os ramos de uma árvore  
que desconhece a raiz...

Ó meu filho, nem o tempo,  
nem quando fores papai,  
conhecerás o que eu sinto  
e o que na minh'alma vai.

Mas teu filho bem que sei  
gostarei mais do que ti,  
e no filho de teu filho  
compreenderás isto aqui.

Esta história é tão humana,  
assim como a humana história.  
Passa a vida pelo tempo,  
mas fica sempre a memória.

Eis porque adoro ver-te  
brincando pelo jardim,  
neste mundo sem limites  
e nos limites do fim.

Talvez por esta razão  
dei-te meu nome, meu bem,  
pois sinto o mundo que vives  
nos momentos impossíveis.

E nestas últimas folhas,  
meu filho, volto a falar  
de tua irmã que virá  
os meus olhos deleitar.

E a filha será um dia  
o nosso encanto feliz,  
pois nest'árvore da vida  
achará sua raiz.

E o teu pai e tua mãe,  
quando sumirem na estrada,  
deixarão atrás de si  
uma bela caminhada.

## 2003

Um novo ano dos já muitos que vivi,  
em mundo cada vez mais complicado.  
Desfaço, na memória,  
o passado  
trespassado  
e nada encontro igual nem semelhante.

Todos são mais livres  
e nem por isto mais felizes.

Prisioneiros da liberdade,  
dela não sabem que fazer  
e o que fazem, fazem mal.

Desemprego e violência,  
guerra e mal querer.  
O sexo sem amor gera prole irresponsável.

Conformam o inconformável mundo novo,  
em que o próprio homem  
pode ser filho de ninguém.  
Ou apenas da célula de um alguém.

Qual o destino desta nova gente,  
neste novo ano,  
neste novo mundo?

Ninguém sabe.  
Quem o sabe? São poucos que O conhecem.  
Muitos que o almejam  
e muitíssimos os que querem  
Dele ver-se livres,  
na insensata busca de um abismo existencial,  
em que o barulho das novas coisas  
descortina o vazio infinito  
das vidas sem significação.

Um novo ano  
que saúdo, como sempre,  
na certeza  
de que o futuro  
a Deus pertence.

Jaguariúna, 2 de Janeiro

## Amo-te Muito

*Para Ruth*

Amo-te, meu amor,  
amo-te tanto  
que não sei distinguir o teu amor.

Quando se busca no outro  
a própria imagem,  
o amor é amor próprio  
e os ciúmes  
consequência.

O verdadeiro amor é doação  
é querer o bem do outro,  
e não o próprio,  
respeitando todo o tempo alheio,  
perdoando sem limites,  
sem espaço  
e servindo  
e servindo  
e servindo...

O verdadeiro amor só tem um fim,  
que é buscar sem recompensa  
o que é do outro o bem que outro deseja.

Amo-te muito, amor,  
amo-te muito  
e, apesar do seu amor ser diferente,

sei que ele busca o mesmo diapasão  
e a sinfonia soa no Universo  
com harmoniosas dissonâncias  
e dissonantes harmonias.

Amo-te, muito amor,  
amo-te hoje e sempre,  
pois o sempre faz o eterno  
e o meu amor por ti  
nasceu eterno.

SP, 19/01/2003

### De Que Valem?

O tempo que todos buscam,  
a morte sempre esperada  
desventram nosso caminho,  
descobrem nossa incerteza.  
Quantos amigos já foram,  
quantos amigos nasceram.  
A rotina segue a vida  
até o fim do Universo.

Os cometas siderais  
são muitos mais que as estrelas.  
Um dia, talvez, um deles  
exploda a Terra de vez.

Os meus oito mais sessenta  
quase os tenho, mas que valem?

01/02/2003

## Bolhas

As bolhas reluzem pelas noites,  
firmando estrelas dentro d'água  
cristalina,  
forma desventrada  
dos sonhos penetrando minas dantes,  
sem rumo,  
sem rubor,  
conferindo estepes nos tesouros  
cobertos por besouros,  
e tudo em cesto  
d'ouros  
como sempre,  
correndo em naves coloridas  
pelo espaço que o infinito  
faz de perto,  
sem aperto,  
num imenso descompasso  
que atravessa o fogo de aço,  
na verdade sem fronteiras  
como o escuro sem seus astros  
e os cometas cujas caudas  
se desfazem  
pelo eterno, no destempo  
temperado  
do eu agora.  
Até quando?

02/02/2003

## Ruth

Coloriu-se de verde o que era azul  
e o sorriso da noite fez estrelas.  
Caminhamos do Norte para o Sul,  
na certeza de não poder retê-las.

Eu e tu desvendando luas novas,  
tu e eu descobrindo novos astros.  
Desventura do imenso tu renovas,  
caravela à deriva sem seus mastros.

Há quanto tempo eu vivo em teu espaço,  
há quanto tempo não te vejo só.  
O destino traçado, passo a passo,  
ao pó retornará o que era pó.

Além de Deus, em única verdade,  
o nosso amor supera a própria idade.

04/02/2003

## A Aranha e o Alimento

A aranha tece a teia,  
feia como a meia  
de quem receia  
a vista que medeia  
a elegância própria  
de uma ceia,

sem senões de meias  
ou de teias.  
O alimento é presa triste,  
como viste,  
e não resiste  
às forças de uma aranha antiste,  
onde nada existe  
e que não desiste,  
pois falta  
um dedo em riste  
no que nunca descobriste.  
A aranha e o alimento,  
momento  
em que o tempo arranha,  
fazem do espaço o vento  
que, na própria sanha,  
descortina lento  
sempre a mesma manha  
de uma eterna aranha  
em busca de alimento.

16/02/2003

### **Pausa**

Problemas que o tempo gera  
são “mal estares” da idade.  
Juventude, uma quimera  
que parece ser verdade.

Tudo na vida se esgota,  
tudo tem seu preço certo.  
Andamos, com ou sem bota,  
para o mesmo fim incerto.

O passado é tão distante,  
o futuro bem ali,  
o presente é só mirante  
do que nunca descobri.

Felizmente, eu amo os meus  
e o que importa – eu amo Deus.

SP, 23/02/2003

### **Quem Somos**

Se lêssemos os pensamentos  
de todos,  
quantas tristezas, quantas surpresas!

Vivemos na busca intensa  
de parecer  
o que não somos  
e  
nunca fomos.

Muitas vezes vergonha temos  
daquilo  
que nós sabemos.

Não vale a pena  
desejar ou desvendar.  
Somente o sábio,  
que se retirou de si mesmo,  
consegue ser transparente.

Quantos sábios conhecemos?

A vida é tão breve instante  
que pouco nós descobrimos  
e, na imensa agitação,  
morremos sem conhecê-la.

Há, todavia, um caminho  
que, apesar de tais misérias,  
pode dar sentido à vida.  
Depende de muita luta  
e, principalmente,  
de ter a graça divina.

SP, 16/03/2003

### **Um Rápido Poema**

Um rápido poema.  
Mais rápido que a vida  
se à luz da eternidade  
e àquela de  
quem verseja.

Busco não perder o hábito  
de poeatar,  
se o coração resta a esmo.

Eis meu rápido poema.

SP, 30/03/2003

### **Lobo Imaginário**

Voa um pássaro no céu,  
desvendando o próprio espaço.  
Formata na flor o véu,  
as asas em descompasso.

A flor é flor com o tempo,  
mas tem pétalas abertas.  
Resistem vivas ao vento,  
nas eternas descobertas.

Um lobo, porém, parece  
o retrato imaginário.  
Abre a boca numa prece,  
curvado ao som do rosário.

Lobo e pássaro na flor  
é a natureza incolor.

SP, 31/3/03

## Para o 50° Dia dos Namorados

### *Para Ruth (I)*

Ao meu amor um poema  
de quatro versos eu faço.  
Tu enches de vida a cena  
que vivo no teu espaço.

### *Para Ruth (II)*

Eu comemoro os cinquenta  
bons anos de namorado.  
P'ra mim você aparenta  
ter começado o noivado.

12/06/2003



# Cartas de Antanho

(2001)

## Apresentação

**T**ínhamos apenas prestado o exame vestibular para Direito, na Universidade de São Paulo, e namorávamos há 2 meses, quando Ruth foi descansar em Campinas, por uma semana, e eu fiquei em São Paulo, trabalhando.

Escrevi-lhe, na ocasião, 7 cartas nos 7 dias em que ficamos distantes um do outro. Bons tempos aqueles, em que o namoro era respeitoso e que o simples fato de ter ido ao cinema com uma colega e amiga comum, sem qualquer outra intenção, mas sem ter avisado, soava como deslealdade.

As cartas são de amor, de saudade, de expectativa pelas notas do vestibular, que viriam, 2 semanas depois, para a nossa alegria, com os dois ingressando na mais antiga Faculdade de Direito do Brasil.

Ruth aniversaria em 1º de julho e em 31 de julho deste ano comemoraremos 43 anos de casados. Em 24 de dezembro, 48 anos de namoro.

Como lembrança desta existência em comum, ofereço-lhe, em seu aniversário, plaqueta com aquelas cartas, a oitava em latim – o idioma era matéria de vestibular –, com o mesmo amor dos primeiros tempos.

*O Autor*

## Carta Primeira à Ruth

Tua carta primeira em versos faço,  
sob um calor sadio e mau mormaço,  
esperando que o tempo em tempo mude,  
o corpo tendo preso, sem vontade,  
o peito já carpindo uma saudade  
e o coração chorando, embora rude.

Malgrado não partida, longe estás  
e, longe estando, está também a paz,  
pois ela, se ela existe, é tua imagem  
e, em te sentindo longe, já padeço.  
E de bem te querer tributo o preço  
que nunca tributei, mesmo em viagem.

O muito te querer, eis lá meu mal,  
se mal é ser feliz, se do santal  
o aroma não seria que por ele;  
o muito te querer se, muitas vezes,  
triste me vem deixar, nunca é por meses  
e felizardo sou mais que sem ele.

Talvez avaro seja do que é meu,  
mormente se nos braços de Morfeu,  
porque, nascendo assim, assim cresci;  
Talvez seja porque já peno penas  
que, apesar de senti-las tão serenas,  
penando fico só sem ter a ti.

Se soubesses ao menos o que eu era,  
na luta, por ser grande, quase fera,  
no amor de conquistar um gentil homem,

bem sei que tu serias diferente  
e nunca mais a linda impenitente,  
senhora destes dons que me consomem.

Enfim, lá vou rumando pela estrada  
que não desejaria ver trilhada  
na carta que te escrevo, sendo a prima,  
porém eu sou levado sem sentir  
pelas rabugens já de meu porvir  
e pelo prazer pálido da rima.

Mas volto ao meu início de missiva,  
se voltar não ofende a bela altiva  
que venceu, já vencida, um invencível.  
Lá se finda a estação calidamente,  
como a dama outonal, de sangue ardente,  
num derradeiro brilho mais visível.

Por hora vinte e quatro vezes seis,  
no tempo que é do, em guerra, rei dos reis,  
em repouso serei, tendo distante  
aquela que é madona de meus versos  
e que, por fados vários e diversos,  
em estudando adora um estudante.

Amanhã talvez Fábio em casa venha,  
e ao fogão de minh'alma trará lenha,  
em falando de ti, sendo eu tristonho.  
Hei de as coisas que tenho colocar  
em ordem para que, quando o luar  
houver chegado, seja e calmo o sonho.

Porém já muito escrevo, gata minha,  
eu espero que não como a andorinha,  
em esta terra dela possas ser.  
Até a carta próxima, querida,  
e, enquanto já deploro a despedida,  
lá partes para novas coisas ver.

### Carta Segunda à Ruth

*Pas des nouvelles, chérie* –  
eis num verso a carta inteira  
que, se não fosse a primeira,  
em prosa viria a ti.

A vida é uma longa esteira  
que por ali, por aqui,  
se pisada chora e ri,  
muda ao mal, mas sem barreira.

O Bem, lá morando à beira,  
quando chamado sorri;  
nada mais. Foi o que eu vi.

E findo à moda caseira,  
estamos na Quarta-feira,  
*pas des nouvelles, chérie.*

### Carta Terceira à Ruth

A carta que escrevo, já sendo a terceira,  
parece esquecida não ser das que fiz;  
se a vida é na mesma emoção rotineira,  
por ser quinta-feira,  
o peito saudoso  
não julgo, choroso,  
feliz.

Saudades não sinto mais que as que senti;  
nem menos, contudo, compreendes, meu Bem?  
Amor, qu'inda cresce e do aumento sorri,  
não é para ti.  
Amor, se ele é grande,  
nem cresce e se expande,  
vê bem.

Se Fábio, outro dia, me disse, sorrindo,  
“Amigo, sem Ruth, tens corpo, não alma”,  
não penso que errou, desde que é me tão lindo  
teu “charme” não findo,  
no fundo do olhar  
que a culpa é sonhar  
na calma.

E a carta, entretanto, de novo em lamento  
bem vejo mudada, porém por não mais,  
que o peito calado, se cala o tormento  
de seu sentimento,  
promete notícias,  
não como as das Lícias,  
jamais.

A tua Iramaia lembrou-se de mim  
na noite passada. Falamos bem pouco  
e, crê-me, escarlate que eu veja o jasmim,  
se não dei um fim  
aos sonhos da fada.  
E basta. Sem nada.  
Sou rouco.

E, enquanto te espero, p'ras mágoas remédio  
procuro, revendo da cena o Gigante  
no filme de *César*: Que púrpuro assédio!  
Mas paro que o tédio  
meu peito de antiste  
já veste. Sou triste,  
distante.

P.S. Há pouco, Iramaia ligou-me, gatinha,  
Ficando espantado. Falamos de ti  
e, se me privaste dizer-te só minha,  
formosa e rainha  
jamais. Se chorou?  
Não sei, mas pensou  
que eu vi.

### Carta Quarta à Ruth

O quarto degrau da escada  
já subo. Sinto-me mal  
sem carta alguma, Malvada.

Minh'alma é uma catedral  
por sonhos mil arruinada,  
como a bem mostra o postal.

Imensa é junto da tua,  
porém pequena, distante,

e te calas. A vida é crua,  
mas de esperar doravante...

### **Carta Quinta à Ruth**

Enfim, à noite, sozinho,  
de meu sossego banido,  
o corpo todo vencido,  
clemência venho rogar-te.

Quanto sofri! Se penei  
por meus erros não dizer,  
pois tudo fazia crer  
não ser possível enganar-te.

Por algo estranho impelido  
não soube só resistir,  
que o mal de ver-te partir  
mais fraco fez-me ao prazer.  
E a carne rude e mesquinha  
calou-se após de covarde,  
buscando a falta da tarde  
na noite escura esconder.

Se tu pudesses sentir  
a dor de ter-te enganado,  
de ter seguido mau fado  
sem forças para lutar,

talvez a mim perdoasses  
e o perdão, que te suplico,  
pareceria mais rico  
se não quisesses negar.

Se jamais esta fraqueza  
puder pagar meu tormento,  
comova-te meu lamento  
em busca de remissão,  
pois meu prazer desejado  
não tive longe de ti  
e os remorsos que senti  
bem merecem compaixão.

Sem carta alguma julgava  
pelas férias deslumbrada,  
a novo idílio achegada,  
sem penas de quem ficou,  
que o peito vendo-se só  
às mágoas buscou remédio,  
repleto estando de tédio  
e, se fez mal, não pecou.

Mas depois... Que sofrimento,  
que de dores não penei,  
tantas quantas jamais sei  
de haver penado, se lembro,  
quando as cartas que escreveste  
às minhas mãos me chegaram  
e, se meus olhos choraram,  
chorava o morto Dezembro.

Minha alma agora sombria,  
mais que nunca sinto ser,

como se triste a temer  
não sinta a vida sem ti,  
que de lágrimas não verte,  
que cruas dores não sente,  
vivendo entre estranha gente  
que à tais sofreres sorri!

Porém, já tudo está feito,  
e eu vou qual triste mendigo,  
que por destino inimigo  
o coração tem partido.  
E, se padecer é triste  
depois de se ser contente,  
contudo é bem diferente  
padecer arrependido.

Eu sou como se um penedo,  
carcomido pelo vento,  
que a calma de seu intento  
veio tirar algum dia.  
Se se viu outrora morto  
nos reinos deste já posto,  
tornou depois o seu rosto  
ao rosto que lhe sorria.

Mas findo... De joelhos rogo:  
a quem foi louco perdoa  
o mal de ter ido à toa  
consolo buscar em parte,  
que o coração que possui,  
se batido de saudade,  
perdeu-se nesta vaidade,  
jamais deixou de adorar-te.

## Carta Sexta à Ruth

“Saudade gosto amargo de infelizes,  
delicioso pungir de acerbo espinho”.  
Assim falava um português outrora.  
Quando se viu da pátria amada longe  
e longe a pátria, longe a amada viu.

Com tais versos, querida, principio  
a carta que por número tem seis.  
Seis cartas são as quantas te escrevi  
em troca de somente cartas duas,  
que as outras que escreveste inda não tenho,  
como não tenho o que te supliquei.

Em casa tudo bem, se o bem é tudo,  
pois que sarado estou, como o meu pai,  
pois que reina a harmonia, obra celeste,  
pois que trabalho já, graças a Deus.  
Todavia, não sei se estou contente,  
desde que Weimann de novo se perdeu  
e não foi desta vez que teve “chance”.

As notas amanhã, foi que disseram,  
(Período Parentético de Réplica)  
na Faculdade expostas restarão.  
Que grande a nossa estrela nos proteja!

Sem nada que fazer todos os dias,  
eu não tenho vivido que pra casa,  
salvo uma tarde, que lamento agora.

É Fábio quem por vezes vem me ver,  
dos meus amigos sendo o que só vejo  
porque com ele sobre ti converso.

Meu *vide d'âme*, como tu conheces,  
de novo a minha porta está batendo,  
e não tenho quem possa “despachá-lo”.

Por fim, domingo eu estarei contigo,  
talvez lá pelas dez ou dez e meia.  
*Voilà. C'est tout que j'ai pour bien te dire.*  
Um beijão deste louco, que assim é  
por um bem te querer tão loucamente.

### Carta Última à Ruth

Teu perdão conceder tu negaste,  
mesmo o erro dizendo ter feito.  
Fui culpado, bem sei, mas culpada  
já tu foste e eu a ti perdoei.

O Perdão não se nega a ninguém,  
nem ao vil, nem ao mau, nem ao fraco,  
nem às coisas que, mudas, não sentem,  
nem às bestas, que sentem bem pouco.

Ao machado, que o fere, assassino  
mil perfumes o sândalo exala,  
pois ao mal que o cruento lhe causa  
com tal bem este nobre lhe paga.

Coração mui mais tem, quem não tem,  
do que tu do qual dizes ser grande,  
coração não se sente em palavras,  
que as palavras são vãs quase sempre.

A cadela ao Senhor, que lhe os filhos  
para dar aos amigos arranca,  
agradece, lambendo-lhe as mãos,  
por um bem, que este mal não apaga.

E tu dizes ao mundo ser grande  
o que dentro do peito tu tens,  
quando quem não tem grande maior  
que o que tens para o mundo demonstra.

Assim Dido, assim Turno, assim Júlio,  
com Enéias, Lavínia e com Cina,  
de imortais o degrau escalaram  
quando a si de elevados venceram.

Mas me calo, Senhora, me calo,  
que estes versos mal feitos já tombam,  
sem calor, sem talento, sem brilho,  
já prevendo talvez o teu riso,

que a garganta já rouca não canta,  
que esta língua parada não fala,  
que o soluço prendido não brota,  
que a verdade escondida não surge,

porém bradam meus versos partidos,  
este grito recôndito e louco  
de quem grita de raiva e de dor  
para que de tristeza não chore.



# Meu Diário em Sonetos

(2010)

*Para Marluce e Eurico, que me ofereceram  
a agenda Mar Azul, onde os escrevo.*

*Para Ives*

*Meu diário de sonetos.  
A caminhada de um místico  
sob a luz de seus quartetos,  
o amor palpitando em dístico.*

*Paulo Bomfim*

04/02/2010

# JANEIRO

## Passagem de Ano 2009/2010

*Para Ruth*

Cavaleiro me sinto como outrora,  
quando te vi donzela de meus sonhos.  
Os tempos já se perdem pela história,  
nem saudosos, nem feios, nem tristonhos.

Meu amor, a distância não encerra  
a mesma sensação dos anos dantes.  
É muito mais imenso que esta terra,  
pois tem toda a pureza dos infantes.

O corpo já se faz velho e cansado.  
O tempo da passagem está perto.  
O coração, porém, segue seu fado,  
sempre jovem no seu compasso certo.

Que eu possa até meu fim, Ruth querida,  
dizer-te que és o amor de minha vida.

Jaguariúna, 31/12/2009 – 01/01/2010

## O Universo e o Verso

O mar azul me faz sempre pensar  
e o pensamento faz-me mais discreto.

O mar é nada, mas é sempre mar  
se comparado co'o universo reto.

Meu pensamento vai bem mais distante  
que a distância do cosmos conhecida.

E sempre foi assim, desde eu infante,  
como será assim por toda a vida.

A diferença está pelos bilhões  
dos anos que o universo durará.

Meu pensamento corre aos borbotões,  
mais logo pelo tempo morrerá.

Quanta ironia existe no Universo,  
que é maior e menor de que meu verso.

Jaguariúna, 02/01/2010

## Em Família

Mais um soneto eu faço neste dia  
em que passo com filhos e com netos.

A Ruth de meu lado é companhia  
que sempre me mostrou caminhos retos.

Ensolarada vejo esta manhã,  
com todos na piscina refrescando.

O corpo enfraquecido e a mente sã –  
assim eu sou, mas não sei desde quando.

As férias usufruo-as em família  
serenamente, vendo o tempo andar,  
como um barco singrando sua quilha  
entre as veias que correm pelo mar.

Nestes tempos de naves pelo espaço,  
Senhor, caminho à sombra de Teu passo.

Jaguariúna, 03/01/2010

### Luz

As dores são contínuas, toleráveis,  
limitam-me no andar e no sentar.  
Pouco importa. Os netos adoráveis  
minha alegria fazem desbordar.

O tempo desde há muito é de colheita.  
O tempo de cultivo é já passado.  
O futuro desfaz-se, desta feita,  
do presente, marchando lado a lado.

Só Deus é que conhece o que me resta.  
Os médicos perdidos, sem caminho.  
Não sinto, todavia, o fim da festa  
na trilha que percorro, tão sozinho.

Tranquilo, como sempre, vejo luz  
que se encontra por trás de minha cruz.

Jaguariúna, 04/01/2010

### **Fernando e o Mar Azul**

Por *Mar Azul* tem nome minha agenda,  
de Eurico e de Marluce recebida,  
com versos de Pessoa, vate e lenda,  
para o tempo marcar em minha vida.

Dois mil e dez e cinco de janeiro –  
descanso na piscina ao som do mundo.  
Diz Fernando que “viu-se o sol inteiro”,  
“surgir, redondo, de um azul profundo”.

A agenda é linda e nela escreverei  
um soneto por dia. Esta “obra nasce”  
num sonhar em que apenas Deus é rei  
para que não do mar “se separasse”.

“Deus quis que a terra fosse toda uma”,  
e que no céu o espaço se consuma.

Jaguariúna, 05/01/2010

## Reis Magos

Hoje, as dores são muito mais intensas,  
mas as enfrento assim sem ter problemas.

Em Direito, diria são avenças  
entre corpos e mentes com dilemas.

Um dia a mais percorro pela vida,  
o meu próprio destino antes da morte.  
A luta é sempre igual, mas esquecida,  
pois depende também de muita sorte.

Só dele não depende meu amor  
por Ruth, por Maria e por meu Deus,  
este querer que sempre dá calor  
quando o inverno dos sonhos são só meus.

O dia é dos reis magos, mas incerta  
é a procura que faço e a descoberta.

06/01/2010

## Star Trek

Terminei as Jornadas nas Estrelas,  
episódio final da quinta série.  
Consigo eu as imagens bem retê-las,  
tanto a mensagem minha mente fere.

Um mundo sem rancores no futuro,  
alargando a viagem pelo espaço  
de convivência, mesmo seja escuro  
o descobrir refeito a cada passo.

Por bem de todas as raças no Universo,  
batalhou a Enterprise e sua gente,  
como o peço a meu Deus, em prosa e verso,  
no tempo em sintonia e de repente.

O sonho que sonhou o Rodenberry –  
espero que jamais ele se encerre.

Jaguariúna, 07/01/2010

### **Para os Netos**

Pedi-me, hoje, Guilherme de manhã  
que escrevesse um soneto para os netos,  
exaltando o valor e a mente sã  
de cad'um deles por caminhos retos.

É Fernanda a mais velha e a mais serena.  
Inteligente, linda e serviçal.  
Guilherme é mais moleque mas, na arena,  
é um goleirão jogando futsal.

É Renata formosa e no dinheiro  
procura alicerçar o seu futuro.  
Helena tem, por fim, olhar fagueiro,  
brilhando sempre com seu ar tão puro.

Aguardo mais dois netos para junho,  
no soneto que escrevo em próprio punho.

Jaguariúna, 08/01/2010

## Aniversário de Nascimento

Em dois mil e dois, Ruth foi comigo  
ao centenário de Josemaria,  
cuja vida de lutas e perigo  
renovou, como Santo, todo o dia.

Fomos a Roma, terra em que viveu,  
terminada que foi guerra segunda.  
Amou profundamente o mundo seu,  
sua mensagem sendo tão fecunda.

Em nove de Janeiro foi nascido.  
Hoje faria cem anos mais oito.  
A muitos deu à vida seu sentido,  
em Deus, serenamente e nunca afoito.

Pelo que fez agradecer não sei,  
ao nosso fundador e ao Opus Dei.

Jaguariúna, 09/01/2010

## O Universo e o Meu Canto

Eu ao meu canto volto uma vez mais,  
na busca de sentido de seu verso,  
descobrimo, nas hortas e quintais,  
uma estrada maior do que o Universo.

Navego pelas cordas temporais  
daqueles sonhos em que estou imerso.

Desvendo pelo olhar minas de sais  
que se encontram detrás do céu disperso.

Galáxias, quasares, tantos astros  
aos bilhões nos espaços incolores –  
eis o infinito cosmos, tão escuro.

Meus ideais por ele deixam rastros,  
colorindo o negror com muitas cores,  
enquanto em minha voz inda perduro.

Jaguaríuna, 10/01/2010

### **O Mesmo Passo**

Uma nova semana iniciarei,  
ainda minhas férias a gozar.  
Longe estou do trabalho, além da lei,  
mais voltado à família meu olhar.

O meu diário em versos continuo,  
um diário sem traumas ou surpresas,  
sem euforia sim, e sem amuo,  
as palavras, no canto, sempre presas.

Um velho professor, velho causídico,  
ouvindo mais que falo, mas falando,  
de meus amigos sendo eterno síndico,  
nas rugas que estão lá de quando em quando.

Os anos vivo caminhando a esmo,  
num passo feito dentro de mim mesmo.

Jaguaríuna, 11/01/2010

## Ruth

Os remédios já surtem pouco efeito,  
e acordei pela noite dolorido.  
Não toma minha artrite mesmo jeito,  
embora eu aproveite seu sentido.

O tempo passa e as forças são escassas,  
mas a luta de sempre é sempre igual.  
Não faço no passado mais devassas,  
nem no futuro vejo algum sinal.

O meu presente é tudo o que me resta,  
da minha vida que pesar não sei.  
Lutei por muitos anos sem ter festa,  
com arma apenas uma, ou seja, a lei.

Já três quartos de século vivi,  
para Deus, para os meus e para ti.

Jaguariúna, 12/01/2010

## Luta Diária

A vida inteira fui advogado,  
pois bem o quis já quando era estudante.  
Família e dependentes de meu lado  
seguiram-me na luta, a seu talante.

Agora, estando em férias, meditando,  
pergunto se valeu a luta a pena.  
Os que me acompanharam desde quando  
cresceram junto a mim por esta arena.

Pensei fazer o certo, mas o incerto  
permaneceu, no embate, todo o dia.  
E a vida, conformada num deserto,  
não vale muito mais do que valia.

Não aos olhos dos outros, mas de Deus  
é que travei combate pelos meus.

Jaguariúna, 13/01/2010

## Haiti

Tremeu a terra no Caribe pobre.  
Milhares foram mortos de uma vez.  
E muitos morrerão. A pedra encobre  
os corpos quase só de negra tez.

O mundo, consternado, dá-lhe apoio,  
mas a miséria é tanta e o sofrimento,  
que é difícil livrar do trigo o joio,  
quando o povo se põe todo ao relento.

Os mistérios da vida e da tragédia  
quem é que desvendar, na luta, há de?

Nem se lê na melhor enciclopédia  
o que a dor representa de verdade.

Renova-se a tristeza de Jesus  
quando morreu pregado numa cruz!

Jaguariúna, 14/01/2010

### **Camões e a Agenda**

Na agenda azul, com seus contornos pretos,  
dele leio alguns versos, em qu'ele chora  
dizendo, por lançar os seus gravetos,  
que "o tempo acaba o ano, o mês e a hora".

Meu tempo bem que sinto onde ele ancora.  
Nele estão velhas praças, seus coretos,  
e as músicas senis, pálidas de outrora  
permanecem à beira dos sonetos.

Não sei por quanto tempo escreverei,  
"O tempo que de claro faz o escuro"  
entre sonhos, tristezas e esperanças.

A mim que sou plebeu mais que sou rei,  
o tempo que passou foi mais seguro  
e o tempo de velhice é de bonança.

Jaguariúna, 15/01/2010

## Ruth

Cicatrizes do tempo em nossos rostos,  
mais fortes cada vez, rugas e manchas.  
Os meus olhos nos teus são sempre postos,  
e nos meus os teus olhos tu descansas.

Minha paixão não cessa de crescer  
quanto mais anos passam sobre nós.  
Inunda em vastidão todo o meu ser,  
tal caudaloso rio a sua foz.

As marcas temporais são tão visíveis,  
mas nosso coração não tem fronteiras.  
Foi conformado em sonhos impossíveis,  
sem vazios, fantasmas ou barreiras.

Um dia de parar a vida há,  
mas nosso amor no eterno restará.

Jaguariúna, 16/01/2010

## Fim de Férias

As férias terminei neste domingo,  
com família, leituras mais descanso.  
Escrevo meu soneto e não distingo  
o futuro do tempo que ora avanço.

Minha artrite piora dia a dia,  
mas a mente controla a estranha dor.

A vida eu continuo, todavia,  
não sendo esta moléstia um desfavor.

Amanhã o trabalho eu recomeço,  
caminhando no espaço que me resta.  
A estrada que hoje trilho já não meço,  
tendo rugas enormes pela testa.

Descubro enfim as cordas temporais,  
sonhando meu sonhar de samurais.

SP, 17/01/2010

### **Reinício de Trabalho**

Hoje, recomecei a trabalhar.  
Repleta minha mesa de matérias.  
Enfrentei todas elas sem parar,  
que pensei que não tinha tido férias.

Os médicos marquei p'ra terça-feira,  
na esperança de ter a solução  
desta artrite que deixa sua esteira  
no meu corpo que foi um corpo são.

Mas sinto-me, malgrado, muito bem,  
os limites deixando para o lado.  
Saudades d'outros tempos quem não tem,  
meu futuro vivendo do passado?

Dentro de mim descubro meu espaço  
onde caminho, calmo, passo a passo.

SP, 18/01/2010

## Consulta Médica

Só depois de dois dias coloquei  
meu trabalho atrasado no caminho.  
Amanhã ao comum eu voltarei,  
sem estar no que faço mais sozinho.

A consulta eu a fiz com a Denise.  
Durou, eu acredito, uma e hora e meia.  
Mudou o tratamento – é bom que frise –  
e espero que ela acerte bem na veia.

Marlene continua lendo a letra,  
que nem mesmo consigo hoje reler.  
Para o verso não tenho rima em “etra”,  
mas nem por isto paro de escrever.

Na minha idade, só a medicina  
é que posso falar ser de rotina.

SP, 19/01/2010

## Aprendizes de Ditadores

Entra o Brasil de novo em retrocesso,  
com plano de direitos desumanos.  
O meretrício sai de seu recesso  
no apoio às prostitutas e aos enganos.

Os guerrilheiros que mataram gente,  
amigos da cubana ditadura,

nos direitos que buscam de repente,  
continuam a viver de sinecura.

Discípulos que são da tirania,  
empalmaram poder sem ter os votos.  
Não desejam jamais democracia,  
do ódio aos que divergem são devotos.

Que meu país rechace os aprendizes,  
que de Chávez recebem diretrizes.

SP, 20/01/2010

### **A Verdadeira Riqueza**

O tempo passa, mas a vida fica,  
mesmo que a morte a leve no seu tempo.  
Vale uma vida pela luta rica,  
riqueza d'alma que resiste ao vento.

Armazenar detritos pelo mundo,  
malgrado sejam coisas muito finas,  
de pouco vale, pois só é fecundo  
o bem que para os outros tu destinas.

Vaidade, sensualismo, mais poder,  
como os bens materiais findam um dia.  
E no momento agudo de morrer  
de pouco servem, já não têm valia.

Quem desejar ter pleno o coração  
só vale o que fizer a seu irmão.

SP, 21/01/2010

## Plano e Poder

Com todos meus amigos quando falo  
do plano de direitos desumanos,  
sem exceção, desejam pelo ralo  
do esquecimento pô-lo por uns anos.

O plano não é ruim, é um plano péssimo,  
imposto sem debate aos brasileiros.  
Do plano não se salva nem um décimo,  
pois é plano repleto de vespeiros.

Um golpe representa, à luz do dia,  
aos valores supremos da Lei Prima.  
Atinge, por ser vil, democracia,  
afastando do ser qualquer estima.

Um grupo, sem ter voto, quer poder  
e não soltá-lo mais até morrer.

SP, 22/01/2010

## Para Ruth

Confesso que esperava ser mais fácil  
um soneto por dia eu escrever,  
Diria em espanhol faltou-lhe *espacio*  
no meu pobre talento a fenecer.

Perseverei a minha vida inteira,  
e agora não será que pararei.

Dediquei-me à família e na carreira,  
valeu-me mais o esforço do que a lei.

O tempo é de saudade e de lembranças,  
voltando sempre ao meu passado antigo.  
O tempo é também tempo de mudanças,  
um tempo que me faz estar contigo.

No fim da vida, resta-me a certeza  
que o meu viver não é por “boniteza”.

23/01/2010

### O 4º Domingo

Este quarto domingo de janeiro  
amanhece chuvoso e semelhante  
a tudo o que ocorreu no mês inteiro.  
Há muito que o bom tempo está distante!

Muitas mortes aqui gerou a chuva,  
maculando os governos sem preparo.  
As desculpas não cabem numa luva  
na mão de quem do bem tornou-se avaro.

O dinheiro de todos foi mal gasto  
em roubos, peculato e concussão.  
O povo desta gente é sempre pasto,  
e a luta contra é sempre luta em vão.

Quanto mais vivo, menos do poder  
eu gosto e gostarei até morrer.

Jaguariúna, 24/01/2010

## São Paulo Campeão

Ganhou, uma vez mais, o meu São Paulo  
a copa dos meninos no seu dia.  
Do apóstolo das gentes, que foi Saulo,  
o nome traz e exhibe na porfia.

Levantou, por três vezes, esta taça  
que a há quase meio século foi feita.  
E a meninada pôs a mão na massa  
e seu mundo da bola se respeita.

Eu já fui do Conselho Consultivo  
presidente. Meu número é quarenta  
mais seis. Mantenho sempre n'alma vivo  
este querer que o coração esquenta.

Setenta e cinco como o clube eu faço,  
nesta paixão sem tempo e sem espaço.

SP, 25/01/2010

## Tributos e Mortes

Questão de imunidade uma vez mais  
enfrento em parecer a elaborar.  
Quando um governo gasta por demais,  
não tem p'ra quem faz bem nenhum olhar.

Há muito que o governo pouco faz.  
Para os que necessitam ter amor,  
saúde, educação, tudo isto jaz.  
Só se salva o terceiro bom setor.

O povo do poder está cansado.  
Eleitorais consistem as promessas,  
jamais cumpridas. Postas só de lado.  
As tristezas no rosto são impressas.

As despesas inúteis não têm cortes,  
mas temos os tributos, temos mortes.

SP, 26/01/2010

### **Elidia**

A minha terapeuta é japonesa.  
Tal qual seu povo, é muito delicada,  
mas a força que tem com a destreza  
dos samurais parece ser a espada.

O que sofro compensa o bem estar,  
após cada sessão desta tortura.  
Quem tem a minha idade reclamar  
não pode quando a mão se faz segura.

O soneto, portanto, deste dia  
eu lhe dedico, calmo e sem perfídia.  
Dos que me cuidam em Santa Confraria  
pertence e tem por nome o nome Elidia.

Eu e Ruth vivemos nosso espaço,  
ultrapassando os anos, passo a passo.

SP, 27/01/2010

## Tempo Finito

O tempo se desfaz todos os dias.  
Começa de manhã e morre à noite.  
Ninguém recebe cartas de alforrias,  
nem qualquer vida passa sem açoite.

Pensamos ser eterno o transitório,  
e transitório o que se faz eterno.  
Está-se em permanente suspensório,  
sem perceber-se que é chegado o inverno.

A Deus, que nos criou, nem sempre vamos,  
embora nossos atos julgará.  
Um domingo vivemos só de ramos,  
depois vemos a cruz que O pregará.

Na existência forjada no seu rito,  
nosso tempo se faz tempo finito.

SP, 28/01/2010

## Setenta e Cinco

A homenagem que sei não merecer  
receberei no mês de fevereiro.  
Os convites descobrem bem querer  
e entre muitos se espalham por inteiro.

Escreveram quarenta e dois amigos.  
Dizendo que escrever lhes fez felizes,  
esqueceram-se todos os perigos  
que o louvor traz consigo nos países.

O livro tem por título *Ives Gandra –  
palavra*. Publicado por Migalhas.  
Não sei se as cores tem de salamandra,  
nem sei se descobriu as minhas falhas.

Na gratidão, portanto, o pé eu finco  
quando faço eu assim setenta e cinco.

SP, 29/01/2010

### Com Amigos

No sábado, convivo em bom descanso  
com dois casais de amigos e com Ruth.

Em meu diário este soneto avanço  
sem que alguém por tais versos bem escute.

São Nátalie, Alexandre mais Luiz  
e Sílvia que conosco aqui estão.  
Falamos deste mundo e do país  
com calma, mas, às vezes, com paixão.

O jantar ocorreu na Casa Bela,  
e teve a companhia do prefeito.

Os pratos foram bons e sem sequela.  
Malgrado a chuva, o dia foi perfeito.

Uma amizade assim bem vale a pena,  
na vida dominando toda a cena.

SP, 30/01/2010

### **O Preço D'Alma**

Atípico este mês. Último dia.  
Um domingo chuvoso como todos.  
Minha luta transforma-se em porfia  
como as águas tiradas pelos rodos.

Voltam sempre, por mais que são tiradas.  
O que importa, porém, é não parar.  
Na vida, caminhamos por estradas  
que podem descobrir o imenso mar.

As dores, os fracassos ou sucessos,  
no pouco tempo nosso, pouco são.  
Se soubermos vencer nossos regressos,  
manteremos saudável o coração.

Quem fica acima de qualquer tropeço,  
su' alma para Deus já não tem preço.

SP, 31/01/2010

# FEVEREIRO

## A Caminho da Tirania

Bem rápido a nação triste caminha  
par'uma ditadura socialista.  
Lula e seus companheiros são a linha  
de quem da tirania tem a pista.

Já deixou o direito para o lado,  
seus projetos são contra a Lei Suprema.  
Para todos remete o seu recado,  
que sempre se reduz a monotema.

Aparelha o governo com os seus,  
nossos tributos gasta inutilmente.  
Há muito em que se julga o próprio Deus,  
num patamar de glória diferente.

Neste ano eleitoral faz o que quer,  
procurando eleger uma mulher.

SP, 01/02/2010

## De Repente

Tenho saudades d'antanho,  
dos meus tempos de menino,  
com sonhos sem ter tamanho  
na busca de meu destino.

Os anos correm depressa,  
não sei como segurá-los,  
Não há quem aos anos meça  
pela vida com seus ralos.

Quanto mais eu vejo o mundo,  
menos ele me aparece.  
Nele vale o tom profundo  
que produz numa prece.

Mesmo velho, sigo em frente,  
esperando o de repente.

SP, 02/02/2010

## Trinta e Quatro

Sinto não ser muito fácil  
agradar a todo o mundo.  
A última flor do Lácio  
meu poema faz rotundo.

De São Braz foi este dia...  
A benção eu recebi  
p'ra garganta em afonia  
que tenho de há muito aqui.

Por obrigação escrevo.  
Par'o agendario fechar,  
minha sorte está sem trevo,  
mas sou destes versos par.

Hoje já são trinta e quatro  
sonetos feitos de fato.

SP, 03/02/2010

## **Setenta por Cento dos Impostos são da União**

O céu ensolarado preludia  
um temporal a mais, chegando à tarde.  
São Paulo vive o drama todo o dia  
que faz que a nossa gente se acovarde.

Precisa mais de barcos que de carros  
e mais de autocontrole que de fúria.  
As águas formam rios só de barro  
Perante dos governos triste incúria.

Do bolo tributário tem Brasília  
setenta para si, trinta pr'o resto.

Estados, Municípios, tudo empilha  
no pouco deste ágape indigesto.

É fácil criticar quem tudo tem,  
e que não traz ao povo o próprio bem.

SP, 04/02/2010

### **Aos Meus Amigos**

Alegra-me ter amigos  
como aqueles qu'aqui estão.  
De minh'alma são abrigos  
e abrigam meu coração.

É rico aquele que, ao lado,  
tem na amizade conforto.  
Na lida, ao barco cansado  
serve de sereno porto.

A todos meu querer bem  
de muito transcende a idade,  
deixando-me já também  
o início de uma saudade.

A vida tem mais sentido  
por ter com vocês vivido.

SP, 05/02/2010

## A Arma da Palavra

Na agenda *Mar Azul* de meus sonetos,  
o mês de fevereiro tem Camões.  
Marluce que a me deu p'ros meus quartetos  
pôs os versos “das armas e os barões”.

Falou de seus heróis em português,  
aquele que é supremo a todos vates.  
Não teria, porém, em nossa terra  
políticos heróis para combates.

O mar azul coberto, em negridão,  
espelha dos governos a falência.  
Tristes costumes são a podridão  
que exala do poder em pestilência.

Já velho, contra o mal qu'ora se lavra,  
apenas tenho a força da palavra.

SP, 06/02/2010

## Ser Perfeito

Os dias, por mais longos, são mais curtos.  
O tempo passa, corre sem parar.  
De saudades, às vezes, tenho surtos  
quais as águas nos ventos sobre o mar.

Deus conhece meus erros, meus acertos.  
Os acertos a Deus eu devo tudo  
e espero, no perdão, os seus consertos,  
falando no silêncio, Verbo mudo.

Enquanto tiver forças, lutarei.  
Preparando-me assim a ser chamado  
quando bem o quiser o Eterno Rei,  
que um dia descobri junto a meu lado.

O perdão pedirei por todo o feito,  
e verei para sempre o Ser perfeito.

SP, 07/02/2010

### Emérico

Hoje, Emérico faz anos.  
Já são nove mais setenta,  
superando desenganos  
numa luta nunca lenta.

Teus amigos são sem fim,  
muitos nos céus, outros cá.  
Plantou neles teu jardim  
que ninguém igualará.

Como amigo, muito devo  
a teus conselhos serenos.  
Da santidade relevo  
ofereces com acenos.

Querido irmão, muita vida  
desejo-te nesta lida.

SP, 08/02/2010

## Ângela

Foi quando nasceu Ângela que eu vi  
que Deus de mim pedia nova vida.

A forma de viver até ali  
tornava-me, no tempo, desmedida.

As orações de Ruth e dar exemplo  
à filha, que nascia desejada,  
levaram-me de novo ao pé do templo,  
para não mais deixar a certa estrada.

São nove mais quarenta bem vividos.  
Os anos que conosco comemora.  
A Deus se dedicou em seus sentidos,  
devotada ao trabalho muito embora.

Que Cristo, qu'ê, na vida, Seu amado,  
bem permaneça sempre de seu lado.

09/02/2010

### *Ives Gandra: Palavra*

Hoje, o livro com meu nome  
chegou vindo dos amigos.  
Li-o, como quem tem fome  
de leituras sem perigos.

Todos falaram demais  
sobre o pouco que eu já fiz.  
Quarenta e dois, quais jograis,  
fizeram-me bem feliz.

Ruy, Ivete e Zé Horácio,  
Ney Prado, Hélio e Nalini.  
Maria Odete em prefácio.  
Num livro em cores de cine.

À Abram e a todos autores  
sou grato por estas cores.

SP, 10/02/2010

### **O Soneto e Eu**

Há quantos anos eu me vejo assim,  
preso ao meu verso e preso ao meu soneto.  
Galopo ao infinito em meu selim,  
de um corcel ora branco, ora bem preto.

Das outras formas gosto, mas o encanto  
eu tenho no soneto ao modo inglês.  
Nele lanço o que sobra de meu canto,  
um canto que me altera cada vez.

Família, esposa, amigos, todo o mundo,  
nele presentes são em seu retrato.  
E tocam o meu ser sempre bem fundo,  
como prova, na vida, este relato.

Não sei por que Fernando, em seu rancor,  
disse ser o poeta um fingidor...

SP, 11/02/2010

## À Noite

Este soneto de noite  
faço no findar do dia.  
O soneto de lá foi-te,  
descobrimo maresia.

O universo num só verso,  
refaço o passo do espaço,  
revendo o soneto imerso,  
que cada dia refaço.

O sonho dos invisíveis,  
a cabeça dos mais loucos  
fazem de há muito impossíveis  
os sonhos que saem roucos.

Hoje fiz aniversário,  
tendo a Virgem do Rosário.

SP, 12/02/2010

## No Jantar

Somos onze esta noite, nesta mesa,  
para que, uma vez mais, eu comemore  
com parte da família – que beleza! –  
o meu aniversário sem que core.

Os dias foram onze, doze e treze,  
e o coração rasgado por inteiro.  
Não há quem na emoção hoje reveze  
o que sinto no peito seresteiro.

Eu janto, uma vez mais, no Casa Bela,  
porém quem paga as contas são os filhos.  
Minha camisa assim, quase amarela,  
esconde um palpitar fora dos trilhos.

Vivendo com os meus, em forma lenta,  
como são bons os meus cinco e setenta.

Holambra, 13/02/2010

### Sonhar

Quantos sonhos já tive em minha vida?  
Quantas vezes vivi-os sem saber?  
A distância não faz ser esquecida  
a imagem que penetra este meu ser.

Pensei já ter vivido no passado,  
empunhando as espadas medievais,  
cavalgando um cavalo já selado  
com armas e brasões de samurais.

Na luta descobria a descoberta  
que se descobre atrás do próprio sonho.  
Um sonho que refaz a senda incerta  
nos versos em que os dias eu reponho.

Eu sonho, muitas vezes, todo o dia  
num sonho que meu verso não recria.

Jaguariúna, 14/02/2010

## Gigante Adamastor

Todo o escritor na busca de seu tema,  
por vezes, para sem saber por quê.  
Matemático em face um teorema –  
onde falta não sabe bem o quê?

Assim, todos os dias, no começo,  
não sei o que escrever nem o que sinto.  
E pago no soneto o estranho preço,  
a falta de um talento há muito extinto.

Qual navegante, vou por estes mares,  
com medo do gigante Adamastor.  
Apenas quando lanças teus olhares  
desfaz-se todo o medo em Teu amor.

Navego então em águas sem escolhos  
de cor verde marrom entre teus olhos.

Jaguariúna, 15/02/2010

## Sem Jardim

Navego pelo espaço de meus dedos,  
timoneiro de um barco sem seus mastros.  
Nele faço de há muito os meus enredos,  
caminhando por sobre o mar dos astros.

O pensamento galgo de um só salto,  
a imensidão cerúlea do universo –  
e se desfaz inteiro pelo asfalto  
que se encontra por dentro de meu verso.

Penetro na floresta dos sem nada,  
descobrimo mil feras no meu estro,  
e luto com meu arco sem espada  
num papel que se faz demais canhestro.

Num desencontro intenso eu resto assim,  
sem palavras, sem sonhos, sem jardim.

SP, 16/02/2010

## Cinzas

As cinzas recebi pela manhã,  
com Ruth, minha esposa, de meu lado.  
A lembrança que toda a glória é vã  
domina, neste dia, meu passado.

Vindos do pó e retornando ao pó,  
sabemos qu'esta estrada tem um fim,  
e nela caminhamos sempre sós,  
para o encontro com Deus em seu jardim.

O tempo fez crescer o meu currículo,  
enquanto reduzia a minha vida.

Na minha idade, nada é mais ridículo  
do que pensar em si. Vivo a descida.

Enquanto vejo o tempo ser reposto,  
espero ver de Deus, um dia, o rosto.

SP, 17/02/2010

### **América Latina**

A América Latina não vai bem.  
Ditadores começam a surgir,  
fingindo amar o povo muito além  
do que querem p'ra si em seu porvir.

O povo é apenas campo de manobra  
para os que querem só tudo reter.  
De vergonha na cara pouco sobra  
a tais exploradores do poder.

Os Chávez e os Fidéis das novas eras  
massacram a seus pés democracia.  
São abutres cruéis, terríveis feras,  
eliminando os contra todo o dia.

Que o mal das disfarçadas ditaduras  
não atinja ao Brasil das sinecuras.

SP, 18/02/2010

## Ser Disperso

Um rápido soneto antes do almoço,  
por esta sexta-feira indiferente.  
Não vejo, ao meio-dia, em alvoroço,  
ninguém com quem se cruze de repente.

Almoçarei em breve com amigos,  
programando projetos p'ro futuro.  
As ideias que tenho são abrigos  
daquelas que descubro sem seguro.

Às vezes penso ter nave estelar,  
atalhando com povos d'outros astros.  
Outras vezes, por sobre o negro mar,  
o meu barco desfaz-se sem seus mastros.

A imensidão galáctica do verso  
faz-me, às vezes, do tempo ser disperso.

SP, 19/02/2010

## Soneto de 5

Eu faço um soneto,  
soneto de cinco.  
Eu fujo do gueto  
como ornitorrinco.

Não sei o que digo,  
não sei o que escrevo.

Falar eu comigo  
nem mesmo me atrevo.

Fevereiro, vinte  
de dois mil e dez.  
O verso requinte  
assume o convés.

Meu barco, meu verso –  
meu próprio universo.

SP, 20/02/2010

### Ana Clara

Para Ana Clara, este dia,  
mais um soneto eu componho.

Agradeço a companhia  
que faz do jantar um sonho.

Especialista ecológica,  
salvará o nosso mundo,  
usando de sua lógica  
e seu saber tão profundo.

Alegre estou, Ana Clara,  
por tê-la, ao jantar, comigo.

Plantaste nova seara  
neste conviver amigo.

Ana Clara, que o futuro  
feliz lhe seja e seguro.

SP (Harmonia), 21/02/2010

### Quase Homicídio Culposo

Um árbitro que dizem ser bem vivo  
ganhou para o Palmeiras o seu jogo,  
expulsando Xandão sem ter motivo.  
Não sei ele se estava ou não de fogo.

Criticaram-no todos jornalistas.  
Cumpriu sua missão, porém, o juiz.  
Espero que não conste mais das listas  
dos jogos do São Paulo, este infeliz.

O Ricardo sofreu um AVC  
por causa deste decisivo apito.  
Não sei da escalação o seu porquê.  
Mas quem decide o jogo tem seu rito.

Árbitro amolecado em pleno gozo,  
só quase cometeu crime culposo.

SP, 22/02/2010

## Voz Cidadã

Não sei o que pensar quanto mais penso,  
pois pensar no que penso gera estresse.  
Em áreas diferentes vivo tenso,  
conseguindo manter no chão os pés.

Para os outros sou calmo e sorridente,  
mas controlo por dentro meus estouros,  
pois posso errado estar no meu repente,  
e o silêncio – sabemos – vale louros.

Sinto-me bem, porém, ter tal domínio,  
pois muita coisa atendo, limitado  
na inteligência e idade sem fascínio,  
mas fazendo o que devo em cada estado.

Eu sou aquele ser que nada vale,  
mas cuja voz não deixa que se cale.

SP, 23/02/2010

## Para Mulher

*Para as advogadas do IASP*

A mulher, como eu vejo desde infante,  
ao mundo oferta o encanto qu'ele tem,  
no permanente sempre e num instante,  
quando faz a presença ser um bem.

O próprio Deus da Virgem precisou  
para nascer, salvando a humanidade.  
A mulher, pelo tempo, faz o show  
da vida ter valor como não há de.

E, nas leis, a mulher agora é parte  
no toque tão humano em seu agir.  
De Camões conquistou engenho e arte.  
Na Justiça que faz sem denegrir.

Mulheres do Instituto o meu respeito  
por tudo que geraram no Direito.

SP, 24/02/2010

## Nuvens

As nuvens pascem versos pelo espaço.  
Mudam de tom e cor, todo o momento.  
Os sentires do bardo, a cada passo,  
alteram também sempre o pensamento.

As ovelhas são nuvens coloridas  
de cinza, branco e preto, para o Sul,  
no rebanho celeste sem feridas  
em planeta pintado em cor azul.

Imagens sempre nascem com os versos.  
Desfazem-se, porém, junto das nuvens.

Parecem mais gerar os tons diversos  
nos quadros nunca pálidos de Rubens.

As nuvens pascem versos pelo espaço,  
enquanto eu as contemplo em tempo escasso.

SP, 25/02/2010

### **Retiro**

Meu retiro começo com meu Deus,  
na esperança de ter misericórdia.  
Os avanços que faço são só Seus.  
Meus fracassos, porém, geram discórdia.

Sua Mãe me faz sempre tão feliz,  
como um infante lanço-me em seus braços.  
Com Ela sinto aquilo que bem quis:  
ter uma vida feita em ternos laços.

Por todos que dependem faço preces –  
familiares, amigos, empregados.  
E o coração que tenho e que conheces  
pede, agora, perdão de seus pecados.

Protege-me, meu Deus, neste retiro,  
pois, tendo-Te do lado, hoje me inspiro.

Santana de Parnaíba, 26/02/2010

## Forma e Tema

Cinco minutos são o que preciso  
a fim de formatar mais um soneto.  
Talvez eu bem provoque algum sorriso,  
por julgarem-me em tempos de coreto.

Eu reconheço ser bem antiquado  
e ser um prisioneiro desta forma,  
mas vale saber sempre de meu lado  
o soneto que rege minha norma.

No Direito, também sigo seu rito,  
embora seja o tema diferente.  
A métrica e a justiça, no meu grito,  
eu levo, em minha vida, para a frente.

De rápido escrever tenho mania.  
O tema é que é difícil, todo o dia.

Santana de Parnaíba, 27/02/2010

## Senhor

Faço agora o soneto de amanhã,  
num retiro, lavando o coração.  
Minh'alma junto a Deus torna-se sã,  
em corpo envelhecido e nunca são.

Saudades da mulher, que tanto eu amo,  
é comum quando fico um pouco longe,

pois somos desta planta o mesmo ramo,  
embora o meu silêncio beira a monge.

No retiro, pois, falo só com Deus,  
porque Deus no silêncio sempre fala.  
E quando peço a Cristo pelos meus,  
eu sinto que o rumor do mundo cala.

Ó Minha Mãe Querida, Ó Meu Senhor,  
como é tão curta a vida neste amor.

Santana de Parnaíba, 28/02/2010

## MARÇO

### **Pensamento Peregrino**

Da minha frota as naves estelares  
os espaços descobrem do infinito,  
e deixam no Universo em seus altares  
o imaginário próprio e o próprio mito.

Não saio do lugar, mas minhas naves  
percorrem as distâncias mais distantes.  
Os meus versos do cosmos têm as chaves,  
como dos mares eles tinham dantes.

Os povos diferentes d'outros polos  
ora recebem bem, ora com guerra,

e as naves lá estão em voos solos,  
com saudades de todos e da terra.

Comando, desta forma, os pensamentos,  
peregrino dos astros e dos ventos.

Santana de Parnaíba, 01/03/2010

## **Destino**

Chego à noite, cansado, mas tranquilo.  
Os exames de sangue foram maus.  
Começo amanhã mesmo um novo estilo,  
sem brilho, sem rotina, sem saraus.

Verei como reajo ao desafio.  
Acostumei-me à luta desde cedo,  
à luta que mantenho sem desvio.  
O resultado não me causa medo.

O certo, na incerteza do futuro,  
é que sigo sereno no caminho,  
descortinando luzes pelo escuro  
e flores onde outrora havia espinho.

Nas mãos de Deus coloco meu destino,  
Aquele que o traçou desde eu menino.

SP, 02/03/2010

## O Mal do Alemão

Semanas de trabalho muito intenso,  
palestras, pareceres, petições,  
TV, Rádio, jornais, tudo bem denso,  
em busca no Brasil por opções.

Horas cinco, no máximo, só durmo.  
E não paro um minuto todo o dia.  
As normas para Deus eu não enfurno,  
e cumpro-as por Meu Cristo e por Maria.

Eu hoje, por exemplo, sem almoço  
fiquei e só à noite me lembrei.  
Espero que ao pesar, sem alvoroço,  
a balança reduza o que engordei.

O trabalho, porém, dá-me a esperança  
deste mal do alemão não ter lembrança.

SP, 03/03/2010

## Respeitar

Impressiona-me como todo o mundo  
que os outros pensem como eles querem  
e não percebem que, sempre no fundo,  
bem mais vaidosos são dos que os aderem.

Quem pensa ser de todos julgador,  
e mesmo que na timidez se esconda,  
retira da alegria a própria cor  
numa estrada que faz em sua ronda.

Respeitar os demais, eis o caminho,  
e viver sem as críticas buscar.  
Assim que se descobre o próprio ninho  
em que se encontra o âmago do amar.

Só é na vida plácido e feliz  
aquele que não queira ser um juiz.

SP, 04/03/2010

### **Edu Santhana**

Foi com Edu Santhana que almocei.  
Mostrou-me algumas músicas compostas  
com sonetos que a Ruth dediquei.  
As músicas ficaram sem respostas.

A beleza do canto serenata  
tornou meu versejar bem mais bonito.  
Não mais encarceradas numa bata  
as palavras vazias em seu rito.

Foram quinze sonetos que Santhana  
colorido ofertou em lindo canto.  
E como o pó dos versos não espana,  
fiquei pasmo e desperto em meu espanto.

Jamais pensei ouvindo os sons diversos  
que fossem palatáveis os meus versos.

SP, 05/03/2010

## Cavaleiro

Aquele cavaleiro das cruzadas,  
cavalgando por sonhos aos milhares,  
brandindo seus escudos e as espadas  
na busca do Sepulcro com seus pares.

Aquele cavaleiro que, no Cristo,  
colocou em batalha seu encanto,  
na sarracena terra tendo visto  
tudo aquilo que causa sempre espanto.

Aquele cavaleiro e seu cavalo,  
galopando as areias do deserto,  
sem medo, sem descanso, sem abalo,  
na procura de seu caminho certo.

Aquele cavaleir'inda sou eu,  
vivendo um ideal que não morreu.

SP, 06/03/2010

## Nosso Lema

A serenata à noite faz-se escassa.  
O noturno descobre as alvoradas.  
A minh'alma de novo se entrelaça,  
subindo deste amor pelas escadas.

A minha terna amada bem desperta  
a chama do querer qu'invade o peito.

A hora não se faz mais hora certa,  
nem abre o coração a meu despeito.

Os olhos são os mesmos desde então,  
de lembranças tomadas por inteiro.  
Renova-se, no velho coração,  
a vocação de eterno timoneiro.

Meus versos por você têm um só tema –  
do pleno amor que sempre foi meu lema.

SP, 07/03/2010

### **Voo a Brasília**

Meus olhos dos teus olhos, minha amada,  
afastam-se no voo p'ra Brasília,  
e saudades já sentem, na balada,  
daquele que só vive p'ra família.

A nave sem espaço traz da TAM  
a marca de quem quer ganhar em tudo.  
Sofro entalado, mas a dor é vã,  
pois meu combate já não tem escudo.

Parados aqui somos junto a pista,  
numa espera silente da partida.

Não temos do exterior nenhuma vista,  
mas, no interior, eu tenho-te, querida.

Há quanto tempo eu faço este caminho  
que, no fundo, percorro tão sozinho.

Aeroporto de Congonhas, 08/03/2010

### **Escritório da Fernanda**

O soneto que faço é p'ra Fernanda,  
pois no seu escritório hoje me encontro.  
Em minha neta que seu nome expanda,  
sem qu'entre as duas haja um só confronto.

Amiga há muitos anos, dedicada,  
conforta-me meu velho coração.  
Respeita a mim e a Ruth, minha amada,  
e como filha a temos, sem senão.

Meu diário em sonetos continua  
com os fatos do dia e nas defesas,  
em que, na busca da verdade nua,  
vergasto os tribunais sem mais surpresas.

Escrevo este soneto no intervalo  
de duas falas. Só depois me calo.

Brasília, 09/03/2010

## 24 Horas

Estamos vendo a 6ª temporada  
de uma série em que o Jack é detetive.  
Corre o filme num dia sem parada  
e a morte chega rápida a quem vive.

Reflexões diversas gera a cena,  
chocam-se sempre lá o bem e o mal.  
Nunca se sabe de quem vale a pena  
querer num mundo ser da terra o sal.

O filme, todavia, é muito bom.  
E mantém um suspense todo o tempo.  
As bombas, mas os tiros são o som,  
atômicas levadas pelo vento.

Há muitos anos que Ruth não vejo  
gostar de um filme sem fazer cotejo.

SP, 10/03/2010

## Nosso Amor

O nosso amor eu sinto ser milagre,  
pois denso permanece desde o início.  
Sessenta menos três que se consagre –  
tanto tempo nos anos sem ter vício.

As diferenças nossas são diversas,  
mas sempre as respeitamos sem conflitos.

Na estrada desta vida bem dispersas  
se perdem, pois nós temos nossos ritos.

Sabemos que o Senhor está conosco.  
Protege-nos de todos os perigos.  
O nosso amor por Cristo, embora tosco,  
é o que podemos dar, pobres amigos.

A Virgem, Seu marido e Quem nos guarda  
vestem o nosso amor com sua farda.

SP, 11/03/2010

### **Ruth**

Nestes céus de São Paulo, novamente  
percorro, já de volta para ti.  
O tempo passa, mas indiferente  
desfaz-se para mim se estou aqui.

Eu repito p'ra sempre o mesmo amor,  
que o peito dilacera por inteiro.  
Saudades eu as sinto aonde for,  
por longe estar o velho caminheiro.

Eu espero o momento de abraçar-te  
quando chegar de novo à minha terra,  
Embora sem ter eu engenho e arte,  
sabes o que minh'alma bem encerra.

O meu amor há tanto tempo é tanto  
que se mantém o mesmo por meu canto.

SP, 12/03/2010

### **Meu Interior**

Eu percorro as planícies de meus sonhos  
onde os rios deságuam as esperanças,  
pois nos corações formam-se, tristonhos,  
as saudades dos tempos de crianças.

Meu íntimo procura sua escada,  
que deço sempre mais sem ver o fundo,  
nesta busca infinita cuja espada  
eu brando para fora deste mundo.

Meu universo interno é bem mais denso,  
bem mais forte, mais largo, mais aberto  
que o cosmos conhecido, é mais intenso.  
Para mim fica sempre descoberto.

Os versos que eu componho todo o dia,  
embora fracos, geram-me alegria.

SP, 13/03/2010

## Navegar

Eu navego entre mares e tormentas,  
sem marujos no barco que conduzo.

As ondas que no coração rebentas  
de teus olhos desvendam tom difuso.

As cores coloridas e incolores  
desfraldam os painéis das caravelas  
e, se algum dia destes tu lá fores,  
colorirás com tintas minhas velas.

Navegar é preciso, eis a verdade.  
Para mim fazer versos, eu preciso.  
Nas folhas eu escrevo, sem vaidade,  
sem talento, sem voz, sempre indeciso.

Meu diário silente continua  
e desvenda a verdade fria e nua.

SP, 14/03/2010

## Morte e Tributos

O domingo passei num parecer,  
estudando o tributo dos Estados.

O cinismo fiscal – dá para ver –  
contamina os governos desfalcados.

O conflito mantido não tem fim.  
São todos eles duros e imorais.

Na guerra tributária sempre assim –  
torturam o seu povo. São iguais.

São anos cinco, três, só de defesas.  
Tenho nojo de todos os poderes.  
Nós, os cidadãos, somos pobres presas  
daqueles que governam nossos seres.

São a morte e os tributos coisa certa  
que fazem nossa vida sempre incerta.

SP, 15/03/2010

### **Sem Veto**

Faço agora redondilhas,  
para o dia começar.  
São de meus barcos as quilhas  
que singram seu próprio mar.

Faço versos só de sete  
sílabas bastante vezes.  
A inspiração não se mete  
a conduzi-los há meses.

Faço versos por fazer –  
meu diário impõe sonetos.  
Não sei mais o que querer –  
vejo carnes e esqueletos.

Nas redondilhas completo  
mais um dia sem ter veto.

SP, 16/03/2010

## Fisco

O soneto que faço uma vez mais  
desperta-me revolta contra o Fisco.  
P'ra sustentar os párias governais,  
torturam cidadãos sem qualquer risco.

O dinheiro que ao povo é tão difícil,  
para gastar co'o rei e seus amigos,  
assaltam tendo a lei como se um míssil  
brandindo co'a polícia e seus artigos.

Justiça tributária, nem pensar!  
Por serem autoridades, vivem disto.  
Achacam todo o povo devagar,  
num torniquete que nem eu resisto.

Vivemos esta vil democracia  
que curtem os governos, todo o dia.

SP, 17/03/2010

## Vera

Neste domingo faz anos  
minha afilhada querida.  
Eu e teu pai, já decanos,  
queremos-te o bem na vida.

Eu lembro-me do batismo,  
carregando-te, a madrinha

com fé no meu catecismo,  
sentia-te como minha.

Até hoje por ti peço  
a Deus, que te fez mulher,  
na certeza, que não meço,  
qu'Ele sempre bem nos quer.

O aniversário é na espera  
da minha afilhada Vera.

SP, 18/03/2010 para 21/03/2010

### **Ruth**

Saudades sinto, minha amada, sinto,  
malgrado estares longe um dia apenas.  
Eu finjo não as ter, mas sei que minto,  
muito embora sem ver dramas ou cenas.

Eu sei que, no retiro, por mim oras,  
por filhos, genro e nora e pelos netos.  
Parecem-me, entretanto, todas horas  
mais lentas, como se tivessem vetos.

Tua volta eu aguardo no domingo,  
mas o domingo está de mim distante.

A chuva na minh'alma é sem respingo,  
irrigando um amor que Deus garante.

Querida amada minha, sempre amada  
que estás comigo assim nesta balada.

SP, 19/03/2010

### **Paulo José da Costa**

Foi meu professor de história,  
é meu professor de vida.  
De todos tempos memória  
fantástica tem, na lida.

Já temos anos sessenta  
de longa e forte amizade.  
Somos doze vezes penta  
de querer qu'igual não há de.

Meu mestre Paulo José,  
brilhante lente sem falhas,  
um causídico de fé,  
vencedor de mil batalhas.

Peço a Mãe do Escapulário  
pelo seu aniversário.

SP, 20/03/2010

## Helenice

A morte sempre encerra seu mistério.  
A vida que vivemos é pesada.  
Ganhamos seu perfil no batistério,  
mas perdemos, às vezes, pela estrada.

Helenice morreu. Sua missão  
aos seus e a seus alunos foi cumprida.  
Serena, carinhosa, o coração  
sempre alegre, tal como sua vida.

A dor, embora grande, pelo fim  
é mitigada, olhando o que ela fez,  
condenados a ter a morte assim,  
pois chegará também a nossa vez.

Cara Helenice, estás perante Deus.  
E, certamente, pedes pelos teus.

SP, 21/03/2010

## Fidel *Paredón* Castro

Neste domingo, a Folha publicou  
quantos milhares foram fuzilados  
em Cuba por Fidel. Macabro show,  
sem defesa, ficando os condenados.

A dúvida reside no saber  
se foram só três mil ou dezessete.

E para continuar a lá morrer,  
só basta não querer ser marionete.

Fidel *Paredón* Castro foi seu nome  
para nós, estudantes de Direito.  
Os presos inda morrem lá de fome  
e ao ser humano não lhe dão respeito.

Pinochet e Fidel pérfidos são,  
mas só Fidel de Lula tem perdão.

SP, 22/03/2010

### **Artrite**

Hoje, as dores cresceram por demais.  
Analgésico e anti-inflamatório  
não trouxeram alívio. Nos meus ais,  
Meticorten também foi ilusório.

Mas vim para o trabalho deste dia,  
aguardando conter a dor de vez.  
Nada sou, nada valho na porfia,  
mas luto contra tudo todo mês.

A artrite de mamãe é minha herança  
e, quanto mais a sinto, mais a quero.

Mamãe foi uma Santa desde a infância,  
que serve de modelo no que espero.

Qualquer que seja a dor, a minha cruz  
é menor do que aquela de Jesus.

SP, 23/03/2010

### Cansaço

Às vezes sou tomado de cansaço  
no fim do dia, fim de meu trabalho.  
Meu próprio andar reduz-se passo a passo,  
numa moléstia em que de pouco valho.

A missão destinada por meu Deus  
parece, às vezes, dura, ora cruel.  
Minha imagem pregada em camafeus  
espera entre os espinhos ter mais mel.

Valores permanentes na família  
permitem-me esta dor oferecer.  
A vida é sempre um dom e maravilha,  
cuja luta não quero esmorecer.

Sou cansado, mas busco continuar  
meus sonetos na agenda cor do mar.

SP, 24/03/2010

## Casamento

Muitos têm me perguntado  
por que mantenho por Ruth  
o mesmo amor do passado  
e sem que por ele lute.

É que Ruth abriu-me os olhos  
para Deus eu encontrar.  
Venci regatos e escolhos  
e descortinei o mar.

É dom nosso casamento,  
que Cristo traçou as linhas,  
pois desde o primo momento  
senti serem elas minhas.

Por isto o Senhor da vida,  
agradeço-te, querida.

SP, 25/03/2010

## Denise

Novamente Denise consultei.  
Acalmou-me no que refere à artrite.  
Mostrou-me, todavia, o que não sei:  
a formação de múltipla bursite.

Com injeções espero andar melhor,  
pois meu ano parece ser intenso.

As palestras eu quase as sei de cor,  
tanto as faço no meu programa denso.

Coimbra, Salamanca, Minho e Porto –  
nelas terei que dar as minhas falas.  
Por isto, s'inda agora eu ando torto,  
espero reto andar e sem escalas.

Denise é quase filha e tem certeza  
que desta sairei e com presteza.

SP, 26/03/2010

### **Dentro de Mim Mesmo**

Bandeirante das selvas primitivas,  
com facões e machados vi florestas  
e feras e animais em formas vivas,  
mil dramas e dos índios suas festas.

Almirante de muitas caravelas,  
singrei mares jamais antes singrados,  
e os ventos, que batiam pelas velas,  
levaram-me a lutar de todos lados.

Navegante de espaços siderais,  
descobri povos novos, nova gente,

ora em guerras cruéis, ora na paz,  
o horizonte se pondo muito a frente.

Eu crio este Universo, sempre a esmo,  
quando caminho dentro de mim mesmo.

SP, 27/03/2010

### **Meu Paço**

Com redondilhas menores  
ou com versos decassílabos,  
meu diário de Alfajores  
tropeça na rima em flabos.

O diário vai em frente.  
Meu medíocre diuturno  
vira sempre, de repente,  
os versos de meu noturno.

O diário, todavia,  
tem de Ruth seu retrato,  
que me faz ganhar o dia  
e me faz mesmo de fato.

Hoje redondilhas faço  
no diário de meu paço.

SP, 28/03/2010

## Tempo Finito

Na casinha de campo que mantenho,  
eu sempre me descubro no silêncio.  
O descanso me lembra o velho lenho  
do Antigo Testamento, sem incenso.

A calma prenuncia meu porvir,  
que é menor cada dia e em cada dor.  
Já bem cantou a morte do tapir  
um bardo que não era fingidor.

A velhice permite meditar  
sobre a vida e o passado sem futuro,  
mas permite também descortinar  
o que se encontra atrás de eterno muro.

Com dores e esperança eu continuo,  
alegre em ver o fim e sem amuo.

Jaguariúna (dia anterior), 29/03/2010

## Meu País

Eu não poder andar, eis a questão  
que há muito me atormenta todo o dia.  
Embora o corpo continue são,  
não consigo encontrar uma outra via.

Nunca pensei ficar quase entravado,  
com dores nos quadris e pelas pernas.

Eu sinto, quando fico assim parado,  
que volto para os tempos das cavernas.

Não me queixo, pois isto pouco vale,  
e sem queixas a dor é bem menor.  
E, por não me queixar, que não se espalhe  
naquele noticiário da Record.

Malgrado a dor, eu sempre estou feliz  
lutando contra o mal no meu país.

Jaguariúna, 30/03/2010

### Sonhador

Eu lembro-me de Roma, idos de Março,  
que completo em sonetos diuturnos.  
Quem os lê bem percebe ser esparso  
o tema que eu abordo, sem coturnos.

De todos falo um pouco, da família,  
do trabalho, de amigos e de Deus,  
de mim mesmo seguindo a mesma trilha  
que me leva de volta sempre aos meus.

Estes versos, que faço e que refaço,  
dão-me alento na vida a continuar.

Eu encho de meu tempo o pouco espaço  
do pouco que já valho em meu falar.

Eu sou aquele que nasceu sonhando,  
e permanece assim de quando em quando.

SP, 31/03/2010

## aBRIL

### Maratona Cultural

Eu ouço, enquanto escrevo, a *polonaise*,  
que dava início, na Cultura Antiga,  
entre jovens debate sobre tese  
com disputa, nem sempre muito amiga.

Representava, aos treze, o Bandeirantes  
com outros quatro. O tom adolescente,  
em perguntas, respostas, se brilhantes  
no programa, afastava o concorrente.

Com sustos, esperanças, mas felizes,  
conseguimos vencer a maratona,  
e os sonhos de partir pr'outros países  
tornaram da alegria a vida dona.

Eu sinto, todavia, um calafrio  
quand'ouço este Chopin no meu estio.

SP, 01/04/2010

## Sempre Ruth

Eu faço versos eu não sei por quê.  
Quando jovem, escrevi sem responder.  
Agora, quando velho, bem se vê  
que dúvida terei até morrer.

Sempre que falo com Paulo Bomfim,  
eu sei qu'ele bem sabe porqu'escreve,  
Mas eu sempre que escrevo mal assim,  
eu me sinto mais frio do que a neve.

Somente Ruth tira-me do inverno  
em que, no mar azul, quase naufrago.  
E a cor de seu olhar, formoso e terno,  
para mim constitui o grande afago.

Eu faço versos eu não sei por quê,  
mas valem quando faço p'ra você.

Jaguariúna, 02/04/2010

## Cavaleiro Andante

No tempo das Cruzadas, descruzei  
espaços no fervor das catedrais.  
Servia só a Deus e não ao rei  
que não tinha valor de samurais.

O palácio, repleto de donzelas,  
que buscavam um príncipe encontrar,

debruçadas nas cálidas janelas,  
eu o tinha a distância do sonhar.

No tempo das Cruzadas, cavaleiro  
cavalgava planícies sem estradas.  
E o mundo pertencia, por inteiro,  
ao meu cavalo e ao choque das espadas.

Eu sempre fui um cavaleiro andante  
com sonhos que forjei desde eu infante.

SP, 03/04/2010

### **Páscoa**

Sábado santo. À missa eu assisti  
e a Ressurreição, hoje, comemoro,  
ficando em meu recanto, por aqui  
onde trabalho, leio e também oro.

Esta festa cristã é de alegria.  
Padeceu meu Senhor terrível cruz,  
mas reviveu porém. Terceiro dia,  
retornou para nós Cristo Jesus.

Renovo minhas forças no Seu seio,  
como João o fizera em mocidade.

De meu cansaço a luta é meu esteio,  
sendo também de toda a humanidade.

Família, dependentes, todo o mundo,  
desejo-lhes a paz, em tom profundo.

SP, 04/04/2010

### **Minha Espada**

O sonho da conquista bandeirante,  
que alargou as fronteiras do Brasil,  
sempre me encanta desde qu'era infante,  
na Paulicéia, máscula e viril.

Aqueles que forjaram nossa gente  
e fizeram da história monumento  
merecem ter um culto diferente  
por batalharem pelo nobre intento.

Sou bandeirante sim, no coração.  
Bate da pátria meu fervor eterno,  
por isto luto como cidadão  
contra os que criam, nesta terra, o inferno.

Enfrento assim políticos do Nada,  
usando da palavra minha espada.

SP, 05/04/2010

## 6 de Abril

Começo a publicar o meu diário.  
Revejo as provas do primeiro ensaio.  
De rigor, o caderno é meu berçário  
do livro que virá no mês de Maio.

Eu, felizmente, nunca perco tempo  
ao escrever, por dia, estes meus versos,  
como as folhas levadas pelo vento  
espalham-se em espaços bem diversos.

Não mais que 10 minutos eu componho,  
redijo e mal corrijo o meu poema.  
Eu vivo, quando escrevo, o próprio sonho  
que, muitas vezes, soa a teorema.

O dia em que poeta é seis de abril,  
que vivo em plenitude no Brasil.

SP, 06/04/2010

## Chuvas no Rio

A tragédia atingiu de novo o Rio.  
As chuvas demoliram as encostas,  
a cidade voltou a sentir frio  
e os cidadãos ficaram sem respostas.

O dinheiro que damos em tributos  
consigo mesmo gastam os governos.  
E o bem pouco que sobra em seus redutos  
em serviços retornam com maus termos.

Não creio nos que querem ter poder.  
Preferem bem gozá-lo e não servir,  
e o povo fica assim para morrer,  
chorando porque não sabem mais rir.

Somente o Presidente gastador,  
com “motes”, tripudia sobre a dor.

SP, 07/04/2010

### **Tragédia Ambiental**

Depois de muita chuva, nestes dias,  
às 11 horas, já vemos o sol.  
A natureza não faz cortesias  
e a noite da tragédia é sem farol.

Sem luz, por monte abaixo deslizou,  
uma vez mais, torrente d'água e terra,  
trazendo, pelo Rio, triste show,  
que n'alma deste burgo mal se encerra.

Quando se agride a pele do planeta,  
sua repulsa faz-se de imediato,  
e os papéis que se guardam na gaveta  
escondem o perfil deste retrato.

Estamos na fronteira de uma luta  
que a classe dirigente não escuta.

SP, 08/04/2010

## Eterna Ruth

Recebi, em presente, quando moço  
o teu amor, querida, sempre igual.  
Naufraguei pelo tempo, neste poço,  
talvez imenso como um mar sem sal.

Teu amor foi a dádiva maior  
de todos os períodos da existência.  
Quase sempre repito – e já de cor –  
que tu és a da paixão a própria essência.

Às vezes dos presentes nos cansamos,  
às vezes desejamos outros mimos,  
mudando quase sempre nossos amos  
que os corações controlam, sem sentirmos.

Para mim tenho o amor desta mulher  
e, como a quero, eu sei que ela me quer.

SP, 09/04/2010

## Recolhimento

Fui ao recolhimento com amigos,  
Alexandre, Murilo, Paulo e Aquino.  
Padre Francisco nossos inimigos  
demonstrou ser os mesmos de menino.

O pecado destrói a nossa vida  
e combatê-lo faz-nos bem melhor.

Os que não querem Deus em sua vida  
não conseguem galgar um bem maior.

Quem tudo tem pensando tudo ter  
cria, no tempo, um tempo sem espaço  
e o vazio o persegue até morrer,  
pois para o fim caminha, passo a passo.

Quem muito quer no mundo pouco quis,  
pois só quem quer a Deus vive feliz.

SP, 10/04/2010

### **Do Padre**

Do Padre eu recebi uma missiva,  
missiva para o meu apostolado,  
tornando-me a vontade bem mais viva  
de levar o Senhor a todo lado.

Os três Padres, em vida, eu conheci.  
O Nosso Fundador, hoj' é, um Santo.  
Dom Álvaro j' esteve por aqui,  
vestido da humildade com seu manto.

Dos três, Dom Javier é quem conduz  
est'Obra qu' é de Deus e da verdade,

descortinando estradas com a luz,  
que Cristo projetou na humanidade.

Amar a Deus agora eu bem que sei,  
pelos caminhos santos d'Opus Dei.

SP, 11/04/2010

## **Segunda-Feira**

As dores dificultam meu andar  
e são bastante fortes na segunda.  
Não tivesse a cabeça no lugar,  
me lançaria em depressão profunda.

Não há mais horizonte na moléstia,  
que a bem mais qu'uma década combato,  
embora de esperança alguma réstea  
permaneça ao fazer este relato.

Rezamos sempre com a nossa mente,  
mas a oração da carne tem valor  
se lhe dermos um toque diferente,  
oferecendo a Deus a própria dor.

Apesar de saber que nada valho,  
mesmo assim continuo meu trabalho.

SP, 12/04/2010

## Cláudia e Guilherme

Comemoramos hoje duas datas,  
de Cláudia e de Guilherme o aniversário,  
doutores da amizade, as suas batas  
para os amigos são um lampadário.

Guilherme ainda luta com a escola,  
mas Cláudia já galgou o seu mestrado.  
Guilherme continua bom de bola  
e Cláudia da Justiça faz seu fado.

Guilherme tem no avô seu companheiro  
e Cláudia para o sócio dá respaldo.  
Eu para os dois me torno seresteiro  
de um passado que resta sem ter saldo.

Guilherme e Cláudia, quero-os muito e tanto  
que este querer não cabe no meu canto.

SP, 13/04/2010

## Eu, Cantador

Minha luta descubro por inteiro  
quando o fim se aproxima da partida.  
Pouco importa se sou um seresteiro,  
um cantador que canta a dor e a vida.

O canto, todo o dia, é diferente.  
Os sonhos sempre os mesmos, sempre iguais.

O espaço do meu tempo passa rente  
dos versos que coloco nos varais.

As ruas continuam paralelas  
com casas debruçadas nas esquinas.  
Escondem por detrás destas janelas  
o teu amor que, puro, me destinas.

Sou eu e um outro eu, no meu descanso,  
que mal segura o passo em que eu avanço.

SP, 14/04/2010

### **Somos Iguais**

As lanternas do espaço são estrelas  
na escuridão sidérea do Universo.  
Ilusões são difíceis de retê-las,  
na imensidão sem brilho de meu verso.

Debruço-me ao olhar do céu sem luz  
e se nuvens se veem no firmamento.  
A negridão maior a mim induz  
que devo refletir sobre o momento.

A vida nossa é sempre assim vazia,  
com poucos pontos claros no horizonte.

Se não estão no etéreo, em noite fria,  
a alegria da vida perde a fonte.

A humanidade e o cosmos são iguais.  
Apenas o Universo dura mais.

SP, 15/04/2010

### **Primeiros Sintomas**

Foi uma sexta-feira complicada.  
De madrugada estava no hospital.  
Eu fui parar com uma batelada  
de exames, por sentir-me muito mal.

Minha pressão chegou pelas alturas  
e só fui liberado às três da tarde.  
Os médicos estão sempre às escuras,  
mas disto nunca fazem muito alarde.

Eu tinha com Kassab uma audiência.  
Compareci no horário bem marcado.  
Jantei com Ruth e fomos p'ra assistência  
das 24 horas temporada.

O dia terminou, pois, bem tranquilo  
tais as cenas dos quadros de Murilo.

SP, 16/04/2010

## Hérnia Inguinal

Consegui ir à Missa neste sábado  
e, depois, fui parar num hospital.  
Da forma que não tenho rima em ábado,  
os médicos não sabem do meu mal.

O grande Sami Arap descobriu  
est'hérnia inguinal que maltratava  
e, se não suportou, foi por um fio –  
operou-me e livrou-me do que estava.

O grande drama, porém, inda reside  
na artrite que me toma o corpo inteiro.  
Sem anti-inflamatórios, seu revide  
de imediato se faz no seresteiro.

Dest'hérnia eu me livreí, graças ao Sami.  
No resto, continuo a dar vexame.

SP, 17/04/2010

## Convalescência

O domingo passei num hospital.  
A recuperação é muito lenta.  
Foi o São Paulo, à tarde, muito mal.  
O time a tradição mal representa.

À noite a ressonância magnética  
da coluna e quadris eu renovei.  
Há muito tempo que, na forma atlética,  
deixei de estar. A idade faz a lei.

A Ruth não me deixa um só instante  
e dá-me todo o apoio qu' é possível.  
Eu lembro-me dos tempos de eu infante,  
e agora a diferença é bem visível.

Eu faço, uma vez mais, o meu soneto –  
escrito com três quadras e um dueto.

SP, 18/04/2010

### De Novo em Casa

Nesta segunda fiz mais três exames  
e, à tarde, já deixei este hospital.  
Um deles bem mostrou não ter derrames.  
As pernas, todavia, passam mal.

Podemos nós a Deus tudo pedir,  
porém jamais pedir explicações.  
Só Ele bem conhece o que há por vir,  
assim como conhece as intenções.

As pernas e os quadris são doloridos,  
mas o corte não é assim sensível.  
Recebo dos amigos comovidos  
os votos de amizade bem visível.

Ficarei vinte dias de repouso,  
mas descumprir tal ordem eu não ousou.

SP, 19/04/2010

## Novas Notícias

As notícias não foram excelentes.  
Eu preciso operar-me da coluna.  
As dores, hoje, são bem diferentes  
como as vagas que batem numa escuna.

Os versos, os componho nestes dias  
com os olhos voltados para Deus.  
São muitos os caminhos, suas vias,  
que par'Ele ofereço pelos meus.

A Ruth, de meu lado, é meu descanso.  
O sonho deste amor, um belo sonho.  
Por isto, para o mundo os versos lanço  
e o diário atrasado, hoje, reponho.

Que a Virgem me proteja, uma vez mais,  
como aos barcos colados junto ao cais.

SP, 20/04/2010

## Brasília: 50 Anos

O dia é de festa.  
Brasília cinquenta.  
Era uma floresta  
muito diferente.

Eu lembro-me bem  
quando foi fundada –  
a cidade sem  
ter nada na estrada.

O pó era o centro  
de toda a cidade.  
Os prédios por dentro,  
sem qualquer beldade.

Viva a capital!  
Do bem e do mal!

SP, 21/04/2010

### **Meu Deus**

Somos todos passagens no Universo,  
uns fogos de artifício, nada mais.  
O cosmos pelo espaço é tão disperso,  
que dele conhecemos só sinais.

A verdade, no eterno, cria vida.  
A vida que transcende o mar do tempo  
nasceu para curar toda a ferida,  
que se encontra no tempo e no destempo.

Da dor quando se fala é tão bonito.  
Senti-la, todavia, é complicado.  
Se não cede aos remédios no seu rito,  
quem sente pode estar descompassado.

Meu Deus, quanto te quero, que a presença  
ajuda-me a aumentar a minha crença.

SP, 22/04/2010

## **Tribuna Ives Gandra**

Bastos, Pimenta, Neves e Amaral  
estiveram presentes na Tribuna,  
Inaugurada com inteiro aval  
com Marcos e Rogério, nesta escuna.

Somos apenas quinze no Conselho  
Consultivo do nosso tricolor.  
Do Brasil somos nele o puro espelho  
da bandeira que tem a tripla cor.

De Augusto, de Juvêncio e de Raymundo,  
além do meu, os nomes são na sala,  
e na placa um soneto em tom profundo  
demonstra ser um clube sem escala.

“São Paulo é, pois, a nave da esperança  
que amamos desde os tempos de criança”.

SP, 23/04/2010

## **Acendedor de Estrelas**

Acendedor de estrelas eu me sinto,  
um colecionador de grandes astros,  
pois, quando faço versos, eu não minto  
que o cosmos todo fica nos seus rastros.

Eu sou da imensidão conquistador,  
que cabe inteira dentro do meu quarto –

aventureiro e bom navegador,  
neste espaço do qual não fico farto.

A lembrança do tempo faz o eterno  
naquilo que eu escrevo, a cada passo.

A primavera foi-se, resta o inverno,  
que nem por isto faz meu verso escasso.

Por toda a vida, a espada de meu estro  
renova um sonho lindo, mas canhestro.

SP, 24/04/2010

### **Domingo Ensolarado**

Domingo ensolarado. Fim de Abril.

De nova operação fico no aguardo.

Lula pensa ser dono do Brasil  
e mira o mundo inteiro, com seu dardo.

Não há entre a política e a moral  
compatibilidade pela história.

Quem o poder deseja, já no mal  
navega, pois convive com a escória.

Analisar os atos do Poder  
é bem mais fácil do que governar.

Por melhor que o indivíduo busque ser,  
termina os maus costumes por amar.

Domingo ensolarado. Eu prisioneiro  
da coluna que ordena o corpo inteiro.

SP, 25/04/2010

### **Escrever é Preciso**

Meu diário em sonetos continuo  
com os fatos do dia ou de minh' alma.  
De manter seu escrito não recuo,  
nem perco quando escrevo o dom da calma.

Com meus sócios estive na manhã  
dividindo tarefas e incumbências.  
Não há como viver, sem forma vã,  
a não ser enfrentando turbulências.

Eu sou um seresteiro e não um vate,  
mas gosto de escrever sempre meus versos.  
Meu talento não há quem o resgate  
por pouco ser em pontos bem dispersos.

O certo é que escrever sempre preciso,  
por mais que, ao escrever, seja indeciso.

SP, 26/04/2010

## Maresias

### *Cavalos já foram pombos*

Domingos Carvalho da Silva

As maresias levam seus sargaços,  
que nas ondas se espalham pelas praias.  
Pela existência, assim, deixam meus passos  
para traz suas pálidas alfaias.

Os gritos ancestrais geram nos rombos  
cavalos que cavalgam sem retorno.  
Não são iguais àqueles qu'eram pombos,  
cuj'imagem Domingos deu contorno.

O caminho, que trilho na saudade,  
o meu claro descobre pelo escuro,  
e fico a caminhar traz da verdade,  
que me pode acalmar o peito impuro.

De Deus, portanto, aos pés, eu sempre imploro  
que me deixe encontrá-Lo quando eu oro.

SP, 27/04/2010

## Nossa História

*Para Ruth*

Revejo nos meus versos tua história,  
que retorna aos meus sonhos de eu infante.

Descortina no tempo esta memória,  
que se coloca acima de um mirante.

São onze vezes cinco mais dois anos  
que na vida se uniram os destinos.

Em arcadas arcaicas com arcanos  
nós namoramos, pois, desde meninos.

Quanto mais eu te quero, mais formosa  
aos meus olhos te sinto neste amor.

Tu és p'ra mim, querida, aquela rosa  
que tem das outras diferente cor.

Assim nós caminhamos, sem ter pressa,  
num querer que não há, não, quem o meça.

SP, 28/04/2010

## Irmã Marlene

Recebo todo o dia a comunhão  
pelas mãos consagradas de uma irmã,  
que traz Cristo Senhor no coração  
e seu Corpo p'ra mim toda a manhã.

É graça divinal ter quem me traga  
o próprio Deus a mim, um pecador,  
que com Sua Presença bem afaga  
pelo perdão a quem lhe causa dor.

Dirige Residência, Irmã Marlene,  
para jovens meninas, sem tristeza,  
mostrando o bom caminho a quem acene  
que a vocação é sempre uma riqueza.

Para a Santa que tem nome Maria,  
Vicenta, Fundadora, dá-lhe o dia.

SP, 29/04/2010

### **Operação**

Eu marquei, finalmente, a operação.  
Será no dia dez do mês de Maio.  
Quatro pinos os médicos porão,  
e os meus primeiros passos já ensaio.

Um' hérnia de uma vértebra tirada  
será também durante a cirurgia.  
Espero livrar-me desta espada  
que parece furar-me todo o dia.

Eu penso que até lá meu mal-estar  
controlarei, ou seja, enjoo e dor.

Para a Virgem eu lanço meu olhar  
pedindo a proteção de Seu amor.

Nas mãos de Deus estou uma vez mais,  
sonhando meu sonhar de catedrais.

SP, 30/04/2010

## Maio

### 1º de Maio

Meu soneto de Maio já escrevo,  
no dia dedicado p'ro trabalho.  
Não busco minha sorte em nenhum trevo,  
porque sei que também eu pouco valho.

Estou a nove dias de operar-me,  
novamente com pinos na coluna.  
Que a cirurgia espero bem desarme  
as dores que não são toques de pluma.

Felizmente, encontrou-me um sacerdote  
que veio confessar-me em minha casa.  
Recebo de Meu Deus supremo dote  
e minh'alma parece ganhar asa.

Com as dores, trabalho, mais família,  
continuo trilhando a minha trilha.

SP, 01/05/2010

## O Som das Ondas

*Que voz vem no som das ondas*

Fernando Pessoa

Ouço as vozes que vêm no som das ondas.  
São vozes que renascem pelo mar.  
E do meu estro quando lanço as sondas,  
eu permaneço, pálido, a escutar.

Se as vozes são as vozes que me falam,  
arrebetando as vagas nos penedos,  
para mim estas vozes não se calam  
nem geram, no escutar, ancestrós medos.

Após tormentas seguem calmarias,  
mas as vozes das ondas são presentes  
pelos mares, marés e maresias,  
e eu as escuto sempre diferentes.

Calam as vozes, se Fernando escuta –  
inspiram-me, entretanto, em minha luta.

SP, 02/05/2010

## Versejar Sempre

*Qual dos dois é o céu, qual o oceano?*

Castro Alves

Às vezes quando vejo no horizonte,  
mormente se eu estou perto do mar,  
ou quando, no interior, campo sem monte,  
nos fins das tardes, eu costume olhar,

a mesma sensação tenho de Castro,  
que o céu, o mar e a terra são um só.  
Eu ergo, então, dos versos o meu mastro  
do cabo de uma enxada sem enxó.

Tem a alma um horizonte tão imenso,  
maior do que horizonte dos meus olhos,  
e o que se vê por trás do espaço denso  
também se vê detrás de seus espólios.

Versejo sem parar, sempre versejo,  
sem respeitos humanos, sem ter pejo.

SP, 03/05/2010

## Nós e o Mar Azul

Quando eu via, à distância, o mar azul,  
imaginava, aos tempos de eu infante,  
caminhando p'ro norte ou para o sul,  
ver cada pingão d'água azul brilhante.

Na vez primeira em que pisei no mar  
e vi os pingos d'águas transparentes,  
não compreendi a cor, no meu olhar,  
entre as águas e os pingos diferentes.

Na vida, também, alma e o que mostramos  
sempre diferem para todo o mundo.  
Mostrar o que não somos, nossos amos  
transformam-se e nos tocam bem a fundo.

Só manteremos nós a mesma cor,  
se vivermos em Deus o Seu amor.

SP, 04/05/2010

### **Quarta-Feira**

Hoje, são minhas dores bem mais fortes.  
Ofereço-as, porém, a muita gente.  
Espero que os meus médicos os cortes  
façam-nos bem e eu fique diferente.

Por mim são muitos os que estão rezando.  
Nas mãos de Deus coloco meu destino.  
Do pouco que já fiz, de quando em quando  
relembro e o meu sonhar d'Ives menino.

Sereno, eu bem aguardo o dia dez,  
o dia em que farei a operação,

embora, muitas vezes, reste stress  
de ficar limitado em minha ação.

Da família e de amigos todo o apoio  
permitem-me tirar trigo do joio.

SP, 05/05/2010

### **Tempo de Espera**

Embora pouco, eu hoje dormi bem.  
A dois jogos à noite eu assistira.  
Palmeiras derrotado, mas também  
o Corinthians na Taça não respira.

O São Paulo jogando muito mal,  
venceu no Morumbi um clube fraco.  
Não posso dar ao time meu aval.  
Caminha este esquadrão para um buraco.

À noite, o futebol tem distraído  
as dores permanentes da coluna.  
Ao dia de trabalho dão sentido.  
Minha cama parece dupla duna.

Assim aguardo o tempo de meu dia,  
em que farei, por fim, a cirurgia.

SP, 06/05/2010

## Mais um Dia

Meu Diário em Sonetos aos amigos  
distribuo editado por Giordano.  
Do primeiro trimestre são antigos  
mas escritos, porém, num mesmo ano.

Bem conheceram muitos a rotina  
do dia a dia d'um profissional.  
A vida a todos nós sempre ensina –  
o bem sempre fazer e não o mal.

Meus dias sinalizo em meu diário –  
o que faço, o que sinto e o que não faço.  
Mantenho, no meu peito, o escapulário,  
que conquista, no tempo, o meu espaço.

E mais um dia eu cumpro o prometido,  
à vida procurando dar sentido.

SP, 07/05/2010

## Dia das Mães

*Para Ruth*

Quero-te muito, mãe de meus seis filhos,  
minh'amada querida, meu amor.  
Tu manténs todos nós dentro dos trilhos  
e dá-nos, nesta vida, o teu calor.

Passa o tempo, porém não envelheces.  
És sempre aquela jovem do cursinho,  
que rezava em domingos suas preces  
e que seguia, linda, o seu caminho.

Tu és aquela qu'eu sempre busquei,  
qu'um dia concordou em namorar-me,  
e a pretensão que tinha de ser rei  
tombou perante o olhar no seu desarme.

No dia antecipado, eu comemoro  
a mãe dos seis, a mãe de meu namoro.

SP, 08/05/2010

### **Aniversário do Ives Filho**

Um ano a mais de meio centenário,  
nasceu meu primogênit'Ives Filho.  
Comemora, porém, aniversário  
das mães no dia: a sua é meu idílio.

Ontem toda a família, em minha casa,  
passou comigo, alegre, o dia inteiro.  
Os dezesseis, na fé que Deus embasa,  
no mar da vida têm o seu veleiro.

Estando alguns dos filhos espalhados  
pelo Brasil imenso e bem distantes,

valeu bastante vê-los irmanados,  
em confraria própria dos infantes.

Sílvia e Luiz tiraram muitas fotos  
e para as quatro mães fizemos votos.

SP, 09/05/2010

### Cirurgia

Meus versos, qu'eram d'ontem, hoje os faço,  
pois ontem foi bem longa a cirurgia.  
Procuro recompor o meu espaço  
com as normas que vivo todo o dia.

As dores pelas pernas acabaram.  
Há dores, todavia, na coluna.  
Dos cortes e dos músculos qu'amparam  
as vértebras, não mais com'uma duna.

Saí do quarto meu às nove e meia.  
Voltei apenas dez horas passadas.  
Assim mesmo, jantei a leve ceia,  
sem ter comidas fritas ou assadas.

Espero, pouco a pouco, à atividade  
voltar, pois já me sinto com saudade.

SP, 10/05/2010

## O Dia Seguinte

Eu, hoje, andei pela primeira vez,  
seguindo a prescrição dos cirurgiões.  
Vellutini e Capell são, neste mês,  
aqueles que colocam-me esporões.

Melhor dizendo pinos e gaiolas,  
entre as vértebras pálidas, que tenho.  
Sua função será de duas molas  
para amparar o corpo que mantenho.

As dores são apenas as do corte,  
toleráveis perante bom remédio.  
Espero ter agora boa sorte  
e destes males não ter mais assédio.

As orações por mim bem foram tantas,  
que me senti coberto por tais mantas.

SP, 11/05/2010

## 3º Dia de Hospital

Cansei-me de falar de meus problemas,  
quase todos problemas de saúde,  
Matemáticos vivem teoremas,  
que mal descubro ao som d'um alaúde.

Eu cheguei a tirar radiografia  
e vi pela coluna muitos pinos.

Espero ultrapassar mais este dia  
e retomar de novo meus destinos.

Minha família toda faz rodízio  
e nunca fico só no quarto meu.  
Pulo este verso sem ter rima em ízio,  
mas não pulo a alegria que me deu.

Os dias vou passando na esperança  
de manter todos sonhos de criança.

SP, 12/05/2010

### De Volta ao Lar

Estou de novo em casa. No meu lar.  
Aqui revejo todos que eu bem quero  
e sinto neles carinhoso olhar,  
repleto de um calor que sempre espero.

Nós somos muito frágeis, todos nós.  
Passamos pela vida num instante.  
Como as águas do rio vão a foz,  
seguimos nós também na luta avante.

Meu Senhor e Meu Deus, sou muito grato  
pelas lições que aprendo em meu viver,  
por mostrar-me que sou pobre retrato  
do que me projetou ao meu nascer.

Sou hoje bem mais simples, mais sereno,  
ao pisar novamente em meu terreno.

SP, 13/05/2010

### **Marluce e Fernando Pessoa**

Recebi de Marluce um longo e-mail,  
em que cita Fernando sem seus véus.

Em alma fala e fala porque veio,  
neste padrão senil de vento e céus.

Divina ser diz ele em corpo feito,  
pelo poder de Deus nesta obra frágil,  
embora, ousado, o corpo tem defeito  
e seu futuro faz-se por contágio.

Se fôssemos perfeitos como Deus,  
teríamos dos anjos santidade,  
mas continuamos sempre como réus,  
na luta por chegar à Eternidade.

Cara Marluce, o tempo é de colheita,  
colheita que se faz tão imperfeita.

SP, 14/05/2010

## Nasci Soldado

Nasci soldado em busca de meus sonhos,  
tendo o bornel repleto das estrelas  
de um firmamento sem toques tristonhos,  
mas com a força de poder retê-las.

Os astros de meu cosmos tem seu rito  
e cabem todos dentro do bornel,  
que carrego na marcha p'ro infinito,  
sem armas, nesta busca de meu céu.

Eu minto: os versos são a carabina  
que miro nas distâncias estelares.  
O tiro sempre sai e se destina  
a conquistar os planetários mares.

Nasci soldado em busca da verdade,  
que apenas sei estar na Eternidade.

SP, 15/05/2010

## Sílvia e Luiz

Na longa permanência em minha casa,  
dois bons amigos deixam-me feliz,  
q o soneto que, pálido, tem asa  
é p'ra comemorar Sílvia e Luiz.

Nas duas cirurgias que sofri,  
fizeram-me constante companhia.

Assim tempo passar eu não senti,  
tanto estavam comigo todo o dia.

Sabemos que a amizade é um privilégio,  
que deve ser cuidada com carinho.  
E foram para mim presente régio,  
que pouco há de encontrar-se no caminho.

Agradeço, portanto, aos bons amigos  
bem terem-me ajudado nos perigos.

SP, 16/05/2010

### **Minha Querida Enfermeira**

Está Ruth enfermeira, nestes dias,  
em que me recupero no meu lar.  
Foram duas, as minhas cirurgias,  
e foi em tais momentos o meu par.

Curativos chegou mesmo a fazer  
às vezes, pela Mara tendo ajuda.  
Por seu muito carinho no atender,  
o próprio mal no bem hoje se muda.

Na passagem que tenho pela vida,  
esta experiência faz-se por inteira,  
porém a minha esposa, tão querida,  
tornou-se, para mim, minha enfermeira.

No mundo, o sofrimento ensina tanto –  
mas é p'ra quem me cuida este meu canto.

SP, 17/05/2010

## A Virgem

Em minha mesa, em frente da poltrona,  
uma imagem da Virgem me consola.  
Os italianos chamam-na Madona,  
aquela que, na vida, é minha escola.

Nos momentos difíceis que passei,  
sempre ao meu lado estive, sem descanso.  
E p'ra seu Filho, que do mundo é Rei,  
intercedeu com seu olhar tão manso.

Eu sei que as gerações tecem louvores,  
aquilo que a Senhora faz aos filhos,  
mas sei perfeitamente que nas dores  
é aquela que conduz aos retos trilhos.

Eu amo-Te, querida Mãe de Deus,  
e peço proteção p'ra todos meus.

SP, 18/05/2010

## Meus Pais

Há dez anos meu pai deixava o mundo,  
em que por mais de um século viveu.  
Inda conservo em mim o olhar profundo,  
que me dizia bem qu'eu era seu.

Trabalhou desde cedo sem parar  
e foi autodidata no que fez.  
Atravessou, um dia, o largo mar  
p'ro Brasil não deixar nenhuma vez.

Casou com minha mãe, a quem queria  
co'amor que de modelo me serviu.  
Declarava-lhe o amor a todo dia,  
mesmo quando mamãe se fez senil.

Quanto dos dois saudades hoje tenho,  
num querer que por eles bem mantenho.

SP, 19/05/2010

### **Roberto**

Hoje, Roberto, meu filho,  
faz anos quarenta e sete.  
Recordações eu empilho,  
que jamais ele repete.

Meu companheiro de jogos,  
um são paulino vibrante.  
Só lhe falta lançar fogos,  
se o São Paulo vai adiante.

Tradutor é dos melhores,  
escritor também dos bons.  
Gosta, até, dos alfajores,  
mas ganha sempre bombons.

Quero-te, muito, Roberto,  
no seu caminho tão certo.

SP, 20/05/2010

## Carga Dramática

Hoje, na Jovem Pan eu gravei Linha,  
que chamam eles ser Linha de Frente.  
E falei sobre a carga, não só minha,  
mas que sufoca aqui a toda a gente.

Damos cento e quarenta e oito dias  
de nosso labor p'ra pagar tributos,  
sem receber serviços nas porfias  
e sem que o pagamento dê mais frutos.

Suécia e França têm superior carga,  
porém os seus serviços são melhores.  
No resto, a imposição é menos larga,  
nem exhibe p'ros seus pesadas cores.

Destina-s' esta carga aos governantes,  
que dela se apropriam mais que dantes.

SP, 21/05/2010

## Nós, os Céus e os Mares

Os mares são tranquilos sem os ventos,  
sem as nuvens o céu é sempre calmo.  
Assim nós somos sempre bem mais lentos,  
se nada nos ocorre a cada palmo.

Os mares, nas tormentas, todavia,  
são tomados de fúria sem fronteiras.  
E os céus, nas tempestades, mesmo o dia  
transformam como noites sós e inteiras.

Na vida, somos céus e somos mares,  
ora serenos, ora atribulados.  
Caminhamos e os nossos caminhos  
de tudo têm um pouco em todos lados.

Porém, os céus e os mares lá estão.  
E nós somos passagens de raspão.

SP, 22/05/2010

### **Domingo**

Novamente eu estou num hospital,  
por causa da coluna uma vez mais –  
uma lasca minúscula fez mal  
ao nervo que controla meus sinais.

Depois de duas noites sem dormir,  
esta noite dormi como um pachá.  
As dores acabaram, mas por vir  
nada sei eu ainda o que estará.

A família, a meu lado, é meu conforto.  
Com Maria e seu Filho vou contar.  
Eu pretendo parar de andar tão torto  
e pretendo voltar a caminhar.

Continuo nas mãos de cirurgiões.  
Além deles, vivendo de orações.

SP, 23/05/2010

## Segunda-Feira

Pela manhã ligaram-me os meus netos,  
caminhando que vão para o colégio.  
São seus caminhos, nesta escola, retos,  
o que, na atualidade, é privilégio.

Amanheci sem dores e a esperança  
é não precisar mais de operação.  
Entre a casa e o hospital, vivo uma dança,  
há mais de mês meio, sem ser são.

Otimista me vejo, bem malgrado  
as incertezas vistas pela frente.  
Continuo a rotina de meu lado,  
apesar de sentir-me diferente.

Ser ou não ser, dilema que desfaço  
todo o dia, na escala de meu passo.

SP, 24/05/2010

## Dia 25

Saí hoje do hospital,  
sem saber ainda o certo.  
Não sei se já foi o mal  
ou s' é incerto o caminho.

De anti-inflamatórios vivo,  
na busca de solução.

Quero ver se eu, incisivo,  
elimino a operação.

Tenho fé, mas me coloco  
sempre nas mãos de meu Deus.  
Todos têm o mesmo foco –  
são orações as dos meus.

Estou muito esperançoso;  
por prescrição, em repouso.

SP, 25/05/2010

### **Cego em Paris**

Na escada de Mont-Martre, havia um cego.  
No chapéu, a seus pés, tendo um cartaz,  
pedindo ajuda, mas sem ter sossego.  
Esmola não ganhava e nem a paz.

Certo dia, um artista deu-lhe esmola  
e escreveu, no cartaz, o que faltara.  
E, neste dia, o cego uma sacola  
precisou. Tão rendera esta seara.

Ao ver tanta moeda, perguntou  
a um dos que passavam sobre o escrito,

porque não compreendia o que mudou.

Disse-lhe, o transeunte, o lá descrito:

“Primavera em Paris. Mundo de fada!

Eu nada posso ver de minha escada”.

SP, 26/05/2010

### **Trinta e Nove Anos**

Anos trinta mais nove, n’Obra estou.

No dia vinte e seis comemorei.

A discrição, que está longe de um show,  
é o que faz, no Senhor, a sua lei.

A vida para nós de pouco vale,  
embora tudo dela desejamos.

Por mais que algum sucesso nos embale,  
jamais seremos dela fortes amos.

Servir sempre ao Senhor, no dia a dia,  
fazendo o qu’outros fazem, mas p’ra Deus  
eis a mensagem que José Maria,  
o Nosso Santo Padre deu aos seus.

Na dor e na alegria, contra o mal,  
lutando pelo bem de forma igual.

SP, 27/05/2010

## Academia Paulista de Letras

Anna Maria Martins  
ligou-me durante o dia,  
contando-me estar em fins  
as obras da Academia.

As sessões, já no auditório,  
são feitas de cada vez.  
O período foi inglório  
des que o teto se desfez.

Mas Nalini conseguiu  
recursos para a reforma  
e seus projetos são mil,  
como a todos nos informa.

Espero voltar em breve,  
a frequentá-la de leve.

SP, 28/05/2010

## De Minha Sala de Jantar

Barricada de prédios nas janelas,  
com timidez, banhada pelo sol.  
Da sala com cortinas amarelas,  
eu olho, num concerto em mi bemol.

Com música ou sem música, eu trabalho,  
malgrado esta coluna e estar em casa.

Aos sócios e clientes mal espalho  
a tarefa que sinto não ter asa.

Uma coisa bem sei que sempre vale:  
o abandono ao meu Deus, todo o momento,  
neste o esforço que faço, embora cale  
as dores que me causam sofrimento.

Fazer os meus sonetos, todavia,  
apesar de senis, dão-me alegria.

SP, 29/05/2010

### **Carmine**

Faleceu o bom amigo  
dos parentes em família.  
Nunca criou inimigo,  
seguindo de Deus a trilha.

Respeitou sempre seus pais  
e casou-se com Iara.  
Seus três filhos ideais  
foram frutos da seara.

Banqueiro e bem sucedido,  
em todos deixou saudade.  
Seu exemplo faz sentido,  
por ser a pura verdade.

Que Deus o tenha em seus braços,  
ao traçar seus novos passos.

SP, 30/05/2010

## Fim do Mês

Novamente o domingo ensolarado  
alegria coloca em meu repouso.  
Eu ainda sei bem que não sarado,  
sou, nem sou, como dantes, vigoroso.

Eu luto, todavia, contra o tempo,  
esperando voltar a ter saúde.  
O certo é qu'hoje vivo o meu destempo,  
barrado, como as águas de um açude.

Há 20 dias fiz a cirurgia,  
que me fez repensar a minha vida.  
Certamente verei a cada dia  
o que melhor serei nesta corrida.

Muitos lustros eu tenho na existência,  
e continuo atrás de minha essência.

SP, 31/05/2010

## JUNHO

### Recomeço

Novo mês, nova vida, nova luta –  
assim eu recomeço o mês de Junho.  
Mesmo em casa eu estou tendo labuta  
e escrevendo o que escrevo em próprio punho.

Redijo um parecer para Natura  
e com sócios estive em reunião.  
Mostrei que já não mais de forma dura  
poderei trabalhar em mutirão.

Todos deram-me apoio, estando certo  
que tudo eles farão para auxiliar.  
Foi bom, uma vez mais, tê-los por perto,  
desta forma ajudando-me a marchar.

Continuo esperando ter melhora  
para sair um pouco para fora.

SP, 01/06/2010

## **Bússola**

*Para Ruth*

Naveguei pelas águas sem corrente,  
encontradas no abismo de teus olhos.

O barco navegava para frente,  
procurando evitar muitos escolhos.

O profundo do rio trouxe calma,  
a languidez do sonho fez a vida  
com que corres por dentro de minh'alma,  
sem teres o temor da despedida.

Marinheiro de todas as idades,  
já percorri quasares como os astros,

mas o meu barco, quando tu invades,  
faço nele descer seus surdos mastros.

Teu amor é a bússola que guia  
meu horizonte aberto, a cada dia.

SP, 02/06/2010

### **Luís Felipe**

Hoje, meu neto nasceu,  
filho de Cláudia e Rogério.

Luís Felipe já é meu,  
na velhice, refrigerio.

O tempo gira e renasce  
o grito dos ancestrais.  
O Bom Pastor então pasce  
rebanho que agora é mais.

Eu e Ruth pela estrada,  
tendo família querida,  
deixamos rastros em cada  
neto nascido, na vida.

À Deus e à Nossa Senhora  
somos gratos, toda a hora.

SP, 03/06/2010

## O Plebeu e o Fidalgo

Cavalga, meu pensar, corcel bravio  
por matas, por estradas, por montanhas,  
na busca de seus sonhos sem desvio.  
Do rude coração faz as entranhas.

Cavalga sem parar, cavalga tanto,  
que o próprio cavaleiro perde o rumo.  
Distendido, no vento, um rubro manto  
em fogo incandescente, mas sem fumo.

Cavaleiro, cavalgo meu corcel  
ultrapassando mares e horizontes.  
Alado, meu cavalo busca o céu,  
por onde encontrará límpidas fontes.

Meu corcel, cavaleiro, bem cavalgo,  
ora sendo plebeu, ora fidalgo.

SP, 04/06/2010

## Daniela

Ninguém comanda, em vida, seu destino.  
Por mais que se procure o próprio rumo,  
nem mesmo os sonhos tidos em menino  
não assumi e nem agora assumo.

O Senhor, que conduz nossa passagem  
pela terra, define a curta estrada.

Nós não temos assim qualquer blindagem,  
enquanto estamos nós na caminhada.

Com alegria e dores, Deus oferta  
aquilo qu' é melhor p'ra nosso bem,  
e, mesmo se parece a dose incerta,  
é sempre D'Ele qu' esta lição vem.

Querida Daniela, amo-te tanto,  
enquanto a Virgem cobre-te em seu manto.

05/06/2010

### **O Bardo e Sua Via**

Se eu vivesse no tempo das arcadas,  
dos deuses mais humanos que celestes,  
e cavalgasse, sem medir estradas,  
pelos campos senis em gregas vestes;

se eu pensasse subir ao Olimpo Monte  
para entender seus cantos e seus mitos,  
e descobrisse ser vazia a fonte  
que no tempo gerou imensos ritos;

se eu desejasse ser herói guerreiro,  
em vez de ser apenas pensador,

percorrendo a cavalo o globo inteiro  
em busca de coroas e louvor –

nem por isto meu mundo mudaria,  
pois cada bardo segue a própria via.

SP, 06/06/2010

### Caravelas

Eu vejo no horizonte as caravelas,  
singrando vagas, ondas, turbilhões.  
Os mastros têm as cores amarelas,  
iguais aos do naufrágio de Camões.

Sou marinheiro dentro de mim mesmo,  
navegando por águas cristalinas.  
Meu barco, muitas vezes, segue a esmo,  
num mar imenso, preso nas esquinas.

Conduzo, pelo céu deste oceano,  
sem quadrante, sem bússola, meu verso.  
Um verso que se torna mais humano,  
quanto mais fica longe do Universo.

Caravelas, com velas amarelas  
pelas telas despencam nas janelas.

SP, 07/06/2010

## **A Janela**

A janela, translúcida de espanto,  
a vida conquistou ao meio dia,  
e a percebi detrás de meu recanto  
com um toque sutil de fidalguia.

As coisas sempre são coisas apenas,  
mas nos versos desvendam seu espaço.  
Neste poema estranho, não acenas,  
embora estejas livre no teu Paço.

A janela silente se encontrava  
entre a borda da rua e do horizonte.  
A sua imagem se fazia escrava  
na abertura do mundo para a fonte.

Descobriu, meu olhar, bem de repente,  
um canto da janela diferente.

SP, 08/06/2010

## **Minha Daniela**

De meus seis netos especial carinho  
a Daniela oferto todo o dia.  
Os filhos de meus filhos são caminho  
que Deus me colocou em minha via.

A Deus, todo o momento, peço a cura  
desta querida neta que me deu.

Dela cuidar eu quero com ternura,  
minha princesa qu' é des que nasceu.

Explicações não peço ao meu Senhor,  
pois tudo que Ele faz é para o bem.  
Aprendo nesta Escola com amor  
que a cruz e a redenção nascem também.

As lições, que recebo na existência,  
ensinam-me a vencer a turbulência.

SP, 09/06/2010

## **Guerra e Paz**

As lanternas do tempo são acesas  
na negridão da vida sem encanto.  
Meus versos os componho sobre mesas  
que se espalham na casa, meu recanto.

As cortinas do mundo sem espanto,  
quando abertas, desvendam só tristezas –  
mas o vate se lança no seu canto  
e consegue encontrar som e belezas.

As portas do Universo são caminho  
para quem nesta luta se desfaz.  
A floresta se torna só de pinho,

dilacerando os gritos onde jaz.  
E neste quadro encontro-me sozinho,  
vivendo a guerra, mas querendo a paz.

SP, 10/06/2010

## Enamorados

Não sei como escrever de novo versos,  
os versos que eu dedico p'ra você.  
Os temas são escassos, mas diversos  
e torturados saem não sei por quê.

São onze lustros mais dois anos plenos  
do mesmo bem querer à companheira,  
às vezes turbulentos, mas serenos,  
que nos seguem no espaço, sempre à beira.

Com pedra azul, eu dei-lhe certo anel,  
na vez primeira em que comemoramos.  
Nossos sonhos tocavam claro céu  
e tínhamos, no amor, os nossos amos.

Assim, há tanto tempo, unidos fados,  
seguimos para sempre enamorados.

SP, 11/06/2010

## Dia dos Namorados

Nós fomos, eu e Ruth, jantar fora,  
como há muito fazemos neste dia,  
Doze de junho é nossa noite, embora  
para quem ama é sempre a mesma via.

Por mais que o tempo passe, pouco importa  
o tempo nós sentimos – segue a vida.

Já sabemos estar do Eterno à porta,  
e que a pele se torna envelhecida.

Nosso amor, entretanto, é juventude.  
Tem a força dos tempos de eu menino,  
na certeza que a Virgem nos ajude  
a completar a vida e seu destino.

Cinquenta e sete vezes namorados,  
comemoramos bem os nossos fados.

SP, 12/06/2010

### O Tempo

“Mas só aquele tempo qu’ é passado,  
no tempo não se faz tempo presente”,  
Camões assim falou do próprio fado  
de um tempo que se muda de repente.

O tempo do futuro ninguém conta,  
o tempo de presente morre logo,  
a lembrança do tempo é que remonta  
o que, no tempo, para fora jogo.

O tempo, quando é muito, na memória  
desaparece inteiro na velhice,  
e o tempo que se faz na nossa história  
não digo, nem direi o que já disse.

O tempo, há quanto tempo, eu te descubro  
sem saber se estou pálido, se rubro.

SP, 13/06/2010

## Teus Olhos

*Para Ruth*

Teus olhos com ferrugens de portões  
têm cor verde marrom dos grandes lagos.

Os musgos, que boiavam corações,  
descortinaram luzes com afagos.

Os musgos e as ferrugens têm encantos,  
nesta cor indizível de teus olhos.  
Parecem que acobertam verdes mantos –  
ou são marrons as cores dos escolhos?

Sei apenas que os vi na vez primeira  
e fiquei prisioneiro sem remédio –  
e no cárcere estou a vida inteira,  
nos seus braços, vivendo sem ter tédio.

Teus olhos têm a cor das matas virgens,  
onde descubro sonhos e vertigens.

SP, 14/06/2010

## Meu Jardim

Não sei mais o que escrever  
neste diário rotina.  
Parece-me fenecer,  
numa virada de esquina.

Um vida de trabalho,  
embora igual todo o dia,  
demonstra que pouco valho  
neste travar de porfia.

“*Noblesse oblige*” bem penso  
e continuo na luta,  
numa luta qu’ora venço,  
ora perco, na disputa.

Meu soneto encerro assim,  
sendo os versos meu jardim.

SP, 15/06/2010

### **A Fonte da Vida**

Meu Senhor e Meu Deus, quanta verdade  
na Escola de Jesus vive-se e aprende.

A cruz é menos cruz se a caridade  
encobre todo o ser que assim descende.

Alegrias e dores são irmãs  
que, juntas, vivem, mas são separadas.

Serão as esperanças sempre vãs  
senão sentirmos bem nossas estradas.

É sábio quem na vida compreender  
que tudo passa, nada é permanente.

E ser procurará mais do que ter,  
sabendo conviver com toda a gente.

A vida é uma passagem desde a fonte –  
não se constrói jamais sobre uma ponte.

SP, 16/06/2010

### **Imposto Sobre Grandes Fortunas**

Pouco a pouco começo a ser normal.  
Eu hoje presidi o meu Conselho  
Superior de Direito. Ao meu sinal  
de crítica aos tributos, fui espelho.

O Governo lançou novo projeto  
de confisco de bens do brasileiro,  
Em 4 lustros só. Não é correto  
tal transferência assim tão por inteiro.

Como grandes fortunas, o Brasil  
considera quem tem só 2 milhões!  
Em todo o mundo nunca igual se viu  
tanta sandice assim aos borbotões!

É bem fácil fazer alheio show,  
gerado por quem nunca trabalhou.

SP, 17/06/2010

## Código de Processo Civil

Neste dia dezoito eu assisti  
à brilhante palestra de Luís Fux.  
Portentoso jurista, trouxe aqui  
seu processo civil: “Fiat Lux”.

O tema que aos causídicos preocupa  
é a demora constante no processo  
O Ministro portou-se de uma lupa  
para reduzir tempo mais recesso.

A velha e sempre nova Instituição  
com Ivete ao comando tem crescido.  
Nós, os ex-bastonários de emoção,  
descobrimos na luta seu sentido.

Bem s’houve o grande mestre na palavra  
do Código nascido em sua lavra.

SP, 18/06/2010

## Nós e a Natureza

As florestas e os rios criam margens  
onde o verde e o azul são separados.

Nesta vida vivemos de miragens  
que nos cercam, temíveis, pelos lados.

O céu mal refletido pelos lagos  
apenas cobre as matas fluviais.

Nossos sentidos tornam-se aziagos  
e se perdem nos choques dos murais.

A natureza inteira se desdobra  
sobre a vida tornada intemporal.  
Desta luta disforme pouco sobra  
para o mundo que perde seu sinal.

Este embate do ser e a natureza  
terminará gerando só tristeza.

SP, 19/06/2010

## Paulo e Eu

*Ponte suspensa sobre o grande abismo.  
Dentro de mim caminho passo a passo.  
Há sombras que se agitam quando cismo  
em outras dimensões fora do espaço.*

Paulo Bomfim

“Ponte suspensa sobre o grande abismo”,  
como a Paulo transforma-se em caminho,  
que percorro sentindo o cataclismo  
de nada ser talvez por ser sozinho.

“Dentro de mim eu ando passo a passo”,  
sem olhar para baixo meu destino.  
Mal descobro, apesar do descompasso,  
que desvendi em mim desde menino.

“Há sombras que se agitam quando cismo”  
do passado, presente e do futuro.  
Pensei que minha luta era civismo,  
mas o porvir parece tão escuro.

“Em outras dimensões fora do espaço”  
eu me vejo bem longe de meu Paço.

SP, 20/06/2010

### **Sou Capitão**

Sou capitão de um barco do passado  
que nas águas pretéritas navega,  
Tem só madeira em seu rude costado  
e sem bússola vê a rota cega.

Navego só, sem ter tripulação.  
Descubro mares que ninguém descobre.  
As tempestades trazem emoção  
para um destino que parece nobre.

Cruza meu barco as ondas sem espaço  
em outras dimensões de meu abismo.  
Balançam velas no sonhar escasso,  
um sonhar que desvendo quando cismo.

Sou capitão, embora marinheiro,  
descortinando o mundo por inteiro.

SP, 21/06/2010

## Meu Mar

Descobri, no meu passo, o passo inteiro  
de quem, na vida, o passo desconheço.

O passo, no começo, é derradeiro,  
pois não há quem lhe pague o vero preço.

Descobri, no meu ser, o ser completo  
de quem não sabe ser no dia a dia.

O ser, o qual me alberga, não tem veto  
nem há quem lhe desvende a própria via.

Descobri, no meu sonho, o sonho puro  
de quem no seu sonhar descobre a vida.

O sonho que sonhei não tem futuro  
nem há quem lhe desvende na partida.

Meu passo, no meu ser, faz-me sonhar,  
nafragando nas praias do meu mar.

SP, 22/06/2010

## Canetas

Confesso não gostar de usar as telas,  
Nem digitar no meu computador.  
Eu prefiro escrever nas amarelas  
páginas de papel ou d'outra cor.

Canetas são a minha tentação.  
Quand'eu as vejo, quero log'usá-las.

Rascunho verso ou prosa na emoção,  
e guardo o que rabisco em muitas malas.

Da minha letra falam muito mal.  
Marlene, porém, lê tudo o que escrevo.

Por isto pouco importa ter aval,  
pois tudo o que redijo a ninguém devo.

As canetas são minhas companheiras,  
que seguem-me na vida como esteiras.

SP, 23/06/2010

### Cura

Falei pela manhã com Vellutini,  
o doutor que operou-me da coluna.

Na esperança que tenho que define  
se as costas restarão tal qual em duna.

Aprendo pouco a pouco como andar,  
mais reto que marchava no passado.

Mas ando pelas ruas devagar,  
carregando nos ombros o meu fado.

Pedi-me mais paciência todo o dia  
e menos analgésicos por boca.

A duração da cura, todavia,  
não me disse ser muita nem ser pouca.

A cabeça não sente tanto a idade,  
mas o corpo do antanho tem saudade.

SP, 24/06/2010

## Copa do Mundo

Um jogo dos piores assisti,  
Brasil jogou assim com Portugal.  
A bola mal corria aqui e ali,  
sem ter de futebol nenhum sinal.

Já na 2º feira um outro jogo –  
agora p'ra valer, nestas oitavas,  
nós teremos – será prova de fogo,  
e não será p'ra nós contadas favas.

A seleção, que temos previsível,  
é fácil de anular, como mostrou,  
Não houve, nos 3 jogos, nada incrível.  
E nem o nosso time fez o show.

Espero, todavia, que com brio  
lutemos contra o Chile e contra o frio.

SP, 25/06/2010

## Mistérios

Eu me sinto talvez, na obrigação  
da promessa que fiz de sonetar,  
de todo o dia um tema e a inspiração  
em mim mesmo ou nos outros encontrar.

O passado, o futuro, minha gente,  
a família, este mundo e no Universo –  
sempre eu trato de forma diferente,  
na busca permanente de meu verso.

O tempo que, monótono, bem passa  
p'ra cada um de nós um dia fica.  
Será mais pobre a História e a nossa raça  
ou será pelos atos bem mais rica?

Quantos mistérios temos nesta vida,  
desde a chegada até nossa partida.

SP, 26/06/2010

### **FIFA e CBF**

Todos sabem da máfia que dirige  
o futebol do mundo e do Brasil.  
Os seus donos – verdade que se exige –  
bem escondem o mal que já se viu.

São todos milionários, ganham tanto  
que os governos se curvam, por covardes.  
Qualquer menino sabe, no seu canto,  
qu'há, por fora, desvios sem alardes.

Como o povo não sabe o que acontece,  
nas burras ilegais destes senhores  
mantém sua paixão. Não esmorece  
o padecer que tem por suas cores.

A Copa no Brasil – quantos dinheiros  
o Estado perderá pra bandoleiros!

SP, 27/06/2010

### **A Descoberta**

A descoberta de mim mesmo busco  
nas entranhas silentes de meu verso.  
As cidades antigas, como Cuzco,  
sinalizam a rota do Universo.

A ponte sobre a estrada desta vida  
não parece nem larga nem estreita.  
Seus buracos, porém, são a ferida  
que tornam minha marcha não perfeita.

Os dias se sucedem sempre iguais.  
Tristezas, alegrias e esperanças  
conformam minha luta, com sinais  
de turbulências e também bonanças.

Quanto mais eu penetro na minh'alma,  
mais paz eu descortino sem ter calma.

SP, 28/06/2010

## **Poder Corrupto**

Quando menino, eu sempre desejei  
lutar por meu país, por minha terra.  
Sentia ser mais forte do que um rei,  
que na espada do sonho a vida encerra.

Com livros e palestras mais artigos,  
além de rádio, assim como a TV,  
eu tenho batalhado com amigos  
e descoberto o mundo que se vê.

O Poder Corrompido, no Brasil,  
é o mal que se combate e não melhora.  
Há muito podre sob o céu de anil  
que a beleza do povo bem descora.

Percebe-se, de longe, em meu país  
que o povo já não sabe ser feliz.

SP, 29/06/2010

## **Versos para Amanhã**

*Para Ruth*

Embora faças anos amanhã,  
meus versos para ti hoje componho.  
Eles irão com as rosas de manhã,  
p'ra manterem perpétuo o nosso sonho.

Entenderem – são poucos – nosso amor,  
por sermos nós, os dois, tão diferentes,  
mas o querer tem sempre a sua cor,  
que os corações transformam, como as mentes.

Agora nosso tempo é mais ligeiro,  
passa rápido e torna-se mais breve,  
mas, apesar de tê-lo passageiro,  
no etern'ele desfaz-se como a neve.

Querida amada minha, minha amada,  
a minha companheira nesta estrada.

SP, 30/06/2010

## JULHO

### Novo Semestre

Novo semestre, eu começo,  
escolhendo redondilhas.  
Inspiração não mais peço,  
pois falta-me em todas trilhas.

Sempre descubro algo novo  
na velhice de meus versos.  
Eu vivo dentro do povo,  
vendo meus sonhos dispersos.

Continuo, todavia,  
mantendo minha promessa  
de um soneto cada dia  
escrever a toda pressa,

visto qu' é muito o trabalho,  
onde, em verdade, mais valho.

SP, 01/07/2010

### **Eu e Monet**

Monet, em seu jardim de Giverny,  
pintou no fim da vida muitas flores.  
Senhor de um tema só, viveu ali,  
encontrando, nas horas, suas cores.

O tempo seu talento preservou  
e seu próprio jardim virou museu.  
Toda manhã eu digo: "aqui estou",  
um soneto escrevendo, sendo meu.

Monet fez pelo mundo sua história.  
Meus sonetos compostos ninguém lê.  
Sou bem mais conhecido, sem vanglória,  
na crítica ao Poder pela TV.

Bem me vale, entretanto, o sonetar,  
que, como a agenda, descortina o mar.

SP, 02/07/2010

## Templários

Tenho, às vezes, vontade de viver  
no tempo dos templários e seus sonhos.  
Lutaram pelo bem até morrer  
e, na morte, jamais foram tristonhos.

Quando eu vejo este mundo sem valores,  
e tendo a espada apenas da palavra,  
parecem-me faltar aquelas cores  
que fazem a verdade ser escrava.

Tenho, às vezes, vontade de mostrar  
aos donos do poder que são malandros.  
Há tanta lama neste negro mar,  
que para lá descer só de escafandros.

Sinto-me cavaleiro, sempre andante,  
pois mantenho meu sonho desde infante.

SP, 03/07/2010

## De Volta à Casa

Dia 4 de julho, eu comemoro  
voltar à minha casa do interior.  
Assim esta temática hoje exploro,  
o campo olhando seco, já sem cor.

O inverno não é forte, mas o verde  
desaparece e as árvores se esgalham.

Faço versos, embora saiba ser de  
mim esta obrigação quando se espalham.

Eu dirigi, malgrado esta coluna,  
meu carro de São Paulo, bem tranquilo,  
e assim cheguei disposto a Jaguariúna,  
esperando ver bosque com esquilo.

Na América, hoje, faz-se muita festa,  
mas eu prefiro ter minha floresta.

Jaguariúna, 04/07/2010.

### **Ruth**

Hoje reli meus versos de eu infante,  
com queixas, ilusões, sonhos e amores.  
Eu li: “Não há mulher que não me encante”,  
dizendo “Todas trazem novas cores”.

Escrevi mesmo “enquanto outra mulher  
um novo amor não crie no meu peito,  
serás, como te disse, o mal me quer,  
que me provoca e mata de despeito”.

Amei a muitas delas sem amor,  
pois este só mais tarde eu descobri.  
Amar é querer bem e com ardor  
ao outro e não viver só para si.

Em Ruth, aquele amor que sempre quis,  
fez nosso matrimônio ser feliz.

Jaguariúna, 05/07/2010

### **As Estrelas de Bilac**

Na agenda recebida de Marluce  
o soneto de julho é de Bilac.  
Ao contrário de Olavo eu tenho Ruth,  
que foge, por discreta, de destaque.

Disse não conhecer, Olavo, o amor,  
nada obstante ter amado tanto.  
É qu'ele não é posse só, no ardor,  
e tem, na carne, seu único encanto.

Amar é ofertar felicidade  
àquele que se quer mais do que a si.  
E se os dois são assim, na intensidade,  
descobrem a paixão que descobri.

Só este amor desvenda, nas estrelas,  
a infinitude para bem retê-las.

Jaguariúna, 06/07/2010

### **Enguias**

Eu, hoje, terminei a revisão  
do 2º trimestre de meus versos.  
Apesar de mostrar complicação,  
não os senti no desespero imersos.

Pois houve novidade inesperada.  
Eu, desde Abril, parado não fiquei,  
se não por pouco tempo. Minha amada  
tratou-me nestes meses, como rei.

Ao rever o que fiz por esta lida,  
em que cresce o currículo na idade,  
enquanto diminui a minha vida,  
eu sinto só valer a eternidade.

Não é fácil escrever todos os dias,  
quando os temas me fogem como enguias.

Jaguariúna, 07/07/2010

## Esperança

Quando, ao versejar, sendo adolescente,  
entre amigos, meninas e o colégio,  
eu ficava entre o trágico e o inocente,  
sem a ninguém ceder um privilégio.

O pranto derramado pelos versos  
de rigor, eu me lembro, inexistia.  
Os temas, eu bem sei, eram diversos,  
acreditando sempre o que escrevia.

Vivia um romantismo defasado,  
em cada moça vendo uma princesa,  
que tinha, no meu sonho, um principado,  
num mundo que rodava sem tristeza.

Embora horrível tudo o que escrevi,  
a esperança mantive até aqui.

Jaguariúna, 08/07/2010

## Nove de Julho

São Paulo levantou-se, neste dia,  
contra Vargas e sua ditadura  
e procurou impor democracia,  
sempre a forma política mais pura.

No passado, lutaram contra o reino,  
repleto de mentiras pelas Cortes,  
traídos, fuzilados, pois sem treino,  
em rio, que ficou, rio das mortes.

A derrota p'ra nós sempre é vitória.  
Nosso país cresceu com bandeirantes.  
Em trinta e dois tivemos igual glória  
e o Brasil não mais foi com'era dantes.

Amor ao justo temos, os paulistas,  
sob a bandeira altiva em treze listas.

Jaguariúna, 09/07/2010

### **Amor à Pátria**

Como eu versejo desde adolescente,  
seguem meus versos todos minha vida  
de um velho sonhador já no poente,  
não distante do tempo da partida.

Dos dias de estudante a perfumista,  
de perfumista à busca do Direito,  
do começo difícil, hoje, dista  
já mais que um jubileu, o sonho inteiro.

Os velhos sempre vivem do passado.  
Os jovens olham sempre p'ro futuro.

A idade pouco importa, se do lado  
o coração mantém-se limpo e puro.

Críticas ao Poder eu sempre fiz,  
pois, de rigor, eu amo meu país.

Jaguariúna, 10/07/2010

### **Corpo e Alma**

A natureza mãe descobre anseios  
nas vertentes insólitas do espaço.  
Silentemente marcha sem receios  
de errar, no seu caminho, o próprio passo.

Galáxias nascidas aos bilhões  
não mostram onde a vida lá se encerra.  
Quasares, supernovas, turbilhões,  
mas, por enquanto, a vida só na terra.

O mistério da faixa temporal  
pela razão abrir não sei quem há de.  
Sei que o tempo mantém o seu sinal  
que aponta para nós a eternidade.

O corpo mais um tempo será nada,  
mas a alma manterá a sua estrada.

Jaguariúna, 11/07/2010

## Ler e Escrever

Das férias último dia,  
ensolarado e de inverno.  
Eu fico na companhia  
dos meus, sem gravata e terno.

Piscina sempre encoberta  
pela tarde e de manhã.  
Depois da sauna é aberta,  
nela pulo em água sã.

Disse Haroldo Valadão  
para mim, em conferência:  
“Escreve e lê”. Eis o pão  
de cada dia, na ciência.

Mesmo em descanso assim faço,  
ao caminhar de meu passo.

Jaguariúna, 12/07/2010

## Lanternas do Céu

As lanternas do céu, em apagão,  
esconderam-se atrás da tempestade,  
e o frio que congela o coração  
do calor e da luz deu-me saudade.

O tempo, neste inverno, principia  
a ficar cada vez menos amigo  
e nostálgico torna todo o dia,  
embora estejas tu sempre comigo.

Felizmente, este teu sorriso esquenta  
de meu íntimo a eterna palidez  
e segue minha vida assim tão lenta,  
sentindo a própria sina cada mês.

Que não afastem, nuvens de incerteza,  
o caminho da minha madureza.

SP, 13/07/2010

### **Oração da Tarde**

A chuva faz o dia ser cinzento  
e a nostalgia cobre tristes ruas  
e, muitas vezes, bate forte vento  
e as almas de tristeza ficam nuas.

No calvário, o Senhor, quando morreu,  
a terra recobriu com tempestade  
e chegou a rasgar, neste apogeu,  
o véu do templo, que já tinha idade.

Tão somente meu Deus o coração  
torna mais leve, em dias mais escuros,  
e não faz que esta luta seja vã,  
pois todos nós transforma em seres puros.

O dia do cristão nunca é cinzento,  
pois tem a bela cor do firmamento.

SP, 14/07/2010

### **Governar o Mundo**

Não os homens, mas Deus governa o mundo.

Os homens buscam, sim, ter mais poder.

O Poder quase sempre faz-se imundo,  
com dinheiro e domínio a mais se ter.

Os homens consideram-se imortais  
e o temporal trabalham como eterno.

A eternidade fica sem sinais,  
na espera de um final pior que o inverno.

O Poder, todavia, nada vale.

É luta inglória, em que se paga o preço.

Não consegue que a voz interna cale,  
e mais cedo ou mais tarde tem tropeço.

Na vitória ou derrota, meu Senhor  
é só quem determina o seu valor.

SP, 15/07/2010

## Clube Militar

A caneta é do Clube Militar.  
Eu a ganhei durante o mês de Março,  
em palestra que fiz para alertar  
sobre plano amarrado sem cadarço.

Tinha de Chávez seu modelo exato,  
mas não o seu estilo apalhaçado.  
Da ditadura era o melhor retrato,  
que se espalhava nele em todo o lado.

Os anticorpos da democracia,  
ao falso plano de direitos justos,  
nasceram fortes contra esta histeria  
e seus autores não merecem bustos.

Falei por longo tempo e recebi  
a pena com que os versos escrevi.

SP, 16/07/2010

## Padre

Queremos todos receber o Padre,  
de São Josemaría sucessor.  
Nos Sodalícios temos por confrade  
quem é conosco na alegria e dor.

Falará com seus filhos em família,  
e os caminhos divinos deste mundo  
mostrará a quem segue a mesma trilha,  
com sua calma voz e olhar profundo.

“Santificar aos outros no trabalho,  
santificar o feito em perfeição,  
e a mim mesmo, pois sei que nada valho”.  
Dos três Padres eu tive esta lição.

Espero assim ouvir sua palavra,  
embebida de Nosso Padre em lavra.

SP, 17/07/2010

### **Livros**

Paulo Bomfim, um dia, em um poema,  
declarou não saber quem herdará  
os livros que mantém, pois é problema  
que quem os receber os manterá.

Jô também de seus livros cuida bem  
e, como Paulo, sente o vir dos fados.  
São mais de quatro mil, os que ele tem  
de seleção e bem encadernados.

Os meus, creio que sejam trinta mil,  
mas todos meus herdeiros nas estantes  
guardam livros também e, sem desvio,  
as obras compram desde quando infantes.

Eu, Paulo e Jô vivemos a questão:  
quem são os que tais livros herdarão?

SP, 18/07/2010

### **O Universo e o meu Verso**

As luzes que se acendem pelo espaço,  
quando o sol adormece devagar,  
são tão distantes quanto de meu passo  
restam meus sonhos tidos sem parar.

Tão pouco conhecemos do Universo,  
mas somos petulantes ao tratá-lo.  
Sobre o que escrevo, pálido, em meu verso,  
nada tenho a dizer, por isto calo.

Porém, meu pensamento é tão veloz,  
que atravessa as galáxias de um salto,  
transformando, na minha fraca voz,  
a verdade que livra-me do asfalto.

O Universo e o meu verso, tão iguais,  
mas são tão diferentes nos sinais.

SP, 19/07/2010

## Mãe Santíssima

Quando contemplo Minha Mãe Tão Santa,  
    Cujo olhar de ternura me recobre,  
e quando sinto o toque que me encanta  
    da presença puríssima e tão nobre;

quando descobro a dádiva do Filho,  
    crucificado e morto numa cruz,  
que a todos nós mostrou um novo trilho  
    de entrega com fervor, sendo Jesus;

quando no Padre eu vejo a Santidade  
    em palavras e ações por todo o dia,  
percebo como vale a Eternidade,  
    em que se encontra São Josemaría.

Ao Padre, uma vez mais eu agradeço  
esta lição de amor, que não tem preço.

SP, 20/07/2010

## Cansaço

No fim do dia estou muito cansado.  
Às cinco e quinze em pé foi o começo.  
Sem parar trabalhei, desfeito o enfado,  
e marchei lentamente e sem tropeço.

Compromissos com Deus os tive à noite,  
em oração com Ele meditando.

O tempo me vergasta como açoite.  
Seu peso sinto, assim, de quando em quando.

Não sei como o trabalho reduzir.  
É como a bicicleta sem parar.  
Quem o faz sabe bem qu'irá cair,  
pois nela não se "corre" devagar.

O cansaço, que tenho todo o dia,  
a falência do corpo preludia.

SP, 21/07/2010

### **Robôs**

Tenho um computador na minha frente  
e alguns livros do lado, em minha mesa.  
A tela não me torna indiferente  
quanto às obras repletas de beleza.

Sou velho, reconheço, em preferências.  
Tolero, pois preciso da informática.  
Mas irrita-me em minhas urgências,  
se se discute só matéria fática.

A minha geração gosta do livro.  
Detesta perder tempo numa tela.  
Não suporta a internet e o próprio crivo  
de uma cultura pobre e paralela.

Ninguém mais saberá quem foi que expôs  
quando formos, enfim, pobres robôs.

SP, 22/07/2010

### **Antigos Versos**

Eu reli, outro dia, antigos versos,  
escritos no Colégio Bandeirantes.

A pátena do tempo faz dispersos  
meus desejos e sonhos inda infantes.

O coração era um corcel sem freio,  
sem rédeas, sem controle, sem destino.  
Galopava no seu caminho e o anseio  
não distinguia o jovem do menino.

Quanto mais eu os li, mais ficou claro  
o que Ruth mudou na minha vida,  
e descobri o verdadeiro amparo  
como a razão de ser por mim querida.

Quanto mais passa o tempo, mais calor  
eu sinto acobertar o nosso amor.

SP, 23/07/2010

## Navegar

Eu volto a navegar nos tempos dantes,  
quando sonhava ser só marinheiro,  
pelos mares cursar dos reis infantes,  
descortinando a terra por inteiro.

Quando sonhei na imensidão de um mundo  
apenas existente em pensamento,  
nas águas, sem limites e sem fundo,  
meu barco navegava ao som do vento.

Hoje, já tantos anos são passados  
e os sonhos bem retomo d'eu menino.  
Timoneiro, descubro, em todos lados,  
a dimensão finita do destino.

Eu volto a navegar, como os infantes,  
tal qual eu naveguei nos tempos dantes.

Jaguariúna, 24/07/2010

### Dia 25

Neste dia 25,  
do mês sete e d'ano 10,  
o meu descompor eu finco,  
fugindo d'algum revés.

Ser fácil já disse atrás  
não é escrever assim.

A inspiração pouco faz  
e fica longe de mim.

Continuo o compromisso  
de versejar todo o dia  
e continuo, além disso,  
o combater na porfia.

Meu Deus, família e trabalho,  
eis o mundo qu'eu espalho.

Jaguariúna, 25/07/2010

### **Ruth e Eu**

Minha casa de campo cheia está –  
cunhados, filhos, netos, nora e genro,  
computadores vistos lá e cá,  
e dois dos netos são de tempo tenro.

Meu espaço é menor, não a alegria.  
Quinze somos ao todo da família.  
Ensolarado assim mais este dia,  
vê-me seguir, no fim, de Deus a trilha.

Hoje pela manhã Ruth me disse  
a morte não temer, mas sim a minha.  
Também, malgrado a minha esquisitice,  
eu não quero perdê-la em minha vinha.

Os anos passam a ser os nossos amos,  
enquanto do passado nos lembramos.

Jaguariúna, 26/07/2010

### **Flores do Bem**

Em pessimismo agudo, Baudelaire  
seu livro ele compôs. Flores do mal.  
Que seu estro, entretanto, não desterre  
os vates indecisos, sem sinal.

As dúvidas que teve, todos têm.  
A solução que deu, não foram dadas.  
Seu gênio entristecido viu do bem  
as flores no jardim não cultivadas.

Na vida, temos poucas opções –  
flores do bem, do mal, flores sem cores.  
Nossa escolha se dá nos corações,  
com muitas alegrias e com dores.

Flores do bem, apenas se tivermos,  
amor a primavera e não a invernos.

Jaguariúna, 27/07/2010

## Queimadas

O campo que circunda minha casa  
tem plantação diversa e bem cuidada.  
Muitas vezes, meus sonhos ganham asa  
ao contemplar o verde da esplanada.

Mesmo em São Paulo, usa-se o sistema  
de queimadas nas secas das culturas,  
que, embora sendo, às vezes, um problema,  
as noites iluminam nas alturas.

As labaredas sobem por instantes,  
parecendo que o brilho seja eterno,  
mas logo somem – sobram, escaldantes,  
cinzas e a negridão própria do inverno.

Assim todos os sonhos de um momento  
desfazem-se levados pelo vento.

Jaguariúna, 28/07/2010

## Luta Interior

Apesar de lutar, algumas vezes  
irrito-me em não ser bem compreendido,  
principalmente quando passo meses  
tentando dar aos outros um sentido.

Nestes momentos, eu respiro fundo  
para não estourar como queria,

e peço interna paz, pois, neste mundo,  
é fundamental tê-la todo o dia.

Confesso não ser fácil, mas resulta  
em solução perfeita, pois a vida  
de quem ira apresenta cobra multa,  
que mal-estar provoca em quem incida.

A luta é permanente e vale a pena  
uma luta que faz a alma serena.

Jaguariúna, 29/07/2010

## **Porvir**

Quantos anos vivi buscando imagens  
para os versos compor sobre o que sinto.  
Como os guerreiros fazem abordagens,  
os meus temas conquisto. Nunca minto.

Às vezes os piratas do passado  
as naves dos reinóis punham ao fundo.  
A inspiração também ponho de lado,  
pois naufraga no mar do fim do mundo.

Esgrimam tema e versos todo o dia  
e esta luta transfiro ao meu diário,  
ora soturnos, ora na alegria –  
estão assim os dois no calendário.

De Julho o dia é trinta, e eu sempre igual,  
sem ter do meu porvir qualquer sinal.

Jaguariúna, 30/07/2010

## 52 Anos de Casados

Há 52 anos eu e Ruth  
unimos para sempre nossas vidas.  
P'ra que a família nosso amor escute,  
deve buscar chegadas, não partidas.

Todos sabem que quero minha amada  
desde os tempos remotos do cursinho.  
Seu cabelo de pajem, pela arcada  
da Faculdade, fez o meu caminho.

Nós somos dezesseis hoje no mundo,  
aos outros procurando bem servir.  
Nosso Senhor nos toca bem no fundo,  
e Sua graça estamos a sentir.

Querida Ruth, a estrela deste espaço,  
que percorremos juntos, passo a passo.

Jaguariúna, 31/07/2010

# AGOSTO

## Deus por Meta

Antigamente, via o mês de Agosto  
como aquele das crises nacionais –  
Getúlio deu um tiro no seu rosto  
e Jânio renunciou sem nada mais.

Para mim, todavia, comecei  
o passeio com Ruth em nossas bodas.  
Sentia-me no amor como se um rei,  
correndo por estradas sobre rodas.

Se eu olho agora o tempo já passado,  
não vejo diferença pelos meses.  
A diferença encontra-se no lado  
do coração aberto todas vezes.

Aquele que Deus tem com emoção  
descobre seu encanto e proteção.

SP, 01/08/2010

## Dia Cinzento

O dia amanheceu triste e cinzento,  
e não ensolarado. Nossas vidas,  
como os dias, se mudam num momento  
e de alegres se tornam entristecidas.

Sabemos que, no tempo, tudo muda,  
só não se altera o tempo já passado.  
Que ninguém na existência não se iluda –  
somente Deus comanda nosso fado.

Quem busca na tristeza reversão  
para que se transforme na alegria,  
descobre sempre aberto o coração,  
seja cinza ou com sol o novo dia.

Cad'um de nós caminha os seus caminhos,  
ora com flores, ora com espinhos.

SP, 02/08/2010

## No Mar da Galileia

### Evangelho do dia

Quando Pedro, chamado por Jesus,  
caminhou sobre as águas na tormenta,  
esqueceu da razão e viu na luz  
da fé o bom calor que a nós esquentam.

Porém, quando temeu não ser possível  
na tempestade forte caminhar,  
começou a afundar, perdendo o nível  
da superfície líquida do mar.

Pediu, então, socorro para Cristo,  
que o atendeu de pronto com sorriso.

Se nossa fé falhar, como foi visto,  
que ninguém por pudor seja indeciso.

O caminho é buscar Deus e Senhor,  
que sempre nos socorre com amor.

SP, 03/08/2010

### **Escrever Preciso**

Não sei se este é meu tempo ou meu destempo,  
nem sei se meu espaço é descompasso,  
mas sei que nesta vida eu pouco invento,  
mas sigo nela andando, passo a passo.

Não sei por que trabalho nesta idade,  
em que os amigos são aposentados.  
Nem sei por descobrir não há quem há de,  
mas sigo meus caminhos não frustrados.

Não sei se nesta vida sou alguém,  
nem sei se o qu'eu escrevo tem valor,  
mas sei que do soneto sou refém,  
e falo sobre o mundo e sobre o amor.

Eu sei apenas que escrever preciso,  
por mais que, às vezes, eu seja indeciso.

SP, 04/08/2010

## Ponte

A ponte que lancei sobre o Universo  
não tem começo ou fim, nem tem muradas.  
Ninguém por ela passa, só meu verso  
após ter feito as suas escaladas.

Embaixo correm águas sem espaço  
e a negridão do cosmos não assusta.  
Às vezes às estrelas jogo o laço,  
nesta luta que faz eterna a busca.

Não vejo o que procuro na corrida,  
pelo infinito escrita no meu quarto.  
O antigo panorama da partida –  
não sei se dele já não estou farto.

Eu sei apenas que nas mãos de Deus  
sempre coloco aqueles que são meus.

SP, 05/08/2010

## Escola Paulista de Direito

Eu da Escola Paulista de Direito  
de professor emérito ganhei  
o título. Fiquei bem satisfeito,  
pois ele ao meu Senhor eu consagrei.

O dia foi repleto de trabalho,  
com conferência dada à Instituição.

Como as cartas, tiradas do baralho,  
assim eu alarguei meu coração.

Um evento singelo mas profundo,  
com a palavra minha e do Ricardo –  
e, desta forma, eu corro pelo mundo,  
na certeza de não levar um fardo.

Meu pretérito encontra-se fechado,  
mas aberto p'ra Deus deste meu lado.

SP, 06/08/2010

### Sábado

Tivemos, nestes dias, muito frio,  
mas hoje de manhã surgiu o sol.  
Este inverno parece mais estio,  
enquanto caminhamos sem farol.

Da janela de meu cheio escritório,  
com livros e papéis de todo o lado,  
eu olho para fora, mas, simplório,  
descubro ser o mundo bem fechado.

O coração, porém, a toda gente  
eu abro, na esperança em convencê-los  
que o sonho faz a vida diferente  
e passamos do bem a ter os selos.

Se muitos consideram insanidade,  
pouco importa, se sei ser a verdade.

SP, 07/08/2010

## **Dia dos Pais**

Dia dos Pais. Família toda junta.  
Os três filhos de fora em telefone.  
Ninguém na crítica, ninguém assunta,  
nem do silêncio, oitenta e seis, o cone.

Dia dos Pais. Meus filhos e meus netos,  
minha nora, meu genro, minha amada.  
A vida sempre a mesma, sem ter vetos.  
A alegria de tê-los na escalada.

Dia dos Pais. De todos a atenção,  
carinho, amor e muito, muito mais.  
O descompasso torna-se emoção –  
meu barco no descanso deste cais.

Dia dos Pais. Eu amo esta família,  
que torna luminosa minha trilha.

SP, 08/08/2010

### **José Fernandes Filho**

José Fernandes diz ser cavaleiro  
do possível, na luta por seus sonhos,  
nos seus oitenta, mestre por inteiro  
dos amigos, alegres ou tristonhos.

Nos meus setenta e cinco, bem que penso  
que os bardos acreditam no impossível.

Em seu estro, descubrem ser intenso  
todo momento aberto a qualquer nível.

São sempre cavaleiros os que buscam  
seus ideais, malgrado dura a lida.  
Os percalços jamais ferem e ofuscam  
o caminhar, andante, pela vida.

Nesta idade, mantemos, sem bonança,  
porém com fé, em Deus nossa esperança.

SP, 09/08/2010

## No Tempo dos Dragões

*Para Ruth*

No tempo dos dragões e das espadas,  
e das donzelas puras e dos santos,  
tempo das catedrais e das cruzadas,  
e de armaduras férreas e dos mantos,

cavalguei cavalgando a cavalgada  
de cavaleiros mil de mil costados,  
mas, cantador dos cantos por estradas,  
dos outros e de mim cantava os fados.

No tempo dos castelos e muradas,  
as batalhas travava com tambores

e a mais bela das moças nas sacadas –  
dedicava-lhe versos com amores.

No tempo dos dragões e das donzelas,  
eu conquistei a mais formosa delas.

SP, 10/08/2010

### **Ópera do Pendura**

Aos amigos do Amadeus  
agradecemos em verso.  
Os gestos fidalgos seus  
valem, p'ra nós, o Universo.

Este soneto tem asa,  
por receber-nos assim.

Para nós, a sua casa  
é o verdadeiro jardim.

Do grande compositor  
o cardápio faz lembrança.  
Recorda-nos, com amor,  
nossos tempos de criança.

Est'ópera do Pendura  
torna clara a vida escura.

SP, 11/08/2010

## **Cansaço**

O cansaço da idade é mais presente  
nestes meses que enfrento meu futuro.  
Não me convenço ser bem diferente  
o momento que estou quase no escuro.

Coragem de parar inda não tenho,  
mas para continuar é bem difícil.  
Eu busco colocar meu próprio empenho  
como se fosse um antiquado míssil.

Dilema dos dilemas – que fazer?  
As forças são mais fracas no porvir.  
Eu penso trabalhar até morrer,  
se Deus, por Seu mandato, o permitir.

O tempo da resposta se aproxima,  
tal como, neste verso, o som da rima.

SP, 12/08/2010

## **Ruth e o Universo**

Meu amor pela história e pelas lendas,  
meu amor pelos astros e aventuras  
coloca nos meus olhos sempre vendas,  
que torna' as paisagens mais escuras.

Imagino torná-las bem mais claras,  
forjando os próprios mitos do passado  
e tu, minha princesa, mal reparas  
o fascínio desperto em todo o lado.

Os fortes, as cruzadas, as bandeiras,  
estrelas, mares negros, caravelas,  
nos versos para ti seguem esteiras  
e fazem-te a mais linda entre as mais belas.

É maior o amor que por ti tenho  
que o Universo que em mim inda mantenho.

SP, 13/08/2010

### **Retratos do Tempo**

Hoje vi no jornal os dois retratos  
de Brigitte Bardot. Antes tão linda,  
hoje o tempo perfaz seus próprios atos  
e todos os perfis o tempo finda.

Ontem e agora para todos nós  
formosura pretérita desfaz-se.  
Como o rio termina em sua foz,  
os anos desfiguram qualquer face.

Não somos da existência jamais donos,  
nem mesmo se tivéssemos sucesso.  
Não existem quaisquer perpétuos tronos,  
nem mesmo na vitória o preço meço.

Enquanto caminhamos para o eterno,  
já vimos primavera e agora o inverno.

SP, 14/08/2010

## Assunção

Navegamos nas águas da Assunção.  
A Mãe Imaculada foi aos céus.  
Habita sempre em nossos corações  
a cabeça coberta por mil véus.

As cores de Seu manto em cada etapa  
conformam o Seu nome para nós,  
e desvendamos de Seu Filho o mapa  
que desfaz, nesta vida, todos nós.

A Ruth neste dia descobriu  
o caminho de sua santidade,  
e da jovem cretense o longo fio  
para os seus entregou em cada idade.

Minha Mãe e Mãe nossa, o seu olhar  
repousai nos seus filhos sem parar.

SP, 15/08/2010

## Ruth, Minha Poesia e eu lhe Pertencemos

Bardo  
lento,  
cardo,  
vento.

Noite.  
Vida.  
Foi-te  
lida.

Peito  
rude,  
feito,  
mude.

Eu,  
seu.

SP, 16/08/2010

### Mil Vezes

Mil vezes repeti a mesma frase,  
mil vezes declarei o meu amor.  
Em tempos que se tiram toda a crase,  
meu discurso mantém o seu fervor.

Mil vezes procurei ser diferente,  
mil vezes retornei ao mesmo ponto.  
Não sei mais que dizer a toda a gente,  
nesta vida que mais parece um conto.

Mil vezes debrucei-me sobre o mundo,  
mil vezes descobri o mundo igual.  
Vale nele somente o olhar profundo  
que me ofertas de amor em seu sinal.

Mil vezes percebi seres tão linda,  
num querer que na luta não se finda.

SP, 17/08/2010

## Parar

Fui a Minas após a cirurgia,  
pela TAM navegando sem espaço.  
Bancos terríveis desta companhia –  
com bengala em Confins marquei meu passo.

Minha esposa bem quer que eu pare um dia,  
pois o tempo que resta é bem escasso.  
A razão ela tem, falta-me um guia  
para parar de vez, rompendo um laço.

Depois de tanto tempo de trabalho,  
para Ruth meu tempo devo dar.  
Calarei as palavras qu'hoje espalho,

buscando, no silêncio, seu olhar,  
pois tudo que na vida agora valho  
eu dela recebi no seu amar.

Belo Horizonte, 18/08/2010

## O Poeta e o Mundo

O mundo é para todos muito estreito.  
Lutamos p'ra viver no nosso meio.  
Por mais que seja alguém nobre e perfeito,  
jamais terá o globo no seu seio.

A terra é tão pequena no Universo,  
que torna toda a vida irrelevante.  
Somente são os vates, no seu verso,  
os que transcendem o astro mais brilhante.

Meu Deus criou o cosmos num momento  
e permitiu à humanidade os bardos,  
cujos sonhos levados pelo vento  
fazem puros os atos mais bastardos.

A imensidão galáctica em jardim  
é a pátria em que o poeta vive assim.

SP, 19/08/2010

### Com Franceses

Jantei com uns amigos bem a gosto,  
numa casa que tem por este nome,  
Acrescida ao Brasil, no mês de Agosto,  
que de nós afastou temor de fome.

Da França e do país o tema imposto  
foi de tudo falar quando se come,  
pois assim se tirou qualquer desgosto,  
por serem todos gente de renome.

Depois de duas horas meu francês  
seu fôlego perdeu, mas continuei  
procurando falar de quando em vez.

O George e seus amigos são da lei,  
seus sempre bastiões. Por minha vez,  
não passo de um plebeu – jamais sou rei.

SP, 20/08/2010

## Crença

São fontes, permanentes quedas d'água,  
que desfazem espumas nos meus versos.  
Não guardo pelo tempo qualquer mágoa  
dos tormentos que tive, tão diversos!

Não falo mais do espaço que me resta,  
porque só Deus conhece meu destino.  
A vida foi de luta e foi de festa  
e sonho ainda os sonhos de menino.

Muitas vezes o sonho foi sonhado,  
outras vezes morreu pelos embates.  
Não tenho que queixar-me do passado,  
nem de constante trilha nos combates.

Jamais eu tenho a luta por perdida,  
o que me faz acreditar na vida.

SP, 21/08/2010

## Sem Reparos

No domingo a primeira sinfonia  
de Schumann, no escritório, estou ouvindo.  
Está lá fora ensolarado o dia,  
num tempo que parece ser infindo.

No meu trabalho encontro a mais valia  
de um esforço conjunto que não findo.  
Dos outros dependemos na porfia,  
mas agora o que vê-se é o sol mais lindo.

Em todo o amor existem tais espaços,  
com dias ora tristes, ora claros.  
Se for bem verdadeiro nos seus passos,

os transtornos se tornam muito raros,  
pois nas almas estão eternos laços,  
que não precisam nunca de reparos.

SP, 22/08/2010

### **Amar**

O inverno chega ao fim na primavera.  
Prepara o verão sempre o mês de Outono.  
Assim, vou pela vida nesta espera  
de que um dia virá o eterno sono.

Os tributos e a morte são tão certos.  
Embora não queiramos, lá estão.  
Nossos caminhos sempre são incertos  
até não mais bater o coração.

A vida vale apenas pelo feito  
e nunca pela busca do prazer.  
Mas dela só podemos ter proveito  
se o bem bem propagarmos ao morrer.

Perguntas nós fazemos sem parar,  
e as respostas estão no verbo amar.

SP, 23/08/2010

## Velhice

De novo uma consulta com Denise,  
para as dores do corpo reduzir.  
Não posso cometer nenhum deslize  
na busca de alargar o meu porvir.

Há 3 lustros mantém fidelidade  
a minha crua artrite, todo o dia.  
Daqueles tempos bons traz-me saudade,  
por não deixar-me, como gostaria.

Da coluna melhora, pouco a pouco.  
Minha vida normal vou retornando.  
Palestras, eu ministro um pouco rouco,  
e manco com meus pés de quando em quando.

É tudo novidade e esquisitice,  
em conviver assim com a velhice.

SP, 24/08/2010

## As Bandeiras

Quando as bandeiras os imensos rios  
cruzavam, em seus barcos de madeira,  
e os uivos de animais, sempre bravios,  
agitavam os homens pela beira;

quando seguiam, nesta longa esteira,  
com armas, descobertos seus pavios,  
e viam à distância a cabeleira  
dos selvagens, causando calafrios;

quando os caminhos íngremes, na selva,  
findavam esperanças de retorno  
e muitos tinham lá a sepultura,

os mais fortes, pisando sobre a relva,  
e tendo as espingardas por adorno,  
sabiam já mirar glória futura.

SP, 25/08/2010

### **Trabalho**

Embora trabalhando todo o dia,  
não consta do diário meu trabalho.  
A razão é bem simples – não diria  
nunca aquilo que faço, nem espalho.

É que na profissão em qu'algo valho  
é código o sigilo na porfia  
e as peças que produzo, sem retalho,  
jamais, sem discrição, escreveria.

Intensa foi, porém, a atividade,  
as causas defendendo e os pareceres,  
o tempo me tomando por inteiro.

Das forças ancestrais sinto saudade,  
mas luto como lutam todos seres,  
embora sendo, às vezes, seresteiro.

SP, 26/08/2010

## Em Brasília

Dirigi-me a Brasília de manhã.  
Eu almocei com Ives, Gáudio e Lídia,  
tendo a bengala e mais a mente sã.  
Inda gravei as falas pela mídia.

Maria Paula ouviu-me já mais tarde,  
em pedido do CEU ao Ministério.  
Malgrado as dores, não restei covarde,  
e fui ao Tribunal, da Lei no império.

Queiroz, Prudente, sem qualquer inquérito,  
com seus pares, na minha conferência,  
declararam-me professor emérito,  
não havendo da Corte resistência.

Por fim, jantei com Carlos, Marcel, Rita  
os 3 Hernandez, Ives. Fim da fita.

SP, 27/08/2010

## Caçador de Sonhos

Eu sou um caçador de todos os meus sonhos,  
um soldado que fica eternamente alerta.  
Não temo os pesadelos, mesmo que medonhos,  
enquanto no meu mundo a vida não desperta.

Eu sou um caçador com bacamarte antigo,  
que vê, na infinitude de seu próprio abismo,  
imagens que se afastam, rudes, do perigo  
de encontrar-me sozinho, quando escrevo e cismo.

Eu sou um caçador que pensa que seu tiro  
vai muito mais além que o tiro de espingarda.

Eu sou um caçador que vive em seu retiro  
e lembra o rapaz de calça curta e sarda.

Eu sou um caçador do tempo dos infantes,  
que vê na sua mira flores e elefantes.

SP, 28/08/2010

### Geraldo Vidigal

Faleceu meu grande amigo,  
o Geraldo Vidigal.

Esteve sempre comigo,  
cantando como um jogral.

Foi com *Predestinação*  
que fez de 45  
nascem uma Geração,  
do verso dourado brinco.

Professor foi de Direito  
e da amizade sincera.  
A todos impôs respeito  
com ares de primavera.

Perde o Brasil um gigante,  
que tinha sonhos d'infante.

SP, 29/08/2010

## Apesar de Humanos

Calam-se os peixes pelo mar profundo,  
gritam os seres quando estão na terra,  
cantam as aves pelos céus do mundo,  
vivem a vida que este globo encerra.

Os homens, entretanto, se calados,  
os peixes estão sempre lembrando  
e lembram animais, se tresloucados –  
desbordam contra os seus de quando em quando.

Somente, se cantando, lembram aves  
e ganham pelo tempo seu espaço,  
como nos sonhos as sidéreas naves  
descobrem no Universo o próprio passo.

Somos pássaros, peixes e animais,  
mas, apesar de humanos, somos mais.

SP, 30/08/2010

## 31 de Agosto

Último dia do mês,  
um mês repleto de luta.  
Palestrei mais de uma vez,  
na mesma intensa labuta.

Fagundes disse, cansado,  
viver a melancolia  
de ter três anos passado  
nos bancos da Academia.

Às vezes, sinto também  
cansado de conferências,  
mas as palavras são bem  
que escapam sem resistências.

Último dia de Agosto –  
um mês triste, um mês sem rosto.

SP, 31/08/2010

## SETEMBRO

### Céu e Maresias

No céu dos meus instintos nascem astros  
que navegam por mares sem tormentas.

As velas são adornos pelos mastros,  
nas águas que, sem vento, são mais lentas.

O mar não tem contorno, nem tem praias,  
e o fundo, s'ele existe, não conheço.

Tem o barco, nas salas as alfaias,  
que para meu soneto não tem preço.

A bússola de há muito foi quebrada  
e as âncoras jamais redescobertas.  
Assim eu bem percorro a estranha estrada,  
enquanto minhas sombras são despertas.

Eis como sou nos versos, em meus dias,  
descortinando céus e maresias.

SP, 01/09/2010

### **Estrelas Cadentes**

As estrelas cadentes geram ondas  
que transcendem no espaço a escuridão,  
nem mesmo quando as mais sidéreas sondas  
descobrem-lhes a imensa solidão.

Somos todos estrelas “decadentes”.  
Nascemos caminhando para a morte,  
pois o brilho fugaz de alguns repentinos  
não muda nesta luta a própria sorte.

Queimam-se tais pedaços do Universo  
neste encontro que têm com ar da terra.  
Por isto, num instante, este meu verso  
reluz e seu momento assim se encerra.

É tão estranho o mundo, estranha a vida,  
iguais todos os fins desde a partida.

SP, 02/09/2010

## Descanso

Uns dias tirei para repouso,  
aproveitando sete de setembro.  
Escreverei, mas pouco falar ousou  
agora, pois dos temas não me lembro.

É difícil encontrar todos os dias  
um novo tema para o meu diário.  
Eu já falei de céus e maresias,  
querendo completar o calendário.

Ruth diverte-se ao me ver na busca  
de temas p'ra compor os meus sonetos.  
Pareço estar andand'inda de Fusca  
e cantando com bandas em coretos.

Eu vou tirar uns dias de descanso,  
com a família e Ruth em meu remanso.

SP, 03/09/2010

## Com Ruth

Conversava com Ruth de manhã  
dos tempos de nós dois quand'inda infantes.  
Hoje os cabelos têm a cor de lã  
e não seremos mais tal como dantes.

Cantava no coral do seu colégio  
e cantou para mim uma canção.

Tê-la ao meu lado é sempre um privilégio  
que me entenece o velho coração.

Com a família estou uma vez mais  
no descanso de um sábado com sol.  
Lá fora meu quintal não tem varais,  
mas tem à noite o brilho de um farol.

É tempo de esperar a eternidade,  
com alegria, paz e com saudade.

Jaguariúna, 04/09/2010

### **Sem Tamanho**

Mês de setembro, quanta voz passada  
eu ouço quando paro p'ra pensar.  
Com velhos ancestrais fiz minha estrada,  
meus cânticos compostos ao luar.

Os sonhos perfuraram tela nobre  
em que redesenhara minha vida.  
Não fui, no meu caminho, rico ou pobre,  
nem como professor fiz despedida.

La fora brame o vento sem castigo,  
pois já deixou o frio esta estação.

O tempo, com o tempo, fez-se amigo  
e mostra que o combate não foi vão.

De tudo o que eu revejo desde antanho,  
só por ti meu amor não tem tamanho.

Jaguariúna, 05/09/2010

### Árvores

As árvores que vejo da varanda  
de minha casa rústica de campo  
parecem-me mostrar quem nela manda,  
no seu silêncio não sujeito a grampo.

O tempo passa sempre mais veloz.  
As árvores, porém, são impassíveis.  
Eu chego, algumas vezes, sua voz  
ouvir, silente, em sons de muitos níveis.

Naquele dia em que eu já for ausência,  
as árvores, na casa, ficarão.  
As flores, estas sim, a sua essência  
espalharão um pouco, embora em vão.

Eu olho as árvores, revendo a vida –  
um rápido fulgor desde a partida.

Jaguariúna, 06/09/2010

## Meu Dia

As missas e orações todos os dias  
há quatro vezes dez anos assisto.  
A Virgem e meus Santos são os guias  
que me levam direto para Cristo.

O pouco de meu tempo a Meu Senhor  
que dou Dele recebo muito mais.  
O tempo multiplica-se no amor  
e torna-se da vida enorme cais.

Quanto mais eu caminho nesta estrada,  
mais descubro verdades não visíveis,  
ao subir os degraus de firme escada,  
que os céus desvendam nos diversos níveis.

Eu sei que nada valho, mas meu Deus  
misericórdia oferta para os Seus.

Jaguariúna, 07/09/2010

## Antigo Rito

Confesso que o direito tem meu tempo  
e os versos de outros bardos pouco leio,  
mas, às vezes, eu rasgo meu destempo  
e das leituras não fico no meio.

Alguns dos meus amigos são ferinos  
com as rimas e música dos versos,  
sem perceberem que o bater dos sinos  
dá mil cores aos burgos mais diversos.

Confesso que o hermetismo das palavras,  
que muitos consideram ser talento,  
a mim não me comovem, pois tais lavras  
serão todas desfeitas pelo vento.

Eu faço versos porque necessito  
e sigo, bem alegre, antigo rito.

SP, 08/09/2010

### Invenção

O escafandro portei muito pesado,  
mergulhando no mar imaginário.  
Caminhava p'ra frente e para o lado,  
nas águas, afogando o meu diário.

Desejei descobrir o campanário  
com sinos e com pombas sem mestrado.  
Das ilusões de sempre vi berçário,  
acompanhando o dia com enfado.

A busca do meu tema continua  
com palavras lançadas pelo vento.  
A imagem que se vê, imagem nua,  
parece refletir, todo o momento,  
silente solidão triste da lua,  
enquanto o meu soneto eu inda invento.

SP, 09/09/2010

## Velhas Lembranças

Lembro-me de um soneto que dizia  
ser o anão de estatura gigantesca.  
As ruas da cidade percorria,  
pedindo esmola em pose principesca.

À porta de um palácio muito pobre  
viu uma jovem feia, porém bela,  
colhendo rosas negras, cor de cobre,  
no fundo da piscina co' uma vela.

Era um moço bem velho, magro e gordo,  
que andava com sapatos sem ter sola.  
Enquanto ele chorava e também ria,

caminhando, parado, em estibordo,  
a lua lá no céu, como uma bola,  
marcava exatamente meio-dia.

SP, 10/09/2010

## Pinturas

*Para Ruth*

Eu pinto meus planetas coloridos,  
embora sem as cores do Universo.  
Faço questão de vê-los bem vestidos  
com tintas, que mantenho no meu verso.

Eu pinto todos mares de meus sonhos  
também com cores pálidas e estranhas.

Os cantos são alegres, são tristonhos,  
ao virem da minh'alma sem entranhas.

Eu pinto mil planícies, horizontes,  
cujas cores também são diferentes.  
Nelas estão as árvores e os montes,  
que não viram iguais, todas as gentes.

Eu só não pinto a cor do teu olhar,  
mais profundo que o mais profundo mar.

SP, 11/09/2010

### **Eros Grau e a Vida**

Li hoje de manhã um parecer  
por Eros Grau escrito sobre a vida.  
Demonstra que o direito de viver  
todos nós temos, desde concebida.

Com lógica perfeita e matemática,  
contesta os homicidas uterinos,  
que não percebem ser obra fantástica  
o dom que rege todos os destinos.

A partir do zigoto somos seres  
humanos protegidos no direito.

Quaisquer que sejam nossos afazeres,  
temos que lhes mostrar grande respeito.

Só defendem o aborto os tresloucados,  
que já não podem mais ser abortados.

SP, 12/09/2010

### **Nosso Recanto**

*Para Ruth*

Afogaram-se estrelas pelo mar,  
um mar de maresias e sargaços.  
Meu naufrágio se deu no teu olhar,  
que sempre encontro novo nos meus passos.

As saudades se fazem devagar  
dos tempos, que eram nossos os espaços,  
mas continuam fortes sem parar  
meus amores por ti, jamais escassos.

As estrelas e o mar são bem presentes  
em nossa vida inteira, em nosso canto.  
Os dias podem ser tão diferentes,

mas permaneces tu com teu encanto,  
que causa espanto ainda a todas gentes,  
quando iluminas tu nosso recanto.

SP, 13/09/2010

## Os Leões de Marach

Eu hoje falarei sobre o massacre  
do povo armênio sob os otomanos.  
Jamais porá a história qualquer lacre,  
mesmo passados tantos tristes anos.

Eu não entendo como a humanidade  
tolera os holocaustos tantas vezes –  
judeus, armênios, russos, em verdade,  
sofreram tantos anos, todos meses.

Auchwitz, Marach, russos brancos,  
Hiroshima, Ruanda e Nagasaki –  
o sangue derramado por barrancos  
dos governantes não teve destaque.

Que nunca mais tal drama se apresente,  
num mundo que se torne diferente.

SP, 14/09/2010

## Meio-Ambiente

As chuvas, como lágrimas do céu,  
não tombam sobre a rude Paulicéia.  
A cortina de pó torna-se o véu,  
que ao povo triste traz nova Odisseia.

O soldado do tempo sem bornel  
descobre ser São Paulo uma colmeia.

O campo se transforma em fogaréu,  
enquanto a seca o burgo tanto enfeia.

As nações, mais voltadas ao dinheiro,  
pouco se importam com a natureza,  
que se vinga do mundo por inteiro,

o calor espalhando com tristeza,  
fazendo desta terra um só vespeiro  
e da vida tirando-lhe a riqueza.

SP, 15/09/2010

## **Luzio**

Ainda conversamos numa festa  
por ele organizada em mês de junho.  
Com sua triste morte, hoje me resta  
escrever-lhe o soneto em próprio punho.

Alegre, no seu prédio, era o conforto  
de todos os vizinhos, dos amigos.  
Me custa acreditar qu'ele está morto  
e não teremos mais os seus abrigos.

A notícia chegou-me muito cedo  
e senti sua perda imensamente.

Meu amigo de Deus não terá medo,  
tanto bem fez na vida a toda gente.

Morreu o meu caríssimo Luzio  
no fim desta estação, no fim do frio.

SP, 16/09/2010

### Calor

É tão seco o calor desta estação,  
que mesmo no interior eu mal respiro.  
Há muito tempo que o rachado chão  
de fortes chuvas não detém o giro.

O céu cheio de pó cobre o horizonte  
e as árvores exibem só seus galhos.  
A própria água morreu em muita fonte  
e o panorama esconde seus entalhos.

Escrevo, nesta sexta, meu soneto  
sentado, pela tarde, na varanda,  
Não sei onde meu verso eu hoje meto,  
para que a rubra nuvem não se expanda.

Calor, muito calor, na tarde quente,  
que não faz meu escrito indiferente.

Jaguariúna, 17/09/2010

## Desconhecimento

Quantas vezes desci no teu abismo  
sem descobrir jamais se ele tem fundo,  
e quanto mais eu desço, mais eu cismo  
por nele desvendar meu próprio mundo.

O mistério do tempo permanece,  
sem que o penetre a luz do meu farol.  
O conforto eu procuro numa prece  
buscando a lua, mas queimando ao sol.

Pouco sei da verdade, mal conheço  
o que se passa em torno de meu ser.  
Caminho de tropeço, mais tropeço  
pela vida, na senda, até morrer.

Nada sou, nada sei e pouco valho,  
nem mesmo quando faço meu trabalho.

Jaguariúna, 18/09/2010

## Apodrecendo Valores

O Brasil dos políticos de agora  
apodrecido está nos seus valores.  
Escândalos surgidos não tem hora –  
neles se paga bem todos favores.

Não sabem, presidente e sua cria,  
o ocorrido nas salas do Planalto –  
assim dizem ao menos, todo o dia,  
enquanto há no palácio tal assalto.

A parte de tributos que pagamos  
sustenta a camarilha do poder.  
São estes nossos verdadeiros amos,  
esbanjando dinheiro a não se ver.

Lamento que o Brasil de nossos sonhos  
viva momentos mais do que tristonhos.

SP, 19/09/2010

### Cotidiano

Foi ontem o meu neto batizado,  
em comemoração com parcimônia.  
Luciene, Marcos mais Regina ao lado,  
foram padrinhos seus na cerimônia.

Todos netos estavam lá presentes.  
Os avós, pais e amigos lá, também,  
completavam o quadro sem repentes –  
Padre Rodolfo e as freiras nota cem.

Hoje, Claudia ofertou-me um dicionário,  
bem distinto dos outros. Analógico.  
Servirá p'ra auxiliar-me em meu diário,  
que tem de tudo um pouco, mas ilógico.

Assim os dias passam. Continuo  
nas folgas escrevendo, sem amuo.

SP, 20/09/2010

## O Universo e Eu

Do Universo as estrelas sinaleiras  
desventram do negror o seu mistério.  
Seguem cursos deixando nas esteiras  
do tempo sem limites duro império.

Os partos siderais dos astros novos  
são fortes explosões no céu escuro.  
Não sabemos se neles há mais povos  
ou se conosco apenas há futuro.

Nada somos no espaço do Universo,  
uns minúsculos pontos sem valor.  
Desconhecemos tudo o qu' é imerso  
neste infinito frio e com calor.

Se eu quiser ser humilde, devagar  
basta no cosmos por o meu olhar.

SP, 21/09/2010

## Sabedoria

Do cansaço da vida, dia a dia,  
somente nos meus versos refrigério  
encontro, muito embora não diria  
que seja para os outros um mistério.

Acordo de manhã tendo vontade  
de ficar descansando até bem tarde,  
mas levanto sabendo ser verdade  
que só na cama fica o bem covarde.

Enquanto nós vivemos toda a luta  
e na luta do tempo continuar,  
o bom descanso apenas se desfruta  
quando, de vez, o coração parar.

O sábio pouco liga a sua vida,  
esperando seu fim desde a partida.

SP, 22/09/2010

### Sem Tema

Fito a caneta enquanto não escrevo,  
na busca de algum tema inspirador.  
Não parto p'ra saber da sorte um trevo,  
nem uso para tal computador.

De tanto sonetar todos os dias,  
há dias que não tenho inspiração.  
Sejam as noites quentes, sejam frias,  
pois meu estro cansado diz-me não.

Programado, porém, eu não desisto,  
mal escrevendo sobre qualquer tema.  
Não pretendo parar e não resisto,  
eis que escrever assim, est' é meu lema.

A caneta nas mãos, eu uso e fito,  
gerando, no meu mundo, o próprio rito.

SP, 23/09/2010

## Cláudia e Helena

Comemora a família o aniversário  
de minha nora Cláudia, além de Helena.  
Assim faço constar de meu diário  
a alegria que aos meus versos acena.

Cláudia nasceu no dia vinte e quatro,  
mas Helena, porém, em vinte seis,  
Das duas eu componho este retrato,  
pois nascidas que são no mesmo mês.

Nós somos dez mais seis nesta família,  
bem planejada em rígida igualdade.  
Oito mulheres, homens pela trilha  
mais oito são, no amor e na amizade.

À minha nora e neta eu cumprimento,  
com o soneto feito em um momento.

SP, 24/09/2010

## Prestar Contas

*Para Ruth*

Depois de tantos anos, lado a lado,  
chegamos, sem querer, à nossa idade.  
Na longa trajetória do passado,  
sentimos alegria com saudade.

O tempo que nos resta Deus conhece.  
Nossa imagem se torna fugidia

e lançamos ao alto a nossa prece,  
a prece que se faz a cada dia.

O tempo de colheita já se vai.  
O tempo, agora, é de prestar as contas.  
Muito resta chorar a nosso Pai,  
embora para o bem tu bem despontas.

Os céus só se conquistam na inocência,  
ou dos males, fazendo penitência.

SP, 25/09/2010

### **Renovar Forças**

Eu me pergunto às vezes, no trabalho,  
de como suportá-lo, se sou velho.  
Às vezes eu me sinto um espantalho,  
que nem a própria imagem eu espelho.

Às vezes, quando vejo os 3 Poderes,  
tenho vontade de gritar à beça,  
principalmente ao ver pisando seres  
mais pobres, sem que alguém o mal impeça.

Agradecer não é virtude humana,  
aproveitar de tudo é seu perfil.  
A vida é uma corrida tão insana  
e somos nela presos por um fio.

Se desistir eu quero, ao ver tal gente,  
renovo minhas forças – vou em frente.

SP, 26/09/2010

## Sem Aplausos ou Plateia

Muitos fazem seus versos para o mundo,  
na busca dele ter os seus aplausos  
e, quando não os tem, um mal profundo  
transforma seu sofrer *numerus clausus*.

Até mesmo os talentos são sensíveis  
ao reconhecimento dos leitores  
e, quando nele sobem muitos níveis,  
pela vida desfazem-se em amores.

Eu pouco importo do pensar alheio.  
Não faço versos para ter plateia.  
Eu faço versos sempre de permeio,  
como quem busca mel numa colmeia.

Eu faço versos porque necessito,  
seguindo o dia no meu próprio rito.

SP, 27/09/2010

## “Holodeck”

Às vezes, quando sinto-me cansado,  
meu “holodeck” eu crio de aventuras.  
Em naves das jornadas, faço estrado,  
que meu sonhos carrega sem fissuras.

Eu grito, qual Picard, “computador”  
e o cenário almejado descortino  
nos céus, mares, florestas e na cor  
que encontro no pintar desde menino.

E o descanso se faz mesmo em combate,  
com espadas, fuzis e com escudos.  
Meu corcel, na corrida, a todos bate,  
que, ao verem meus “sucessos”, ficam mudos.

Meu verso tem o dom das descobertas,  
tirando-me das praias mais desertas.

SP, 28/09/2010

### Santos Arcanjos

Hoje é dia dos três santos arcanjos,  
de todos nós na vida protetores.  
Mesmo que sejam bons nossos arranjos,  
nós temos, nessa lida, nossas dores.

Felizmente, sabemos ser passagem  
o tempo que vivemos neste mundo.  
De Deus nós recebemos a mensagem  
que o coração nos toca bem no fundo.

Alegria na dor, no sofrimento,  
é forma de viver subindo os mastros,  
lançando nossa nave pelo vento,  
desvendando jornadas pelos astros.

Cada dia que passa é dom divino,  
que descobri nos tempos de menino.

SP, 29/09/2010

## **Fim de Setembro**

A montanha dos meses subo assim  
com sonetos e temas diferentes.  
No passado refiz o meu jardim,  
os meus versos compostos em repentes.

Nono mês nesta agenda, hoje se encerra,  
convivendo em senil melancolia.  
O que se faz de novo pela terra  
meu tempo deixará de ver um dia.

Será melhor o mundo no futuro?  
O progresso trará felicidade?  
Parece, para mim, ser bem escuro  
o caminho de busca da verdade.

Consola-me o conforto de meu Deus,  
de Quem recebo as forças com os meus.

SP, 30/09/2010

## **OUTUBRO**

### **Recomeço**

Meu último trimestre do Diário,  
transformado em sonetos todo o dia,  
O mês de outubro à Virgem do Rosário  
é dedicado. O tempo é de Maria.

Renovo minhas forças na porfia,  
na busca do clarão de um lampadário,  
e sigo caminhando a própria via  
desde os anos remotos do berçário.

Embora limitado, alegre estou,  
vivendo do trabalho, sem dar show  
e sem buscar comendas ou vanglória.

S'elas vem, agradeço, são da idade;  
bobagem é por elas ter vaidade,  
pois sei que nada sou em nossa história.

SP, 01/10/2010

### **Maneco e Carlos**

Disse Dalmo que o Maneco,  
um dia, entrou p'ra Marinha  
e, nos seus versos, fez eco  
de todos sonhos que tinha.

O Carlos quis ser um dia  
feliz como os mais felizes  
e resolveu, na porfia,  
conhecer outros países.

Maneco e Carlos, por mares,  
buscaram mulheres belas,

tinham sonhos aos milhares  
que lançaram das janelas.

Carlos teve o seu amor,  
Maneco só teve dor.

SP, 02/10/2010

### Eleições

Esta manhã chuvosa é de eleição.  
Nós vamos escolher um presidente  
e bem colocaremos nossa mão  
em urna cujo toque é diferente.

É Lula, o mandatário da nação,  
e cabo eleitoral, líder da gente.  
Punido por ferir legislação,  
pouco importou-se e disse “vou em frente”.

Embora seja assim tão imperfeita,  
vivemos sem pressões democracia.  
Sabemos ser a senda tão estreita,

aquela que trilhamos todo dia,  
mas em cada eleição ela é refeita  
e faz à liberdade companhia.

SP, 03/10/2010

## Mundo Estranho

Quantas vezes bati na mesma tecla,  
na busca de encontrar tempos pretéritos.  
Não me tornei do espaço seu assecla,  
nem conquistei na vida muitos méritos.

Nos mares e nas terras sem mensagem,  
mensagem eu coloquei em cada passo,  
e o vento se tornou simples aragem,  
o globo transformando em globo lasso.

Templários, navegantes, cavaleiros,  
astronautas dos céus e seus rincões  
descobrem os meus sonhos nos celeiros,  
entre chuvas com raios e trovões.

O mundo de meus versos, mundo estranho,  
um mundo no qual vivo desde antanho.

SP, 04/10/2010

## Meu Terço

O Cristo de meu terço sobre a mesa  
parece-me dizer estar na cruz,  
em século de avanços e incerteza,  
onde a fé, nos valores, perde luz.

Vale o trabalho só pelo dinheiro  
e o roubo quase nunca é descoberto.

Critica-se o descuido por inteiro,  
jamais o ato. O bem não passa perto.

Como Roma vivia sem moral,  
veio Cristo salvar gente do povo.  
O mundo sofre assim do mesmo mal  
e não gera ao porvir nada de novo.

O Cristo de meu terço sobre a mesa,  
felizmente, pra mim só traz certeza.

SP, 05/10/2010

### **Carla do Nascimento**

Foi hoje um dia bem atribulado,  
com trabalho, consultas mais artigo.  
Fiquei, no telefone, bem chocado  
com a morte da filha de um amigo.

Seu pai é Carlos Valder Nascimento.  
Faleceu muito jovem. Que tristeza!  
Silenciei-me ao ouvi-lo, por momento,  
abatido por tão dura surpresa.

A fila dos que quero, vai veloz  
a caminho dos céus, na eternidade.  
De todos nós a morte é sempre algoz,  
ficando dos que foram a saudade.

Enquanto eu vivo a vida, já sem festa,  
meu verso é aquela voz qu'inda me resta.

SP, 06/10/2010

### **A Virgem do Rosário**

Comemora-se o dia do Rosário  
da Santa Virgem, mãe de Jesus Cristo.  
Quando ostentamos nosso escapulário,  
afastamos os males de Mefisto.

O terço para nós é o bom remédio  
que nos protege, puro, pelo mundo.  
Afasta para longe o próprio tédio  
deste abismo da terra, tão profundo.

Se, no passado, eu olho quantas vezes  
protegeu-me a Senhora Aparecida,  
quantos anos correram, quantos meses,  
e é sempre a mesma Mãe Compadecida.

Eu dediquei-Lhe o terço a vida inteira,  
louvando-A com minh'alma seresteira.

SP, 07/10/2010

## Cavaleiro da Esperança

Cavaleiro de lanças e de espadas  
e de escudos com malhas e armaduras,  
cavalgando, no tempo, cavalgadas  
em cavalo com sela e ferraduras.

Cavaleiro dos sonhos e dos cantos,  
dos jograis e dos versos dos infantes,  
esgrimindo com armas e com mantos  
pelas horas repletas dos instantes.

Cavaleiros das naves e dos astros,  
dos mares, das florestas, dos espaços,  
galopando em corcéis, sem deixar rastros,  
as rédeas segurando com seus braços.

Sou eu, o cavaleiro da esperança,  
que de Deus recebeu a sua herança.

SP, 08/10/2010

## Lua

*Para Ruth*

Branca lua da minha juventude,  
cheia de encanto e cheia de mistério –  
por mais que fosse a mocidade rude,  
sobre meu verso sempre teve império.

A NASA descobriu-a triste e fria  
e os poetas ficaram sem seu tema,  
embora retomassem todo o dia  
algo dela na busca de um poema.

Para mim lembro sempre, quando à noite,  
com saudades d'amada, olhava o céu –  
o vento ora batia como açoite,  
ora a brisa tornava-se seu véu.

Passam-se os anos, mas a mesma lua  
me sinaliza a formosura tua.

Jaguariúna, 09/10/2010

### **Minha Avenida**

Amigos, que têm lido meu diário,  
dizem ver nele mais filosofia,  
como se os versos, peixes num aquário,  
refletissem a cor de cada dia.

Embora fale em Deus e na família,  
no trabalho, na luta e em meu amor,  
parece meu soneto ser vigília  
de um pensamento estoico, mas sem dor.

Talvez de meditar eu goste sim,  
mas gosto de sonhar também bastante –  
os versos são as rosas de um jardim  
que eu rego das alturas de um mirante.

Versejando e pensando eu vivo a vida,  
que formam as calçadas da avenida.

Jaguariúna, 10/10/2010

### **Ponte do Tempo**

Ponte do tempo sobre o tempo escasso,  
rio debaixo cheio de memória,  
sonhos do abismo repassando o espaço  
da rude vida, que se faz ingloria.

Nave do mundo cria a trajetória  
por mornos ares, plenos de mormaço.  
A herança agreste torna-se notória  
e o toque insone gera o toque lasso.

Ponte do espaço sem o espaço lento,  
rio do tempo sem o tempo perto,  
naves da terra sem a terra dentro –

assim eu me transformo num momento,  
descobrimo as areias do deserto,  
que se colocam no meu próprio centro.

Jaguariúna, 11/10/2010

### **O Poeta**

Descobri que jamais ele envelhece,  
o poeta que escreve por amor.

Para os altos o verso torna em prece  
que dá sentido à vida e sua cor.

Nesta idade louvores nada são.  
Pouca importância dá-se ao passageiro.  
Vale apenas o sonho na emoção,  
que perpetua o mundo por inteiro.

Quem versos faz, a terra torna amiga  
e o globo mais tranquilo, mais sereno.  
Assim eu sou, fazendo esta cantiga,  
como se fosse a todos meu aceno.

Sou velho, mas sou jovem, se versejo  
neste caminho bom que sempre vejo.

Jaguariúna, 12/10/2010

### **Ser Advogado**

Sobre a filosofia do escritório,  
conversarei agora com meus pares.  
Advogar não é manter empório  
para que os bens se vendam aos milhares.

Assim nosso primeiro mandamento  
é viver para quem somos patronos.  
Se em nós eles confiam num momento,  
de nós mesmos jamais seremos donos.

Tal compromisso à vida representa  
viver na profissão o tempo inteiro,

sendo a palavra nossa ferramenta,  
tornando permanente o passageiro.

Gostaria de um dia ser lembrado  
como só tendo sido advogado.

SP, 09:45, 13/10/2010

### **Liberdade de Expressão**

Todos estamos num debate aberto,  
falando plenamente em liberdade,  
que não pode jamais ser tema incerto,  
cuja expressão fugir não há quem há de.

D'Urso, Pires da Costa, Marco e Ivete,  
eu mesmo mais Augusto suas beiras –  
nós encontramos sem jogar confete  
aos que não veem n' arte mais fronteiras.

Direito de expressão, claro que sim,  
nunca com agressão em tom ufano.

Democracia torna-se jardim,  
que se rega co' amor ao ser humano.

Merece parabéns nossa OAB,  
nesta luta que igual jamais se vê.

SP, Sala da OAB – Simpósio sobre Liberdade de Expressão, 14/10/2010

## **Dia do Professor**

Confesso que me sinto muito bem  
quando me chamam, todos, professor.  
Não é por ter vaidade como quem  
descubra-se no mundo superior.

Tal bobagem afasto com clareza.  
A alegria que tenho é de ensinar.  
É ver como se marcha da incerteza  
para ter segurança, já no olhar.

A alegria é maior se os estudantes  
ultrapassam o mestre no futuro.  
É ver chegarem eles, inda infantes,  
trocando pelo claro o que era escuro.

Parabenizo os lentes do Brasil,  
que na bandeira traz o céu de anil.

SP, 15/10/2010

## **Do Professor à Esposa**

“Meu amado e querido professor” –  
assim Ruth escreveu. “Muito carinho” –  
disse após no cartão cheio de amor,  
este amor que conduz nosso caminho.

“Beijos. Amo-te muito, muito, muito” –  
terminou seu escrito no presente,  
um “após barba” dado com o intuito  
de demonstrar ser dia diferente.

De professor eu gosto ser chamado,  
mas vindo esta homenagem de quem vem  
o valor é maior, torna-se agrado  
que se transforma num imenso bem.

Querida Ruth, amor da minha vida,  
um amor que nasceu sem ter medida.

SP, 16/10/2010 (escrito hoje, para o dia de ontem, dia do professor)

### **Pensar**

Na correria deste mundo insano,  
muitas vezes eu paro p'ra pensar  
e, no pensar, às vezes eu me engano,  
como se eu fosse ainda um escolar.

Eu gostaria a todos agradar  
dando o meu sangue, como um pelicano  
que os filhos alimenta no sangrar,  
como igual não faria um ser humano.

Porém, o tempo passa e eu mal consigo  
cumprir minha missão como queria.  
Embora estenda a mão ao inimigo,

pouco recebo e mais continuaria  
se já nem mesmo o teu olhar amigo  
entende o meu querer, no dia a dia.

SP, 17/10/2010

## ESG

Cheguei hoje do Rio, após palestra  
em que falei do mundo e do Brasil.  
Esta escola parece ser orquestra,  
tanto é perfeito o curso em seu perfil.

Conhecida por ESG, sua fama  
transcendeu as fronteiras do país,  
mantendo nesta terra a eterna chama  
do civismo a gerar sua matriz.

Eu almocei depois com seu comando  
e com uns bons amigos visitantes.  
Momentos como tais, de quando em quando,  
fazem nascer os sonhos dos infantes.

Falei por horas quatro, em seu cenário,  
e o tema incorporou-se em meu Diário.

SP, 18/10/2010

## Tempo de Agora

De Ruth fiquei longe mais de um dia –  
eu, primeiro, p'ro Rio por ter ido  
e Ruth porque foi para Cotia,  
em retiro que faz sem o marido.

Estamos muito unidos e a distância,  
mesmo pouca, nos traz tanta saudade,  
pois é nosso querer sem arrogância  
e sem ser desigual, malgrado a idade.

Na quinta, voltará de seu retiro  
e seguiremos, juntos, nossa vida  
e os versos comporei, não em papiro,  
mas no seu coração, qu' é minha ermida.

O tempo que se faz tempo de outrora  
é o tempo deste amor, tempo de agora.

SP, 19/10/2010

### **Erisipela**

Descobri novo mal: erisipela.  
Estou com tal problema em minha perna,  
que sobe muito além desta canela  
direita, mas com dor aguda e interna.

Cancelei as palestras para fora,  
reduzi o trabalho uma vez mais –  
declarei eu assim estar em mora,  
aportando meu barco junto ao cais.

Em Deus, mais uma vez, coloco a cura,  
obedecendo aos médicos também.  
Eu não alterarei minha postura,  
pois a calma na dor é um grande bem.

É meu ano p'ra mim de aprendizado,  
embora seja, em tese, complicado.

SP, 20/10/2010

## Senhor do Tempo

Minha consulta foi bem razoável.  
Ciro e Denise não viram piora.  
Em mais uma semana, sendo estável  
o quadro, eu estarei melhor que agora.

Senhor de meus sonetos e da vida,  
Senhor do tempo, assim da eternidade,  
comandas todos nós desde a partida  
até chegada o fim da própria idade.

Basta eu me colocar em Tuas mãos,  
de paz eu sou tomado de imediato.  
Na minh'alma penetras todos vãos  
para nela imprimires Teu retrato.

Malgrado pecador, sabes, Meu Deus,  
de meu amor por Ti, junto dos meus.

SP, 21/10/2010

## Estranha Maré

O mistério da vida quem descobrirá?  
O mistério da idade, o mistério de tudo?  
Nós somos pobres seres vindos para cá,  
sem termos aos mistérios o menor escudo.

Por mais que na razão busquemos soluções,  
por mais que os pensadores tracem seu perfil,  
o mistério penetra todos corações  
e nele a inteligência torna-se senil.

Se somos limitados no que mais importa,  
se pelo raciocínio nada desvendamos,  
e tornam-se, no tempo, sempre coisa morta,  
é que são tais mistérios verdadeiros amos.

Jamais pela razão, mas só por nossa fé,  
podemos navegar nesta estranha maré.

SP, 22/10/2010

### **Ficar do Tempo**

Os rios que percorrem meu sentir  
formam canais de sombras e de luzes,  
como, nas selvas, lembram o tapir  
com cuja força em vida me conduzes.

Os nossos corações são a floresta  
com paz e sentimentos mais selvagens,  
que se agitam e fogem pela fresta  
dos nossos eus, sem outras abordagens.

O panorama interno é muito estranho,  
nos versos procurando refleti-lo.  
Caminham como ovelhas de um rebanho,  
na busca do redil de meu asilo.

O tempo passa, o tempo bem se estica,  
mas um dia, no tempo, o tempo fica.

SP, 23/10/2010

## Fim de Semana

É meu fim de semana de repouso.  
Estou a melhorar da erisipela.  
Faculdades mentais em pleno gozo,  
escrevendo em papel e não em tela.

Redigi uns artigos e prefácio  
p'ra livro de Sampel com bom aceite.  
Depois examinei a tese fácil,  
escrita muito bem por Flávia Leite.

É que o tema é versado em garantias  
aos portadores de defeitos físicos.  
Como carrego os meus, pelas porfias,  
conheço deles mais que os metafísicos.

Na banca eu estarei, mas de antemão  
já tem ela de mim a aprovação.

SP, 24/10/2010

## Amor Próprio e Vaidade

Temos o dom de complicar a vida,  
susceptibilidades são o mal.  
Nosso amor próprio gera uma ferida  
que nunca cicatriza, nem com sal.

Nossas galáxias são já cem bilhões –  
as conhecidas, com bilhões de estrelas.  
O sol, pequena estrela, com explosões  
consegue nossas vidas bem retê-las.

Condenados que somos nós à morte,  
pontos pequenos no universo imenso,  
não percebemos que somente é forte  
quem tais bobagens não lhe deixem tenso.

Quem vaidade não tem, sabedoria  
termina por viver no dia a dia.

SP, 25/10/2010

### **Promessa**

Apesar de sem tema, vou em frente –  
promessa feita assim hei de cumprir.  
A experiência de fato é diferente,  
mesmo que nada sinta em meu sentir.

Os versos faço sem saber por quê.  
Já disse, muitas vezes, no passado.  
Tais versos simples sei que ninguém lê,  
nem eu os leio – ponho de meu lado.

Percebo resistência no escrever.  
Faltando cinco dias e dois meses,  
continuo seguindo este mister,  
que me complica a vida algumas vezes.

Prometo, ao terminar meu calendário,  
que não mais eu farei nenhum diário.

SP, 26/10/2010

## Esquerda Radical

São muitos os meus amigos socialistas,  
mas não os tenho à esquerda radical.  
Os primeiros não são oportunistas,  
os outros aos contrários querem mal.

Democracia faz-se no debate  
e no respeito mútuo da opinião.  
Não há como fazer qualquer resgate,  
pois, com tais cidadãos, o esforço é vão.

Nesta esquerda, que rouba, mente e mata,  
somente a ditadura lhe interessa.  
Mantém, no mundo, a forma caricata  
em cérebro vazio, bem impressa.

Gosto da esquerda, não da “achavezada”,  
que do qu’ é bom não sabe fazer nada.

SP, 27/10/2010

## Luciene

É dia de grande festa  
na cidade Novo Hamburgo.  
A nós, amigos, só resta  
saudá-la de nosso burgo.

Luciene é o nome dela,  
irmã de nora querida.  
Continua sempre bela,  
passem os anos da vida.

Todos nós queremos muito  
sua família do Sul.

Tem, pois, o soneto intuito  
de almejar-lhe um céu azul.

Parabéns, prezada amiga,  
a quem faço esta cantiga.

SP, 28/10/2010

### **Pagando o Preço**

A mesa de trabalho sempre cheia –  
palestras, pareceres, muitas obras.  
Da palavra é difícil ver a veia,  
por mais que eu me desfaça em mil manobras.

Recupero-me bem do mal-estar  
que a moléstia me trouxe há quinze dias.  
Mesmo assim, não parei de trabalhar  
sem reclamos, “spleens” ou agonias.

Continuo a promessa de escrever  
todo o dia um soneto em meu diário.  
Muitas vezes, não sei o que dizer,  
mas não paro no andar do calendário.

Da promessa que fiz desde o começo  
tranquilamente pagarei o preço.

SP, 29/10/2010

## Rachmaninoff

Nesta manhã de sábado bem ouço  
a linda sinfonia deste russo,  
cujo nome meu verso em calabouço  
encarcera sem dó e sem soluço.

Em versos de 10 sílabas seu nome  
não encaixa, pois é Rachmanínoff,  
e a escrita no soneto se consome,  
por eu não desvendar a rima em “ínoff”.

São três as sinfonias que compôs,  
mas ouço, no momento, a prima delas.  
A música não é feijão co' arroz,  
nem os ouvidos nossos desmantelas.

Só tenho agora mais sessenta e dois  
sonetos a escrever para depois.

SP, 30/10/2010

## Meu Espaço

Desci, com escafandro, o mar profundo  
do silêncio que guardo na minh'alma  
e resto, nos meus sonhos, moribundo,  
na espera do sorrir que não espalma.

No abismo em que caminho, lá no fundo,  
não sei como encontrar da vida a palma,  
mas busco desvendar o qu' é fecundo,  
sem desespero e sim com muita calma.

Na escuridão das águas descobertas,  
esgrimo meu negror a cada passo,  
e vejo nas viseiras não abertas

como me torno, pouco a pouco, lasso,  
mal afastando as pálidas e incertas  
ideias que completam meu espaço.

SP, 31/10/2010

## NOVEMBRO

### A Face de Deus

Nada sou, nada tenho, nada valho.  
Em algum tempo mais eu serei pó,  
mas, por enquanto, vou no meu trabalho  
a cumprir a missão, que faço só.

As glórias não as tive, nem as quis,  
embora, muitas vezes, bem tangentes  
passaram, mas senti-me mais feliz  
na busca de caminhos diferentes.

É difícil encontrar o que Deus quer  
de cada filho seu por este mundo.  
Eu a família amei, minha mulher  
e creio que este amor nasceu fecundo.

Um dia chegarei ao desenlace,  
em que poderei ver de Deus a face.

SP, 01/11/2010

## O Velho Jovem

A velhice me torna sempre jovem,  
a idade não macula estes meus sonhos.  
As esperanças sempre me comovem,  
apesar de meus atos tão bisonhos.

De gritar pela terra tenho força,  
de sonhar pela vida continuo.  
A verdade, porém, que ninguém torça,  
visto que, em mim, conforma-se num duo.

Eu descobro no abismo deste mundo  
as águas noturnais de meu passado.  
Meu abismo jamais teve algum fundo,  
nem jamais o deixei ficar de lado.

Sou velho, mas sou jovem, nesta luta,  
em que rejoy um coral sem ter batuta.

SP, 02/11/2010

## O Tempo em Camões

“O tempo acaba o ano, o mês e a hora” –  
disse Camões de vez, em certo dia.  
Na agenda de Marluce eu li agora –  
nela esta quadra impressa em sesmaria.

“O tempo o mesmo tempo de si chora” –  
o verso tem mistério e fantasia,  
o tempo que me foge, muito embora,  
por mais que eu o procure, fugiria.

“A força, a arte, a manha, a fortaleza” –  
o tempo tudo acaba, nada resta  
se não após a glória, só tristeza,

pois, quando finda o tempo, qu'ê de festa,  
“O tempo acaba a fama e a riqueza” –  
e, por fim, põe a cruz em nossa testa.

SP, 03/11/2010

### Soneto em Aço

Neste encanto do tempo que refaço,  
minha vida descobre a cada passo.  
Subo monte e colinas sem espaço,  
caminhando na sombra e no mormaço.

Pela idade me sinto bem mais lasso,  
mas os sonhos forjados são em aço.  
O futuro não vejo, pois embaço  
o tempo que se faz tão mais escasso.

Como um cowboy, as nuvens eu as laço,  
e minha amada em luzes eu enlaço.  
Mantenho minha espada junto ao braço

e, ao rimar meus versos só em aço,  
procuro a inspiração, que há muito caço,  
e que morreu atrás do meu cansaço.

SP, 04/11/2010

## Para a Turma de 58

Temos oito mais cinquenta  
em nossa turma de amigos,  
mas nesta tarde cinzenta  
aqui nós temos abrigos.

Todos somos estudantes  
do Largo de São Francisco –  
vivemos tal como dantes,  
criando nosso obelisco.

Volto a ser inda menino,  
com meus colegas de classe –  
todos têm o seu destino,  
todos têm a mesma face.

Que eu viva sempre esta vida,  
com minha turma querida.

SP, 05/11/2010 (tarde)  
(Associação Ex-Alunos)

## Teu Encanto

*Para Ruth*

Muitas vezes, estando de teu lado,  
eu me sinto orgulhoso e agradecido  
a meu Deus por estar enamorado  
e por ti ter a vida seu sentido.

Muitas vezes, eu olho o teu olhar  
e teu olhar conforta-me a existência.

Tem a cor quase verde d'alto mar  
e o mistério profundo em sua essência.

Muitas vezes, pergunto-me na luta  
se a praia de teu porto é que a suporta.  
Meu universo a sua voz escuta,  
por ser do nosso amor a santa porta.

Muitas vezes, descubro teu encanto,  
que há tanto tempo exalto no meu canto.

SP, 06/11/2010

### **A Própria Idade**

Apesar d'inda muito trabalhar  
nestes diversos campos em que atuo,  
procurando manter-me sempre a par  
nesta luta que faço sem recuo,

confesso que me agrada estar em casa,  
ouvindo boa música ou leitura,  
eu tendo das melhores, que extravasa,  
de longe meu sentido de aventura.

Eu me divirto ao ver o sofrimento  
dos que buscam a glória ou ter dinheiro.  
Não percebem que basta um só momento  
p'ra tudo se perder num fogareiro.

O tempo bem me traz tranquilidade,  
em que sei o valor da própria idade.

SP, 07/11/2010

## Em Busca de Ruth

*Lembrando os primeiros tempos*

A vós estes meus versos dissonantes,  
Senhora, vos dedico humildemente.  
Por vós, se em não vos vendo indiferente,  
razão de amigas vossas, desde infantes.

De vós nobre perfil a vossa gente  
a mim vos me traçou em diamantes –  
como igual não guardara aos tempos dantes,  
retrato retratado mais ardente.

Mas se em mim vossa vista mal me veja,  
eu a vós vossa vista ver não sonho,  
que a vossa vista a minha desconheça,

que se a minha na vossa ver-se almeja –  
como os versos que a vós eu vos componho,  
creio ver eu a vós nunca mereça.

SP, 08/11/2010

## Um Dia Cansativo

Um dia de trabalho cansativo  
tal qual outros, talvez um pouco mais.  
Um parecer difícil sem arquivo,  
precedente ou doutrina nos anais.

Consultas respondi bem pessoais,  
nenhuma delas sendo decisivo.  
Às vezes digo a mim: “Isto é demais”,  
porém mantenho em dia meu sorriso.

A pergunta que ao tempo sempre faço:  
“Qual é o tempo em que parar eu devo?”,  
pois não encontro no meu tempo espaço

e, mesmo quando estou em puro enlevo,  
não esqueço que marco o mesmo passo  
da mesma forma que o soneto escrevo.

SP, 09/11/2010

### **Tempos de Antanho**

*Para Ruth*

Em um penhasco, longe deste mundo,  
eu gostaria de viver contigo –  
sentir de teu olhar o beijo amigo,  
no idílio indefinido mais profundo.

Seria imenso o nosso rude abrigo,  
quando, à noite, o luar tão vagabundo,  
calmo, ao bramir do mar, verde e iracundo,  
livrasse-nos de um dia sem perigo.

Haveria de a vida ser mais linda,  
haveria de o tempo não ser nada,  
haveria de haver felicidade,

e logo que uma vida fosse finda,  
seguida iria pela mesma estrada,  
tanto é formoso o amor se sem vaidade.

SP, 10/11/2010

## Tempos de Agora

Eu ontem escrevi versos d'antanho,  
lembrando quando Ruth eu procurava  
conquistar, apesar de ser estranho  
como era já minh'alma sua escrava.

Mas, hoje, Jô ligou-me p'ra dizer  
que entendeu porque gosto tanto dela.  
Apresentei-lhe, em "show" de bem se ver,  
dizendo ser p'ra mim sempre a mais bela.

Temos os dois a mesma longa idade –  
são três quartos de um século passados.  
Descobrimos no amor nossa verdade,  
como se fôssemos recém-casados.

Quanto mais nós vivemos neste mundo,  
mais o amor torna o tempo mais profundo.

SP, 11/11/2010

## Sem Tema

*Para Renato*

Eu olho meu papel, olho a caneta  
e verso de uma folha em parecer,  
que dei contando o tempo em ampulheta  
pelo muito que tenho que escrever.

Acordo todo o dia às cinco e dez  
e durmo quase sempre à meia-noite.

O sono eu venço sempre com cafés  
quando ele me vergasta como açoitado.

Eu olho p'ra caneta e pro papel  
e sem tema versejo como meta.  
Disse Renato, em versos sem pincel,  
ter acordado de manhã poeta.

Lygia Fagundes viu no seu poema  
imensa inspiração... Falta-me tema.

Santana de Parnaíba, 12/11/2010

### **Calma Interior**

Sempre que desce o frio na cidade  
o cinza toma conta desta selva  
de pedra assim formada sem idade,  
e que há muito perdeu a cor da relva.  
Almas ficam também de tom cinzento,  
acompanhando o ritmo gelado.

Parecem esquecer do bom momento  
em que o calor se fez seu aliado.

Somente o que se põe do tempo acima  
co'o tempo não se importa, frio ou quente.  
É como se no verso sempre rima  
tivesse para tudo e diferente.

Quando encontramos cinza pela vida,  
na calma estancaremos a ferida.

Santana de Parnaíba, 13/11/2010

## Imensa Avenida

As flores que eu vislumbro da janela  
de meu quarto na casa de retiro,  
cuja parede em frente de amarela,  
colore a tarde cinza em que respiro.

A lembrança que tenho sempre dela,  
seu olhar que na vida eu admiro  
e que faz para mim ser a mais bela,  
pois que saudoso torna o meu suspiro.

Tudo me leva crer que nesta vida  
quem Deus procura encontra seu caminho,  
onde jamais o amor tem a medida,

pois quem Dele recebe seu carinho  
a imensidão desvenda em avenida,  
onde a verdade eterna faz seu ninho.

SP, 14/11/2010

## Nenhum Talento

Não consigo mais ler meus próprios versos –  
cansei-me de escrever por escrever.

Os temas no vazio são imersos  
e não sei mais que sei no meu saber.

Na minha teimosia, desistir  
não ousa, pois promessa tem seu preço.

Infelizmente, falta-me o elixir  
que dê-me as mesmas forças do começo.

Mas continuo o rumo sem ter rumo,  
marchando o mesmo passo dos sem passo,  
e a inspiração assim eu a resumo  
neste nada que faço e que desfaço.

Quanto mais os sonetos eu os cismo,  
menos talento encontro em seu abismo.

SP, 15/11/2010

### **Tolkien e a Mulher**

Tolkien falou do mal que a Idade Média  
causou ao da mulher fazer a imagem,  
tornando-a pura e nobre, eis que a tragédia  
é não corresponder a tal miragem.

Disse ser a mulher a companheira  
que nos serve a viver nosso naufrágio.  
Segue sempre do lado nossa esteira,  
como se a vida fosse um mau estágio.

Discordo. Para mim, a minha amada  
tem a beleza própria das donzelas  
que a idade não altera na escalada,  
pois, para mim, é bela entre as mais belas.

Há tantos anos nos amamos tanto,  
que tanto amor não cabe neste canto.

SP, 16/11/2010

## Em Busca da Verdade

Eu volto a ser o velho cavaleiro  
dos sonhos esgrimidos pelo mundo.  
Eu volto a caminhar no meu sendeiro,  
em ponte que atravessa o mar profundo.

Meu cavalo tem asas pelas costas  
e percorre os espaços siderais,  
descendo no Universo por encostas  
sem ver as armaduras nos varais.

A espada que eu carrego sempre usada  
foi na vida, que crio nos meus versos.  
Ao lado sempre está na caminhada,  
sendo brandida aos toques mais diversos.

Eu sou o cavaleiro sem idade,  
na busca permanente da verdade.

SP, 17/11/2010

## Sem Talento e sem Encanto

Escrevo mais este cromo  
para cumprir a promessa.  
O meu verso eu nunca domo,  
nem na prosa sou um Eça.

Após este são mais três  
somados com mais quarenta  
sonetos que, cada vez,  
comporei de forma lenta.

Hoje, saudarei Peluso  
no meu Centro de Extensão.  
Faço do tema bom uso,  
saudarei de coração.

Assim concludo meu canto,  
sem talento e sem encanto.

SP, 18/11/2010

### **Sem Parar**

Esta semana de trabalho pleno,  
com palestra na quarta no Edilberto.  
Após um bom almoço em boa cena,  
na quinta 6 palestras, sem tom certo.

Na sexta meu Simpósio de tributos,  
com Peluso, Zé Carlos, muito cheio.  
Todos meus trabalharam p'ra tais frutos,  
não dividindo a meta pelo meio.

E à noite, bem cansado, descansei  
assistindo Jornada nas Estrelas.  
Com isto vou fazendo minha lei,  
apesar destas naves nunca vê-las.

Sem parar, continuo... sem parar  
nesta agenda que tem o azul do mar.

SP, 19/11/2010

## Humana Luta

Quando leio os jornais com más notícias  
e políticos ávidos de cargos,  
na busca de poder e das delícias,  
que produzem p'ra nós frutos amargos;

quando estes condenados para a morte  
pensam serem eternos pela vida,  
sem perceberem que no mundo é forte  
quem sabe fraco ser desde a partida;

quando tais párias são autoridade  
e se julgam melhores do que o povo,  
servindo-se de toda a sociedade  
sem nada oferecer de bom ou novo,

descubro ter a pobre humana gente  
muito de louca e pouco de prudente.

SP, 20/11/2010

## Ruth

Esta manhã de sol bem preludia  
que chuva nós teremos pela tarde.

No calor abafado deste dia,  
até no peito meu respirar arde.

O tempo vai mudando sem alarde  
e o cinza ganha sua autonomia.  
O céu escurecendo, por covarde,  
retirá de todos a alegria.

O coração se faz bem apertado  
quando fica do tempo prisioneiro.  
Parece nunca ter do esquerdo lado

a calma qu' é comum ao caminheiro.  
Eu tenho, felizmente, um principado  
em que de ti eu sou o cancionero.

SP, 21/11/2010

### **Batalha Desigual**

Uma vez mais eu sigo de aeroplano,  
agora sendo apenas um jatinho.  
Irei para palestra de decano  
em seminário longe do caminho.

Será na capital Belo Horizonte  
e falarei de novo em tributário.  
Eu tenho, há meio século, tal fonte  
de luta permanente contra o Erário.

De rejeição a norma de tributos  
eu defendi no meu doutoramento.

Somente p'ro governo ela dá frutos  
e sempre é para o povo agro tormento.

Batalha desigual, mas continuo,  
sem armas, mas também sem ter recuo.

SP, 22/11/2010

### **Amor Tão Grande**

*Para Ruth*

Não consigo parar de te querer,  
não consigo cansar-me de te olhar.  
Tu enches de alegria o meu viver,  
neste amor mais imenso do que o mar.

O tempo para mim não tem espaço,  
o espaço de meu tempo é teu encanto.  
Há mais de meio século teu passo  
eu sigo, enamorado, no meu canto.

Ao contigo tomar nosso café,  
mirando-te, serena e carinhosa,  
percebi, na paixão, a minha fé  
nos versos que te faço, sem ter glosa.

Amor de meu amor, amor tão grande  
que no mundo não há quem o abrande.

SP, 23/11/2010

## Patrícia

Minha afilhada Patrícia  
almoçou ontem conosco.  
Eu hoje dou a notícia,  
neste cromo muito tosco.

Merecia melhor verso  
nossa afilhada querida,  
mas escrever controverso  
é próprio da própria vida.

Eu e Ruth bem felizes  
ficamos por tê-la assim,  
neste encontro sem deslizes,  
como rosa num jardim.

Foi muito bom este almoço,  
com calma e sem alvoroço.

SP, 24/11/2010

## Seu Carinho

Eu tive um dia longo, uma vez mais  
consultas, pareceres e a visita  
que à Folha nós fizemos. Foi demais,  
esperando que o encontro se repita.

Amanhã estarei no Tribunal,  
sustentando questão bem complicada.

Desvendo nestes tempos o sinal  
que me leva, na vida, em escalada.

Trabalho muito o tenho todo o dia,  
e volto toda a noite bem cansado.  
Busco, então, escrever na minha via,  
que se encontra bem junto de meu lado.

Mais um dia sem tema é meu caminho,  
o qual percorro à luz de seu carinho.

SP, 25/11/2010

### No TRF 3ª Região

Aguardando eu estou no Tribunal,  
a fim de sustentar minhas razões.  
Eu não tenho dos médicos aval  
neste trabalho amargo de questões.

Eu me protejo usando da bengala,  
que conforto me dá em tais momentos.  
Todo o processo eu não carrego em mala,  
mas em pasta, pois tenho os passos lentos.

Eu ouço, antes da minha, outra defesa  
contra a sanha do Fisco e da Receita.  
Neste país, o Estado é quem mais lesa  
e sempre é quem de tudo se aproveita.

Uma outra haverá antes da minha,  
pois a Justiça injusta assim caminha.

SP, 26/11/2010

### **Por Vir**

Quando o poder distorce o qu' é verdade  
e manipula o povo como quer,  
quando a Justiça perde identidade,  
sem balança e sem ser deusa mulher;

quando se busca cargos como abutre  
sobre a carniça pútrida do Estado,  
quando o governo fétido se nutre  
das gentes no seu gesto desalmado;

quando a esperança morre no horizonte  
e os donos do poder gargalham tanto,  
pois no sangue do povo têm a fonte  
de benesses, tal Nero no seu canto,

só nos resta lutar sem desistir,  
com um sonho vestido do porvir.

SP, 27/11/2010

## Choque de Gerações

Dos jovens todos tempos são distintos  
daqueles que vivemos quando moços.  
Os nossos tempos são tempos extintos  
qu'inda curtimos bem sem alvoroço.

Às vezes criticamos o seu jeito,  
esquecendo que moços nós já fomos.  
Parecem nunca ter qualquer respeito  
nos vendo como embolorados tomos.

A mocidade está assim perdida  
na imagem que fazemos sempre dela.  
Bem perto estamos nós da despedida,  
mas eles sentem sempre a vida bela.

As gerações em choque permanente  
não tornam este mundo diferente.

SP, 28/II/2010

## Segunda-Feira

Um nov'ano litúrgico começa,  
num domingo que foi ensolarado.  
Os dias que parecem não ter pressa  
são rápidos demais para o meu lado.

Também eu comemoro no diário  
a primeira nascida Prelazia,  
que, em sua fundação, aniversário  
eu brindei com amor mais alegria.

Eu, hoje, já falei sobre tributos,  
em Congresso repleto de colegas.  
Sempre que falo penso que bons frutos  
nas micros eu consigo e nunca megas.

Nesta segunda, o verso assim termino,  
com ares que mantenho de menino.

SP, 29/11/2010

### **Agradecimento**

Na minha idade ter a companheira,  
que sempre demonstrou tanto carinho  
e que ao meu lado esteve a vida inteira,  
caminhando comigo igual caminho –

na minha idade ter minha família,  
meus filhos, genro, nora e mais 6 netos,  
que seguem do Senhor a mesma trilha,  
com sonhos que se tornam sempre retos –

na minha idade ter sempre suporte  
de todos companheiros de trabalho  
e a amizade jamais sofrer um corte,  
valorizando a mim mais do que valho,

só posso agradecer, em cada dia,  
à Deus e à Sua Mãe, Virgem Maria.

SP, 30/11/2010

# DEZEMBRO

## Os Conselhos de Fernando

Disse “Para ser grande, sê inteiro”,  
Fernando, em mês Dezembro, nesta agenda.

“Nada teu exagera”, caminheiro,  
“Ou exclui”, pela vida em oferenda.

“Sê todo em cada coisa” continua,  
sinalizando a estrada no seu mundo.  
Nossa alma se transforma toda nua,  
buscando um desempenho mais profundo.

“Põe quanto és no mínimo que fazes” –  
ao final aconselha o grande vate  
para enfrentar, por serem tão vorazes,  
as cruces e os espinhos em combate.

Pouco importa o sucesso, importa a luta,  
pois só quem nela está vida desfruta.

SP, 01/12/2010

## Esperando o Deus Menino

Não poucas vezes penso no Meu Deus,  
que mesmo nos meus erros é presente,  
esperando trazer-me para os Seus  
e fazer-me melhor e diferente.

Entre o que sou e o santo que eu desejo  
um abismo profundo é posto assim.  
De Sua Mãe, porém, maternal beijo  
protege-me dos outros e de mim.

Os momentos que levo a Meu Senhor  
pelos dias asfaltam meu caminho.  
Se me entristeço às vezes, Seu Amor  
minha tristeza afasta com carinho.

Nestas semanas, traço meu destino  
na esperança de ver o Deus-Menino.

SP, 02/12/2010

### **Cavaleiro de Lanças E de Espadas**

Nasceu com coração franco e guerreiro,  
com sonhos no seu peito de valente.  
Tornou-se pelo tempo cavaleiro,  
na defesa da terra e sua gente.

Desde sempre lutou com esperança,  
contra aqueles que tinham-na perdido,  
seja nas tempestades ou bonança –  
nos combates jamais restou vencido.

Foi templário, foi rei, foi navegante  
com caravelas, cardos e cavalos.

Mantinh'alma de herói como de infante,  
e nas mãos das batalhas tinha calos.

Cavaleiro de lanças e de espadas,  
cavalgou o infinito por estradas.

SP, 03/12/2010

### **Valer a Pena**

Todos os dias tiram-me da vida  
um pouco deste tempo que me resta.

A certeza da morte pela lida  
não me traz desespero, nem é festa.

Nascemos condenados a morrer,  
mas muitos vivem sem nisto pensar.

Parecem, pelo agir, eternos ser  
e bem mais permanentes do que o mar.

Ter glória, ter sucesso, ter dinheiro –  
o mundo aproveitar, pouco importando  
com os que sofre'ao lado, por inteiro –  
transforma-se em seu fim, mas até quando?

Não ser assim, manter a alma serena  
é fazer com que a vida valha a pena.

SP, 04/12/2010

## Sem Ressentimento

Uma vez mais com Ruth conversava,  
no café da manhã, neste domingo.  
Como fica no mundo a gente escrava  
dos ódios e paixões ou choramingo.

Todos querem o mundo à semelhança  
do que são, ou melhor que pensam ser,  
e descambam no tempo e nesta andança,  
sofrendo por um bem ou mal querer.

Tão curta a vida e tempo tão perdido  
em calúnias, infâmia ou mexerico.  
Desta existência perdem seu sentido  
que, por mais que eu perceba, não explico.

Como é boa esta vida sem tormento,  
se soubermos não ter ressentimento.

SP, 05/12/2010

## Cristina Frias

Hoje, foi publicada pela Folha  
notícia de meus versos, em rotina,  
pois os escrevo sem ter muita escolha,  
o que, no seu jornal, disse a Cristina.

Eu tenho pelas duas bem querer,  
a quem a agenda deu, Marluce Dias,  
e o mercado quem faz transparecer  
nos seus escritos bons, Cristina Frias.

A frase que, com Saulo, nós cunhamos  
“A profissão é o ‘bico’ do poeta”.  
É verdade, pois versos são os amos,  
que nos fazem cumprir a nossa meta.

Do velho Frias, meu querido amigo,  
lembrei-me uma vez mais, aqui comigo.

SP, 06/12/2010

### **Minhas Baladas**

Escrevo, rapidamente,  
a redondilha do dia.  
Não se torna diferente,  
pois, se não, não a faria.

A maratona parece  
chegando estar a seu fim.  
Com vontade e muita prece,  
eu vou me arrastando assim.

Faltam-me quatro mais vinte  
sonetos para encerrar,  
sem foguetes ou requinte,  
nesta agenda cor de mar,

as promessas tresloucadas  
de compor minhas baladas.

SP, 07/12/2010

## **Juros Altos**

Comemoramos, hoje, Imaculada,  
sendo, porém, o dia da Justiça.  
Eu quase chego ao fim desta jornada,  
pela manhã tendo assistido à Missa.

Estou em reunião de meu Conselho,  
na Fecomercio e mais dois assessores.  
Nos dados oficiais eu não me espelho,  
otimistas demais são suas cores.

Os juros não serão mais acrescidos  
pelo Copon p'ra gáudio das empresas.  
Distantes já se vão antigos idos,  
sem juros escorchantes sobre as mesas.

Espero que a senhora Presidente,  
nesta matéria, seja diferente.

SP, 08/12/2010

## **Esperando o Natal**

Agrada-me este tempo qu' é de espera  
da vinda do Senhor, Meu Deus Menino.  
A cidade recende primavera,  
iluminando o povo e seu destino.

As luzes e os enfeites da Paulista  
deslumbram, pelas cores, os meus netos.

Não há quem, lá passando sua vista,  
não se embeba de sonhos indiscretos.

O tempo qu' é de espera é de esperança,  
um tempo que se veste de alegria.  
Voltamos a viver como criança  
no caminhar das horas, todo dia.

Meus sonetos penduro-os em varal,  
que na minh' alma estendo pro natal.

SP, 09/12/2010

### **Duas Falas**

Mais um dia corrido, duas falas,  
no congresso do Paulo e no meu Centro.  
Eu jamais disse "Por que não te calas?",  
como o rei colocou goela adentro.

Era Chávez, o pobre apalhaçado,  
que preside um país de gente boa.  
Diz besteira diária a todo lado,  
como um moleque louco que destoa.

Na primeira falei só de tributos,  
na segunda falei só do Brasil.

Os meus dizeres foram mais enxutos,  
mas os maus ataquei em tom viril.

Tomei, pelo jantar, taça de vinho  
e continuei assim o meu caminho.

SP, 10/12/2010

### **Nova Operação**

Sofreu a minha neta vez terceira  
com sete meses nova operação.  
Ficamos nós, os dois, da cama à beira,  
eu e Regina, segurando a mão.

Todos os netos querem Daniela  
como a joia a mais linda da família.  
Dão-lhe carinho, acham-na tão bela,  
de Marcos e Regina a doce filha.

Fiquei toda a manhã pelo hospital  
para as duas fazendo companhia.  
Minha cidade vive o pré-Natal  
e o povo mostra o rosto na alegria.

Todos nós esperamos Deus menino,  
para bem conformar nosso destino.

SP, 11/12/2010

## Soldado

Eis que sou pelo tempo navegante  
da Virgem protegido em Guadalupe,  
venço espaços, tormentos desde infante,  
sem que o barco da vida me preocupe.

Eu sou aquele que viveu sonhando  
um mundo que será mundo futuro  
e, apesar de perder, de quando em quando  
meu íntimo jamais tornou-se escuro.

Eu sou forte, malgrado esta fraqueza,  
que a idade conformou n'alma serena,  
pois tenho, no lutar, plena certeza  
que o lutar é o que sempre vale a pena.

Eu sou aquele que nasceu soldado  
de meu Senhor, na cruz crucificado.

SP, 12/12/2010

## Um Pouco de Tudo

Hoje vim de São Paulo p'ra Campinas,  
em carro com chofer na Bandeirantes.  
De teus olhos lembrei-me das meninas  
e do Renato em rota de elefantes.

Índia para lá voa este meu filho  
e minha esposa vai a um oculista.  
Eu não conversarei de afogadilho  
com este bom prefeito, qu' é petista.

P<sup>o</sup>ro Poder o direito não existe.  
O povo mais parece ser escravo.  
Ao peso de tributos não resiste –  
contra a injustiça tem que se ser bravo.

Chegando estou ao reino de andorinhas,  
ao qual, há muito tempo, tanto vinhas.

Campinas, 13/12/2010

### **Pobre Lenda**

Mais um dia de luta e de trabalho,  
embora muito perto do Natal.  
Malgrado sorridente, um espantinho  
pareço enquanto chego ao final.

O cansaço do corpo, não da mente,  
permite ser no esforço superado.  
É lento o passo, não indiferente,  
e caminho na vida sem enfado.

Não me importar com nada, mas em tudo  
colocar a vontade sempre reta.  
Talvez seja, no mundo, o bom escudo  
que me possa levar à minha meta.

Mais um dia que corre nesta agenda,  
em que construo a minha pobre lenda.

SP, 14/12/2010

## A História e os Ditadores

Inútil discutir com quem comanda.  
Se tem força, com lei nunca se importa.  
Sua ação sempre torna-se nefanda –  
somente pro seu bem abre-se a porta.

Seu bem, porém, transforma-se no mal  
aos que conduz, com raiva e com despeito.  
As leis, que modifica sem aval,  
ficam na história, sem qualquer respeito.

O tempo é que define seu valor.  
Ditadores tem seu perfil rasgado,  
e são lembrados, pálidos sem cor,  
quais monstros ou palhaços do passado.

Chávez, Fidel, Teixeira assim terão  
no mundo a corretíssima versão.

SP, 15/12/2010

## Eu Infante

Meu ano acaba, volto a ser menino –  
encantos descobrindo pela lua,  
meus papagaios lúdicos empino,  
enquanto elevo aos céus minh'alma nua.

Retorno, no rever de meu destino,  
ao moleque que andava pela rua,  
sonhando sonhos mil em desatino,  
sem nunca perceber que a vida é crua.

Meu passado repasso num instante  
e meu presente engolfo no futuro,  
que se torna de mais em mais incerto,

mas que não tira o brilho de eu infante,  
que fazia ser claro o que era escuro  
e plantava jardins pelo deserto.

SP, 16/12/2010

### **Pago o Preço**

Não mais escreverei no meu diário  
soneto sobre o mundo do trabalho.  
Chegando está ao fim meu calendário,  
em que todo o meu dia eu o retalho.

Falta bem pouco para esta promessa  
eu cumprir com Marluce, estando a esmo.  
Na minha idade nunca se tem pressa  
e sigo meu caminho, sempre o mesmo.

Enfrentar os problemas na velhice  
é difícil por força da fraqueza,  
e de certo crescer de esquisitice,  
que decorre da lida e da incerteza.

Eu não sei se o que sou eu bem mereço,  
mas sei que nesta vida pago o preço.

SP, 17/12/2010

## Teu Olhar

*Para Ruth*

Eu sinto na caneta minha espada  
e o campo de batalha no papel.  
A fortaleza segue amuralhada  
na mesa de trabalho, qu' é meu céu.

As curvas e os degraus subo na escada,  
lutando nesta Torre de Babel.  
Esgrimo mil palavras na sacada,  
cavaleiro que marcha sem bornel.

Tenho o lenço que lembra-me da amada,  
cujo rosto do tempo tem o véu.  
Mostro a lança que vem de uma cruzada –

da qual eu escapei sem ser seu réu –  
e vejo, no horizonte da alvorada,  
Teu doce olhar, tão doce quanto o mel.

SP, 18/12/2010

## Lembranças de Mim Mesmo

Fujo do tempo pela escada estreita,  
pé ante pé, descendo meu abismo,  
e meu cansaço nesta vida deita  
em seu fundo negror tudo o que cismo.

Fujo do tempo, o tempo descobrindo  
nos novos panoramas de mim mesmo,

e há vagas de silêncio me seguindo  
pela escada em ferrugem de meu esmo.

Fujo do tempo em busca d'outro mundo  
e sinto-me perdido na descida –  
o fosso lá de baixo é tão profundo,  
que não o descerei numa só vida.

Fujo do tempo e o tempo continua,  
descendo meu abismo em rocha nua.

SP, 19/12/2010

### **Guilherme e Eu**

Disse, uma vez, Guilherme, em um artigo,  
a sala em que escrevia ser recanto  
mais amplo do que o mundo, pois consigo  
não havia limites a seu canto.

Alegrava-se quando pela escada  
ao sótão do trabalho ele subia.  
Fazia nele sua barricada  
e de lá controlava todo o dia.

Mas, ao descer, Guilherme, com tristeza,  
via o mundo menor de que seu verso –  
era um mundo repleto de incerteza,  
muitas vezes na dor estando imerso.

Sem seu talento, eu sinto a minha sala,  
o local onde visto-me de gala.

SP, 20/12/2010

## Crepúsculo do Sono

Sob o teto do tempo, vejo o espaço.  
Sobre o teto do tempo, a eternidade.  
Pela trilha da vida, passo a passo,  
eu caminho na busca da verdade.

As estrelas do sonho mal enlaço,  
mas saber enlaçá-las bem que há de?  
O temporal do mundo faz-se escasso,  
por esta contenção própria da idade.

Ao respirar, às vezes, eu embaço  
as praias do passado e da saudade,  
em que descubro e sinto, no mormaço,

este vazio inútil da vaidade,  
que, felizmente, afasto do que faço –  
crepúsculo do sono que me invade.

SP, 21/12/2010

## 22 de Dezembro

Neste Dezembro, mês de muita chuva  
e caos nas ruas, rotas e nos ares.  
Parece estar calçando negra luva  
o céu, em movimentos pendulares.

Encerro mais um ano diferente  
de todos que vivi por esta vida.

Dos políticos sou sempre descrente,  
mas luto contra o mal desde a partida.

Os sonetos que faço estão no fim.  
Confesso-me espantado em tê-los feito.  
Nem sempre em escrever estava a fim,  
mas à promessa eu tenho meu respeito.

Vinte e dois de Dezembro, eis os meus versos,  
nos quais todos meus sonhos são imersos.

SP, 22/12/2010

### **Não Parar**

Apesar de estar próximo o Natal,  
de trabalhar não paro um só instante.  
Nunca sei se trabalho bem ou mal,  
porém sigo, ao fazê-lo, sempre avante.

As confissões que teço sobre a vida  
completam meu esforço nunca em vão.  
O mundo para todos é corrida,  
que nos exige sempre coração.

Foi mais um dia louco e sem descanso,  
que cavalguei num potro não domado.

Mas mesmo assim estes meus versos lanço,  
neste diário, sendo meu recado.

Bem decidido estou de não parar,  
na minha agenda com a cor do mar.

SP, 23/12/2010

### **Namoro: 57 Anos**

24 de Dezembro,  
namoro em 53.  
Desta data bem me lembro,  
mudou-me a vida de vez.

As coisas que muito gosto,  
às vezes deixo de lado,  
para não causar desgosto  
a quem é meu ser amado.

Muitas coisas que desejas,  
de lado também tu deixas,  
para serem benfazejas  
as caminhadas sem pechas.

Tu és sempre tão querida,  
meu amor de toda a vida.

SP, 24/12/2010

## Natal

A noite foi esplêndida em família.  
Telefonaram filhos lá de fora  
pois os de cá estavam na vigília,  
de Cristo, de José e da Senhora.

Regina, Marcos, mais os cinco netos,  
Carmen, João Carlos, Paula com Marcelo,  
filhos, Mileo, Luzia, bem discretos,  
todos conosco em versos que cinzelo.

Minha amada abraçou-me à meia noite.  
Comemoramos, todos, o Natal.  
O vento serenou de seu açoitado,  
e meu neto cantou um madrigal.

Bastante paz desejo neste dia  
do Menino, qu'ê Mestre de Alegria,

SP, 25/12/2010

## Tê-la Sempre

*Para Ruth*

Quando reparo a chuva da janela,  
ora fraca, ora forte, mas constante,  
que descolore em cinza esta aquarela,  
a qual pela manhã era brilhante;

quando o sonho de moço desatrela  
como se o feito já fosse bastante,  
e o tempo torna a página amarela,  
a luta não mais sendo fascinante;

quando a estrada parece paralela  
da que fora trilhada de estudante,  
vívuda com valor e sem cautela,

a muitos só a dor é dominante.  
A mim, por tê-la sempre, a vida é bela  
e o mundo em qu'eu a tenho apaixonante.

SP, 26/12/2010

## O que Importa

O tempo a vida torna sem relevo  
se dermos importância ao que não vale,  
por isto, quanto mais meu verso escrevo,  
menos há quem p'ra glória a mim me escale.

A lição, todavia, mais serena,  
que no mundo aprendi, é não perder  
o tempo com o que não vale a pena  
e o tempo dedicar ao que valer.

Murmurações e rugas desprezá-las,  
com calma, tudo olhando a seu redor –

assim a vida corre sem escalas  
e assim, também, quem age está melhor.

Ao importante dar sua importância,  
do resto desfazendo a relevância.

SP, 27/12/2010

### **Alma de Cigano**

Naveguei pelas vagas de meu ano,  
um ano que aprendi como lutar –  
sempre as moléstias tornam mais humano  
quem descortina a dor no seu olhar.

O barco e o timoneiro são do mar  
e cruzam minhas águas sem engano.  
A cor própria do musgo à beira mar  
apaga o qu'inda tenho d'eu urbano.

Pareço ser na idade já decano,  
repousando na porta de meu lar,  
Os temores da morte bem aplaino,

Tal como a mesa verde de um bilhar.  
Descubro, assim, ter alma de cigano,  
cantando o que cantei no meu cantar.

SP, 28/12/2010

## Modesto Seresteiro

Quando jovem pensava em Caravelas,  
que eu navegava ao som das tempestades,  
alçava os mastros, estendia as velas,  
atravessando os mares sem idades.

Quando era jovem, em folhas amarelas,  
eu transformava os sonhos em saudades.  
Lia e relia Vidas paralelas  
e certos livros bons como Quo vadis.

Quando bem jovem, o peito era pequeno  
de tanto projetar minhas quimeras,  
sendo herói, sendo amante e cavaleiro.

O tempo, todavia, mais sereno  
tornou-me, no Universo das esferas,  
sendo agora um modesto seresteiro.

SP, 29/12/2010

## Sonhos de um Jardim

Minha agenda começo a completar –  
penúltimo soneto, mesmo tema.  
O azul que dela emana, cor do mar,  
serviu-me, todo tempo, como lema.

Mais uma vez, a todos eu confesso  
que, as vezes, bem pensei em desistir,  
mas, como no que faço nada meço,  
marchei, sem nada ver, como um tapir.

Prometi-me loucura semelhante  
não mais fazer, embora, na amizade  
que tenho por Marluce, eu fui avante,  
desrespeitando o peso em minha idade.

No meu Diário eu chego, pois, ao fim,  
sonhando sonhos próprios de um jardim.

SP, 30/12/2010

### Último Soneto

Meu último soneto. Fim da linha.  
Minha vida modesta desvendei  
a todos, como um velho que caminha –  
vocação de plebeu e não de rei.

Tudo o que faço, faço porque devo  
e não porque desejo muitas vezes,  
mas dou às coisas próprias seu relevo,  
trabalhando, em meu canto, todos meses.

Os pés, embora pisem terra nua,  
ajudam-me a trilhar a minha estrada.  
Os olhos fitam sempre a mesma lua  
em que pus os meus sonhos de alvorada.

Eu sou aquele qu'inda crê no mundo,  
por Deus criado para ser fecundo.

SP, 31/12/2010



# Cicatrices do Tempo

(inéditos)

# POEMAS DO EU MENINO

## **Pantera Enjaulada**

Como sonhas, pantera despertada,  
com as pálidas noites africanas  
e que desejos vãos assim emanam  
desta cabeça ativa, hoje cansada.

Sonhas rever as terras soberanas  
onde nasceste, mas, sem fazer nada,  
passas os dias, sempre encarcerada,  
pensando sofrer só... Como te enganas!

Meu verso, ele também, é um triste ser  
que sonha e sofre preso, na matriz  
das grades do talento limitado,

porém bem mais pungente é seu sofrer,  
porque, se foste outrora mais feliz,  
meu verso já nasceu aprisionado.

São Paulo, 1952

## **Heliadora**

Heliadora, Heliadora ouve o meu canto,  
ouve meu canto pleno de tristeza.  
É filho malogrado da incerteza,  
agasalhado de andrajoso manto.

E o soluço, pungente de meu pranto,  
fugindo às garras secas da avareza,  
é louco como é louca a natureza,  
que o faz nascer assim gemendo tanto.

Heliodora, Heliodora, és tu meu sonho,  
és a mulher divina que imagino  
desde o meu berço, desde pequenino.

É para ti que, trêmulo, componho  
e que, chorando, vejo mutilado  
tombar meu canto aos golpes do meu fado.

Grasse, 1953

### Nota Azul

Eu busco a nota azul, supremo encanto,  
que faça ser meu verso diferente,  
e, dando a minha voz um tom ardente,  
que mova a humanidade pelo espanto.

Com ela cessará todo meu pranto  
e direi o que sinto abertamente,  
e o bramir colossal de minha gente  
explodirá de mim pelo seu canto.

Eu serei divinal, serei famoso,  
meu nome escrito vendo, em pleno gozo,  
por Paris, Berlim, Londres e Istambul.

E serei dos mortais o mais feliz,  
se encontro no esplendor de seu matiz  
aquilo que mais busco: a Nota azul.

São Paulo, 1952

### **Perdições bem Diferentes**

Amar-te foi, Senhora, o meu perder,  
como perder-te foi fugir-me a paz.  
Perdido estou sozinho em tal viver  
e em tal viver de mim perdida estás.

Porém, quão diferente no seu ser  
a vida perdições faz e desfaz,  
pois à vil perdição de te querer  
eu somo a perdição, que tu me dás.

Perdeste-me porque muito te amei,  
porque nunca me amaste te perdi,  
duplamente perdendo nesta lida

e, vendo o meu perder, eu já nem sei  
que perdas de mim partem para ti,  
se mui perdido estou e estás perdida.

São Paulo, 1952

## Perguntaram-me a Razão

### *Mote*

“Perguntaram-me a razão  
de a razão por vós perder  
e fiquei sem responder”

### *Voltar*

#### I

Senhora, sem coração  
por vós o meu padecer  
fiz, não sei se fez em vão,  
perguntaram-me a razão  
de a razão por vós perder.

#### II

Quando de mim vós partistes,  
pensei sem nada dizer,  
chocados meus olhos tristes,  
que, assim, tristes nunca vistes,  
e fiquei sem responder.

São Paulo, 1952

## Meus Agravos

Calado vê-me agora, como viste,  
e como me verás por várias cenas,  
tão triste, que entre os tristes o mais triste  
sou e serei, em sendo tais verbenas.

Penado, assim pensando as minhas penas,  
vou pena dando a pena, que resiste  
as cruas penas outras mais serenas,  
que as que pensando estou que não sentiste.

Porém, miséria minha, tão pungentes  
e tão profundos, como os fundos vales,  
são-me estes amargores, que já morro,

pois, em te amando mais que a todas gentes,  
só resto, sofredor, sofrendo os males  
que mil de um bem nasceram, sem socorro.

São Paulo, 1952

## Amor de Perdição

Não sei se louco estou ou se estou certo,  
amando uma mulher que não almejo.  
Se não a tenho, a vida é-me um deserto;  
se sim, leda demais, rude cotejo.

Se dela perto estou, longe a desejo  
e, se de longe resto, quero-a perto,  
pois, perto estando para o que bem vejo  
e o que bem vejo, longe é sempre incerto.

Cruenta sina, estranho sofrimento,  
que faz com que sem paz assim eu ame,  
roubando-me o prazer a pouco e pouco.

Ajuda-me, meu Deus, em tal tormento  
se louco estou, a luz da razão dá-me;  
se certo, então Senhor faze-me louco.

São Paulo, 1952

### Saudades

Paris, Paris, deixei-te inda outro dia,  
e já saudades sinto de teu céu,  
desta bruma que, à tarde, como um véu,  
vem buscar, no teu peito, companhia.

Revejo o Sena calmo, em romaria,  
trespassando tua alma, sem corcel,  
como ouço teu falar, nova Babel,  
seja mesmo de noite e a noite fria.

Paris de mil encantos que resiste  
ao tempo corrosivo e impenitente,  
que saudades teus ares me deixou!

Porém, o que demais saudoso existe  
de tudo o que me deste, indiferente,  
é o amor da mulher que não me amou.

São Paulo, 1953

## Carta de França a Minha Mãe

*Pela festa do Dia das Mães*

Em versos minha carta de teu dia,  
que foge por teu nome à hipocrisia,  
escrevo-te, mamãe, desde que assim  
eu posso mais feliz tudo narrar,  
embora separados pelo mar,  
dos sentimentos meus até o fim.

Nas cartas anteriores te falei  
como do arrojo fiz suprema lei  
para cá bem viver, sem ser vivido.  
Estudos e passeios eram feitos,  
minh'alma tendo plena de conceitos  
e o bolso pelos gastos repartidos.

Porém, o tempo passa e hoje me vejo  
mostrando de tal forma um tal cotejo  
mais que nunca saudoso de meu lar,  
eis porque, minha mãe, eu vou contar-te  
a parte que de mim por ti se parte  
se tanto parte em parte o meu chorar.

Quando do tédio a luz se me extinguiu,  
como se extingue sempre em noite o dia,  
por minha estranha vida em terra estranha,  
sentia-me feliz e me esqueci  
por vezes da família e mais de ti,  
no prazer que de fogo o rosto banha.

A vida era um sonhar, sonhar infindo  
que quanto assim mais era, era mais lindo  
do término solene da semana,  
pois o rosto defronte tendo ao vento,  
esquecido talvez de teu tormento,  
buscava o aroma bom que a "Côte" emana.

A mórbida indolência uma quimera  
parecia-me ser na primavera  
que passava e que passo solitário.  
As novidades tantas o teu filho  
fez cobrir do navio um doce idílio,  
no mais tristonho e fúnebre sudário.

Mas, minha mãe querida, o tempo voa  
e aquilo que julgava coisa boa  
em tédio transformou-se o mais sentido,  
e agora vou trilhando assim sozinho  
este espantoso e bem servil caminho  
que um povo gigantesco houve batido.

Entretanto, isto sei para meu bem  
é que sofrendo muito está também  
este gigante augusto, qu' é meu pai,  
pois se, sendo feliz, sinto saudade,  
que posso perguntar: de ter quem há de?  
que direi da saudade que lhe vai.

Minh' alma do vulgar é diferente  
e difícil parece a toda a gente  
compreendê-la no fundo de seu ser.

Minh'alma é como a fera encarcerada,  
que a liberdade almeja esfomeada,  
que, tendo o que comer, presa viver.

Assim desde que vivo é meu desejo,  
que mais forte se faz se mais almejo,  
de ser sempre no mundo verdadeiro,  
porque causa-me pena a humanidade,  
que se abaixa e se curva na vaidade  
de ter um pouco mais do vil dinheiro.

Porém, eu não te digo que sou santo  
e nem te digo ser meu desencanto  
que da vida me fujo apiedado.  
Não, não... creia-me, não... não penso assim.  
Apenas penso que, se busco um fim,  
que seja ele tão grande que meu fado.

Se, às vezes, nos meus versos sou tristonho  
é que sinto o penar quando componho  
de um mundo sofredor, sendo infeliz.  
Se digo-me amoroso sem o ser,  
é porque, nunca amando em meu viver,  
do amor procuro o cândido matiz.

Por isto, enquanto canto este meu canto,  
existem dois senhores, num encanto,  
a fazer menos crua minha lida.  
O mar, que é imensidão de meu desejo,  
e a noite, a solidão que sempre almejo,  
para feliz assim ter minha vida.

Todavia, mamãe, é bom parar,  
pois poderias bem te desgarrar  
dos pensamentos meus, nesta floresta.  
Eu mando-te daqui cem mil abraços,  
que mais fortes farão os nossos laços  
e tanto beijos mil por tua festa.

Grasse, Maio 1953

### Designo

Na solidão, que agora estou imerso,  
sofrendo a ingratidão, que eu não te dera,  
procuro cá compor a esta pantera  
se como tanta dor coubesse em verso.

Custaste pra mostrar o teu reverso,  
reverso traiçoeiro de uma fera,  
que fez que todo o bem que eu te quisera  
em ódio se mudasse e tão perverso.

Ó vida! Triste vida! Amor profundo!  
Aquilo que aprender jamais pudera,  
bem cedo me ensinaste e assim o fez,

pois aprendi sofrendo que, no mundo,  
o verdadeiro amor é uma quimera  
e quem engana é sempre mais feliz.

São Paulo, 1952

## **Lira Emudecida**

Já mil olhos cantei e dos mais belos,  
chorei já mais de mil ebúrneos dentes,  
já mil bocas beijei e tão ardentes,  
ouvi mil vozes já nos meus desvelos.

Porém, jamais vi olhos tão singelos  
nem nunca dentes níveos diferentes.  
Sem mesmo te beijar, sinto o que sentes  
e em tua voz o amor, pleno de zelos.

Mulher escultural que desejei,  
dentre outras mil mulheres a mais linda –  
que mistério possuis em teu decoro?

Eu, que outras mil mulheres decantei,  
bem vi calar meu estro e a dor ainda,  
tanto és bela mulher que agora adoro.

São Paulo, 1953

## **Último Encontro**

Era já tarde... a noite estava fria.  
Nenhuma luz partia das janelas  
e o silêncio das ruas paralelas  
enchia a escuridão. Nada se via.

Somente nós naquel' hora vazia,  
iluminados pelas amarelas  
luzes dos lampiões, pálidas velas,  
estávamos a andar... Quase era dia.

E unidos um ao outro, tão felizes,  
aguentando do vento o duro açoite,  
vivíamos a noite derradeira.

Quem me dera, Senhor, que, em tais matizes,  
pudéssemos viver... não uma noite  
mas, abraçados sempre, a vida inteira.

São Paulo, 1952

### Razões

Na formosura triste de teu rosto,  
no correr cristalino de teu canto,  
no puro padecer de teu desgosto,  
no desatar sincero de teu pranto,

na verdade que nunca busca encosto,  
no ferino sorrir que dá-me espanto,  
no singelo carmim nos lábios posto,  
no teu profundo olhar, pleno de encanto,

no modo que me faz ser tão feliz,  
no mais corrente gesto, não esquivo,  
na crença, finalmente, de um amor –

eu te encontrei, Senhora, e me desfiz  
e quem outrora foi Senhor altivo  
altivo continuou, mas não Senhor.

São Paulo, 1953

## Estela e Nize

Estela amei e a amo ainda,  
com toda a força do meu ser.  
Amei-a tanto, achei-a linda,  
mas minha nunca a pude ter.

Porém, um dia a Nize vi,  
formosa mais que a pura Estela.  
Me enamorei e a possuí,  
feliz talvez por ser mais bela.

A linda Estela com certeza  
muito me amou, mas, em sabendo  
meu outro amor, toda a tristeza  
própria chorou, não me querendo.

Da bela Nize só me resta  
triste saudade, porque, quando  
soube o outro ardor, erguendo a testa,  
de mim fugiu, quase chorando.

Hoje, sozinho, sem um beijo,  
pleno de dor, choro alma escrava –  
não tive Estela, qu'inda almejo,  
perdi a Nize, que adorava.

São Paulo, 1952

## Versos à Nize

I

Era de noite e eu sofria  
a calma da lua fria.  
Ao fresco da viração  
a tua imagem querida,  
linda e semiconfundida,  
atormentava-me em vão.

A lua pálida e bela  
beijava, calma e singela,  
este teu versejador  
e o beijo calmo da lua,  
na calma de quieta rua,  
enchia-me de amargor,

num vendaval sem lamento,  
sentindo no rosto o vento  
e n'alma saudade infinda –  
saudade de teu olhar  
negro, como o negro mar,  
se não o for mais ainda.

Eu andava sem destino,  
como quando, inda menino,  
vivia só, taciturno.  
Eu andava, enquanto um piano  
de um artista provinciano  
soluçava em um noturno.

E ao uivar triste e pungente  
De tristes cães, eu, descrente,  
andava na solidão.  
Era de noite – eu sofria  
à calma da lua fria,  
ao fresco da viração.

## II

Estes versos de amor são teus, somente teus,  
mulher que desejei nos sonhos e desvelos,  
embora sabedor, malgrado crer em Deus,  
que m'irás criticar te oferto assim singelos.

O supremo sofrer de um triste apaixonado,  
que vive a decantar a noite e o calmo mar,  
e procurando o amor ser sempre ostracizado,  
é não ter uma amada, é não poder amar.

Eu fui, direi um louco, um louco piedoso  
que os pobres consolar buscava sem cansaço,  
que nunca em si pensou, malgrado desditoso,  
e que sempre estendeu ao sofredor o braço.

Não cri na humanidade, embora agora eu creia.  
Não cri e não amei, não cri mais de uma vez.  
Sofria sem lamento, a vida era-me feia  
e fui sempre infeliz por não amar talvez.

III

Porém, um dia, numa festa,  
te conheci, mulher formosa.

Era tão alva tua testa,  
que bem lembrava-me uma rosa  
nascida, bela, na floresta.

Senti então, na vez primeira  
que te falei, amor profundo...  
Louco que fui... mais que uma freira  
pura eu te vi por este mundo  
e pura sempre a vida inteira.

Fui enganado, bem percebo  
somente agora que te adoro,  
porém também não o foi Febo  
por um olhar, por um decoro?  
E fora um deus... logo o concebo.

Eu desejei-te casta e linda,  
linda e não casta eu te desejo,  
e meu amor é força infinda,  
que sem o teu singelo beijo  
mesmo te quer e mais ainda.

Mas me enganaste e, calmo e lento,  
vou só carpir as minhas penas,  
vou solitário, sem lamento,  
em te lembrando nas verbenas,  
a decantar-te em meu tormento.

#### IV

Foi por ti que, num louco devaneio,  
perdi a juventude em tal quimera  
e, saudoso, restei em tempo feio  
clamando... de minh'alma, então, não era...  
E crerei, como cri, e agora creio,  
que foi para mim curta a primavera,  
pois te amando perdi toda a ventura,  
na busca vã de tua formosura.

É tanta minha dor e meu tormento,  
que vivo sem ter leme em desatino,  
clamando ao céu, à noite, ao mar e ao vento,  
a triste história de um triste menino,  
que desejou um dia ter Sorrento  
e que tombou aos golpes do destino,  
pois tanta é grande a dor desta saudade  
que não ainda creio na verdade.

Ouve o bramir do peito meu, querida,  
mulher, que em vão desejo e por quem morro,  
por quem minha existência é consumida,  
por quem minh'alma tomba sem socorro...  
Ouve estes meus clamores pela vida,  
por onde desvairadamente corro –  
ouve-os, pois, que são teus, somente teus  
e sente-os se, formosa, crês em Deus.

Existem três vencidos, que no mundo  
reagem tristemente às suas penas:  
aquele que se cala e tão profundo  
esconde-as, que ninguém suspeita apenas;

aquele que soluça, vagabundo,  
delas fazendo pálidas verbenas,  
e aquele que revolta-se, como eu,  
e grita ao mundo que nele descreu.

Mas, um dia, lerás estes meus versos,  
que para ti tão pálidos compus,  
nos sonhos e desvelos inda imersos,  
inda levando em si a minha cruz.  
Então sei que, malgrado tão diversos  
sejam dos meus os teus sonhos de luz,  
pelos teus olhos negros rolarão  
as lágrimas, por fim, da compaixão.

São Paulo, 1952

### Versos à Estela

Versos só, apenas versos,  
eu vou dedicar-te em vão.  
São os soluços dispersos,  
que como chegam se vão.

Em meu silêncio, Senhora,  
existe mais sofrimento  
que na pessoa que chora  
suas mágoas, seu tormento.

Teus olhos são verdes belos,  
como o verdume do mar.  
São profundos, são singelos,  
que me fazem soluçar.

Meu amor é a dor suprema  
dos soluços sorrentinos,  
que perfazem num poema  
os prantos de dois destinos.

Minha'alma assim permanece,  
chorando quando, sozinha,  
é o sussurro de uma prece  
de um escravo a uma rainha.

Saudades vão me ficando  
destes anos, destes meses.  
Sorrisos de quando em quando,  
tristezas o mais das vezes.

Nascido filho do Mar...  
da noite amante profundo.  
Eu passo a vida ao luar  
versejando, vagabundo.

Sou como a fera enjaulada,  
que almejando a liberdade  
muda só, sem fazer nada –  
sente a canção da saudade.

Eis os versos, tristes versos  
que eu compus só para ti.  
São, Senhora, os mais dispersos  
de todos quanto escrevi.

São Paulo, 1952

## Grasse

Quando acordavas cedo – um quarto de estudante  
que fora, em pequenez, o nosso ninho infindo –,  
ficava mais alegre e quando, quase rindo,  
beijavas-me talvez, sorrisse deste infante.

Contudo, sonhador mais do que bom amante  
eu era neste tempo e, por estar dormindo,  
o rosto meu virava em fuga do teu lindo,  
que mais inda o buscava, em vendo-o mais distante.

E assim com tua voz serena e tão querida,  
sem cansar-te jamais, beijando o enamorado,  
dizias, delicada e só: “*Bonjour, chéri!*”

Como era deliciosa então a minha vida,  
e como agora choro o ter-te abandonado  
e já não mais poder viver junto de ti.

Grasse, 1953

## Derrotado

Como o rio que corre brandamente  
em procura das águas libertadas,  
depois de ter vencido por valente  
Saltos, Quedas, Correntes e Estiadas,

eu empreendi também altivamente,  
após um discorrer de caminhadas,

a busca da mulher, surto da mente,  
pela mais calma estrada das estradas.

Encontrei-a, por fim; era, entretanto,  
como o mar que recebe os rios todos  
e a todos vence e a todos une o fado.

Assim foi. Hoje eu vou, mudo meu canto  
qual romano batido pelos godos,  
sem nada compreender, mas derrotado.

São Paulo, 1953

### Senda no Deserto

Por uma senda feita no deserto,  
aventurei-me a procurar, selvagem,  
o que haveria atrás da paisagem  
de um horizonte nunca descoberto.

Sob a atração contínua desta imagem,  
pelo caminho sempre mais incerto  
– quanto de mim pareceria perto –,  
em vão busquei um ser numa miragem.

Ébrio de meu desejo, as próprias penas  
esqueci de senti-las, na labuta  
que tinha de meus passos pela areia,

e assim tudo perdi. Restou-me apenas  
esta vontade indômita de luta  
e a esperança, talvez, da lua cheia.

São Paulo, 1953

## Câncer

Como o câncer que nasce surdamente  
e tanto mais aumenta é mais sem cura,  
assim também brotou indiferente,  
com casta ideia, a ideia mais impura.

O teu passado, que hoje me tortura,  
de muito foi a pouco brandamente  
desfigurando o muito da ventura,  
que houvera só por minha em minha mente.

Já não mais posso ver o teu olhar,  
já não mais posso ouvir o teu falar,  
nem mesmo ser contente ao lado teu,

porque, se um outro já muito te quis,  
não foste, então, bem sei menos feliz  
num amor que talvez nunca morreu.

São Paulo, 1953

## Noite

Se o meu verso fosse alado,  
como a cândida andorinha,  
que passa a vida voando  
pelos climas mais amenos,  
iria a menos dizer-te  
que nas noites sem luar,  
quando é triste a solidão,

fico pálido pensando  
com alguém que outra não é  
senão tu, minha criança.

E o meu amor sussurrado  
como a fonte, que marulha,  
serena, doce, indolente,  
descendo a encosta do monte,  
aos teus ouvidos seria,  
na mesma noite tristonha,  
em que, distante pensando  
pelo meu tímido verso,  
se o meu verso fosse alado.

Se o meu verso fosse alado,  
nunca mais me esquecerias  
e o tédio triste da vida,  
que açoita o sentimental,  
eternamente banido  
de meu coração seria.

E o degredo da saudade,  
a sonolência da calma,  
o silêncio da distância,  
o esquecimento do amor  
nunca mais existiriam,  
se o meu verso fosse alado.  
Se o meu verso fosse alado,  
seria tão linda a vida  
e que felizes seríamos,  
se o meu verso fosse alado.

São Paulo, 1953

## Tarde

Há sonolência  
na calma tarde.  
Soa, indolente,  
pelas ramadas  
do verde bosque  
o canto lento  
de um sabiá.

O cristalino  
som de uma fonte,  
quase invisível,  
tombando além,  
plácida e fria,  
bem se assemelha  
ao murmurar  
da triste prece  
dita do barro  
buscando o céu.

O aroma agreste,  
vindo do campo,  
perfuma os ares.

Só, solitário,  
junto ao mistério  
deste silêncio,  
resto feliz  
na sonolência  
da calma tarde.

São Paulo, 1953

## Alvorado

### *Glosa*

Gaby pura está dormindo –  
como dorme tão singela!  
Na boca um sorriso lindo  
decora-lhe a face bela.

### I

A brisa da madrugada  
murmura-lhe uma canção,  
mas a linda descuidada  
a brisa não ouve não.

E a lua beija-lhe a face  
branca, calma, tão formosa,  
que não sei quem decantasse,  
se esta fada ou se esta rosa.

### *Glosa*

Gaby pura está dormindo –  
como dorme tão singela!  
Na boca um sorriso lindo  
decora-lhe a face bela.

## II

Os zéfiros do relento  
voam, calmos, vagarosos,  
e pedem silêncio ao vento  
só por ti – são tão mimosos!

E o vento das tempestades  
passa longe e os passarinhos  
gemem por terem saudades,  
pois logo estarão sozinhos.

### *Glosa*

Gaby pura está dormindo –  
como dorme tão singela!  
Na boca um sorriso lindo  
decora-lhe a face bela.

## III

A natureza que a vela  
neste mundo a divagar  
– ó sabiá, nesta tela,  
não vá a Gaby acordar!

Tudo, enfim, é placidez,  
onde dorme a casta fada.  
Vênus, já mais uma vez,  
vem saudar nova alvorada.

*Glosa*

Gaby pura está dormindo –  
como dorme tão singela!  
Na boca um sorriso lindo  
decora-lhe a face bela.

Fevereiro, 1953

**Meu Grito**

Eu vou cantar-te o meu canto,  
coberto no triste manto  
do talento limitado,  
e o meu fúnebre lamento  
há de partir, calmo e lento,  
a buscar-te neste fado.

Minh'alma é rude e sombria,  
como a negra ventania  
que sopra em noites de inverno.  
Tem mais força, em sendo triste,  
e, portanto, não resiste  
ao teu olhar, quando terno.

Tu te dizes minha amiga,  
mas não queres que eu te diga  
que por ti morro de amores,  
que a saudade, quanto é noite,  
tem a dureza do açoite,  
gerando em meu peito dores,

que este grito transtornado,  
que eu arquejo desvairado,  
    é pleno de solidão,  
que esta vida só a vivo,  
mesmo assim meditativo,  
    porque tenho coração.

Nos homens sendo descrente,  
    eu sinto meu ser ardente  
buscar alguém que me queira,  
    que me seja seu pedaço,  
sem saber do amor o preço  
    que viva à minha maneira,

pois eu vivo no meu canto,  
que mesmo não vale tanto,  
    quanto muito tal paixão,  
mas busco sempre incessante,  
entre muitas, uma amante  
que tenho buscado em vão.

Não creio na humanidade,  
que é filha de uma vaidade  
    e dela tem o defeito,  
mas creio no amor sincero  
    e por ele sempre espero,  
quando sonho no meu leito.

Meu prazer é versejar,  
mesmo quando teu olhar  
do meu se afasta sereno.  
Sou um louco, bem o sei  
    e talvez sempre o serei,  
pois o fui desde pequeno.

O meu peito é uma prisão,  
que tem dentro o coração,  
o coração de uma fera,  
coração que te oferece,  
bem sabendo não ter preço  
esta tua primavera.

Enfim, eu findo meus versos,  
que cada vez mais diversos  
vão sendo dos que já fiz.  
Mesmo assim, cantei meu canto,  
afinado neste pranto  
de ser feliz infeliz.

São Paulo, 1953

### **Grito Sagrado**

Sinto os gritos desprendidos  
por sofrendores batidos  
por séculos à amplidão,  
e a solução comovente  
de minh'alma diferente  
Que busca consolação.

Sinto as chagas cancerosas  
das almas tuberculosas  
no meu soluçar maldito,  
e os choros despedaçados  
de inocentes condenados,  
quando versejo meu grito.

Eu sinto da vida o termo  
bater no meu corpo enfermo,  
que enfermo não julgaria,  
e, nos meus olhos serenos,  
ninguém sente, nem ao menos,  
que enlouqueço dia a dia.

Nos homens todos descrente  
pela vida, indiferente  
vou cumprindo a minha sina  
e não sei se tenho ainda,  
agora que a vida é fínda,  
de Deus alguma doutrina.

Em Deus creio, mas, meu Deus,  
faze que todos os meus  
não sofram com meu sofrer  
ou, então, faze este pobre,  
que almeja ter alma nobre,  
não mais assim padecer.

Sou como a fera enjaulada,  
que vive sem fazer nada,  
querendo tudo fazer,  
e que, por fim, cai doente,  
pela vida indiferente,  
só desejando morrer.

Lutei por me libertar  
desta existência vulgar,  
respirando a hipocrisia.

Não consegui e, vencido,  
sigo o caminho seguido  
pela morte que me guia.

Talvez blasfeme, Senhor,  
mas é tanta a minha dor,  
que não sei mais meu intento.

Todavia, sou sincero,  
não buscando ter esmero  
no dizer o meu tormento.

A verdade é que, chorando,  
eu busco, de quando em quando,  
nos versos consolação,  
nos versos que Tu me deste  
e que nunca me quiseste  
tirar, sem ter vocação.

Em ti, creio, meu Senhor,  
embora só de amargor  
seja agora minha vida,  
mas perdoa-me, pois sei  
que jamais triste serei  
quando fizer a partida.

Sei que d'outros o sofrer  
é bem mais que de meu ser,  
que soluça desvairado,  
porém que fazer? Perdoa  
est'alma que assim destoa  
de Ti, por esse meu lado.

Esqueci-te quando o mundo  
tocava-me bem a fundo,  
na impressão de ser feliz.

Agora que assim padeço,  
nunca mais de Ti me esqueço,  
pois assim quer meu matiz.

Eu sou, portanto, um covarde,  
que desde que tomba a tarde  
da vida quer vir buscar-Te,  
contudo eu digo a verdade  
e, na Tua piedade,  
busco consolar-me em parte.

São Paulo, 1953

### Último Beijo... Último Instante

Último beijo... Último instante,  
calmo como a lua,  
triste como a noite

Duas palavras trocadas  
e um *chauffeur* indiferente  
à sensação repartida.

Doce peso insuportável  
de um adeus indefinido,  
pelo seu definitismo.

O último beijo, último instante,  
calmo como a lua,  
triste como a noite.

São Paulo, 1951

## Teu Sorriso

No teu sorriso indeciso,  
no teu olhar devagar,  
no teu gesto, meu de resto,  
no teu sossego tão cego,  
nos teus beijos sem desejos,  
no teu amor incolor,  
nos teus sonhos tão tristonhos,  
no teu rosto com desgosto,  
no teu canto em desencanto  
encontrei o meu encanto  
num crepúsculo de Agosto.

São Paulo, 1951

## O Sossego da Flor

O sossego da flor –

o pássaro desconhece  
o sossego da flor.

Muita gente desconhece  
o sossego da flor.

Eu não.

Eu amo a flor,  
porque eu conheço  
o sossego da flor.

São Paulo, 1951

## Teu Encanto

Teu encanto, cor da lua,  
cor das noites sem estrelas,  
cor das estrelas nas noites,  
cor dos astros, cor do mar,  
cor da montanha e do campo,  
teu encanto, cor de sempre,  
cor do justo, cor do tudo –  
encontrei no som, estranho.  
Do meu próprio desencanto.

São Paulo, 1951

## *Coeur Solitaire*

*Dans la langueur,  
Mon pauvre coeur,  
Seul, demeure,  
Et par se taire,  
Faisant mystère,  
Bas, Il pleure.*

*Malade et blanche,  
Terrible branche  
De ce bois,  
Il sens tout tendre,  
Au voir descendre  
Faible voix.*

*C'est de la vie  
La nostalgie  
De son pas  
Et solitaire  
Par sur la terre  
Il se vá.*

Abril de 1952

## **Destroços**

Meu orgulho era um navio  
que pelo mar navegava.  
Era tão grande este mar –  
mar da vida se chamava.

Teus olhos eram esguios,  
eram tão negros teus olhos,  
e neste mar se postaram  
como dois negros escolhos.

O meu barco, certa vez,  
numa noite sem luar,  
só ficou, desgovernado,  
dentre o negrume do mar.

Foi quando, frente ao altivo,  
surgiram teus dois escolhos.  
Meu navio, se chocando,  
afundou nestes abrolhos.

De meu barco poderoso  
ficaram restos apenas,  
enquanto os negros penedos  
inda estão nestas verbenas.

São Paulo, Agosto de 1952

## Elegia

Interlocutores: Elísio e Alceu

*A cena é um campo de pastoreio onde se vê um pastor  
deitado sobre a relva, um outro de pé e mais adiante  
um rebanho. Completam a paisagem uma cabana,  
um cipreste, um riacho e uma floresta.*

*Elísio*

Amigo... mais pareces tu a sombra  
do velho Alceu que conheci faz anos,  
deitado tristemente sobre a alfombra.  
Da verde relva escutas teus arcanos.

O pequeno regato a murmurar,  
que corre sem trabalhos mui insanos –  
será que não consegue te alegrar?  
E o campo ao teu redor pulando em festa  
já canta a primavera a principiar.  
Ó, meu amigo Alceu, levanta a testa!  
Alegra-te também co' a natureza,  
repara o teu rebanho, esta floresta,

o límpido riacho, olhe a beleza  
das flores a surgir para a colheita.  
Estou de volta, some-te tristeza!  
Mas quê?... nada respondes... que bem feita  
foi a acolhida que tu me fizeste –  
será que esta amizade foi desfeita?  
E que o vento batendo no cipreste  
desta bela cabana não te conte,  
que de longe um amigo que quiseste  
deixou seu lar, seus pais, a sua fonte,  
para por estes campos procurar-te?  
Fala que o sol já some no horizonte...

*Alceu*

Sim, é verdade, Elísio, o dia parte,  
já chega a escuridão crepuscular  
e ainda não me ergui para abraçar-te.  
É que minh'alma triste, a soluçar,  
olhava n'horizonte o sol lançando  
sobre estes campos seu último olhar.

*Elísio*

Mas por que, meu amigo, andas chorando?  
Quem é que vive assim a maltratar-te?  
É de Marcília qu'inda estás lembrando?

*Alceu*

Parte acertaste, mas erraste em parte.

*Elísio*

Mas conta, Alceu, quem foi que em tua mente  
venceu Marcília bela...

*Alceu*

Eu vou contar-te:  
a vida, para mim, foi dor pungente  
desde que de Marcília me afastei.  
Meu coração vivia tristemente,  
lembrando-se da moça que eu amei.  
Parecia este mundo sem valor,  
e os tempos como aqueles que passei  
jamais revê-los iria eu supor.  
D'alta Marcília a sombra inda serena  
enchia de saudade este pastor.  
E tudo me lembrava esta pequena,  
a lua... o sol... os campos... estas águas  
e até mesmo o deitar da tarde amena.  
Busquei, então, para estas minhas mágoas  
um bálsamo sagrado... por que o fiz?  
Enchi meu coração só de mais fráguas,  
e agora estou aqui tão infeliz.  
Por que quis namorar linda pastora,  
que por rude contraste não me quis.

*Elísio*

Mas como chama, então, esta senhora  
que te feriu assim na tua sina  
e por quem, desgraçado, esta alma chora?

*Alceu*

Elísio, o nome desta alta menina  
não é de ti assim desconhecido:  
o nome dela, amigo, é só Regina.

*Elísio*

Contigo choro, Alceu, tu teres dito  
este sublime amor por tal donzela.  
Regina bela jamais há querido  
teu coração trazer pra junto dela.

Maio de 1952

**Praia**

Peixes, cardumes,  
ondas, queixumes,  
verão.  
Belas morenas,  
tardes serenas,  
paixão.

Mares profundos,  
olhos bem fundos,  
tristeza.  
Pernas divinas,  
lindas meninas,  
beleza.  
Beijos, lamentos  
soltos aos ventos  
apenas.  
Sangue nas veias,  
brancas areias  
amenas.

Santos, outubro 1949 (14 anos)

### Solidão

Velha flauta geme e chora  
ora temas melódiosos,  
ora acordes vigorosos,  
saudando a vinda da aurora.

Todos dormem, muito embora  
aqueles sons tão chorosos  
vão morrendo, vagarosos,  
até ficarem de fora.

No horizonte, o sol se ensaia,  
tornando belo o cenário  
nesta manhã junto ao mar.

Como é linda a branca praia,  
por onde assim solitário  
estou desde o madrugado.

Santos, Outubro de 1949

### Segundo Shakespeare

Suave voz qual ária em doce canto  
jamais soprano algum ousou cantar.  
Lembrança divinal, plena de encanto,  
do murmúrio plangente de alto mar;

suave voz que nunca sem lamento  
alguém em versos mil chorar pudera,  
Cavatina indolente de Sorrento,  
Augusto despertar da primavera;

Suave voz que muda as cruas penas  
de um sofredor, se tanto, em alvas rosas,  
e que faz destas pálidas verbenas,  
senão belas, ao menos tão saudosas;

que coração somente ao escutar-te  
não sente um bem supremo e não se  
parte?

1952

## Segundo Petrarca

Não é a inspiração, mas a saudade,  
que ainda uma vez mais me toma a pena,  
e, como resisti-la ninguém há de,  
mudo resto e meu ser não me condena.

Não sei se foi orgulho ou foi vaidade  
o mal que me afastou de ti sem pena,  
nem mesmo sei – e digo o que é verdade –  
se tive ou não razão, pobre pequena.

E agora, na mais triste solidão,  
sinto, querida, a falta que me fazes,  
embor' isto te esconda por vaidade.

E cá tenta escrever meu coração  
uns versos calmos nos quais peço as pazes,  
sem ter inspiração, mas com saudade.

1951

## Se Tu Passasses Onde Eu Moro

Se tu passasses onde eu moro,  
casa tristonha de meus dias,  
talvez contassem que lá choro  
e, curiosa, em teu decoro,  
tu me olharias.

Se tu me olhasses na janela,  
deste casebre em noites frias,  
talvez sentisses paralela  
ser minha sina a tua e, bela,  
lá me entrarias.

Se tu entrasses, linda e calma,  
durante a noite, me verias  
fazer-te versos dentre a palma  
só para ti e, com toda alma,  
me beijarias.

Se me beijasses com ardor,  
tendo meus lábios por teus guias,  
talvez sentisses que a compor  
versos mostrei-te meu amor –  
minha serias.

Maio de 1951

### **Violino**

Delicado violino,  
tens arpejos de tristeza  
e sons de rara beleza,  
semelhante ao meu destino,

que, desde bem pequenino,  
canta para a natureza  
canções tristes de incerteza,  
canções puras de menino.

Tuas notas, em surdina  
nas melodias divinas,  
são, para mim, como seta

que define minha sina,  
entre crianças franzinas –  
minha sina de poeta.

São Paulo, fevereiro de 1949 (14 anos)

### *Poème*

*Pour Ruth*

*Mes illusions  
Sont des chansons  
Ephemères,  
Restent toujours,  
Remplies d'amour  
Solitaires.*

*Pleure mon coeur  
Dans sa langueur  
Monotone,  
Passant le temps,  
Comme les vents  
De l'Automne.*

*Mes pauvres pas  
Sont de fracas  
Que j'écoute,*

*Les jours finis,  
Je suis ainsi  
Sur la route.*

*Je me souviens  
De tous mes biens  
Dans la vie,  
Et malheureux  
Je fais les vœux  
Sans amie.*

*Mes illusions  
Sont de chansons  
Éphémères  
Restent toujours,  
Remplies d'amour  
Solitaires.*

SP, 12/03/1954

## Homenagem ao Poeta Álvares de Azevedo

### I

Quando os passos do tempo pelo Eterno  
ecoarem perdidos e distantes,  
na senda desconhecida,  
e quando, em estações, um só inverno  
cobrir todo o planeta, como dantes  
de ter brotado a vida,

## II

ainda há de restar viva semente  
pela serenidade do deserto,  
em salmidez tranquila,  
o canto de quem teve a chama ardente  
de provar que da morte foi liberto  
e a morte n'aniquila.

## III

Tangeu febril a lira aos vinte anos,  
poeta e sonhador, amando a vida  
gozada em festivais.  
Mas do destino presa, em desenganos,  
a viu, desesperado, convertida  
e para nunca mais.

## IV

Buscou o peso, então, das sepulturas,  
para esconder do mundo o seu segredo  
no ventre do infinito,  
e o lodaçal das casas mais impuras  
partiu a procurar ainda cedo  
por seu cântico aflito.

V

Disse vagar na vida sem conforto,  
esperando um amor de noite e dia,  
amor que lhe não veio,  
e farto se sentiu como que morto,  
nos esgares sanguíneos da agonia,  
Surgidos dentre o seio.

VI

A tosse doentia por seus lábios  
quando os versos fazia, o rosto pálido  
a vista lhe nublava  
e abandonava a rota dos mais sábios,  
nestes momentos gargalhando, esquálido,  
a vida tendo escrava.

VII

Tinha o bom coração de menestréis,  
mas curvou-se dos males aos impérios  
e os males decantou,  
trazendo imagens podres de bordéis  
e caveiras dançando em cemitérios  
ao modo de Marlowe.

## VIII

Sonhou, ledo poeta, palpitante  
a existência toda e uma princesa  
num amor momentâneo,  
e o sonho seu amou como se Dante,  
mas o tempo o seu sonho de certeza  
espanou-lhe do crânio.

## IX

Das mulheres, de Deus e de si mesmo  
esquecia-se, assim, perdido o escopo  
de vate solitário,  
povoando o sombrio de seu esmo,  
na morbidez senil de um Conde Lopo  
e crimes de um Macário.

## X

Não vivia. Sonhava. Mas a idade  
o peito transformou-lhe na caverna  
que a tumba o levaria  
e, descrente, cantou poema ao frade  
e, profeta, escreveu numa taverna  
as noites de seu dia.

XI

Porém, já quase findo o seu tormento,  
sentiu inda a pureza da distância  
lançada sempre ao mar  
e disse, recurvado ao triste evento,  
refletindo nos olhos sua infância,  
o peito a soluçar:

XII

“Perdoa-me, Senhor! O errante crente,  
nos desesperos em que a mente abrasas,  
não o arroje p’ lo crime.  
Se eu fui um anjo que descreu demente  
e no oceano do mal rompeu as asas,  
perdão! Arrependi-me”.

28/09/1956

## TRADUÇÕES

### A Taberneira

*(Virgílio, “Copa”)*

“O Syrisca, mimosa taberneira,  
Como és bel’ao ornares a cabeça  
Com uma graciosa mitra grega.

Os teus cabelos como as ondas crespas  
Remexe-os aos compassos do pandeiro  
Sem se importar co'o fumo da taverna.  
Ela dança lasciva como Venus  
Sacudindo em seus braços castanholas.  
"Ó porque meu valente te fatigas,  
Longe daqui na areia abrasadora?"  
Como não preferias recostar  
Junto de mim num leito mal molhado!  
Eis, meu amado, os verdes painerais  
Uma taça, uma rosa, algum poema  
Uma flauta e os pincéis para pintares  
Esta fresca e formosa paisagem.  
Eis, nesta gruta azul de Menelau,  
O doce chilrear da muito rústica  
flauta do pastor soando no campo.  
Eis também este vinho derramado  
Há pouco tempo do barril de pez.  
Eis as águas do rio sussurando.  
Eis além disto, a flor de violeta,  
A flor de lótus, a grinalda rósea  
E os lírios que Acheloide traz consigo  
No seu cesto de vime delicado  
Nas margens do ribeiro virginal.  
Eis os pequenos queijos sobre a cesta,  
As ameixas douradas deste outono  
Eis as amoras rubras como o sangue  
O verde e flexível cacho de uva,  
Eis o pepino azul que está pendente  
Do junco, eis as castanhas, eis as nozes  
Eis a doce maçã avermelhada.  
Eis inda a pura Ceres, eis o amor,  
Eis Bramius, eis o guarda da cabana  
Armado duma foice do salgueiro

O qual não mais provoca algum terror,  
Num aqui peregrino insaciável  
Teu asno fatigado já transpira.  
Este asno agrada, muito a linda Vesta.  
Já cantam as cigarras no arvoredo,  
Primavera chegaste suavemente,  
O lagarto se esconde em sua toca  
Ó sedes sábio, bebe nestes copos  
E caso queiras, pede nossas taças.  
Repousa do cansaço sobre as parras  
E na cabeça liga algumas rosas  
Par'ires colher, belo, d'alguns lábios  
Perfeitos de menina, um puro beijo  
"Morre! Se tens ainda o antigo orgulho.  
Se assim for reservei estas coroas  
Para te dar na pedra tumular.  
Bem entrega-te aos vinhos como aos dados.  
Que morra quem curou os amanhãs  
A morte nos arranca estas orelhas"  
"Viramos", ela grita, "pois, eu venho".

São Paulo, janeiro de 1951

## Canção de Outono

(*Paul Verlaine, "Chanson d'Autonne"*)

Os tristes hinos  
Destes violinos  
N'Outono,  
Trazê'ao meu ser  
Calma, prazer  
E sono.

Riem-se tanto,  
Pálido enquanto  
Eu oro,  
Soou a hora,  
Recordo outrora  
E choro.

Vou sem lamentos,  
Pelos maus ventos  
Qu'importa?  
Sem fazer nada,  
Folha tombada  
E morta.

SP, abril 1952

### Ao Leitor

*(Alfred de Musset, "Au lecteur")*

Este livro infantil, que deixo impresso  
Compus sonhando, sem tê-lo sentido,  
Ele tem erros, pois eu o confesso  
E eu poderia tê-lo corrigido.

Porém quando o homem muda sem cessar  
Por que também não muda seu passado?  
Vai-te, pássaro pobre à divagar  
Que Deus te leve ao seu endereçado!

Quem que tu sejas, quando tu me leres  
Lê tu o máximo que tu puderes  
E não condenes sonhos, que me somem.

São meus primeiros versos de criança,  
Os segundos de quando a idade avança  
E os últimos apenas são de um homem.

SP, julho de 1951

### Introdução às Canções da Inocência

*(William Blake: "Introduction to songs innocence")*

Cantando pelos vales mui selvagens  
Cantando canções puras de alegria  
Andava, quando vi, nestas paragens  
Uma criança, que pra mim sorria.  
Ela me disse em voz doce, divina;  
"Cantor cante a canção do carneirinho".  
Uma vez eu cantei à essa menina,  
Que chorando, mais bela que um anjinho,  
Pedi para que eu de novo lhe cantasse.  
Pondo a flauta na boca lhe cantei,  
Deixando que, no campo, ela chorasse  
E eu também de alegria soluçei.  
"Cantor, amigo, cante o verde prado  
Num livro pra que todos possam ler"  
Sumiu de meu olhar o ser amado,  
Ao céu, subindo sem nada dizer.  
Fiz então de um caniço, rude pena,

Molhei-a n'água pura e todas elas,  
Escrevi eu em obra linda e amena  
Pras crianças chorarem, quando lê-las.

### Os Elefantes

*(Leconte de Lisle: "Les Éléphants")*

A areia ardente, triste mar deserto,  
Que oprimida em seu leito d'altas chamas  
Queima co'o sangue rubro das escamas,  
A habitação humana em céu aberto.

Nenhuma vida move esta cratera  
Dormem leões gigantes numa sebe  
E a girafa nas puras fontes bebe  
Embaixo junto a cova da pantera.

Jamais as aves ousariam asas  
Levantar, onde o sol resseca a terra.  
Uma cobra aquecida sobre a serra  
Mexe as costas que brilham como brasas.

O solo queima sob o céu azul.  
E enquanto todos dormem sem lamentos  
Os elefantes viajantes lentos  
Vão ao país natal, vão para o Sul.

De um ponto do horizonte, os mastodontes  
retornam, levantando o pó, e vesse  
seguindo o rumo o mais direito desse  
caminho, em que seus pés desabam montes.

O que vem a cabeça um chefe antigo,  
De corpo forte como um velho tronco,  
Balança no arco do espinhaço bronco,  
A fronte igual a algum rochedo amigo.

Num passo certo que o instinto marca  
Vai conduzindo os animais grotescos  
E perfurando sulcos gigantescos  
Esta manada segue o patriarca.

A orelha em leque, a tromba entre seus dentes  
Ela caminha em olhos que se cegam  
Ela transpira e os ventos resfolegam  
São mil em seu redor moscas ardentes.

“Porém qu’importa a sede e o inseto audaz,  
E o sol queimando o dorso empoeirado!  
Sonhas, marchando, no país deixado  
Onde, manada, tu te abrigarás!

“Verás rios que correm pelos montes,  
Onde nada o hipopótamo mugindo  
Onde o luar está sempre sorrindo  
Por onde beberás em puras fontes”.

Assim passa a manada lá do monte,  
Como uma linha negra no deserto  
E a areia volta a ser imóve’ ao certo  
Quando a manada some no horizonte...

São Paulo, Janeiro de 1951

## O Vaso Trincado

(*Sully Prudhomme, "Le vase brisé"*)

O vaso no qual morrem tais verbenas  
Com um golpe de leque foi trincado.  
O golpe deve-o ter tocado apenas,  
Nenhum barulho o fez ser revelado.

Entretanto, o ligeiro ferimento  
Mordendo o cristal puro cada dia,  
Em seu passo invisível, firme e lento,  
Fez sumir sem sentir sua harmonia.

Gota a gota seu líquido acabou  
E o suco destas flores é esgotado.  
Ninguém ainda disto desconfiou,  
Não o toques mais, ele está trincado.

Muitas vezes, a mão de quem nos ama,  
Roçando o coração sente-o fender,  
Depois no coração reduz-se a chama  
E a flor de seu amor vem a morrer.

Sempre perfeito aos olhos deste mundo  
Chora ao notar crescerem os seus ais  
No fino ferimento tão profundo.  
Está trincado, não o toques mais.

São Paulo, janeiro de 1951

# CICATRIZES DA VIDA

## Mocidade

### *Inspiração*

E a inspiração escasseia?  
No final da mocidade

os temas, por sempre os mesmos,  
já não causam mais espanto  
e terminam, mansamente,  
no silêncio sem encanto.

Na verdade, a poesia  
perde as formas sossegadas  
e se transforma em silêncio.

São Paulo, 1961

### *Dono dos Temas*

E se, um dia, perguntarem  
quem foi o dono dos temas,  
responderei: Foi vaqueiro,  
campeão e pistoleiro,  
que o revolver dos poemas  
manejada por milhares

uma vez sentiu saudades  
de quando apenas nascia

o gado do pensamento.  
Jogou de lado, este dia,  
a pistola das idades  
e, se voltando pra dentro,  
lá restou apenasmente.

São Paulo, 1961

*Teu Olhar*

O teu olhar tem mistérios  
que antecedeu meu carinho.

Desvendá-los!

Quantas carícias em gestos  
não morreram pela origem!

O teu olhar sem mistérios  
muito mais desejaría.

São Paulo, 1961

*Cachoeira*

A cachoeira tem formas  
que você não desconhece,  
sementes brancas no lago  
a transformarem-se em messe.

São Paulo, 1961

*De Memória*

Escrevi-lhe um poema de memória.

Esqueci-me, porém,  
do que escrevera.

Escrevi-lhe, portanto, outro poema,  
cujo assunto por certo não lhe importa,  
embora importe a mim.

Assim sendo, guardei-o para mim.

São Paulo, 3/2/1961

*Conhecimento*

Um dia, eu me conheci.

Sei que ninguém  
como eu.

Mas prefiro continuar  
o que os outros conheceram.

São Paulo, 1961

*Depois de Tudo?*

E você, depois de tudo?  
Quem chegou a compreendê-la,  
você certamente não?  
Certamente não você.

O mundo, se a compreende,  
é nos limites do mundo,  
que nasceu sem compreensão.

E se alguém ousar fazê-lo,  
há de ser incompreendido,  
que nem você a compreende.

São Paulo, 1961

*Rei*

E eu quis um dia ser rei  
no palácio da ilusão,  
onde cheguei cavaleiro.

Ilusão do Santo Graal  
no palácio de ilusão.

Assim nasci cavaleiro.

São Paulo, 1961

*Espaço Médio*

O encanto de espaço médio.

Quantos sonhos de lábios purpurinos  
abandonados nos sonhos.

O encanto do espaço médio.

A formosura é amarga –  
ou apenas redemoinhos?

O encanto do espaço médio.

São Paulo, 1961

*O Teu Retrato*

O teu retrato –

ninguém o viu,  
ninguém o tem.

Apenas guardo a lembrança  
do que existiu.

Foi o meu encanto de criança  
e o teu também.

São Paulo, 2/3/1961

*O Noturno do Nada*

O noturno do nada.

A lua pelo espaço inexistia  
e alguém buscava estrelas escondidas.

Assim sempre.

Até que a Estrela da Vida  
desfizesse o noturno do nada,  
na procura  
do seu próprio desfazimento.

São Paulo, 2/4/1961

*Trovas Antes do Jantar*

*Para Ruth*

O casco da minha vida  
lancei pelo intenso mar.  
Nunca pensei que tão fraco  
pudesse o casco aguentar.

A brancura do teu corpo,  
não sei se porto ou se praia,  
fez-se leme no meu casco  
sem véu, sem blusa, sem saia.

As fronhas da tua cama  
são velas do barco – sonho

que algumas vezes se enfeita  
pela vida que lá ponho.

Vagas imensas descobrem  
os mistérios das areias.  
Assim, os ventos nos versos  
Seu encanto nas ideias.

É tarde. O mar se prepara  
a acolher no leito azul  
a noite. Assim eu teu espero  
espaço do Norte ao Sul.

O espaço dos meus desejos  
atingiste, lunarmente,  
e fiquei, perdido o espaço,  
num espaço diferente.

Mundo. Lua Sputnik.  
Vida aqui. Vida acolá.  
Onde foi parar meu canto?  
O meu canto onde está?

O porto do meu amor  
somente em ti encontrei,  
depois de, quase afogado,  
esquecer a eterna lei.

Nem navios feito d'almas  
nem foguetes sensações –  
imagens não falam tanto  
quanto os nossos corações.

Já fui imagem, fui sonho.  
Vi-te lua no deserto,  
mas nunca vi-te tão linda  
quando de mim vi-te perto.

O poeta cria ideias,  
mas não cria o sentimento.  
O sentimento, este nasce  
sem palavras pelo vento.

Amo-te hoje, minha amada,  
muito mais que antigamente.  
Não faço versos, mas sabes  
ninguém meu amor desmente.

Apenas por que das trovas  
que faço, mau trovador,  
atinjam seu próprio número,  
fiz esta sem mais valor.

Eis aqui o fim de dia,  
fim de tudo neste canto.  
Começo de nova história,  
que a noite faz sem espanto.

E chega a lua silente,  
corajosa eterna lua.  
O bocejo a acaricia,  
no seu leito, linda e nua.

São Vicente, 1961

*Sapo-Boi*

No vilarejo do espaço,  
onde minha nave foi,  
existe um ente que lembra  
o cantar do Sapo-boi.

04/03/1961

*Eu e Você*

Eu e você.  
Corre a vida silenciosa  
como um rio,  
cujo tamanho amedronta.

Eu sou a margem do rio  
que se opõe a sua margem.

Eis porque o nosso amor,  
na distância, será grande  
e durará quanto o rio.

25/2/1961

*Crepúsculo do Nada*

Repousante crepúsculo do nada,  
há muito tempo que este tom vazio  
não encobre minh'alma recalçada.  
Matiza-se o silêncio pelo estio.

As sombras são prenúncios desta estrada.  
Tomba o sol atrás dela, tomba frio,  
tal lâmina silente de uma espada  
que pendeu, milagrosa, por um fio.

O fim dos fins. O fim que principia  
a mesma, estranha vida sem noivado,  
o noivado da noite com o dia.

Mal se a deixa saudade para o lado!  
Resta apenas o tom que coloria  
o presente nos tempos do passado.

São Paulo, 17/10/1961

## Madureza

### *Dois Poemas de Páscoa*

#### *Para Ruth*

#### I

Meu poema do tempo pretérito.  
Faço-o agora, ao reverso do verso,  
apenasmente,  
sem toques de sonho ou sentimento.  
apenasmente.  
Sai sozinho, insaudoso e incongruente,  
como sempre.

Meu poema do espaço incorreto  
feito, às vezes, afora dos foras.

Na procura retrata, tardio,  
o descompasso eterno das moléculas  
e os traços do caminho incaminhável.

Meu poema das gentes sem direito  
transcendente do direito das gentes.  
Intemporal, inespacial e estratológico,  
como as formigas e as trevas.  
apenasmente.

Apenasmente, meu poema de apenasmente,  
que, sereno, encontra novos portos,  
mas nunca novas soluções.

Meu poema desfeito em feitos,  
mediocre e intraduzível.

Mas retrato,  
de quem busca a verdade e a descobre,  
e sofre, nos caminhos, sem caminho.

## II

À volta ao eterno gesto criador.  
Semente, que se desfaz tantas vezes  
até não mais se desfazer,  
personagem volta a ser.  
Plenos de amor, o gesto e a procura,  
na incerteza da certa doação.  
O gesto vem da origem das origens  
e Alguém sempre o conduz  
seguramente  
e, sabiamente, o gesto se renova,

embora do que é sábio não sabemos.  
A vida tem verdades e mentiras,  
e mesmo, nas mentiras, a verdade  
resta sabê-la em gesto renovada,  
quando é descoberta, e não suplício.  
Somente o amor do gesto é descortínio  
e amor transcendental,  
amor sem nada,  
amor purificado e desmedido,  
tão grande e sem imagem,  
que a volta passa a ser renovação  
e a primavera e as flores  
compreendidas.

São Paulo, 13 de abril de 1968

*Homenagem ao Japão – A Lenda de  
sua Formação*

*Para Consuelo Yoshida*

Numa ponte suspensa sobre o Céu  
dois deuses retornaram de viagem,  
trazendo sua lança atrás de um véu.  
Seus nomes: Izanami e Izanagi.

Lançaram-na no mar d'água salgada  
e o sal na sua lança compôs ilha.  
A terra conformou-se numa espada  
com bosques, com montanhas, mas sem trilha.

Os deuses resolveram, todavia,  
chamar aquela terra de Japão  
e nela lá desceram certo dia,  
desvendando o seu próprio coração.

Bem casaram-se e foram tão felizes,  
que deles dois nasceram mais países.

24/06/2008

*García Lorca*

García nasceu poeta,  
nas terras de Andaluzia,  
descortinando horizontes  
que o mundo desconhecia.

A ponte de seus poemas,  
no espaço-tempo infinito,  
fez da palavra o Universo  
e do universo um só grito.

Morreu poeta da vida,  
nasceu poeta da morte,  
como nas bodas de sangue,  
como nas quadras do forte.

Nos panoramas dos sonhos,  
nas angústias de seu canto,  
as almas descompassavam  
gerando sombras de espanto.

A juventude arrancada,  
numa guerra fratricida,  
fez do tempo eternidade  
e da morte a própria vida.

García nasceu poeta,  
nas terras de lenda e mito –  
fez da palavra o universo  
e do universo seu grito.

*Elogio a Roberto Campos*<sup>11</sup>

Da Academia Paulista  
à Casa de Mato Grosso,  
há distâncias que remontam  
ao Brasil quando era moço.

O distender bandeirante,  
que alargou a pátria história,  
fez terras de Mato Grosso  
as terras que são de agora.

Os bravos que do planalto,  
as bandeiras desfraldadas,  
há séculos penetraram,  
por rios e por chapadas,

geraram gente altaneira,  
que, nestas plagas centrais,  
respondem pelo Brasil,  
com sonhos de samurais.

11.  
Composto em homenagem à posse do economista Roberto de Oliveira Campos, amigo do Poeta, na Academia de Letras do Mato Grosso.

O tempo desfaz a bruma  
das cabeleiras ao vento –  
Mato Grosso foi São Paulo  
no pretérito do tempo.

Mas São Paulo é Mato Grosso,  
pois lançou nele semente  
de uma nação gigantesca  
e de um povo diferente.

Se o espaço reflete o tempo,  
a verdade se desvenda  
em gestos de brava gente,  
que a saga transforma em lenda.

Por isto vem do Planalto  
um grito de amor profundo,  
pois o centro do Brasil  
é também centro do mundo.

Neste dia em que Roberto  
por sua terra é lembrado,  
tudo se torna presente,  
mesmo o tempo que é passado.

Manda, pois, o abraço amigo  
quem distante está da vista,  
mas que tem o Mato Grosso  
no seu coração paulista.

Ao nobre Sebastião Carlos,  
a Clóvis e à Academia,  
vão votos de bem querer,  
embebidos na alegria.

E neste correspondente  
resta a certeza final –  
dos imortais brasileiros  
Roberto é mais imortal.

*Nada de Novo*

Nada de novo no mundo.  
Avanços não mudam nunca  
comportamentos atávicos.  
Condutas são sempre iguais,  
tanto na vida passada,  
quanto na vida futura.  
Do presente nem falar.  
Os modernismos inúteis  
buscam em vão novas formas,  
na mesma repetição.  
Nada de novo no mundo.  
Tudo igual, mas diferente.  
Internet e a terra plana,  
e-mails e todo resto  
não modificam o homem,  
nem sua forma de ser.  
Políticos sempre os mesmos.  
Querem poder, não servir.  
Moralidade do Estado  
não existe ou existiu,  
pois é Estado o Governo  
e os governos sobrevivem  
se forem sempre imorais.  
Nada de novo no mundo.  
Até mesmo alguns poetas

julgam fazer poesia  
cerebrinas, formalistas,  
pensando serem eternos.  
Incineram sua fonte,  
que fez do verso o Universo,  
ou seja, o sonho e a emoção.  
Nada de novo no mundo.  
Com as loucuras de Bush,  
as palhaçadas de Chavez,  
o fanatismo de Laden,  
a estupidez de Morales,  
as trapalhadas de Lula,  
as vaidades europeias,  
a miséria sem limite,  
a distância dos mais ricos,  
a injustiça da justiça,  
o poder que se corrompe,  
os cidadãos que recaem,  
aqueles que atacam Deus,  
os que pensam que a verdade  
é ter a vida e mais nada,  
os inocentes feridos,  
os puros ostracizados,  
o matrimônio atingido  
e o coito livre aprovado,  
mesmo contra a natureza.  
Nada de novo no mundo.  
Resta, portanto, ao poeta,  
que é mensageiro da paz,  
que da ilusão faz a vida,  
cantar o dia futuro,  
esperar que o próprio Deus,  
malgrado quem Lhe deixou,

àqueles que ainda O querem  
venha lançar nova ponte.  
Nada de novo no mundo.  
Resta, porém, a esperança  
de que, um dia, a humanidade  
trilhará o bom caminho  
e o que será novidade,  
é a novidade que Cristo  
descortinou para o mundo.

Jaguariúna, 12/01/07

*Mais um Cromo*

Quantos mais versos procuro,  
mais fuge-me a inspiração.  
Que vale escrever tão puro,  
se não fala o coração?

Estou imerso no escuro,  
na mais triste solidão.  
Talvez fosse mais seguro  
rasgar a composição.

Mas estes versos ainda,  
que tão pálidos componho,  
um dia talvez na vida,

serão, quando a noite infinda,  
levar ao país do sonho,  
lembrados por ti, querida.

São Paulo, Agosto de 1961

*O Mural da Amazônia*

*Poema escrito para um poema sinfônico  
de Almeida Prado para ser cantado por barítono.*

I

O mural da Amazônia desvenda  
o sonhar do Universo desperto.  
Seu encanto refaz velha lenda,  
que do mundo se torna mais perto,  
nesta busca do verde e da senda,  
que combate o nascer do deserto,  
descobrimo nos tempos de andança  
um futuro de vida e esperança.

II

Os cabelos dos índios d'antanho  
encobriam os nobres guerreiros.  
Tinham força de ardor tão tamanho  
e valores não mui costumeiros.  
Pelas margens de seu mundo estranho  
cavalgavam os bons cavaleiros,  
que os reinóis ao chegar nestas zonas  
confundiram com as amazonas.

### III

A nação deste povo ainda agora  
tem o brilho do heroico passado.  
Sua luta inocente colora  
as saudades de antigo reinado  
de uma gente que a mata de outrora  
se confunde com seu próprio fado.  
Sua dança de tempo de festa  
enaltece a formosa floresta.

### IV

As aves, os peixes no espaço  
desta Hileia são belos e tantos,  
como a fauna e o verdor, nunca escasso,  
tão enormes, nos muitos encantos,  
com calor ou com chuva ou mormaço.  
Esta terra de mil acalantos  
é pulmão natural do universo,  
é repouso do biodiverso.

### V

Canta assim da Amazônia o mural  
para a vida de um mundo melhor,  
em que as águas sem sal e as com sal  
se entrelaçam em espaço maior.  
Canta assim um futuro sem mal,  
em que o triste se faça menor,  
descortínio no seu dia-a-dia,  
natureza na plena alegria.

## VI

Defender estas terras no mundo,  
defender do país as fronteiras,  
defender de seu povo fecundo  
o seu jeito nas suas maneiras.  
Defender este amor tão profundo  
por seu rio com suas esteiras  
é vibrar num só gesto viril,  
é vibrar pelo imenso Brasil.

16 de Abril de 2006

### *Os Vikings*

Bravo povo de estepes do Norte,  
com seus deuses de vida e de morte,  
e a beleza das virgens dos astros.  
Bravo povo de fortes guerreiros,  
que também foram bons marinheiros,  
com seus barcos com remos e mastros.

A Trindade Divina maior,  
com Odin, com Freyer e com Thor,  
dão aos vikings forças que têm.  
Foi Odin o senhor das batalhas,  
derrubando dos outros muralhas,  
pois o deus do destino e do bem.

O martelo de Thor do trovão  
e do vento e do solo e do pão

tornou sempre feliz sua senda,  
e Freyer, deus senhor só da guerra,  
garantiu, na vitória da terra,  
a beleza tecida de lenda.

Loki, Ull, Balder, Frig ou bem Frya,  
esta deusa do amor pelo dia,  
são o arco dos entes celestes.  
Vor, Sansana mais Fulla dos medos  
conformou, no seu povo, os segredos  
destas peles que são suas vestes.

Nobre gente da rosa dos ventos,  
afrontando a chibata dos tempos,  
navegou pelos mares bravios.  
O seu canto correu todo o mundo,  
cujo som tão cumprido e profundo  
cruzou terras, encostas e rios.

Os seus barcos de remos velozes,  
conduzidos ao toque das vozes,  
com escudos e espadas nos braços,  
conquistaram por séculos vários  
europeus que lhes foram contrários,  
dominando seus amplos espaços.

Quanto conto, no tempo, contado  
deste mito que fez o passado,  
mas que nunca será esquecido,  
pois seu mundo, repleto de glória,  
torna ainda maior sua história,  
esta história de um povo aguerrido.

19/01/2011

*Versos de Precisão*

Eu faço versos porque preciso.  
Não busco comover os outros,  
nem busco admiração.  
Sinto de tudo em meus versos:  
paixão,  
dor,  
tristeza,  
solidão,  
amor,  
alegria,  
meu Deus, minha Mãe Imaculada,  
minha amada,  
todos os meus.  
E quando, portanto, trago para fora  
toda a pressão,  
é porque só me resta este caminho  
do desventrar  
as entranhas de minh'alma.  
Eu faço versos porque preciso.  
Muitos poetas –  
todos os poetas que conheço  
são melhores do que eu –,  
quando versejam na busca  
de um modelo ideal,  
perdem tempo sem limites  
para que a forma saia  
perfeita  
e  
para que todos possam admirar  
seu trabalho, seu brilho, seu valor.

Alguns chegam a tornar  
a poesia  
tão erudita e tão complexa,  
que nem mesmo  
uma tábua de logaritmos bastaria  
para o intérprete interpretá-la.  
É que, para eles,  
o poeta não necessita ser compreendido,  
mas apenas  
exaltado,  
e fazem versos para o mundo.  
Eu, não.  
Eu faço versos para mim.  
E faço versos porque preciso,  
porque senão eu me sufoco,  
fico explosivo,  
sem saídas, sem estradas, sem destino.  
Por isto, minha amada  
sempre os recebe,  
como versos do tempo e da saudade,  
como versos de agora e do futuro,  
estes versos que se  
transformam  
no alento que me resta  
de meus sonhos.  
Decididamente,  
eu não faço versos para os outros,  
nem mesmo quando os faço  
para Deus, para a família e para a amada.  
Eu faço versos  
PORQUE PRECISO.

16/12/2007

# TATUAGENS DA VIDA

## A Primavera Eterna

A pátena do tempo é mais intensa,  
cobrindo o temporal e o intemporal,  
com um toque que o sonho não dispensa,  
como o mar que na praia põe o sal.

Não há no nosso amor porém as rugas,  
nem corre em nossas veias o cansaço.  
Como em Bach os prelúdios geram fugas,  
sorvemos este bem em todo o espaço.

Desde cedo dedico-te meu verso,  
com a mesma imensidade, todos anos.  
Tu és, posso dizer-te, um Universo,  
onde imperas com ares soberanos.

Amor de meu amor, amor eterno,  
que sempre em primavera torna o inverno.

Rio, 08/04/2008

## Soneto para Ruth

*Sinto a perda do bem que está presente.*

Camões.

Do bem que está presente sinto a perda,  
do mal não sinto a perda, estando ausente.

Afasto-me do mal, desfeito à esquerda,  
na busca deste bem que minh'alma sente.

A vida, se mal feita, resta pobre  
e fica bem mais triste, se sozinha,  
mas, se nascido o amor, torna-se nobre  
e luminosa a estrada a quem caminha.

Da juventude vem e na velhice  
o bem presente afasta o ausente mal  
e sente, como mal se não sentisse,  
na bonança de um bem, sem vendaval.

O bem que tu me trazes todo o dia  
minh'alma simples cobre de alegria.

SP, 08/04/2013

## Deus

A humanidade vive de conflitos  
e a busca do poder a todos caro.  
Os homens criam festivais e mitos,  
sem terem o bom senso, artigo raro.

A luta torna o mundo sem fronteiras  
a todas ambições em descompasso.  
Valores se desfazem nas barreiras  
que os autorrealizados põem no espaço.

Do eterno os Santos olham a loucura  
de todos que nasceram condenados

à morte, mas que nesta vã procura  
desconhecem que são pobres coitados.

A vida para nós só vale a pena  
se nós tivermos Deus em nossa cena.

SP, 11/04/2013

### **Para o Próximo Dia dos Namorados**

O tempo já se foi das maresias  
e dos mares repletos de sargaços.

As noites se faziam luzidias  
e as estrelas formavam seus espaços.

Os sonhos desvendavam alegrias  
que arrastavam-se ao toque de seus passos,  
e os caminhos austrais, por suas vias,  
descortinavam sombras e cansaços.

O tempo mostra agora sons escassos  
e reduzido fica pelos dias.

Os versos tornam seus desejos lassos,

já não tendo nos temas os seus guias.  
Felizmente, descubro, nos meus Paços,  
o teu sorriso em minhas fantasias.

Santana de Parnaíba, 28/05/2013

## Convívio

Ontem choveu pela tarde  
no meu convívio de Maio.  
O sol com bem pouco alarde  
sumiu sem fazer ensaio.

Medito o que fiz na vida,  
como servir a meu Deus.  
Eu sinto perto a partida,  
mas sempre ao lado dos meus.

Muitos erros com acertos  
cometi pela existência.  
Passei por muitos apertos,  
sem perder de Deus a essência.

Em tuas mãos, ó Senhor,  
eu entrego meu labor.

Santana do Parnaíba, 29/05/2013

## Ruth e o Senhor

No céu de Porto Alegre nuvens pascem,  
como rebanhos calmos do Senhor,  
e na minh'alma sonhos mil renascem  
e já provocam ondas de calor.

Quanto mais velho fico mais te quero,  
buscando aproveitar o que me resta

de um tempo dilatado, mas que espero  
que Deus quando cortá-lo faça em festa.

Com todos meus defeitos sempre luto  
para servi-Lo bem, embora mal  
estou eu a servi-Lo, sem dar fruto,  
não sendo desta terra o branco sal.

Mas vale, nesta vida, o seu apoio  
que soube separar do trigo o joio.

Céus de Porto Alegre, 06/06/2013

## **60° Dia dos Namorados**

*Para Ruth*

Por termos sessenta vezes  
nosso dia celebrado,  
de Junho sessenta meses,  
sempre juntos, lado a lado;

por termos sempre desfeito  
o que pode atrapalhar  
e, no caminho refeito,  
a paz no amor encontrar;

por termos, em nossa trilha,  
buscando novos atalhos,

dedicação à família  
e a todos nossos trabalhos,

eu te agradeço, querida,  
o encanto de nossa vida.

SP, 12/06/2013

### **Sempre Ruth**

Como tens o olhar profundo,  
mais vasto que o vasto mundo,  
compreenderás meu naufrágio.

Afoguei-me sem morrer,  
ficando preso meu ser  
neste amor de um só contágio,

contágio de teu olhar,  
ora verde, como o mar,  
ora cinza, ora castanho.  
que me faz a vida inteira,  
uma vida seresteira,  
com versos vindos d'antanho.

O tempo passa e descubro,  
tal rubi formoso e rubro,  
o teu encanto infinito  
e caminho, passo a passo,  
abrindo, louco, no espaço,  
meu amor cravado em mito.

As palavras, sempre as mesmas,  
desvendam pinturas esmas

no meu velho coração.  
Tenho a alegria de tê-la,  
minha deslumbrante estrela,  
que contemplei desde o chão.

Eu não sei como os sextetos  
terminar, tais os coretos  
que o moderno eliminou.  
Meus versos seguem a sina,  
pois te veem sempre menina,  
versos que já não dão show.

Eu sinto dificuldade  
em compor na minha idade,  
mesmo sendo para ti,  
mas não paro, pois assim  
continuas no jardim  
deste sonho que vivi.

Querida, eu amo-te tanto,  
que me causa muito espanto  
acordar tendo-te ao lado,  
e sou grato eternamente  
a Deus que a mim, indigente,  
me tornou o teu amado.

E neste sexteto paro,  
na inspiração sem amparo,  
visto qu'és a minha vida  
e a fraqueza destes versos  
vale mais do que universos,  
pois são para ti, querida.

Jaguariúna, 29/03/2013

## O Universo e a Humanidade

As sombras do Universo ganham vida  
desvirginando auroras e quasares,  
e os corpos siderais, nesta corrida,  
distendem pelo tempo seus colares.

Esta expansão eterna gera mares  
de negra solidão desde a partida.  
Assim a humanidade nos seus lares  
expande-se sem ter jamais medida.

Os entes celestiais abrem o espaço  
que sempre é bem maior a cada dia,  
tornando mais distante todos astros.

A humanidade não, seu descompasso  
é que cresce e não cresce a sua via,  
sendo igual à nau terra com seus mastros.

SP, 02/03/2013

## Eternamente Ruth

Somos velhos, eu sei, mas nosso amor  
bem supera o que mostra em epiderme.  
Se consigo meus olhos em ti por,  
torno-me um deus e não um paquiderme.

Para mim, teu sorriso é de criança  
e não vejo jamais anos passar.

Tens no rosto estampada esta esperança  
que só se encontra quando é puro o olhar.

Eu te quero com alma de um infante,  
os teus sonhos no tempo sendo eternos.  
Esqueço a própria idade, sou vibrante  
em ver-te em primaveras, não invernos.

Por isto que tu és meu Universo  
e a inspiração que tenho no meu verso.

SP, 24/02/2013

### **Ruth Menina**

Azul e verde, vejo um horizonte  
de minha casa, à beira da piscina.  
Passa a ser de meus versos nova fonte,  
os quais fazem lembrar Ruth menina.

Começara o namoro há poucos meses  
e tínhamos prestado seis exames.  
O sonho de Direito tantas vezes  
fazia-nos artistas, nos ditames.

Partira p'ra Campinas descansar  
e fui eu visitá-la no domingo.  
Saudoso estava e afim de seu olhar,  
que ainda hoje sinto e bem distingo.

Campinas, tanto verde e azul celeste,  
que me recorda o amor que tu me deste.

Jaguariúna, 11/02/2013

### **Sem Relevo**

Um brevíssimo soneto  
num chuvoso Carnaval.  
Neste inferno eu não me meto,  
livro-me assim deste mal.

Passa o tempo, passa a vida,  
passa o mundo, passa a gente.  
Desde o nascer é partida  
tudo aquilo que se sente.

Não se constrói sobre a ponte,  
nem se descobre o infinito.  
Quero ter do eterno a fonte,  
pois é verdade e não mito.

Nada aqui tem seu relevo,  
muito menos o que escrevo.

Jaguariúna, 09/02/2013

## Reflexões

A velhice acalenta os sonhos do menino,  
que descobriu o mundo com as fantasias,  
as quais os jovens têm, libertos do destino,  
destino que atormenta só no fim dos dias.

Os versos, que despontam pelas sinfonias,  
me tornam cada vez mais perto do que ensino.

Bem que sinto conforto nas alegorias  
de verdes papagaios que jamais empino.

A náutica do tempo faz tão diferente  
aquele espaço próprio de quem sente a vida.  
São poucos os que a sentem dentre tanta gente,

pois versejar provoca assim uma ferida  
no coração aberto sempre pela frente,  
quando se descortina o início da partida.

SP, 02/02/2013

## Precisão

Cansei-me de fazer versos,  
mas não sei deles livrar-me.  
Por toda a parte dispersos  
são. Não há quem os desarme.

Componho versos a rodo,  
movido por compulsão.  
Eu descobro o mundo todo,  
apesar de ser em vão.

Não burilo o que versejo  
nem busco aplausos inúteis,  
mas sempre a rima desejo,  
mesmo nos temas mais fúteis.

Versejo porque preciso,  
embora sempre indeciso.

SP, 29/01/2013

### **Rimas Internas**

*Para Ruth*

Neste tempo do tempo e de destempo,  
sem espaço, num passo sempre lasso,  
ao relento descobro o som do vento,  
no mormaço que faço e que refaço.

A saudade de tudo cria a idade,  
relembrando o cantar de quando em quando.  
Quem há de descobrir toda a verdade  
dissipando destoa o tom que expando.

Valente toda a gente diferente,  
ao ar do mar se entrega devagar,  
e, rente, para a frente, verte a mente  
que no pensar se rende ao bem estar.

De partida desvendo minha vida  
e vejo-te, na lida, tão querida.

SP, 14/01/2013

### **Os Passos para o Eterno**

Enfrento novos tempos, mais maduro,  
sabendo ver nas coisas o que vale.  
A única certeza, no futuro,  
é que Deus para o eterno bem me escale.

Pelo que fiz o prêmio não mereço,  
tendo acertado e errado muitas vezes.  
Na minha idade, eu sei que pago o preço,  
no espaço que assim cruzo, todos meses.

Dos homens a Justiça não perdoa  
as faltas, esquecendo-se os acertos,  
mas a misericórdia que destoa  
ao Senhor propicia seus consertos.

Sereno, para Cristo eu dou meus passos,  
apesar de meus méritos escassos.

Jaguariúna, 11/01/2013

## Sem Inspiração

A inspiração foi de vez,  
repito-me a todo instante.  
Sou o mesmo todo o mês  
monótono e tão distante.

A família é minha vida.  
Coloco-a nas mãos de Deus.  
Na luta estou na descida,  
mas vivo sempre p'ros meus.

Sem os versos, não respiro.  
Os versos contaminados,  
mediócrs – eu mal suspiro –  
são ao lixo destinados.

Meus versos assim escrevo,  
sem talento e sem relevo.

## Ruth e Eu

Meus versos, ultimamente  
dedicados à velhice,  
desvendam em minha mente  
certo tom de esquisitice.

Penso sempre como jovem,  
vivo sempre como velho.  
No coração sombras chovem  
onde nelas eu me espelho.

Cada vez menos futuro,  
mas teu encanto carrego.  
Nele sinto-me seguro,  
apesar de quase cego.

Não sei o que mais espero,  
sei apenas que te quero.

Campos de Jordão, 06/01/2013 para o dia 07/01/2013

### Ruth

Despencaram estrelas nas entranhas  
do coração aberto para o mundo,  
onde, gravadas, pálidas e estranhas,  
formas havia em teu olhar profundo.

O tempo passa, a pele em cicatrizes,  
descortina o pretérito da vida.  
Deixamos para traz poucas raízes,  
expostas pela terra mal ferida.

Esta ferida cresce a cada passo,  
entre brumas e sombras de eu infante,  
mas é sempre curada em claro espaço,  
quando te vejo m'inspirando amante.

Um múltiplo silêncio, cor dos astros,  
o puro amor semeia em nossos rastros.

TAM, voo BH/SP, 14/07/2012

## Minha Ruth

Teus olhos são quase cinzas,  
como o cinzento do mar.  
Guardam sonhos de menina,  
conjugando o verbo amar.

Teu sorriso tem o brilho  
dos palácios de Sorrento.  
Torna alegre o mundo triste,  
que se dissolve no vento.

Teu silêncio cativante  
tem palavras, fala tanto,  
que m'inspira, pelo tempo,  
os versos deste meu canto.

Tudo tens, Ruth querida –  
inclusive minha vida.

SP, 29/11/2012 (durante o jantar)

## Para Ruth

*Dia dos Namorados – 2012*

O tempo passa e desmente  
quem diz que faz diferente.  
O amor nascido em paixão  
não morre se verdadeiro,  
pois não há desfiladeiro  
capaz de levá-lo ao chão.

Quando bate o descompasso,  
fazendo o querer escasso,  
é que o querer não nasceu.  
Se nasce dentro do peito,  
é para o eterno bem feito,  
pois, sendo seu, ele é meu.

No dia dos namorados,  
vivendo nós nossos fados,  
somos, os dois, dois amantes.  
Com Nosso Deus caminhamos,  
os Santos tendo por amos  
e os tempos como de dantes.

## O Velho e o Trabalho

*Para Hiram Câmara*

Ninguém entende o velho que trabalha.  
Pensam que o faz somente por prazer.  
Por mais que seu trabalho pouco valha,  
dele muitos dependem p'ra viver.

É fácil criticar quem tem comando,  
pois não arcam com peso de mandar.  
Desconhecem problemas, mesmo quando  
descobrem no convívio mal estar.

Quem comanda precisa ser sereno,  
fidalgo mas severo, a uma só vez.

Servir de exemplo e agir no seu terreno,  
todos meses, vivendo cada mês.

Bem lutar, mesmo fraco, como um forte –  
o descanso virá, chegando a morte.

Jaguariúna, 19/11/2012

### **Ruth ao Sol**

Quando te vejo assim tão calma e bela,  
no descanso hibernal de teu recanto,  
tendo na mão a página amarela  
de um livro que te faz plena de encanto;

quando te vejo à luz do sol intenso,  
que, ao meio dia, bate no teu rosto,  
trazendo um brilho nobre, puro e denso  
ao teu olhar sereno e sem desgosto;

quando te vejo atenta na leitura,  
sem perceber que estou do lado teu,  
descubro tua eterna formosura  
e o meu amor que nunca feneceu.

Querida amada minha, minha amada,  
que seja permanente a nossa estrada.

Jaguariúna, 15/07/2009

## Passárgada

*Vou-me embora p'ra Pasárgada,  
Lá sou amigo do Rei*

Manuel Bandeira.

Vou-me embora p'ra Pasárgada,  
lá hoje o rei é melhor –  
alegra-se toda a gente  
com um governo menor.

Nos novos tempos da terra,  
o Supremo nada manda  
e os políticos não furtam,  
pois o povo é quem comanda.

Vou m'embora p'ra Pasárgada,  
aqui já não sei viver –  
vira a mentira verdade,  
para o bem se desfazer.

Onde estou, os que governam  
pensam ser mais do que rei –  
tiram dinheiro do povo  
e a podridão faz a lei.

Vou m'embora p'ra Pasárgada –  
quero ver home'e mulher  
unidos sempre em família,  
pois assim a vida o quer.

Estou cansado de roubo,  
não aguento a “supremite”,

moléstia de magistrados.  
Que não mais isto m'irrite.

Vou-me embora p'ra Pasárgada,  
que é melhor que a do Bandeira.  
Tudo lá é limpo e bom,  
pois pátria sem bandalheira.

Esta terra de vampiros  
para sempre deixarei.  
Lá todos são mais felizes  
e são amigos do rei.

Jaguariúna, 23/06/2011

### **Fim de Tarde**

Fim de tarde, no fim de mais um ano,  
nem quente, nem chuvosa, mas cinzenta.  
O tempo vai tornando-me decano  
e fazendo-me a marcha bem mais lenta.  
A agitação da vida, em mundo insano,  
pouco de novo traz e pouco inventa.  
Os pensamentos maus da testa espano  
e a cabeça não resta virulenta.  
Os meus setenta e seis com mais dez meses  
despertam-me alegria com saudade  
dos tempos que sonhava tantas vezes  
em ter, na busca sempre da verdade,  
várias tribulações, alguns reveses,  
mas o credo final na eternidade.

SP, 27/12/2011

## Academia Paulista de História

Academia de História,  
Academia Paulista –  
desta gente cuja glória  
tem a bandeira com lista.

Minha nobre Academia  
com seus quarenta lugares,  
do passado faz a via  
a renovar nossos lares.

Nós descobrimos no antanho  
a verdade para os povos,  
alargando seu tamanho  
com estudos sempre novos.

Quanta experiência guardada  
a iluminar nossa gente!  
Subimos da Ciência a escada,  
neste passo diferente.

Somos quarenta confrades,  
confreiras da mesma raça,  
a raça que nas idades  
encontra o que nunca passa.

Não passa esta busca eterna  
que a história bem descortina.

É sempre viva e moderna,  
tendo o passado na esquina.

Despejam todos seus dotes  
os membros da Academia.  
São quarenta sacerdotes  
que fazem da noite o dia.

Quantos passaram por ti,  
quantos virão no futuro.  
Todos aqueles que eu vi  
tornam claro o que era escuro.

Academia qu' é vista  
do pretérito do tempo,  
da brava gente paulista  
descobre seu nobre intento.

Desde as bandeiras de outrora  
ao grito de liberdade,  
que em trinta e dois fez história,  
história qu' igual não há de.

Em verso que mal se assenta  
eis meu canto de alegria,  
meu canto para os quarenta,  
quarenta da Academia.

Jaguariúna, 13 de julho de 2011

## **Cicatrizes do Tempo**

Cicatrizes do tempo formam rugas,  
desfigurando seres pela vida.  
Por mais que se vislumbrem novas fugas,  
haverá sempre o dia da partida.

As almas, muitas vezes, ficam nuas,  
descortinando assim tais cicatrizes,  
contorcidas nos troncos e nas ruas  
dos abismos sem fim e sem matrizes.

Não se limpam da pele as rudes marcas,  
mas podem se limpar tatuagens d'alma,  
tornando as tristes nódoas, nódoas parcas,  
na busca da verdade, eterna e calma.

Quem luta, na existência, por ser forte –  
liberdade terá na sua morte.

Jaguariúna, 20/11/08

## **Nosso amor**

*Para Ruth*

Há muito tempo que não fico tanto  
sem escrever soneto e sem saudade.  
De versejar cansado, o meu espanto  
transforma-se em surpresa pela idade.

Quantas vezes sonhei sem ter sonhado...

Contá-las eu não sei, nem saberei.

Cavaleiro presente no passado,  
cavalgando meus versos, eu fui rei.

Hoje, caminho numa curta estrada,

bengala por suporte em meu andar,

mas indo vejo bela, na sacada,

aquela que, na vida, foi meu par.

O nosso amor assim, sempre profundo,

navega calmamente pelo mundo.

Céus de Porto Alegre, 08/04/2014.

### Testamento

Na voz do verso que resta,

na velhice já sem festa,

meu grito soa distante,

sem ser triste ou ser tristonho –

continuo o mesmo sonho

que vivi desde eu infante.

Deus, família, minha'amada,

no descer da estreita escada

que me leva ao fim da vida,

eu os tenho agora ao lado,

tornando doce o meu fado,

a curar qualquer ferida.

Meu testamento guerreiro,

eu os deixo por inteiro

aos que lutaram comigo.

Mesmo fraco, vi-me forte,  
sujeito aos toques da sorte,  
fazendo amigo o inimigo.

Meu verso pobre e diário,  
escrito em meu calendário,  
fez do combate certeza,  
qual astronauta no espaço –  
tracerei sempre cada passo,  
sem medo da correnteza.

Pouco fiz, mas pouco importa –  
a estrada não se fez torta,  
porque lutei sem descanso  
na derrota e na vitória,  
sem nunca fazer história,  
mas tendo discreto avanço.

Das lições eu deixarei  
bem poucas: servi à lei,  
da luta não desisti.  
Deus, família a inspiração  
foram de meu coração  
e tudo agradeço a ti,

companheira de virtude  
desde minha juventude,  
nestes anos sem tormento,  
a ti, Ruth, tão querida –  
hoje perto da partida,  
entrego meu testamento.

SP, 22/04/2012



*Poesia Completa - 1*

de Ives Gandra da Silva Martins.

Reimpressão fora do comércio da edição da  
LIVRARIA RESISTÊNCIA CULTURAL EDITORA (S. Luís-MA), 2014.

Coordenação de GIORDANUS para o selo *Pax & Spes*.

Inverno de 2021.

São Paulo



*Pax Spes*

*Pelos Caminhos do Silêncio*

*Tempo Pretérito - Sonetos*

*Tempo de Lendas*

*Em Tempos do Senhor*

*Olhar do Tempo*

*Intemporal Espaço*

*Pretérito Imperfeito*

*Presente Quase Pretérito*

*Pretérito Presente*

*Cartas de Antanho*

*Meu Diário em Sonetos*

*Cicatrizes do Tempo*